



Luís Crespo de Andrade

SOL NASCENTE

Da cultura republicana e anarquista
ao neo-realismo



Luís Crespo de Andrade é professor no Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coordenador do Seminário Livre de História das Ideias (que desenvolve o Projecto Edição de Revistas de Ideias e Cultura, apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e financiado pelo Programa Operacional Ciência e Inovação 2010, participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER, em que o presente estudo se integra) e investigador do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa.

Sol Nascens

1. O que é a República? É o governo do povo, para o povo, e pelo povo. É a forma de organização política que garante a liberdade e a igualdade de todos os cidadãos. É a garantia de que o poder é exercido em nome do povo e em benefício de todos.

2. Qual é o papel do cidadão na República? O cidadão tem o dever de participar ativamente da vida política, exercendo seu direito de voto e fiscalizando o poder público. É a responsabilidade de cada um de contribuir para o bem comum e de respeitar os direitos dos outros.

3. Como é organizado o Poder Judiciário? O Poder Judiciário é o ramo do Poder Público responsável por interpretar a Constituição e as leis, resolvendo conflitos e garantindo a aplicação da justiça. É composto pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juízes de Direito.

4. Qual é a importância da Constituição? A Constituição é a lei fundamental do país, que estabelece a estrutura do Estado, define os direitos e deveres dos cidadãos e organiza o Poder Público. É a base jurídica de todo o sistema político e legal.

5. Como é organizado o Poder Executivo? O Poder Executivo é o ramo do Poder Público responsável por executar as leis e administrar o Estado. É chefiado pelo Presidente da República, que é eleito pelo povo para um mandato de quatro anos.

6. Qual é o papel do Congresso Nacional? O Congresso Nacional é o Poder Legislativo, responsável por elaborar e aprovar as leis. É composto pelo Senado Federal e pela Câmara dos Deputados, ambos eleitos pelo povo.

7. Como é organizado o Poder Judiciário? O Poder Judiciário é o ramo do Poder Público responsável por interpretar a Constituição e as leis, resolvendo conflitos e garantindo a aplicação da justiça. É composto pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juízes de Direito.

8. Qual é a importância da Constituição? A Constituição é a lei fundamental do país, que estabelece a estrutura do Estado, define os direitos e deveres dos cidadãos e organiza o Poder Público. É a base jurídica de todo o sistema político e legal.

9. Como é organizado o Poder Executivo? O Poder Executivo é o ramo do Poder Público responsável por executar as leis e administrar o Estado. É chefiado pelo Presidente da República, que é eleito pelo povo para um mandato de quatro anos.

10. Qual é o papel do Congresso Nacional? O Congresso Nacional é o Poder Legislativo, responsável por elaborar e aprovar as leis. É composto pelo Senado Federal e pela Câmara dos Deputados, ambos eleitos pelo povo.

Luis Crespo de Andrade

Sol Nascente

Da cultura republicana e anarquista
ao neorrealismo

SOL NASCENTE - Da cultura republicana e anarquista ao neorrealismo

Autor: Luis Crespo de Andrade

Capa: Carlos José de Fátima

Ilustração da capa: Ólio de Abel Cabrita sobre madeira no atelier de Sol Nascente
(colagem do título de Dr. Diogo de Almeida e do Dr. José Manuel Abel Cabrita)

© CAMPO DAS LETRAS - Edição 2.ª A 2007

Edição Maria Célia

Rua João César, 247 - B.º E1 - 4000-304 Porto

Tel.: 351 228 062 800 Fax: 351 228 062 803

E-mail: campo.letras@mail.telecom.pt

Site: www.campo-letras.pt

Impressão: Rêtao 2 Neves, Lda - São João de Paços

1.ª edição: Novembro de 2007

Deposito legal: 1.º 25882/07

ISBN: 978-989-625-11-9

Copyright: Campo Letras Portugal, S.L.

Coatão de Imp. 1.º 25 006

A edição desta obra teve o apoio de



Sol Nascente

SOL NASCENTE – Da cultura republicana e anarquista ao neo-realismo

Autor: Luís Crespo de Andrade

Capa: Campo das Letras

Ilustração da capa: Óleo de Abel Salazar oferecido ao editor de *Sol Nascente*
(cortesia da família do Dr. Dilermando Marinho e da Casa-Museu Abel Salazar)

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S. A., 2007

Edifício Mota Galiza

Rua Júlio Dinis, 247 – 6.º E1 4050-324 Porto

Telef.: 226 080 870 Fax: 226 080 880

E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Rainho & Neves, Lda. / Sta. Maria da Feira

1.ª edição: Novembro de 2007

Depósito legal n.º: 265993/07

ISBN: 978-989-625-219-9

Colecção: Cultura Portuguesa – 9

Código do livro: 1.38.009

A edição deste livro teve o apoio de:



Luís Crespo de Andrade

Sol Nascente

Da cultura republicana e anarquista
ao neo-realismo



Luis Crespo de Andrade

Sol Nascente

Da cultura republicana e anarquista
ao neo-realismo

SOL NASCENTE - Da cultura republicana e anarquista ao neo-realismo

Autore Luis Crespo de Andrade

Casa Campo das Letras

Instalação da casa: Casa do José Saramago situada no sítio de Colinas das
Lobas da freguesia do Seixal, Município de Cascais, Município de Lisboa

CAMPO DAS LETRAS, Lda, Rua 2 A, 1997

9150-160 Cascais

Tel: 218 325 141 - Fax: 218 325 142

Tel: 218 325 141 - Fax: 218 325 142

Cad. Comercial nº 200.432973-0

Nº de Registo nº 200.432973-0

Trabalha no Campo das Letras, Lda - 50 - Maria de Fátima

1, Lisboa, Município de Lisboa

Trabalha no Campo das Letras, Lda

1997, Lisboa, Município de Lisboa

Trabalha no Campo das Letras, Lda - 9

1997, Lisboa, Município de Lisboa

Autore Luis Crespo de Andrade

 **Montepto**
Livraria - 1997



A presente investigação deve-se, em primeiro lugar, à solicitação da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo e ao empenho estimulante de António Mota Redol, seu Presidente. É devedora, de seguida, das recordações de todos aqueles que acederam a dar o seu testemunho. Estamos, pois, gratos a António José Soares, Armando Bacelar, Arquimedes da Silva Santos, Branca de Lemos, Carlos Espain, Elisa Sá Marta, Emília Maria Soares Lopes, Jorge Mendonça Torres, Gina Azevedo, Ingrid Bloser Martins, Irisalva Moita, Luís Artur Marinha de Campos, Manuela Azevedo, Manuela Barroso, Maria Augusta Marinho, Maria João Barroso, Manuel Torres, Natalina Bastos, Noémio Lago, Rui Feijó e Virgínia Moura. A dívida de gratidão estende-se, igualmente, aos contributos de Alberto Vilaça, Alfredo Ribeiro dos Santos e Luís Trindade, que tiveram a generosidade de partilhar o seu saber e dados relevantes das investigações de que são autores. É devida, ainda, uma palavra de agradecimento à equipa do Seminário Livre de História das Ideias da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, criada pela Professora Doutora Zília Osório de Castro, que, no âmbito dos projectos sobre revistas de ideias e cultura que desenvolve e em que a investigação se integra, colaborou, a diferentes títulos, nos trabalhos de pesquisa e de revisão. Ao Montepio Geral deve-se o contributo generoso que viabilizou a preparação e a edição deste estudo.

A presente investigação deve-se, em primeiro lugar, à solicitação da Associação Promotora do Museu do Mac-Ressano e ao empenho estu-
 diante de António Melo Rebelo, seu Presidente. É devedor, de seguida,
 das instituições de todos aqueles que ajudaram a dar o seu festum-
 nro. Estamos, por, graças a António José Soares, Amanda Baccari,
 Apurimedes da Silva Santos, Branco de Lamas, Carlos Espain, Elisa
 Sa Maria, Emília Maria Soares Lopes, Jorge Mandouça Torres, Gina
 Azevedo, Ingrid Elisbet Marins, Ildesva Moita, Luis Antu Marinho de
 Campos, Manuela Azevedo, Manuela Ramos, Maria Augusta Marinho,
 Maria João Ramos, Manuel Torres, Natália Bastos, Noémio Lago, Rui
 Feijó e Vitorino Moura. A divida de gratidão estende-se, igualmente, aos
 condutores de Alberto Vilaça, Alfredo Ribeiro dos Santos e Luis Trindade,
 que tiveram a generosidade de compartilhar o seu saber e dados rela-
 vantes das investigações de que são autores. É devida, ainda, uma pala-
 vra de agradecimento à equipa do Seminário Livre de História das Ideias
 da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, criada pelo Professor
 Doutor Zita Osório de Castro, que, no âmbito dos projectos sobre reves-
 tas de ideias e cultura que desenvolve e em que a investigação se integra,
 coligou, a diferentes títulos, nos trabalhos de pesquisa e de revesão. Ao
 Montepio Geral deve-se o contributo generoso que possibilitou a prepara-
 ção e edição deste estudo.

A revista

Os autores e a revista

Na origem da revista *Sol Nascente* estiveram alguns jovens estudantes universitários que se haviam conhecido no Liceu Rodrigues de Freitas e que conviviam diariamente nos cafés da Baixa portuense.

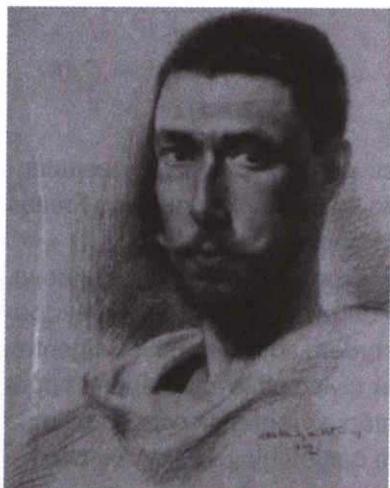
Partilhavam o entusiasmo próprio da esperança num mundo novo, expresso em ideais revolucionários mais ou menos esclarecidos e, conseqüentemente, uma comum oposição à ordem social e política vigente.

O combate que o seu sentido do dever cívico os levou a encetar consistiu, em conformidade com o que era então corrente, na criação de uma revista de ideias¹, isto é, e de acordo com o subtítulo, *de ciência, de arte e de crítica*.

Como só um era maior de idade e, por isso, o único que reunia as condições a que a lei obrigava para que constasse como editor e proprietário, este passou a ser o seu estatuto. Tratava-se de Dilermando Marinho², filho de médico militar, ele próprio a cursar Medicina e, em breve, jovem tenente, de figura vistosa e personalidade exuberante, com interesses muito variados nas artes e nos *sports*, mas sobretudo, à época, sem ficha nas polícias.

¹ O que não era inédito entre os próprios estudantes do Liceu Rodrigues de Freitas que, com a colaboração de colegas do Liceu Alexandre Herculano e alguns docentes, haviam editado, em 1933, a revista *Outro Ritmo*, dirigida por Artur Andrade e Maximiliano Pomo Cime, de que se publicou um número único. Nesta iniciativa participaram Carlos Espain Neves e António Lobão Vital que, quatro anos depois, se encontraram igualmente entre os que estiveram na origem de *Sol Nascente*. As duas revistas resultaram de um sentir cultural e político semelhante, aliás corrente na época, inscrito quer no subtítulo de *Outro Ritmo*, que se definia como *Revista Mensal de Letras, Artes, Divulgação Científica, Filosofia, Sociologia Crítica, Crónicas, Desporto e Cinema*, quer no propósito declarado pelos seus fundadores de "gritar a nossa reboante juventude tão fervorosamente empenhada em introduzir no mundo a verdadeira Harmonia da humana orquestração" (*Outro Ritmo*, n.º 1, Porto, 1933, p. 1).

² Dilermando Marinho (1913-1998) foi o único editor e proprietário da revista. Não escreveu qualquer artigo, tendo-se ocupado das tarefas administrativas e da satisfação das obrigações financeiras da publicação. Tinha um relacionamento próximo com Carlos Espain Neves. Mais tarde participou, como oficial de Cavalaria 6, na chamada Revolta da Mealhada, tendo sido preso, excluído do exército e condenado. Cumprida a pena, exerceu medicina numa empresa mineira belga, em Moçambique, na província de Tete.



Dilermando Marinho
(desenho de Átila M..., artista húngaro,
de passagem pelo Porto).

O grupo inicial dividia-se entre simpatizantes do marxismo, que progressivamente ganhava aceitação, e adeptos do anarquismo, menos apelativo para os mais novos. No primeiro caso, estavam Carlos Barroso³ e Manuel de Azevedo⁴. Carlos Barroso foi o único director que desempenhou o cargo ao longo dos 45 números da revista, isto é, entre 30 de Janeiro de 1937 e 15 de Abril de 1940. Tinha, igualmente, a vantagem de não suscitar, na altura, suspeita policial. Manuel de Azevedo constituiu, desde o início, um dos principais esteios da redacção, acompanhando os diferentes aspectos da produção do quinzenário. Entre os promotores de tendência anarquista, encontravam-se, além de Dilermando Marinho, Carlos Espain Neves⁵, que sobressaía pelo seu entusiasmo e brilho, e

³ Carlos Barroso era filho de um professor do Liceu Rodrigues de Freitas. Frequentava o Curso de Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

⁴ Manuel de Azevedo frequentava engenharia na Universidade do Porto, após ter completado a Secção de Ciências do Liceu Rodrigues de Freitas, onde havia despontado o seu interesse pela política e pelo activismo cultural. Nos três primeiros números surgiu mesmo como o administrador da publicação. Na revista fez equipa com Carlos Barroso, tornando-se o principal colaborador da sua Comissão Directiva no que respeita à execução das tarefas administrativas e de produção do quinzenário.

⁵ A energia e a independência de Carlos Espain Neves (1917-1987) sobressaíram logo na sua passagem pelo liceu, em que afrontou os adeptos da Acção Escolar Vanguarda e se viu perseguido pela polícia política. Frequentou depois a Faculdade de Ciências, não concluindo a licenciatura em Matemática. Tinha um espírito que foi recordado, pelos que lhe foram próximos, como sendo brilhante e sedutor, desfrutando de encanto natural. Apesar de

José Soares Lopes⁶, espírito empreendedor que se fez notar quer como articulista quer no desempenho de funções directivas.

Este núcleo depressa se alargou a outros jovens oposicionistas, designadamente a Lobão Vital⁷, em casa de quem se instalou a sede administrativa do quinzenário e onde os seus promotores passaram a reunir-se, ficando assim o *Sol Nascente*, por irónico acaso, estabelecido na Rua do Paraíso.

O mesmo núcleo acolheu ainda outros jovens literatos e artistas, como foi o caso dos poetas que se tinham apelidado de “jovens liras”, que trocaram a publicação, em páginas próprias, na revista mensal portuense *Pensamento*, pela colaboração a título individual na nova publicação⁸.

Entre eles encontrava-se Afonso Castro Senda, escolhido para secretário da redacção.

não ter publicado na revista, desempenhou um papel relevante, quer no impulso que lhe deu origem, quer na resolução de algumas das crises com que se confrontou.

⁶ Para além da idade, pois era alguns anos mais velho do que os estudantes que criaram a revista, José Soares Lopes distinguia-se destes por ser autodidacta e ter actividade profissional, sendo empregado do comércio na representação dos automóveis Austin. Era um activista diligente, colaborando nos diversos aspectos da execução da publicação, e um oposicionista indómito, de quem se contam vários episódios, designadamente o de se fazer acompanhar de uma mala, com bens de primeira necessidade, por ocasião das datas que a Oposição comemorava, pois era então regularmente detido pela polícia política.

⁷ Lobão Vital publicou, na revista, unicamente o artigo “O ‘*Magister Dixit*’”, em que criticou aspectos do ensino magistral.

⁸ O grupo dos “jovens liras” surgiu entre os que estudavam esperanto na Casa do Povo Portuense, onde funcionava a sede do jornal *Vida Social*, à Rua de Camões. Foi, de início, constituído por Natalina Bastos, a “lira de oiro” e Jodinal; por Diniz Cupertino, “lira irreverente”, que assinava também João Rubem; por José António de Castro, “lira de invar”, que assinava igualmente André Valmar; por Afonso de Castro, “lira de fogo”, que assinava Afonso de Castro Senda. Em 1935, estes quatro jovens editaram conjuntamente o livro de poemas *O nosso eu*, precisamente nas Edições Pensamento. Eram jovens poetas oposicionistas ao regime político vigente, sem identificação estética ou ideológica precisa, crentes numa difusa era nova, de que o esperanto seria uma das expressões. Com o uso do verso branco manifestariam a sua irreverência (depoimento de Natalina Bastos, gravado no Porto, em 29 de Novembro de 2001). Deste núcleo inicial surgiu o que os próprios designaram por “Movimento das ‘Jovens Liras’”, a que aderiram outros poetas e alguns artistas plásticos. O grupo dirigiu uma secção própria na revista *Pensamento*, primeiro em páginas intituladas “Marginália modernista” e, depois, em “Trapézio”, com que pretendia, entre outros designios, “despertar no povo uma sensibilidade artística, uma personalidade individual independente, pela elevação do seu intelecto” (*Pensamento*, n.º 73, Abril de 1936, p. 9).



Esquadra da Rua do Paraíso.

Sobre os primórdios da revista, Virgínia Moura⁹, já na altura casada com Lobão Vital, testemunhou: “a minha casa estava repleta, (...) tinha de seleccionar o material e de recorrer a nomes sonantes; havia muita gente; (...) tínhamos bastante cuidado; como éramos estudantes, tínhamos à-vontade, e apesar de haver uma esquadra defronte, nunca nos apanharam”¹⁰.

Foi um risco recompensado, logo no número de estreia, com o êxito.

Recordou ainda Virgínia Moura: “escrevemos às pessoas intelectualmente mais conhecidas, aos homens da *Presença*, que responderam muito bem, ao Abel Salazar, que imediatamente nos mandou um trabalho, ao Ferreira de Castro, que também mandou um trabalho, ao Namorado, a todas as pessoas progressivas que nós conhecíamos e que se interessavam por iniciativas dessas (...) o *Sol Nascente* saiu e foi muito aplaudido e acarinhado por pessoas que queriam ver obras literárias daquele género na rua”¹¹.

Este sucesso não possibilitou, porém, que se perspectivasse uma situação estável, com que se superasse o amadorismo próprio da pura militância: “as dificuldades eram – ainda no dizer de Virgínia Moura – muitas: a conta da tipografia, a conta do papel, as contas de tudo, e isto apesar de muito do trabalho que deveria ser feito por profissionais ser feito

⁹ Não se encontra na revista qualquer artigo assinado por Virgínia Moura, ou subscrito com o pseudónimo Maria Selma que, na época, usou repetidamente, por exemplo na sua colaboração em *O Diabo*. Face aos dados disponíveis, o seu contributo ter-se-ia limitado aos domínios do secretariado redactorial e da execução de tarefas práticas.

¹⁰ Depoimento de Virgínia Moura, gravado em Rio Tinto, em 6 de Setembro de 1993.

¹¹ *Idem, ibidem*.

por nós – passar os textos à máquina, ir buscar os jornais, endereçá-los aos assinantes, transportá-los para o correio”¹².

É de notar, desde já, que estes traços congénitos do *Sol Nascente* – colaboração prestigiada, boa aceitação entre os seus leitores, a par de incerteza económica e incipiência organizativa¹³ – persistiram, no essencial, ao longo de toda a sua vida.

Aliás, o próprio formato gráfico do quinzenário foi expressão da desproporção entre o valor do apoio intelectual que mobilizava e os escassos recursos que o viabilizavam.

Qualquer observação sumária permite concluir que a revista se distinguiu pelo contraste entre a singeleza dos materiais, que lhe conferem a aparência de um simples jornal de dezasseis páginas, e a qualidade cultural da colaboração que publicou, patente desde logo nas capas, que, apesar de impressas no mesmo papel barato da restante publicação, reproduziram, durante números a fio, trabalhos recentes de artistas plásticos, incluindo dois óleos do pintor, de simpatia anarquista, Domínguez Álvarez, que se encarregou da selecção das obras a divulgar¹⁴.

Apesar do sucesso e do valor do empreendimento, a redacção do quinzenário viu-se, desde muito cedo, atravessada por tensões que não conseguiu sanar e que conduziram à auto-exclusão, mês e meio após a publicação do número de estreia, de metade dos seus redactores¹⁵.

¹² *Idem, ibidem.*

¹³ A revista não teve qualquer funcionário nem qualquer sede própria. O desempenho do conjunto das tarefas que eram inerentes à sua administração e à sua publicação esteve sempre dependente da militância dos colaboradores. As sedes oficiais e os espaços de reunião eram locais de habitação cedidos pelos que a faziam. Só durante o seu período final dispôs, em Coimbra, de uma sala alugada, sem luz natural e de dimensão reduzida, que servia de apoio logístico.

¹⁴ Cf. António Ribeiro dos Santos, “Revistas do Porto – ‘Sol Nascente’”, *Comércio do Porto*, 3.12.1980. Este estudo sobre o *Sol Nascente*, em que se inclui o artigo citado e que se estende por mais dois outros artigos (*Comércio do Porto* de 16.12.1980 e de 30.12.1980), é a análise mais pormenorizada que conhecemos da sua história, designadamente no que respeita à primeira metade do seu percurso. Elaborado por um investigador da imprensa periódica portuense, contemporâneo da geração que fez a revista e próximo de vários dos seus principais intervenientes, contém diversa informação que estava inédita.

¹⁵ Em declaração inserta no *Sol Nascente*, n.º 5, de 1 de Abril de 1937, sete colaboradores anunciaram deixar, desde o dia 18 do mês de Março, de “pertencer ao Grupo editor ‘Sol Nascente’ (em organização), abandonando, implicitamente, cargos que no jornal desempenhassem”. Assinam André Valmar, Afonso Castro Senda, João Alberto, Lobão Vital, Orlando Braga, Paulo Pombo e Virgínia Moura Vital. Permaneceram, no quinzenário, outros sete:

Como entre os sete abandonos então anunciados se encontravam os de Lobão Vital e Virgínia Moura, a sede da redacção e da administração da publicação foi transferida para o cimo da Rua do Bonjardim, onde Manuel de Azevedo residia, em casa de familiares¹⁶.

Mudou igualmente de gráfica, deixando a Tipografia Civilização – que nada tinha em comum com a editora com o mesmo nome – para passar a ser impresso, de forma definitiva, nas modernas oficinas de *O Primeiro de Janeiro*, administrado por um homem de espírito liberal¹⁷ e onde a revista encontrou um colaborador dedicado, o tipógrafo anarco-sindicalista Rafael Silva¹⁸.

Esta cisão, que esbateu, no imediato, o peso da parcela marxista, não foi acompanhada por qualquer alteração na linha editorial, contrariamente

Afonso Ribeiro, António Cândido Barbosa, Carlos F. Barroso, Dilermando Marinho, José Soares Lopes, Luís Laranjeira e Manuel de Azevedo. João Alberto, pouco depois, e André Valmar, bastante mais tarde, reconsideraram e voltaram a publicar na revista. A declaração não foi acompanhada por qualquer esclarecimento. Quando se procurou aclarar a origem deste abandono colectivo junto de pessoas próximas dos intervenientes, obtiveram-se respostas vagas e evasivas. Um declararam preferir não recordar desavenças entre pessoas que se tinham reconciliado, outras apontaram conflitos, com contornos difusos, entre génios individuais difíceis.

¹⁶ Aí permaneceu até ao número 32, altura em que mudou para a Rua Mártires da Liberdade, n.º 160, regressando, poucos números volvidos, à Rua do Bonjardim; primeiro, de novo ao n.º 629 (entre os números 37 e 42), descendo depois (do número 43 ao 45) ao n.º 433 dessa rua.

¹⁷ O seu proprietário era o industrial Manuel Pinto de Azevedo, que dirigia pessoalmente o jornal. Revelava um espírito aberto, procurando publicar o que tinha por interessante, quer sob forma de notícia, especialmente no domínio da política internacional, quer dando voz a autores desafectos ao regime. O seu sentido de independência levou-o a opor-se, em várias ocasiões, à entrada da polícia política nas instalações da empresa, facultando, simultaneamente, condições de fuga aos trabalhadores perseguidos, a quem continuava a pagar integralmente os vencimentos. Tudo indica que teve um relacionamento benévolo com a revista, protegendo-a junto da censura e não sendo muito rigoroso com a satisfação dos encargos inerentes à sua impressão, chegando mesmo a prescindir de receber algumas facturas com o pagamento em atraso (cf. Alfredo Ribeiro dos Santos, "Revistas do Porto – 'Sol Nascente'. As polémicas de Abel Salazar", *Comércio do Porto*, 16.12.1980).

¹⁸ Rafael Silva (1916-1996) ingressou como tipógrafo, aos dezasseis anos, em *O Primeiro de Janeiro*, revelando desde cedo as qualidades que o tornaram chefe da oficina nove anos depois. Autodidacta e mestre de artes gráficas, era próximo de alguns dos responsáveis do *Sol Nascente*, designadamente de José Soares Lopes, que escolheu para padrinho de uma das suas filhas.



Tardoz do prédio situado na Rua do Bonjardim, n.º 629, Porto.

Nas águas-furtadas, Manuel de Azevedo organizou um pequeno escritório que serviu de sede administrativa à revista.

ao que se verificou mais tarde, quando, em processo de sentido inverso, a mudança na composição da direcção efectiva da revista deu lugar a mudanças profundas na sua orientação política e cultural.

Deste modo, a dissidência anunciada no número de 1 de Abril de 1937 em nada diminuiu a pertinência do fundamento editorial que o quinzenário tinha exposto na capa do seu primeiro número.

Aí se lê: “tendo por fim contribuir para o elevamento do nível cultural português, juntando os seus esforços aos outros nobres esforços que se afirmam, ‘Sol Nascente’ não esquece a frase límpida do nosso Eça: o fim de toda a cultura humana consiste em compreender a humanidade”. E pouco adiante: “‘Sol Nascente’ manterá uma feição de educativa análise dos valores e dos factos, não se entregando de leve às apreciações infundamentadas e imprecisas”, pois “quer ter uma norma, que encontra num pensamento de concórdia, assente numa fórmula moral de idênticos direitos e de mútuo respeito”.

Se supusermos que o propósito programático enunciado ficou explicitado pelo teor geral deste primeiro número, verificamos que o referido “elevamento do nível cultural” se expressou na publicação de dois artigos de exposição teórica e doutrinária¹⁹, três peças de divulgação cultu-

¹⁹ “Confissão de fé”, de Abel Salazar, e “O homem – Importância do seu estudo sob os pontos de vista somático, fisiológico e psicológico”, de Carlos Sousa Estrada.

ral²⁰, três poemas²¹, um conto²², uma reflexão ensaística²³ e uma página de notas culturais avulsas²⁴.

Se a estes domínios somarmos o cultivo da polémica, a defesa da pedagogia da chamada Escola Nova e a crítica de letras e de artes temos o padrão do âmbito dos interesses e dos artigos da revista.

Por outras palavras, o propósito de “elevação cultural”, além de radicar na expectativa de transformação social pela divulgação do saber, assentou na valorização de um discurso de fundo doutrinário (muitas vezes associado ao conhecimento científico) e na promoção da literatura e da arte.

Esta orientação programática foi, na origem, claramente plural, tomando a diversidade ecléctica do conjunto das perspectivas culturais e políticas em que escolheu situar-se como um bem comum.

A defesa do eclectismo foi, aliás, explícita, já que “frente à vida e às doutrinas dos homens há – esclarece-se em artigo não assinado – uma atitude que nos parece de nobreza mental, assente num esclarecido espírito crítico, e que entendemos ser a atitude digna das circunstâncias da época e, sobretudo, própria de quem considera a elevação intelectual um esforço, persistente e contínuo, de ordenação sistemática daquilo que primariamente lhe é oferecido assistemático e caótico”. Donde se conclui ser o “eclectismo que, procurando através dos montões de coisas aquilo que contenha uma porção de ligeira verdade, nos assinala as vias dignas da livre crítica e nos formula noções elementares de respeito mútuo e princípios basilares de tolerância”. Em consequência, anunciava-se que “o leitor encontrará (...) um processo de exercício mental, procurando nas partes que se contradizem, e valendo-se das sugestões que elas oferecem, os seus próprios raciocínios, o seu critério individual”²⁵.

A composição da redacção e o elenco de colaboradores acompanham, pela sua diversidade, este pressuposto geral “dum sectarismo mais elevado, juntando num mesmo feixe os homens que, embora divergindo em aspectos de pormenores, se encontram unidos pelo respeito e a com-

²⁰ “Introdução a um estudo da pintura moderna”, de Pierre de la Rue, “Miguel de Unamuno Jugo”, de João Alberto, “Pirandello”, de Paulo Pombal.

²¹ “Vida e morte”, de José Régio, “Poema dum dia de sol”, de André Valmar, e “Fidelidade”, de Lygia.

²² “Dia de cava”, de Afonso Ribeiro.

²³ “A ressurreição dos deuses gregos”, de Luiz Sanjusto.

²⁴ A secção “De Sol a Sol”, na contracapa.

²⁵ “Espírito crítico”, *Sol Nascente*, n.º 6, 15.4.1937, p. 16.

preensão de que é através de um esforço de crítica que alguma coisa de construtivo pode realizar-se"²⁶.

De facto, um simples olhar para o elenco de colaboradores que publicaram no quinzenário permite verificar que era constituído por articulistas de opinião muito díspar, senão polemicamente conflituosa²⁷.

Como Daniel Pires anotou, o *Sol Nascente* congregou "escritores de várias correntes literárias e políticas: presencistas – José Régio, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro –, monárquicos – Castelo Branco Chaves –, seareiros – António Sérgio, Hernâni Cidade, Irene Lisboa –, prevalecendo, no final, os escritores ligados ao neo-realismo – Abel Salazar, Mário Dionísio, Manuel da Fonseca, José João Cochofel, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Alves Redol, Álvaro Cunhal, António Ramos de Almeida, Jofre Amaral Nogueira, entre outros"²⁸.

A diversidade de pontos de vista é ainda mais extensa. Nas suas páginas, encontramos igualmente autores libertários: Jaime Brasil, Correia de Sousa, Luís Laranjeira; velhos republicanos: Nuno Simões e Jaime Cirne; divulgadores do neopositivismo: Abel Salazar e Ruy Luís Gomes.

A pluralidade de perspectivas filosóficas, literárias e políticas presentes na revista expressa-se ainda nos artigos de autores estrangeiros que publicou. As traduções do anarquista Han Ryner, do pacifista Félicien Challaye, dos empiristas lógicos Marcel Boll e Hans Reichenbach, dos marxistas Henri Lefebvre e do próprio Estaline testemunham-no.

A toda esta diversidade de doutrinas há que somar alguma dispersão temática e circunstancial, pois parte da colaboração, designadamente da que teve origem no Porto – constituída por textos em que se exprimiram sentimentos²⁹ ou em que se deram a conhecer opiniões e comentários –, releva mais das idiosincrasias dos seus autores do que de qualquer concepção consistentemente reflectida.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ O que se acentuaria, se se tivesse em consideração os muitos colaboradores anunciados e que acabaram por não publicar nas páginas da revista (cf. *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, p. 16).

²⁸ Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, s. d., p. 341. Como adiante se verificará, a inclusão de Abel Salazar entre os escritores ligados ao neo-realismo é, no mínimo, muito controversa.

²⁹ Em que se destacam os poemas de fundo romântico dos "jovens lirás" Lygia (Judite Vitória Gomes da Silva), Hanid Estela (Dinah Fontes Machado), André Valmar (José António de Castro), Luiz Sanjusto (Jorge Gustavo Santos) e Vinha dos Santos.

...progresso de duas décadas de um estudo de cinco-por-estudo sobre as...

...De facto, o ensino de matemática é ainda o domínio das...

...O estudo de matemática é ainda o domínio das...

...A nível de políticas de ensino de matemática...

Abel Salazar

Apesar de ecléctica, a revista nunca foi um simples espaço comum de colaborações doutrinárias, críticas e literárias indiscriminadas. Antes se verificou existirem articulistas e pontos de vista que prevaleceram sobre os restantes, conferindo-lhe uma tonalidade conceptual própria.

Durante um longo período, a presença que sobressaiu foi a do pensamento – e também a da influência pessoal – de Abel Salazar.

Quando o *Sol Nascente* conheceu a luz do dia, Abel Salazar tinha 47 anos e um longo percurso de homem intransigente, de académico respeitado, de republicano irreverente e combativo, de estudioso das artes, assim como de pintor, gravador e escultor.

Não é excessivo dizer que Abel Salazar representava, no universo cultural do Porto, a encarnação da trilogia *ciência, arte e crítica* que a revista tomara por lema.

Era, naturalmente, um dos dois mestres-pensadores da juventude portuense¹.

O outro tinha sido, e continuava a ser, Leonardo Coimbra, recentemente falecido, que a generalidade dos fundadores da revista conhecera bem pois havia sido seu professor de Filosofia no liceu, num magistério pessoal e pedagogicamente inusitado e envolvente².

Porém, o republicanismo de Leonardo surgia à maioria destes jovens como equívoco, quer pela sua crítica do racionalismo científico, quer por se lhe associar a memória da Renascença Portuguesa e do saudosismo, quer pelo teor e significado político da conferência “O homem de sempre e a Rússia de hoje”, quer ainda pela sua súbita e, para alguns, perturbadora conversão ao catolicismo.

Por muito que o ensino e a personalidade de Leonardo tivessem sido estimulantes, o juízo crítico dos jovens oposicionistas, mais ou menos revolucionários, colocava-os nos antípodas do seu percurso doutrinário e do seu desfecho intelectual.

¹ No próprio *Sol Nascente*, Adolfo Casais Monteiro, em texto de polémica com Abel Salazar, afirma-o: “há muitos jovens que vêem no sr. dr. Abel Salazar um guia, um mestre – e creio que ele não desdenha assumir essa nobre missão” (Adolfo Casais Monteiro, “Simples comentário a um artigo do Sr. Dr. Abel Salazar”, *Sol Nascente*, n.º 4, 15.3.1937, p. 4).

² Cf. Alfredo Ribeiro dos Santos, *Perfil de Leonardo Coimbra*, Porto, Fundação Lusíada, 1998, pp. 31 e seguintes.

Era Abel Salazar que exercia sobre eles a tutoria própria de uma referência e de um exemplo.

Por um lado, desfrutava da fama imputável à sapiência de catedrático prestigiado em domínio tido por rigoroso e exigente, como seria o da histologia; por outro lado, granjeara a autoridade própria de um conferencista desassombroso, que dedicara grande parte da sua actividade, ao longo do lustro anterior à publicação da revista, à divulgação de ideias filosóficas e culturais com inequívoca intenção republicana radical.

Fizera-o, aliás, com alguma repercussão nos meios académicos e políticos, revelando uma invulgar intransigência, comprovada pela regular proibição das conferências que o tinham por orador e, sobretudo, pela resolução do Conselho de Ministros de 14 de Maio de 1935 que o demitiu das funções de professor da Faculdade de Medicina do Porto³.

Como Norberto Cunha assinalou, em informado e extenso estudo do ideário de Abel Salazar, se acrescentarmos à “imagem do génio ‘bom’ a injustiça da sua demissão compulsiva, temos, além de um génio, um mártir”⁴.

Em linguagem mais laica, porventura mais condizente com a realidade evocada, teríamos um mestre marcado pelos traços da heroicidade, própria de uma exigência intelectual, moral e política indómita.

Jofre Amaral Nogueira, ao definir o que na pessoa de Abel Salazar tinha por exemplar, disse-o claramente: “Alguém (*sic*) que se ergueu, com toda a sua estatura de autêntico Homem, perante a onda que parecia avassaladora; Alguém que persistiu em cultivar e defender, na ciência, na arte, na cultura, na vida político-social, realizações e anseios profundos do passado, que eram também caminhos do futuro, mas se encontravam mortalmente ameaçados; Alguém que lutou e animou outros a lutar com o exemplo magnífico do sábio, do escritor, do artista, do cidadão, que nunca aceitaram demitir-se das suas responsabilidades intelectuais e cívicas”⁵.

³ Entre os funcionários então demitidos, directa ou indirectamente relacionados com a história do *Sol Nascente*, encontravam-se o ex-ministro da Primeira República Nuno Simões, que publicou um artigo no seu terceiro número; Rodrigues Lapa, que dirigiu *O Diabo*, com quem a revista sempre cultivou relações de proximidade e Sílvio Lima, que foi objecto, nas páginas do quinzenário, de referências irónicas e de notas críticas.

⁴ Norberto Ferreira da Cunha, *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, p. 399.

⁵ Jofre Amaral Nogueira (selecção e introdução), *O Pensamento de Abel Salazar (antologia)*, Porto, Inova, s. d., p. 10.



Abel Salazar
(Auto-retrato)

Esta apreciação é tanto mais significativa quanto o seu autor não só não viveu no Porto, onde a influência do “bom Salazar” se fazia sentir directamente, quanto era, como teremos oportunidade de verificar, um marxista convicto e, como tal, adversário no campo doutrinário “do prestígio ideológico (ideológico, note-se bem) dum grande artista e eminente sábio como Abel Salazar”⁶, defensor de grandes teses republicanas, do neopositivismo e da biomecânica histórica.

Apesar de o tempo acentuar a divergência de opiniões entre os marxistas e o pensamento de Abel Salazar, a estima e a admiração que estes jovens adeptos do comunismo lhe dedicaram não esmoreceu, a ponto de ter sido Carlos Barroso, ex-director do quinzenário portuense, o derradeiro orador a discursar no seu funeral⁷.

Para compreender o papel deste intelectual republicano de sete ofícios na história do *Sol Nascente*, é necessário ter presente que o período de publicação da revista se situa a meio da época da sua vida que ficou baliçada pela demissão de professor na Faculdade de Medicina do Porto, em 1935, e pela sua admissão na Faculdade de Farmácia do Porto, em 1941.

Foi o tempo da sua mais intensa e original intervenção na vida cultural portuguesa.

⁶ Mário Sacramento, *Fernando Namora*, Lisboa, Arcádia, s. d, p. 57.

⁷ Em nome da Juventude Democrática Universitária, pois na altura cursava uma segunda licenciatura, a de Medicina. A cerimónia teve lugar no Cemitério do Prado do Repouso, no dia 1 de Janeiro de 1947, tendo estado presentes várias dezenas de milhares de pessoas.

Abandonou os limites da divulgação e do combate culturais entre os estudantes universitários, para se tornar uma figura proeminente no panorama cívico e intelectual do país. Publicou centenas de artigos, quer em revistas de âmbito nacional⁸, quer em jornais regionais⁹. Deu à estampa três livros¹⁰. Divulgou sistematicamente a caracterologia, a biomecânica da história e o positivismo lógico. Afirmou-se como pintor em duas grandes exposições individuais¹¹.

O claro ascendente intelectual e pessoal de que desfrutava junto dos jovens activistas de *Sol Nascente*, aliás desejosos da colaboração madura de articulistas com prestígio firmado, como julgavam ser o seu caso, aliado à sua intensa militância na afirmação e na luta de ideias, fizeram com que a revista surgisse como uma oportunidade privilegiada para expor regularmente, num periódico de imprensa portuense, o seu pensamento.

Foi uma presença que se manifestou logo nos dois artigos doutrinários mais significativos e densos do número inaugural, um de sua autoria, outro assinado por Carlos de Sousa Estrada.

No que o tem por autor, intitulado “Confissão de fé”, em que versa o sentido da vida e da história, encontramos como tese a asseveração de que a “vida, pessoal ou colectiva, todo o viver histórico, da humanidade não tem outra razão de ser fora do próprio *acto de viver*, de gerar, de criar, de sofrer e de amar criando, na caleidiscópia (*sic*) de sentimentos profundos que acompanham o *acto de viver*”. Em consequência, “a história é o homem realizado na tendência constante para uma realização integral: e nesta tendência para a realização integral reside toda a finalidade histórica positiva”¹². Em conclusão, advoga-se a necessidade de elevação “a uma concepção mais alta e moral da vida” e a “uma nova visão helénica da vida, transposta para novas idades históricas”¹³.

É uma “confissão” que confere redobrado alcance aos propósitos do próprio editorial em que a revista se apresentou, ao definir o entendimento lato de um viver simultaneamente intenso e civicamente empenhado.

⁸ Como *O Diabo*, *Pensamento*, *Seara Nova*, *Síntese* e *Vida Contemporânea*.

⁹ Nomeadamente, *A Foz do Guadiana*, de Vila Real de Santo António; *A Ideia Livre*, de Anadia; *O Trabalho*, de Viseu; *A Voz da Justiça*, da Figueira-da-Foz.

¹⁰ *Paris em 1934*, Porto, Tipografia Civilização, 1938; *Recordações do Minho Arcaico*, Porto, Tipografia Civilização, 1939; *O Que é a Arte?*, Coimbra, Arménio Amado Ed., 1940.

¹¹ Tiveram ambas lugar em 1938: a primeira, no Porto, em Janeiro; a segunda, em Lisboa, no mês de Novembro.

¹² *Sol Nascente*, n.º 1, 30.1.1937, p. 7.

¹³ *Ibidem*, p. 15.

A fé confessada seria, aliás, ilustrada pelo próprio exemplo de quem a diz professar, pois Abel Salazar simbolizava quer o indivíduo de interesses e de realizações multifacetados, quer o homem solidário, militante e voluntarioso, que em todo o seu agir atende ao seu tempo, às suas injustiças e aos seus combates.

Além de dar sentido às pulsões envolvidas nos empreendimentos humanos, emprestando o empolgamento próprio de uma enérgica vitalidade moral e racional aos jovens que haviam metido ombros à edição do quinzenário, a leitura do artigo deixou ainda profunda impressão em alguns dos leitores do seu número inaugural¹⁴.

A colaboração de Carlos de Sousa Estrada¹⁵ foi de outro teor. Consistiu numa peça sobre a biotipologia, em que esboçou uma visão panorâmica da história e das expectativas que este saber médico abria, quer no que se refere à compreensão entre os homens, quer na definição de uma crítica literária e artística tida por científica. O artigo deste estudante de Medicina insere-se na actividade de divulgação dos biótipos de Kretschmer, conduzida por Abel Salazar, sendo o leitor remetido para uma série de artigos do histologista português, publicados, nesse âmbito, em *O Diabo*, bem como para um artigo de um outro colaborador do *Sol Nascente*, André Valmar¹⁶, publicado no *Pensamento*.

No segundo número da revista, Abel Salazar assinou unicamente a secção “Revista de Ideias”, em que passou a reunir, com regularidade, breves notas de leitura e curtos comentários.

O artigo que publicou no terceiro número – a par de uma tradução¹⁷ – acabou por se revestir de uma dimensão inesperada, pois esteve na ori-

¹⁴ Foi o caso de Alfredo Ribeiro dos Santos que, a seu propósito, escreveu: “na nossa juventude, este artigo impressionou-nos profundamente e teve mesmo o significado de uma revelação” (Alfredo Ribeiro dos Santos, “Revistas do Porto – ‘Sol Nascente’”, *Comércio do Porto*, 3.12.1980).

¹⁵ Intitulado “O homem, importância do seu estudo sob os pontos de vista somático, fisiológico e psicológico”. Carlos de Sousa Estrada era estudante de Medicina e familiar de Adelaide Estrada, que foi assistente de Abel Salazar. Em artigo posterior, aceita ser integrado no grupo de discípulos de Abel Salazar, referindo, a seu propósito, “o grande valor científico de quem nos orienta” (vide Carlos de Sousa Estrada, “Presente! Snr. Dr. Casais Monteiro”, *Sol Nascente*, n.º 5, 1.4.1937, p. 10).

¹⁶ Pseudónimo de José Antónico de Castro, que foi um dos jovens articulistas portugueses que reproduziu, em algumas das suas colaborações, as grandes teses que Abel Salazar divulgou.

¹⁷ A tradução do texto, sem título, de Marcel Boll, divulgador francês do neopositivismo, deve-se-lhe certamente (*Sol Nascente*, n.º 3, 2.3.1937, pp. 4 e 15).

Ano I, número vinte e um ■ Pôrto, 15 de Dezembro de 1937 ■ um escudo

SOL

moderno

quinzenário cultural de literatura e crítica

Comissão directiva: Carlos F. Barroso (director) e J. Soares Lopes

Editor e proprietário: Dilermando Marinho.

Redacção e Administração: R. do Bonjardim, 629 — Pôrto

Comp. e Impres. nas Ofic. O Primeiro de Janeiro

PUBLICA-SE HOJE: LAVADEIRAS — estudo de

Abel Salazar ■ CULTURA E TÉCNICA — por Álvaro Salema ■ AGENTES EDUCATIVOS: A EDUCAÇÃO PELA ESCOLA — por Mário Frazão ■ DE MÚSICA: RECITAL DE CANTO DE OPÉLIA DIOGO COSTA — por Eurico Tomaz de Lima ■ « NÃO MATARÁS » — de Artur Inez ■ COMENTÁRIO PARA COMPREENDER — por Jofre Amaral Nogueira ■ LIVROS BRASILEIROS: « PARA QUE O BRASIL CONTINUE » de ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA — por Raúl do Rêgo ■ DE UM DIÁRIO VELHO, PREAMBULAR DE OUTRO — por João Falco ■ TRECHOS SELECTOS DOS GRANDES FILÓSOFOS CONTEMPORÂNEOS: VIDA E MATÉRIA — de J. T. Nibaud ■ DESERTO — versos de Manuel Filipe ■ POETAS — por Rufo Fraga ■ CARTA AO SENHOR MANDO MARTINS — por José Régio ■ ANTOLOGIA: OS DOZE SENTIDOS — por Josef Lobel ■ OS SONETOS DE ANTERO — de Jaime Cirne ■ DE CINEMA: APONTAMENTOS BREVES — por Alves Costa ■ CONSIDERAÇÕES AO ACASO (1) — de Correia de Sousa ■ DE SOL A SOL ■ DE LIVROS, etc., etc.



“LAVADEIRAS”

estudo litográfico
de Abel Salazar

Desenhos e gravuras de Abel Salazar encontram-se reproduzidos na revista.

gem da primeira das duas polémicas que visaram directamente os termos em que exercia o magistério de divulgador cultural.

Intituiu-o “Kretschmer e os ‘plotinozinhos’” e tinha em mira intelectuais indiscriminados, apresentados como poetas e metafísicos, espiritualistas e etéreos, em que agrupava todos os que tinha por detractores da divulgação da obra de Kretschmer, a quem dirigiu a acusação de pretenderem fulminar, com lugares-comuns, a caracterologia e, por extensão, o próprio saber científico.

Em “simples comentário”¹⁸ a esta peça, Adolfo Casais Monteiro interpelou Abel Salazar, apelando às suas “reais qualidades do eminente escritor”, dizendo fazê-lo em nome da defesa “do verdadeiro espírito crítico, do verdadeiro método científico”, que teriam sido traídos por alguém que se dizia seu defensor.

Em seu entender, não se encontraria no artigo de Abel Salazar “aquele mínimo de seriedade indispensável para se ser tomado a sério”. O historiologista investiria contra caricaturas, inventando um adversário-fantasma, a partir de um misto de distorções e de imprecisões, que derrubaria em nome de uma noção equívoca de ciência, supostamente presente na caracterologia. Esta última seria, aliás, “uma espécie de panaceia universal para todo o serviço”.

Ou seja, enunciados distorcidos e condenatórios substituiriam a análise dos argumentos supostamente contrários, enquanto a fundamentação de pontos de vista próprios seria substituída por juízos apologéticos. Esta feição pouco séria e dogmática do seu discurso seria tanto mais gravosa quanto se encontraria reproduzida em peças de alguns dos jovens intelectualmente próximos de Abel Salazar, que de forma pouco prevenida repetiam crenças e reproduziam conceitos.

Abel Salazar respondeu, justificando-se.

¹⁸ A polémica travou-se unicamente nas páginas de *Sol Nascente*. Iniciou-se com “Simple comentário a um artigo do Sr. Dr. Abel Salazar” de Adolfo Casais Monteiro (n.º 4, pp. 4 e 13), a que Abel Salazar replicou com “Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro” (n.º 5, pp. 4 a 6), respondendo Casais Monteiro com “Continuando a comentar: A propósito duma carta do Sr. Dr. Abel Salazar” (n.º 6, pp. 4 e 5), o que suscitou da parte do historiologista uma “2.ª carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro” (n.º 7, pp. 4, 5, 13 e 14) e uma “3.ª carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro” (n.º 8, pp. 6 e 7 e n.º 9, pp. 10 a 12), a que o visado deu resposta com “Uma carta” (n.º 8, p. 11) e com o texto intitulado “Procurando evitar equívocos: Carta ao Snr. Dr. Abel Salazar” (n.º 10, pp. 12 e 13). Na polémica inclui-se, igualmente, o artigo “Presente! Snr. Dr. Casais Monteiro” de Carlos de Sousa Estrada, em que este responde às acusações dirigidas aos “discípulos de Abel Salazar” (n.º 5, pp. 10 e 11).

Por um lado, sentia-se vítima de calúnias e insultos públicos que invectivavam a sua obra de divulgação e a sua própria pessoa. Mencionou, a este propósito, Leonardo Coimbra que, em campanha de café, teria relevado, nesse afã, total “miséria moral e intelectual”¹⁹.

Por outro lado, sustentou que “o pensamento e a ciência estão em Portugal, sob o ponto de vista filosófico, atrasados pelo menos cinquenta anos”, falha que a sua obra de divulgação procuraria ajudar a superar, de modo a que se passasse a pensar de acordo com “as aquisições filosóficas actuais”. Isto é, de acordo com o neopositivismo da Escola de Viena, demolidor da metafísica e parte de “uma revolução intelectual histórica e filosoficamente mais importante do que a de Galileu, Copérnico, Newton ou Kant”²⁰, bem como de acordo com os “resultados capitais das escolas psicológicas, as escolas de Kretschmer, de Pende, de Levy-Bruhl”.

A polémica desenvolveu-se, nos restantes lances, dentro destes tópicos, glosados sem variações de fundo.

Casais Monteiro insistiu em centrar a contenda na incompreensão da finalidade e “na falta de seriedade, de método e de rigor científico de certas passagens”²¹ do artigo que comentou. Seriam defeitos censuráveis e contraproducentes, ao mesmo tempo que revelariam “não possuir o seu autor um certo número de qualidades que não se dispensam naquele que pretender divulgar seja o que for para o grande público”²².

Abel Salazar reconheceu, de passagem, algumas deficiências, que tomou por formais, ao mesmo tempo que deslocava a sua argumentação para a crítica da metafísica e para o elogio do neopositivismo. Este último, ao constituir “o mais notável movimento filosófico dos tempos modernos”²³, traria consigo “a reforma da própria maneira de pensar”²⁴, o que justificaria o esforço de o introduzir em Portugal.

Casais Monteiro encerrou a polémica – a que preferiu chamar “troca de comentários e de cartas” – com um texto de recapitulação em tom elevado²⁵.

¹⁹ Abel Salazar, “Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro”, *Sol Nascente*, n.º 5, 1.4.1937, p. 5.

²⁰ *Idem, ibidem*.

²¹ Adolfo Casais Monteiro, “Continuando a comentar”, *Sol Nascente*, n.º 6, 15.4.1937, p. 4.

²² *Idem, ibidem*, p. 5.

²³ Abel Salazar, “2.ª Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro”, *Sol Nascente*, n.º 7, 1.5.1937, p. 4.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 13.

²⁵ Adolfo Casais Monteiro “Procurando evitar equívocos. Carta ao Snr. Dr. Abel Salazar”, *Sol Nascente*, n.º 10, 15.6.1937, pp. 12 e 13. É de notar que, apesar de Casais Monteiro

Na mesma edição de *Sol Nascente*, a de 15 de Junho de 1937, em que esta controvérsia conheceu o seu epílogo, Abel Salazar envolveu-se em novo debate, neste caso com António Sérgio, que depressa enveredou por uma linguagem muito mais viva e que teve um desfecho bem menos cordial²⁶.

A crítica de Sérgio convergia com a de Casais Monteiro, quanto à reprovação da tonalidade dogmática de alguns dos artigos do redactor do *Sol Nascente*²⁷.

Parte de considerações sobre a divulgação entusiástica das teses do Círculo de Viena, que Abel Salazar levava a cabo²⁸, para, de seguida, enveredar por uma reflexão sobre o problema da vulgarização do saber filosófico e científico.

centrar o debate em questões gerais e formais, refutando os artigos de Abel Salazar sem questionar directamente o seu teor manifesto, as suas "cartas" não deixam de permitir entrever – nas referências à metafísica, ao neopositivismo, a Leonardo Coimbra, a Teixeira de Pascoais e a Heidegger – que as divergências formais se encontravam acompanhadas por divergências substantivas, como, aliás, Norberto Cunha realçou (cf. Norberto Cunha, *op. cit.*, p. 369).

²⁶ A polémica iniciou-se com os artigos de António Sérgio intitulados "Pequeninos pontos que o acaso vai trazendo e que submeto à meditação de jovens amigos que planeiam uma obra de divulgação" (*Seara Nova*, n.º 510, 20.5.1937, pp. 103 a 107) e "Ainda o problema da divulgação" (*Seara Nova*, n.º 511, 27.5.1937, pp. 122 e 138), a que Abel Salazar replicou com "Carta a António Sérgio" (*O Diabo*, n.º 155, 13.6.1937, p. 8); "A propósito da vulgarização do Círculo de Viena (resposta a António Sérgio)" (*Sol Nascente*, n.º 10, 15.6.1937, pp. 8 e 9); "As críticas de António Sérgio e a necessidade de actualização do pensamento português" (*O Diabo*, n.º 156, 20.6.1937, p. 8) e, repetindo um título anterior, com "A propósito da vulgarização do Círculo de Viena" (*Seara Nova*, n.º 515, 26.6.1937, pp. 203 a 207). Logo no mesmo local, Sérgio respondeu a este último artigo em "Notazinha ao artigo de Abel Salazar" (*Seara Nova*, n.º 515, 26.6.1937, pp. 208 a 211), além de incluir, nessa mesma ocasião, um artigo em que igualmente repete um título que já tinha usado: "Ainda o problema da divulgação" (*Seara Nova*, n.º 515, 26.6.1937, pp. 202 e 216). Por fim, António Sérgio publicou "Explicação e reprovação de uma desmesura própria" (*Seara Nova*, n.º 519, 24.7.1937, p. 282).

²⁷ O próprio António Sérgio, dirigindo-se a Abel Salazar, o explicita: "Casais Monteiro diz-lhe coisas justíssimas sobre o tom dos seus artigos. Rogo-lhe que medite nelas" (António Sérgio, "Ainda o problema da divulgação", *Seara Nova*, n.º 515, 26.6.1937, p. 217).

²⁸ Sérgio é, a este propósito, claro: "espero (...) que não seja intenção do Dr. Abel Salazar o dar-nos os trabalhos do Círculo de Viena como sendo um terramoto geral filosófico, como o começo absoluto de uma era nova, e convencer-nos de que a humanidade, deste ponto em diante, nunca mais sairá do empirismo lógico, e que ficou revogada de uma maneira

Sérgio manifestava reserva quanto à divulgação de soluções, através do que classifica como “facilidades fictícias”²⁹, e simpatia pela apresentação problemática das dificuldades, referindo Sócrates, “o maior dos divulgadores” e “enigmático semeador de dúvidas”, como exemplo dessa pedagogia.

Assumindo a perspectiva inversa, Abel Salazar advogou, em resposta, que seria desejável divulgar as conclusões científicas, acessíveis a qualquer inteligência, que assim entrariam no património público, ao mesmo tempo que defendia que a discussão dos problemas científicos seria um debate de especialistas.

Após este período de vivo e cordato confronto de opiniões, a discussão azedou, enveredando cada uma das partes pela tentativa de atingir a integridade intelectual do opositor.

A algumas recriminações sumárias de Abel Salazar, em que o seareiro era acusado de estar desactualizado nos domínios da filosofia e de ser ignorante no que respeita ao positivismo lógico³⁰, António Sérgio respondeu com uma diatribe em que acriminou o divulgador do Círculo de Viena do delito de o apresentar e discutir a partir de “folhetitos de vulgarização das *Actualités scientifiques et industrielles*” que, apesar de serem insuficientes para “uma controvérsia entre dois rapazinhos, estudantes de instrução secundária”, o histologista portuense repetiria, conjuntamente com outros textos de divulgação, de forma acrítica, mecânica e “sem nenhum pensamento”, num procedimento que Sérgio afirmava, em acinte final, reabilitar “o retórico e charlatão” Leonardo Coimbra, “que não tomou para pedras dos alicerces da sua cultura filosófica uns simples folhetitos de vulgarização”³¹.

absoluta toda a filosófica ‘legislação em contrário’”. Acrescentando, de seguida: “bom é que conheçais o Círculo de Viena, mas não que o Círculo de Viena e os seus trabalhos venham a significar para o vosso intelecto aquilo que significam para qualquer islamita o próprio Mafoma e o seu Alcorão”. O que o leva a concluir: “apresentar as teses dos positivistas lógicos de Viena afigura-se-nos obra meritória e útil: afirmá-las, porém, com inabalável certeza, seria excessivo como manifestação de fé” (António Sérgio, “Pequeninos pontos que o acaso vai trazendo e que submeto à meditação de jovens amigos que planeiam uma obra de vulgarização”, *Seara Nova*, n.º 510, 20.5.1937, p. 104).

²⁹ *Idem, ibidem*.

³⁰ Cf., v. g., Abel Salazar, “As críticas de António Sérgio e as necessidades de actualização do pensamento português”, *O Diabo*, 20.6.1937.

³¹ António Sérgio, “Palavras a Abel Salazar”, *Seara Nova*, n.º 515, 26.6.1937, pp. 216 e 217.

Quatro semanas mais tarde, o mesmo António Sérgio publica um texto significativamente intitulado “Explicação e reprovação de uma desmesura própria”³², em que, instigado por alguns próximos, se apressa a censurar publicamente “as frases mais vivas da minha nota que pareceram desaprováveis aos meus amigos” e a reiterar a sua estima pelo “ilustre cientista e professor” portuense a quem criticara o método de divulgação filosófica. Pela sua parte, dava assim por findo o debate.

Também Abel Salazar, aparentemente receptivo ao apelo pacificador de Francisco Pulido Valente, Ferreira de Macedo e Bento de Jesus Caraça, mandou suspender a publicação dos artigos contra Sérgio que havia remetido para *O Diabo*, pondo, de momento, fim à discussão.

Retomou-a, porém, no *Sol Nascente*³³, passados cinco meses.

A pretexto de uma série de artigos de Gago Coutinho sobre a teoria da relatividade, Abel Salazar voltou a visar o director da *Seara Nova*, assim como a orientação editorial desta “revista de doutrina e crítica”.

Começou por recordar a Sérgio, com ironia, que “as exigências em matéria de divulgação filosófica e científica” da publicação que dirigia “são conhecidas e paradoxais”. Em seguida, acusou-o, na medida em que nos artigos de Gago Coutinho se revelaria “um total desconhecimento do que seja o movimento científico e filosófico contemporâneo na sua genera-

³² *Seara Nova*, n.º 519, 24.7.1937, p. 282. Esta “Explicação...” foi reproduzida na íntegra no *Sol Nascente* (n.º 12, 1.8.1937, p. 2).

³³ A polémica reacendeu-se com o artigo “Mecânica relativista por Gago Coutinho, in ‘Seara Nova’” de Abel Salazar, publicado no *Sol Nascente*, n.º 20, de 1.12.1937, p. 5. A direcção da *Seara Nova* (de facto, Sérgio) responde com “Explicação aos leitores da ‘Seara Nova’”, *Seara Nova*, n.º 519, de 11.12.1937, p. 243. No *Sol Nascente* n.º 21, de 15.12.1937, p. 3, saem duas breves notas, uma da direcção, intitulada “Coisas claras”, outra de Abel Salazar designada “Ao Sr. António Sérgio”. No número seguinte, Abel Salazar publica “O ‘bluff’ António Sérgio” (*Sol Nascente*, n.º 22, 1.1.1938, pp. 4, 5 e 13). António Sérgio responde com o artigo “Em torno de um complicado caso de consciência” (*Seara Nova*, n.º 243, 8.1.1938, pp. 337 a 340). De seguida, Abel Salazar faz publicar “Uma carta do Sr. Dr. Abel Salazar” em *O Diabo*, n.º 173, de 16.1.1938, p. 5, e “Pela segunda vez, Sr. António Sérgio”, no *Sol Nascente*, n.º 23, 30.1.1938, pp. 4, 5 e 13. Neste último número, a redacção da revista portuense publica uma segunda nota (“A atitude de ‘Sol Nascente’ perante um conflito”, *Sol Nascente*, n.º 23, 30.1.1938, p. 4). Por fim, é transcrita uma carta de Abel Salazar dirigida ao director do *Sol Nascente*, solicitando a suspensão da “publicação dos dez artigos sobre António Sérgio” (*Sol Nascente*, n.º 24, 1.2.1938, p. 14). Bastante mais tarde, Abel Salazar retoma, em artigo avulso, de forma relativamente velada, mas com referência implícita a Sérgio, o teor de alguns dos principais argumentos que convocara na sua replicação (Abel Salazar, “Dona crítica, seus vícios e limites”, *Sol Nascente*, n.º 35, 1.4.1939, pp. 14 e 15).

lidade”, de ou não ter lido os artigos que publicou nas suas páginas “e nesse caso não sabemos como a dirige – ou, se os leu, nada compreendeu do que leu – e nesse caso ainda não sabemos como os publicou”³⁴.

De passagem, foi o próprio significado da *Seara Nova* na cultura portuguesa que se tornou alvo da sua sanha polémica. A *Seara* seria o repositório do caos “a que um atraso de cinquenta anos conduziu a mentalidade dos nossos intelectuais”, cobrindo-se de ridículo ao fazer figura semelhante à de uma anacrónica velhota que “procura de afogadilho e atabalhoadamente vestir-se pela última moda”, o que resultaria, no essencial, de trocar um esforço intelectual sério pelo *filosofismo*, “incorrigível, como petulância, como ignorância e suficiência de si próprio”³⁵.

A resposta consta de “Explicação aos leitores da ‘Seara Nova’”, nota não assinada, mas de clara autoria do visado, em que, a par de referências a “ódio”, “desvario” e “infra-humanidade”, imputáveis ao crítico português, se justifica a publicação dos artigos pela recusa de exercer qualquer censura aos textos dos colaboradores da *Seara* que, se controversos, haveria que discutir livremente.

Em breve nota, publicada pouco depois, Abel Salazar revelou conservar a animosidade que tinha calado uns meses atrás, ao afirmar que “António Sérgio não passa de um ‘bluff’, de um comediante intelectual, de um ‘tartufo’, e de um mísero plagiador”³⁶.

O tom estava proclamado.

No *Sol Nascente* de 1 de Janeiro de 1938, Abel Salazar publicou o artigo que tinha mandado suspender em Julho, no qual, a par de inúmeros impropérios, acusava António Sérgio de dois plágios: o primeiro, da obra de Léon Brunschvicg, presente em “Cartesianismo ideal e cartesianismo real”, conferência recente de Sérgio; e o segundo dos escritos de Rudolf Carnap, patente num texto sobre a teoria lógica das relações, a que já aludira, em momento anterior³⁷.

Abel Salazar consumara o que tinha pretendido, ao reacender a polémica.

Sérgio ainda respondeu, “como quem se submete a um trabalho forçado, cheio de dor e de confusão”, atribuindo as “súbitas explosões” de

³⁴ Abel Salazar, “Mecânica relativista por Gago Coutinho, in ‘Seara Nova’”, *Sol Nascente*, n.º 20, 1.12.1937, p. 5.

³⁵ *Idem, ibidem*.

³⁶ Abel Salazar, “Ao Sr. António Sérgio”, *Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, p. 4.

³⁷ Abel Salazar, “O ‘bluff’ António Sérgio”, *Sol Nascente*, n.º 22, 1.1.1938, pp. 4, 5 e 13.

Abel Salazar a “acidentes fisiológicos a que todos os indivíduos estão sujeitos e que nos põem em contradição connosco próprios”, além de se justificar face às acusações de plágio³⁸.

Em artigo final, o articulista do Porto voltou a insistir na crítica ao “‘filosofismo fácil’ que o Sr. Sérgio cultiva” e na denúncia de que Sérgio faria passar como sendo da sua lavra textos que toma de autores que não cita³⁹.

Por fim, face ao silêncio do visado, a que, aliás, este já anunciara remeter-se, o articulista portuense escreveu ao Director do *Sol Nascente*, solicitando que suspendesse a “publicação dos dez artigos em que defini a triste personagem que é o Sr. António Sérgio”⁴⁰.

A direcção da revista não se distanciou da discussão e manifestou, em duas ocasiões, apoio a Abel Salazar, “companheiro querido pela sua honestidade e grandeza moral”⁴¹, que visaria o esclarecimento da verdade quando criticou os artigos de Gago Coutinho, tendo visto a sua veemência respondida com agressividade e violência⁴².

É de notar que as polémicas que opuseram Abel Salazar a Adolfo Casais Monteiro e a António Sérgio constituem um momento significativo na história da recepção e do debate do empirismo lógico em Portugal.

Abel Salazar foi o principal defensor e divulgador das teses da Escola de Viena⁴³, a que dedicou longas séries de artigos⁴⁴, estando convicto de

³⁸ António Sérgio, “Em torno de um complicado caso de consciência”, *Seara Nova*, n.º 543, 8.1.1938, pp. 337 a 340.

³⁹ Abel Salazar, “Pela segunda vez, Sr. António Sérgio”, *Sol Nascente*, n.º 23, 30.1.1938, pp. 4, 5 e 13.

⁴⁰ “Uma carta do Dr. Abel Salazar”, *Sol Nascente*, n.º 24, 1.2.1938, p. 14.

⁴¹ “Coisas claras”, *Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, p. 4.

⁴² “A atitude de ‘Sol Nascente’ perante um conflito”, *Sol Nascente*, n.º 23, 15.1.1938, p. 4. É de assinalar que José Régio comentou em termos severos esta atitude, ao escrever que “todo o meu espanto, toda a minha indignação, toda a minha revolta e todo o meu desgosto vão contra os rapazes do *Sol Nascente*”, o que o levou a interrogar “vocês não suspeitam que ainda estão muito no princípio para reformar a literatura, a ciência, a crítica... e a humanidade?”, e a concluir: “vocês ainda confundem inteiramente a audácia e o desassombro fecundos com a leviandade, a impertinência e a basófia”, pelo que “um homem como António Sérgio devia merecer a vossa admiração e o vosso respeito” (José Régio, “António Sérgio e o ‘Sol Nascente’”, *Presença*, n.º 51, Março de 1938, p. 15).

⁴³ Sobre a recepção do neopositivismo em Portugal, veja-se Norberto Cunha, “Acerca do empirismo lógico em Portugal”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 12, 4.8.1981, pp. 16 e 17.

⁴⁴ A título de exemplo, Abel Salazar publicou com a designação geral de “O pensamento positivo contemporâneo”, entre Agosto de 1936 e Maio de 1939, mais de cinquenta artigos.

que a sua assimilação por parte dos meios cultos portugueses seria parte fundamental da profunda reforma de mentalidades que tinha por necessidade.

É duvidoso que estas duas polémicas tenham sido favoráveis à concretização do seu desígnio.

Em princípio, a oportunidade era excelente. Tendo como interlocutores dois dos intelectuais portugueses mais prestigiados, dispôs de duas ocasiões excepcionais para demonstrar o valor dos seus argumentos.

Como verificámos, o que se passou foi bem diferente. Os críticos das teses do empirismo lógico conseguiram evitar a discussão explícita do seu teor, remetendo habilmente o debate para considerações sobre a pedagogia e a forma da divulgação cultural.

Abel Salazar facilitou-lhes, de algum modo, o intento, pois não só se revelou incapaz de conduzir o debate para as questões filosóficas que eram, em seu entender, relevantes, como acabou por se tornar desnecessariamente vulnerável, designadamente ao recorrer a considerações de índole pessoal desajustadamente agressivas.

Estas discussões, embora violentas, não o fizeram vacilar, não afectando nem o seu trabalho de divulgação nem a elaboração de concepções próprias, que apresentou como decorrentes de parte das suas grandes referências científicas.

Entre as duas fases da polémica com Sérgio, o articulista que mais escreveu no *Sol Nascente* iniciou a publicação de um conjunto de dezoito extensos artigos, intitulados "A crise europeia: Esquisto de um teoria biomecânica da história", mais tarde reunidos em livro⁴⁵, em que interpretou, à luz da psicossomática e da caracterologia de Kretschmer, a Europa do seu tempo, no quadro geral dos grandes ciclos históricos e civilizacionais.

Apesar de estes artigos constituírem a peça doutrinária de maior fôlego que Abel Salazar publicou na revista, bem como o mais longo texto que encontramos nas suas páginas, a sua consistência argumentativa é irregular, facto a que a actividade intensamente prolixa que desenvolvia simultaneamente em várias publicações não é certamente alheia.

⁴⁵ A extensão relativamente invulgar do conjunto destes artigos infere-se da própria confissão do autor, que afirmou ter escolhido publicá-los numa revista por supor não haver mercado para os editar em livro (cf. *Sol Nascente*, n.º 25, 15.2.1938, p. 6). Estava, aliás, enganado, pois *A Crise da Europa* foi editado pelas Edições Cosmos, na "Biblioteca Cosmos", com o n.º 31, ou no final de 1942 ou no início de 1943. Estes artigos preencheram as páginas da revista durante dezassete meses, de 1 de Agosto de 1937 a 1 de Janeiro de 1939.

Muitas vezes, as análises encontram-se substituídas por indicações, os problemas estão simplesmente aflorados, a repetição de enunciados gerais ocupa o lugar da argumentação fundamentada⁴⁶.

As teses, porém, são claras.

Como o título sugere, apresenta-se uma filosofia da história, um “esquema geral”⁴⁷ do percurso da humanidade.

As civilizações desenvolver-se-iam segundo ciclos idênticos aos biológicos, nascendo, vivendo e morrendo, numa sucessão semelhante à do encadeamento das telhas num telhado e numa progressão “espacial e expansional”⁴⁸ – da Egeia à Grécia, da Grécia a Roma e desta à Europa – que se deixaria representar pela figura da espiral.

A inteligibilidade deste transcurso global assentaria na constância dos seus factores biológicos.

No seu próprio dizer, “por muito importantes que sejam os factores económicos e materiais, é fácil de ver que os factores biológicos dominam tudo”⁴⁹.

Embora se desconhecemos os seus contornos exactos, designadamente no que se refere às suas expressões étnicas, esses factores manifestar-se-iam “blocalmente nos seus efeitos”⁵⁰.

Entre os factores conhecidos especificamente, Abel Salazar destacou as classes biológicas, a que se refere como “agrupamentos em massa dos ciclótímicos e esquizotímicos, ciclóides e esquizóides, cuja acção mecanóide na evolução dos complexos [históricos] me parece evidente”⁵¹. Estas classes biológicas não se confundiriam com as classes sociais, antes as atravessando transversalmente. Os ciclótímicos, que

⁴⁶ O próprio autor o reconheceu, desde logo ao classificar o seu ensaio como “apenas e somente uma conclusão-resumo, sem bibliografia nem desenvolvimentos de ordem crítica” (*Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, p. 4). No artigo final, relembra a natureza e os limites do “esquema que acaba de ser publicado”, com as seguintes palavras: “na exposição que foi feita não foi incluída nem documentação, nem bibliografia, nem a discussão da teoria sob o ponto de vista do método da concepção”. E acrescentou: “demos apenas (...) alguns extractos gerais extraídos dos elementos que possuímos, e das conclusões a que tínhamos chegado” (Abel Salazar, “A crise europeia (conclusão)”, *Sol Nascente*, n.º 33, 1.1.1939, p. 3).

⁴⁷ Abel Salazar, “A crise europeia. Esquema de uma teoria biomecânica da história, I”, *Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, p. 4.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 5.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 13.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 13.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 13.

tenderiam para a moderação, estariam predispostos para a tolerância, a democracia, a ciência e a experiência; os esquizotímicos, que tenderiam a ocupar os extremos, manifestariam propensão para o autoritarismo, o dogmatismo, a rigidez moral e política, heróica ou cruel.

A análise comparativa da evolução de várias civilizações revelaria que a componente social esquizóide, com as suas características místicas, patéticas e autistas, se acentuaria nos períodos de decadência que fechariam cada um dos ciclos civilizacionais.

Seria o que se passaria na Europa sua contemporânea, com uma "hegemonia da mentalidade esquizotímica" evidente, expressa designadamente na evolução política da Rússia, da Alemanha e da Itália⁵².

Esta crise europeia anunciaria o fim de uma época áurea, que se iniciara com o Renascimento, e encerraria, em futuro próximo, num período europeístico, análogo, como o sufixo comum sugere, ao da decadência helenística⁵³.

Simultaneamente, traria já consigo alguns dos sinais que anunciavam "o prelúdio de uma civilização futura, de um novo complexo histórico"⁵⁴.

A capacidade para enfrentar a crise própria deste ocaso de actual etapa civilizacional beneficiaria da autoconsciência inerente à revelação do sentido do devir histórico. Seria um esclarecimento que, apesar de não permitir alterar a tipologia humana e, por isso, não facultar os meios para regenerar o fundamento primeiro da biomecânica da história, possibilitaria uma relativizante "tolerância compreensiva" e alguma "progressão moral"⁵⁵.

⁵² Cf. *Sol Nascente*, n.º 14, 1.9.1937, p. 12. Nos períodos de decadência prevaleceria "a hegemonia da vida instintiva, emotiva e animal" (*Sol Nascente*, n.º 27, 1.4.1938, p. 10) e a "dissolução mística do pensamento" (*Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, p. 14).

⁵³ Cf. *Sol Nascente*, n.º 16, 1.10.1937, p. 10.

⁵⁴ *Sol Nascente*, n.º 26, 15.3.1938, p. 3.

⁵⁵ Acerca do valor moral da biomecânica, Abel Salazar escreveu: "só pelo 'conhecimento', o homem-máquina e a História-máquina se podem erguer acima desse maquinismo, dessa luta cega e fatal de conflitos. Acima deles erguer-se não é, certamente, suprimi-los, mas a condição essencial não já para os vencer, mas para os diminuir nos limites do possível, isto é, das condições impostas pela vida. (...) Desta forma a Psico-Somática contém em si um capital elemento moral, como elemento essencial que permite ao homem pairar sobre o próprio determinismo da sua acção; pode conduzi-lo a uma mais profunda compreensão da vida social, e assim do homem, com as suas qualidades e defeitos, singularidades, paradoxos e miragens. E esta 'tolerância compreensiva' é o melhor dos calmantes sociais, nas crises de exaspero em que o homem alucinado vê contra si próprio virar-se o destino em oposição catastrófica". E, adiante, acrescentou: "a esquizotimia é uma força que é pre-

O anelo de vulgarização da teorização psicossomática e da sua aplicação à história que pulsa nesta série de artigos, assim como o intento de exposição e de defesa das teses do empirismo lógico, que desencadeou e atravessou as polémicas citadas, fizeram-se sentir igualmente em diversas outras peças de autoria do cientista portuense.

Devem-se-lhe diversas notas avulsas⁵⁶, os artigos da secção “Movimento Científico Português”⁵⁷, a iniciativa da tradução e publicação de textos de Marcel Boll⁵⁸, a criação da secção “Trechos selectos dos principais filósofos contemporâneos”⁵⁹, com que pretendia dar a sensação de noticiar o evoluir de um vasto movimento científico e cultural conforme, em diferentes instâncias, às teses que sustentava.

Apesar de este fulgor doutrinário não ter exercido junto dos colaboradores da revista uma persuasão proporcional à sua intensidade, encon-

ciso domar, orientar – e não suprimir. (...) O valor moral da caracterologia – como de toda a ciência – consiste precisamente em ser um auxiliar precioso nesta progressão do homem na aquisição de uma mais perfeita consciência de si próprio, da vida social e da história: – e essa progressão é o único meio de uma correspondente progressão moral” (Abel Salazar, “A crise europeia”, *Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, pp. 3 e 15).

⁵⁶ Designadamente na secção “Revista das Ideias”, de que foi, durante longo período, o único redactor. Nas suas recensões sobressai, desde o início, a aplicação da compreensão geral da história e da personalidade que perfilhava ao teor concreto das obras que aprecia (cf., v. g., *Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, p. 13).

⁵⁷ Assinados com as iniciais A. S. São quatro artigos: “A obra didáctica dos Profs. Celestino Costa e Roberto Chaves” (*Sol Nascente*, n.º 14, 1.9.1937, p. 14), “A obra matemática do Prof. Ruy Luís Gomes” (*Sol Nascente*, n.º 15, 15.9.1937, p. 6), “Mecânica relativista, por Gago Coutinho in *Seara Nova*” (*Sol Nascente*, n.º 20, 1.12.1937, p. 5), “O matemático e filósofo António Monteiro” (*Sol Nascente*, n.º 27, 1.4.1938, p. 13).

⁵⁸ Cf. Marcel Boll, “Uma crítica científica” (*Sol Nascente*, n.º 3, 2.3.1937, pp. 4 e 15) e “Determinismo, Contingência, Fatalidade em Psicologia” (*Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, p. 11). Marcel Boll foi apresentado como “homem de ciência de renome nos meios franceses, tradutor e prefaciador dos trabalhos da Escola de Viena”. O seu nome e a sua actividade editorial são muito frequentemente citados na revista, em termos que tornam inequívoca a mediação francesa na recepção portuguesa da Escola de Viena.

⁵⁹ “De Marcel Boll: Determinismo, Contingência, Fatalidade em Psicologia” [com nota remetendo para a tese de doutoramento de Abel Salazar] (*Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, p. 11); “De Louis de Broglie” [com duas notas não assinadas, mas de Abel Salazar] (*Sol Nascente*, n.º 13, 15.8.1937, p. 10). “De Hans Reichenbach” (*Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, p. 14); “De J. T. Nibaud – Vida e matéria” [com nota atribuível a Abel Salazar] (*Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, p. 8); “Julien Pacotte – Do metafísico” (*Sol Nascente*, n.º 25, 15.2.1938, p. 16); “J. Thibaud” [com nota atribuível a Abel Salazar] (*Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, p. 12).

tramos nas páginas do quinzenário diversas manifestações de adesão às concepções divulgadas, umas sumárias e fortuitas, outras estruturadas e aparentemente duradoiras.

Entre as primeiras, distinguem-se alguns respigos vocabulares intencionais, dispersos por vários artigos de crítica e de circunstância que, contudo, assinalam, por regra, mais a permeabilidade momentânea de alguns articulistas a uma nova linguagem do que o uso doutrinal e judicioso dos seus conceitos⁶⁰.

Entre as segundas, destaca-se a "Introdução à Teoria da Relatividade Restrita" de Ruy Luís Gomes. É um texto de enquadramento epistemológico, que perfilha explicitamente, a propósito da natureza da teoria científica, as principais teses neopositivistas da Escola de Viena⁶¹.

Contudo, pode-se concluir, em termos gerais, após uma apreciação global do teor da revista, que nem a intensa produção de artigos, com que respondeu ao apelo inicial dos fundadores de *Sol Nascente*, nem o

⁶⁰ Cf., v. g., Afonso Castro Senda, "Variações em 5 tempos", *Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, p. 10; João Alberto, "A propósito da exposição de pintura de Augusto Tavares", n.º 8, 15.5.1937, p. 12; J. Soares Lopes, "Trabalho de Educação", n.º 12, 1.8.1937, p. 3.

⁶¹ Ruy Luís Gomes, "Introdução à Teoria da Relatividade Restrita", *Sol Nascente*, n.º 32, 1.12.1938, pp. 2 e 3, e n.º 33, 1.1.1939, p. 2. Reproduz-se a "introdução" que Ruy Luís Gomes escreveu para a sua *Teoria da Relatividade Restrita*, publicada pelo Núcleo de Matemática, Física e Química e pela Livraria Sá da Costa, em Lisboa, no ano de 1938. Este texto do "moço e já ilustre professor Ruy Luís Gomes", "admirador e propagandista da grande obra do Círculo de Viena" – nas expressões de Abel Salazar (A. S., "A obra matemática do Prof. Ruy Luís Gomes", *Sol Nascente*, n.º 15, 15.9.1937, p. 6) – constitui, simultaneamente, uma apresentação abrangente e estruturada da natureza hipotético-dedutiva da teorização científica e uma defesa da filosofia como "actividade particular que visa descobrir e estabelecer o sentido das proposições". Excluídos os artigos de Abel Salazar, é a peça mais relevante de divulgação do neopositivismo que se publicou na revista. Ainda que na longa e redundante apresentação que acompanha a publicação do artigo – certamente de autoria de Abel Salazar – a sua origem seja unicamente relacionada com a série de conferências sobre o tema, de que Ruy Luís Gomes havia sido o orador, promovidas pelo Núcleo de Matemática no final de 1937, o seu teor é ainda condizente com o dos artigos que o matemático português publicou na *Seara Nova*, como crítica aos que o Almirante Gago Coutinho dedicara à "mecânica clássica e a mecânica relativista", os quais haviam sido zurrizados por Abel Salazar, constituindo mesmo a causa próxima do reatar da polémica com António Sérgio (cf. Ruy Luís Gomes, "A relatividade. Origem, evolução e tendências actuais", *Seara Nova*, n.º 541, 25.12.1937, pp. 283 e 284; n.º 543, 8.1.1938, pp. 331 a 333; n.º 545, 22.1.1938, pp. 379 a 381; n.º 547, 5.2.1938, pp. 4 a 7; n.º 550, 26.2.1938, pp. 75 a 77; n.º 553, 19.3.1938, pp. 152 a 155).

inequívoco prestígio pessoal e intelectual de que desfrutava conduziram a uma aceitação representativa e perdurável, junto de redactores e colaboradores, do pensamento filosófico, antropológico e histórico que tão insistentemente promoveu.

Para quem foi, de facto, o autor principal e a figura de referência da revista, ao longo de grande parte da sua vida, o seu magistério doutrinário pouco frutificou.

Uma última nota para referir que a colaboração de Abel Salazar não se limitou à produção escrita. Foi autor de três gravuras que ilustraram outras tantas capas, bem como de três desenhos a carvão no corpo da publicação⁶². Era o conselheiro a que os jovens colaboradores recorriam, com quem tiravam dúvidas, se orientavam nas leituras e convergiam nos interesses culturais. Acompanhou, de perto, a própria vida administrativa⁶³. Contribuiu, igualmente, com a doação de diversos quadros, destinados a serem vendidos, revertendo os fundos obtidos para o equilíbrio, sempre precário, das finanças da publicação. Certamente, utilizou a influência de que dispunha junto de homens de letras e de meios culturais portuenses, sempre que a vida difícil da revista o requereu.

⁶² Capas: *Lavadeiras* (estudo litográfico), n.º 21, 15.12.1937; *Cena na doca* (desenho a carvão), n.º 29, 15.5.1938; sem título (desenho a carvão), n.º 31, 15.8.1938. Outras ilustrações: Sem título (desenho a carvão), n.º 23, 15.1.1938, p. 10; *No túnel da Alfândega* (desenho a carvão), n.º 43-44, Março de 1940, p. 12; *Cena no cais* (desenho a carvão), n.º 43-44, Março de 1940, p. 13.

⁶³ José Soares Lopes testemunhou-o, ao recordar "o conselho prudente sobre a máquina administrativa, quão deficiente e quão romântica, o esclarecimento das dúvidas e dos problemas em permanente equação, a informação constante, o entusiasmo optimista e juvenil como o dos mais jovens de todos, tudo Abel Salazar deu fervorosamente à nossa publicação" (José Soares Lopes, "Abel Salazar e a revista 'Sol Nascente'" in Luísa Garcia Fernandes (org.), *Abel Salazar – Retrato em movimento*, Porto, Campo das Letras, 1998, p. 106).

individuals' personal characteristics, the distribution of their
resources, and the nature of the environment. The model
proposed in this paper is based on the following assumptions:

1. The individual's resources are distributed among
different activities. The distribution of resources is
determined by the individual's preferences and the
availability of resources.

2. The individual's preferences are determined by
the individual's characteristics and the environment.
The individual's preferences are assumed to be
stable over time.

3. The individual's resources are assumed to be
fixed. The individual's resources are assumed to be
fixed because the individual's resources are assumed
to be fixed over time.

4. The individual's preferences are assumed to be
stable over time. The individual's preferences are
assumed to be stable over time because the
individual's preferences are assumed to be stable
over time.

5. The individual's resources are assumed to be
fixed. The individual's resources are assumed to be
fixed because the individual's resources are assumed
to be fixed over time.

6. The individual's preferences are assumed to be
stable over time. The individual's preferences are
assumed to be stable over time because the
individual's preferences are assumed to be stable
over time.

7. The individual's resources are assumed to be
fixed. The individual's resources are assumed to be
fixed because the individual's resources are assumed
to be fixed over time.

Outros articulistas relevantes

A colaboração de Abel Salazar, ainda que vultuosa e teorizante, não esgotou o teor programático do quinzenário que conheceu, desde o primeiro número, diferentes polarizações conceptuais e doutrinárias, resultantes das diferentes convicções e dos distintos interesses dos seus articulistas principais.

Se atendermos, em primeiro lugar, à orientação programática explícita, há que destacar o contributo de José Soares Lopes, autor do editorial "Fundamento"¹, com que a revista se apresentou na capa do número de estreia, membro, por longo período, da sua Comissão Directiva² e redactor dos textos de orientação anarquista mais significativos.

O discurso de Soares Lopes estruturou-se a partir do significado que atribuiu à cultura, que permitiria "compreender a humanidade"³, não num quadro de simples ilustração mas, fundamentalmente, nas implicações próprias da razão prática que "nos fornece as margens calmas e sossegadas de uma ética que nos construa, de uma responsabilidade que nos defina, de uma vontade que nos faça homens da época"⁴.

Valorizou, conseqüentemente, "o trabalho de educação"⁵, em que fundamentara a existência do próprio quinzenário.

A pedagogia defendida, que apresentou como sendo de herança ateniense, caracterizar-se-ia pelo espírito crítico, teria a ciência como lema,

¹ Cf. Alfredo Ribeiro dos Santos, "Revistas do Porto – 'Sol Nascente'", *Comércio do Porto*, 3.12.1980. É de assinalar que os textos em que o *Sol Nascente* se dirige ao leitor mantêm, durante a primeira metade da sua vida, quer o teor geral do "Fundamento" (reafirmado explicitamente no n.º 16, de 1 de Outubro de 1937), quer, na maioria dos casos, o tom e o estilo deste texto de apresentação. O papel relevante que José Soares Lopes desempenhou na revista é condizente com o facto de seis dos sete artigos que assinou serem publicados na terceira página, o lugar de maior destaque na publicação, já que a capa era ocupada por reproduções de obras plásticas e pelo sumário e a última página destinada, por regra, a notas avulsas.

² Com Lobão Vital e Carlos Barroso, nos primeiros cinco números, e só com Carlos Barroso até ao número 26, editado em 15 de Março de 1938.

³ "Fundamento", *Sol Nascente*, n.º 1, 1.4.1937, p. 1.

⁴ J. Soares Lopes, "Obra de cultura", *Sol Nascente*, n.º 7, 1.5.1937, p. 3.

⁵ Cf. J. Soares Lopes, "Trabalho de educação", *Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, p. 3.

SOL

nascente

COMISSÃO DIRECTIVA:
CARLOS F. BARROSO
LOBÃO VITAL
J. SOARES LOPES

EDITOR E PROPRIETÁRIO:
Dilemundo Marinho

Redacção e Administração:
Rua do Paraíso, 56 - Pórtico

Computado e impresso em
— Tipografia Clássica —
T. de Cadafaz, 56 - Pórtico

TICA — 30 de Janeiro de 1937 — NÚMERO 1

QUINZENÁRIO DE CIÊNCIA, ARTE E CRI

FUNDAMENTO

A OBRA QUE «SOL NASCENTE» PRETENDE REALIZAR REVESTE-SE DE ASPECTOS CLAROS E DE FINALIDADES AMPLAS. GUIADO POR UM DESAMOR PROFUNDO ÀS PAIXÕES E ÀS CEGUEIRAS, ORIENTAR-SE-Á PELA MAIS SERENA VISÃO CRÍTICA, NOS PROBLEMAS QUE SEJA LEVADO A TRATAR EM SUAS PÁGINAS; TENDO COMO FIM CONTRIBUIR PARA O ELEVAMENTO DO NÍVEL CULTURAL PORTUGUÊS, JUNTANDO OS SEUS ESFORÇOS AOS OUTROS NOBRES ESFORÇOS QUE SE AFIRMAM, «SOL NASCENTE» NÃO ESQUECE A FRASE LÍMPIDA DO NOSSO EÇA: O FIM DE TÔDA A CULTURA HUMANA CONSISTE EM COMPREENDER A HUMANIDADE.

SENTINDO O VALOR DA SERENIDADE, NO MUNDO DESVAIRADO, APERCEBENDO-SE DE QUANTO VALE O AUTO-DOMÍNIO, NO MUNDO QUE NÃO SE DOMINA, «SOL NASCENTE» MANTERÁ UMA FEIÇÃO DE EDUCATIVA ANÁLISE DOS VALORES E DOS FACTOS, NÃO SE ENTREGANDO DE LEVE ÀS APRECIACÕES INFUNDAMENTADAS E IMPRECISAS. QUERE TER UMA NORMA, QUE ENCONTRA NUM PENSAMENTO DE CONCÓRDIA, ASSENTE NUMA FÓRMULA MORAL DE IDÊNTICOS DIREITOS E DE MÚTUO RESPEITO.

ASSIM, EM POUCAS PALAVRAS, CRÊ DAR A PRIMEIRA DEFINIÇÃO DO QUE PRETENDE; A SUA OBRA DIRÁ DO SEU VALOR.

SOL NASCENTE.

PUBLICA-SE HOJE: FUNDAMENTO □ A RESSURREIÇÃO DOS DEUSES GREGOS — por Luiz de Sanjusto □ VIDA E MORTE — poema de José Régio □ POEMA DE UM DIA DE SOL — por André Valmar □ CONFISSÃO DE FÉ — por Abel Salazar □ MIGUEL UNAMUNO JUGO — por João Alberto □ INTRODUÇÃO A UM ESTUDO DA PINTURA MODERNA — por Pierre de La Rue □ DIA DE CAVA — conto por Afonso Ribeiro, com um MOTIVO de Azevedo □ FINALIDADE — Soneto de Lygia □ PIRANDELLO — por Paulo Pombo, com uma gravura de Azevedo □ O HOMEM — por Carlos de Sousa Estrada □ DE SOL A SOL, etc. —

U M E S C U D O

Primeira definição da missão do quinzenário.

recusaria a especulação assente “em coisas vagas e insubsistentes” e privilegiaria o processo de autodescoberta e de melhoramento progressivo do indivíduo.

Pretendia-se que a “educação seja construtora de personalidades e que ela vise – como todos querem – a edificar tentativas de consciencialização; que o conceito kantiano do homem valendo por si não seja relegado e que tudo se vire para ele”⁶.

Pela educação, os indivíduos tornar-se-iam homens íntegros e bons, tendo a heroicidade por referência moral e estética.

O herói, que “realiza o que de mais harmonioso, e, por isso, mais sugestivo, mais encantador e mais nobre possui a humanidade”, serviria, simultaneamente, os desígnios colectivos, pois “contém uma força de utilidade a favor da grei”, e a vocação pessoal, já que “o herói mais total é o que vive sem abdicar nunca, dolorido e sangrando pelas pressões exteriores, o seu magnífico sonho de beleza”. Faria da vida uma obra de arte, “vivida em toda a sua profundidade e extensão, nas vibrações mais largas, desde o cúmulo das dores até à percepção perfeita dos melhores prazeres e das mais sãs alegrias”⁷.

Sendo a heroicidade a expressão plena da formação integral do indivíduo, o esforço de aperfeiçoamento pessoal teria nas constelações de grandes heróis o seu firmamento.

Exemplo e testemunho ganham, em consequência, claro valor educativo.

“O clarão da beleza estóica” de Epicteto; “a serenidade crítica, o esforço esclarecido, o indivíduo contra o gregário”, quer de “Cristo contra a multidão blasfema e malvada”, quer de “Hipátia contra os cristãos”⁸; Buda apresentado como “o reformador espiritual pela generosidade”⁹; Tolstoi e a lição dada pelo “seu *élan* espiritual, a sua corajosa busca do perfeito, o que há de energia nessa tentativa, falida, gloriosa e humana”¹⁰; eis exemplos de expressões que assinalam a conversão de alguns homens em heróis, ao terem sabido cultivar, de forma excepcional, os grandes desígnios que se supunha estarem inscritos na condição humana.

⁶ *Idem, ibidem.*

⁷ J. Soares Lopes, “Heroísmo e concepção estética da existência”, *Sol Nascente*, n.º 14, 1.9.1937, p. 3.

⁸ *Idem, ibidem.*

⁹ J. Soares Lopes, “Quando Buda morria”, *Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, p. 4.

¹⁰ J. Soares Lopes, “A lição de Tolstoi”, *Sol Nascente*, n.º 5, 1.4.1937, p. 3.

• A dimensão colectiva e histórica que resultaria da formação dos indivíduos, no seu vínculo aos imperativos racionais e éticos, seria dada pelo conceito de geração.

• Haveria esforços – e gerações – que se perderiam, já que “não ter ao lado de si a identidade de aspirações iguais, de sentimentos comuns, de generosidades idênticas, é perder a vida no vazio, deixar que ela corra infecunda, levada pela incompreensão de que a objectividade das ideias se vai afirmando na medida em que se tornam de susceptível realização”¹¹.

• Para que assim não fosse, “as gerações que brotam, no fluir impetuoso da vida, deviam ter (...) assento garantido na existência, um à-vontade na sua determinação específica, um reconhecimento ao arbítrio do seu sentir”, o que seria proporcionado pelas “gerações de hoje”¹², às quais “compete olhar as que se apresentam no palco da vida”.

• Dever tanto mais assinalável quanto, ainda segundo José Soares Lopes, “os postulados da moderna ciência (...) exaltam com reconhecida verdade que, na vida complexa, no seu emaranhado e no seu desemaranhar, há sempre lugar (...) para a ‘pessoa’ dignificada e, no conceito de um moderno, para o ‘homem humanizado’”¹³.

• Neste quadro, a revista representaria uma geração que se faz a si própria, segundo um projecto que seria tanto mais fecundo quanto mais educativo, formando, pela cultura, os jovens leitores e envolvendo-os, pelos ditames dela decorrentes, num processo de afirmação social de ideais compartilhados.

• A inclusão da “nossa existência na ideia de movimento intelectual e moral”¹⁴, atribuída ao contributo do *Sol Nascente* “para o elevamento do nível cultural português, juntando os seus esforços aos outros nobres esforços que se afirmam”¹⁵, não revelaria um sucedâneo de uma actividade política que estivesse impossibilitada de se exercer pelos meios que lhe seriam próprios, mas era tida, pelo contrário, como sendo, em si mesma, o instrumento de aperfeiçoamento individual e geracional capaz de transformar qualitativamente as sociedades.

¹¹ J. Soares Lopes, “Sobre novas gerações”, *Sol Nascente*, n.º 16, 1.10.1937, p. 3.

¹² *Idem, ibidem*.

¹³ J. Soares Lopes, “Espontaneidade da vida...”, *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, p. 3.

¹⁴ “Para uma maior expansão de ‘Sol Nascente’”, *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, p. 2.

¹⁵ *Sol Nascente*, n.º 16, 1.10.1937, p. 2.

Foi um labor que a direcção não limitou à publicação da revista, antes o tendo estendido ao envio, para todo o país, de livros que estivessem à venda no Porto¹⁶ e ao propósito de criar “o grupo editor ‘Sol Nascente’”¹⁷, concretizado, mais tarde, ainda que de forma muito limitada, com a edição de um volume de novelas de Afonso Ribeiro e um outro com um longo poema de António Ramos de Almeida¹⁸.

A par da proximidade conceptual, facilmente verificável, entre os artigos de José Soares Lopes, a fundamentação editorial da revista e o seu teor geral, ao longo do período em que pertenceu ao seu Conselho Directivo, é igualmente visível a convergência entre as crenças culturais e políticas que expôs e aquelas que animaram explicitamente algumas outras colaborações, designadamente as assinadas por Luís Laranjeira¹⁹ e por Correia de Sousa²⁰.

¹⁶ Em nota, não assinada, intitulada “Cultura para o povo”, lê-se: “No intuito de facilitar às pessoas que se encontram retiradas dos grandes centros uma iniciação cultural, ‘Sol Nascente’ além de criar nesta casa uma secção de livraria para utilidade do público, encarrega-se de enviar para todo o país os livros que lhe forem requisitados e se encontrem à venda nas livrarias desta cidade. Este trabalho, que é acompanhado com o *Movimento Editorial* – lista de livros que se vão publicando e que ‘Sol Nascente’ insere número a número o mais bem informada possível –, tem ainda como complemento uma *Recomendação de livros*, recomendação esta que obedecerá à mais criteriosa selecção” (*Sol Nascente*, n.º 4, 15.3.1937, p. 5). Durante a primeira metade da vida da revista, esta iniciativa teve sequência, dando lugar a uma “Secção de livraria”, em que se indicam, segundo critério muito eclético, os livros que são vendidos por seu intermédio. É ainda de notar que o apelo à compra de livros, por esta via, foi repetido, em diversas ocasiões, sendo apresentado como um serviço aos leitores e simultaneamente um contributo para a sustentação financeira da publicação.

¹⁷ Cf. “Para uma maior expansão de ‘Sol Nascente’”, *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, p. 2.

¹⁸ Ainda no ano de 1937, foi anunciado que o conjunto de artigos intitulado “A Cultura e a Técnica”, de Álvaro Salema, iria constituir “o primeiro número de uma série de ‘Folhetos de Vulgarização Cultural’ que ‘Sol Nascente’ a seu tempo editará, no desejo cada vez maior de alargar, noutras actividades, o campo da sua acção” (*Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, p. 14). É de notar que, apesar de o conjunto dos artigos não ter sido publicado autonomamente nem os referidos “Folhetos” terem singrado, as Edições “Sol Nascente” vieram a constituir-se, tendo publicado, em 1938, *A Ilusão na Morte*, de Afonso Ribeiro, e, no ano seguinte, *Sinfonia da Guerra*, de António Ramos de Almeida.

¹⁹ Autor, designadamente, dos artigos “Isadora” (*Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, p. 2); “Um grave problema: a elevação cultural da gente que trabalha” (*Sol Nascente*, n.º 4, 15.3.1937, p. 9); “A moral e o livro” (*Sol Nascente*, n.º 10, 15.7.1937, pp. 5 e 14).

²⁰ José António Correia de Sousa publicou colaborações em onze números de *Sol Nascente*, a última das quais no n.º 27, de 1 de Abril de 1938. Apresentou uma visão geral

A própria tentativa de constituição de uma delegação da revista em Lisboa foi acordada com dois articulistas de simpatia libertária, Jaime Brasil e o referido Correia de Sousa, só não se tendo concretizado por o primeiro ter partido para Paris, onde se fixou temporariamente²¹.

Um outro articulista que se distinguiu, neste primeiro período da vida do quinzenário, foi Mando Martins²². Aliou uma escrita atraente, que em breves e sucessivos traços insinuava sugestões de sabor ensaístico, com a introdução incisiva de algumas das principais teses da orientação literária e artística que ganhou a designação de neo-realista e que dominou a segunda metade do percurso editorial da revista.

Logo num dos primeiros números, encontramos, num dos seus artigos, uma sucessão de questões doutrinárias que vieram, mais tarde, a tornar-se centrais. A arte seria uma “deformação subjectiva da realidade”, em conformidade com “as épocas e armações sociais”, tendo “que ser mais de tudo humana”, o que a colocaria contra “o dogma, ócio de aristocratas, da arte pela arte”. Estaria obrigada a “uma linguagem transparente de palavras simples – que comunique o seu calor à humanidade de cada um”, pois “a Ideia vale mais que por ser bela, por ser útil, e será tanto mais útil quanto maior o número de indivíduos a quem for distribuída”²³.

É, porém, de notar que a “literatura humana” que se defendia, neste primeiro artigo, não surgia como expressão de uma concepção particular

do papel da cultura na dignificação e na emancipação humanas, revelando, com extensão e em diferentes planos, as crenças e o imaginário que associava à promoção do saber. *Vide*, v. g., “O Dr. Nicolau Rubakine, apóstolo da instrução” (*Sol Nascente*, n.º 14, 1.9.1937, pp. 10 e 11, e n.º 15, 15.9.1937, pp. 11 e 15); “Da missão natural do homem” (*Sol Nascente*, n.º 16, 1.10.1937, pp. 6 e 14); “Das leis da competência” (*Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, pp. 10 e 11); “Promoção e consumo cultural” (*Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, pp. 14 e 15, e *Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, pp. 4 e 5).

²¹ Cf. Correia de Sousa, *Porquê? Para quê? Resposta a uma carta anónima*, Lisboa, Ed. Autor, 1938, p. 151. Jaime Brasil chegou a enviar correspondência de Paris (“Carta de Paris: Uma literatura de antecipação, que é apenas a ‘purga verbal’ dos instintos de destruição e morte”, *Sol Nascente*, n.º 24, 1.2.1938, p. 3).

²² Que, conforme nota da redacção passou “a assinar a sua colaboração com o seu nome civil: Armando Martins” (*Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, p. 13). Trata-se de Virgílio Armando Martins, que ficou conhecido como Armando Martins Janeira. A sua colaboração – quatro novelas e oito artigos – foi publicada entre 15 de Março de 1937 (n.º 4) e 1 de Dezembro de 1938 (n.º 32).

²³ Mando Martins, “Literatura humana”, *Sol Nascente*, n.º 4, 15.3.1937, p. 11.

do mundo, mas antes como manifestação de uma “quase ciência”, que conseguiria “pôr o homem a nu na sua humanidade sublime e reles”, residindo a utilidade que lhe é atribuída em “dar-nos o conhecimento vivo da profundidade humana do indivíduo, abrir um céu mais amplo à nossa visão da vida, o avolumar de agitação possante, rica, tumultuosa, a experiência de viver do nosso corpo”. Dostoiévski seria, de “entre todos os técnicos da literatura”, a referência.

Este entendimento da literatura e do seu significado forneceu alguns dos pressupostos que levaram Mando Martins a criticar a poesia de Régio e de Casais Monteiro.

A do primeiro porque seria “uma casa fechada sem janelas para a rua”, encerrando “lá dentro às escuras um homem torcendo-se em combates e dores que não procuram a comunicação para se lavarem em amor humano”. Era de lamentar que “um poeta de tanto talento não construa numa ânsia mais universal, vibrando nos seus versos a inquietação do que é colectivo dentro de si, a angústia do Homem que quer atirar aos outros o seu abraço social; e que olvide todas as lutas e aspirações do homem de hoje, mais massa do que em qualquer outra época, desorientado e dominado pela necessidade rápida de se decidir ante caminhos contraditórios que lhe prometem a felicidade”²⁴.

A falta de clareza seria o defeito da poesia de Casais Monteiro. Este teria a seu favor o facto de ser “o poeta mais Homem da nossa literatura”, com uma poesia que “vem abrir-se sempre numa risada saudável, de força, de entusiasmo pela vida, de amor profundo pelo imenso mundo do sol”, numa direcção tida por útil, “ainda que se mantenha homem individual em muito maior quantidade do que homem colectivo”, pois versa “a vida soberba e áspera, o trabalho, o domínio e têmpera boa na luta; e, ainda, a marcha para a decisão social, a vibração do colectivo no homem que quer realizar-se em afirmação certa”. O seu defeito seria “a confusão de descrição das ideias, o estilo escuro, só compreensível depois da segunda ou terceira leituras cuidadas”.

O sentido do artigo deixa-se resumir pelo seu apelo final: “espero, e comigo muitos rapazes, que Régio se faça mais social e comunicativo, a olhar para o mundo, porque há muitas dores além da sua, e Casais mais preciso em clareza, mais aberto à compreensão dos que querem saboreá-lo e compreendê-lo”.

²⁴ Mando Martins, “José Régio – Casais Monteiro, poetas”, *Sol Nascente*, n.º 20, 1.12.1937, p. 13.

É uma conclusão que continua – e que, na sua função polémica, executava – um programa, o de uma literatura útil, que desse “a vibração do colectivo no homem” e que fosse acessível, para que “a propaganda das suas [do escritor] ideias (toda a arte é propaganda de ideias) não seja prejudicada pelo inacessível da forma”.

A eleição das obras dos “dois mais originais poetas da nossa literatura actual” como termo de confronto e de afirmação dos pontos de vista próprios foi acompanhada pela insinuação de que entre os “rapazes” que o autor do artigo dizia estarem consigo se encontrariam os poetas que iriam respeitar os imperativos descritos.

Ainda que a perspectiva que preside a esta crítica não seja original²⁵, a sua publicação tem dois méritos significativos: por um lado, suscita a resposta de Régio; por outro lado, enuncia várias questões que serão posteriormente retomadas, por vezes com afinidade evidente, como se verifica no célebre artigo “Numa encruzilhada dos homens”, que Álvaro Cunhal publicou na *Seara Nova* e que o *Sol Nascente* reproduziu no seu número 37, isto é, ano e meio depois de ter publicado o de Mando Martins.

Régio acusou o seu crítico de seguir o caminho fácil das “pisadas já marcadas”, em vez de verificar com escrupulo o que ouviu. Em consequência, apelava a que “o meu amigo, desprezando lugares-comuns, juízos simplistas e preconceitos de origem político-social, fizesse o favor de reler algumas dessas cousas com mais vagar e *mais simpatia humana*”²⁶.

A polémica morre com a tréplica de Mando Martins, que pouco acrescenta à argumentação inicial²⁷.

Um outro desenvolvimento reflexivo e doutrinário introduzido por este articulista diz respeito à própria temática da elevação cultural, levantando questões que ainda não haviam sido abordadas na revista e de que resultava uma nova visão do relacionamento entre o homem culto e o povo.

Além de considerar que só era possível “instruir as camadas populares” através da linguagem popular e, em consequência, que não seria de

²⁵ Fernando Guimarães viu o anúncio desta argumentação crítica ao “*abstencionismo presencialista*” na entrevista de José Rodrigues Miguéis ao *Diário de Lisboa* de 22 de Março de 1935 (cf. Fernando Guimarães, *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, Porto, Inova, s. d., p. 107).

²⁶ José Régio, “Carta ao Senhor Mando Martins”, *Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, p. 11.

²⁷ Cf. Mando Martins, “Resposta a José Régio, que é carta aos mais escritores portugueses”, *Sol Nascente*, n.º 24, 1.2.1938, p. 14.

esperar que fossem essas camadas a elevarem-se até ao homem culto, mas este a dirigir-se-lhes, Mando Martins foi bastante mais longe, ao definir novas exigências e distinções que associa à pertinência e à eficácia da divulgação da cultura.

Por um lado, defendeu que “para cultivar o povo é preciso tomar no seu seio uma posição activa, conviver, sentir com Ele a sua vida, e dar-lhe para enriquecimento desta os ensinamentos da cultura”, sendo “preciso entrar (e não descer) no viver do povo”, no seio do qual se encontraria a verdade²⁸. Por outro lado, afirmou que “a cultura é uma actividade facciosa, pela multiplicidade de direcções elegíveis”, o que o levou a colocar a questão de saber “quem diz aos patriarcas da cultura apregoada que é a direcção e a subsistência da sua cultura a mais útil, mais humana, mais capaz de dar felicidade ao povo?”²⁹.

Estes pontos de vista são, obviamente, ricos de consequências, no que respeita à representação da militância cultural, com que a revista, desde o início, justifica a sua existência, e de cuja feita quinzenal é expressão concreta.

A simples divulgação ecléctica do saber, feita em nome da elevação cultural, por homens cultos que para o efeito se disponibilizam, podia não servir, com a utilidade desejável, as expectativas de autoconsciência e de autodeterminação individual e colectiva que se lhe associariam, pois não assentariam nem no conhecimento próximo do povo nem na avaliação concreta e efectiva da sua utilidade.

A insinuação da rejeição de expressões culturais menos úteis e de pontos de vista menos humanos e menos capazes de trazer felicidade às massas populares passou a ficar discretamente esboçada.

Simultaneamente, a possibilidade de passar da doutrina da cultura à cultura conforme à doutrina fica sugerida.

Seria uma passagem acompanhada pelo esbatimento do valor da referência científica na formação intelectual e pelo destaque conferido à

²⁸ Mando Martins, “Cultura e povo”, *Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, p. 14. Numa das quatro novelas que publicou em *Sol Nascente*, Mando Martins ilustrou este ponto de vista, ao relatar a vida de um jovem professor primário que passou de um período de desânimo, devaneio e alheamento, na aldeia em que leccionava, à vida solidária com o sofrimento e a dor dos aldeões, com quem se fez homem e ganhou a “alegria robusta de ser útil” (cf. Mando Martins, “O bafo da terra”, *Sol Nascente*, n.º 15, 15.9.1937, pp. 8 a 10).

²⁹ Mando Martins, “Cultura e povo”, *Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, p. 14.

literatura e às artes como meios de divulgação da concepção das coisas humanas tida por útil e pertinente.

Nas quatro breves novelas de Mando Martins publicadas no quinzenário, encontramos, além da concretização literária de opiniões que desenvolveu nos artigos referidos, uma forte simpatia pelo mundo rural, onde as qualidades populares são visíveis e enaltecidas³⁰, a par da depreciação do mundo citadino, representado como artificial, leviano, cínico e grotesco³¹.

Em termos gerais, o campo regeneraria e a cidade corromperia.

Esta simpatia, que é, pelo menos na aparência, estranha, pois seria de supor que as transformações sociais desejadas estivessem mais perto das sequelas e dos novos valores da revolução urbana do que da condição camponesa, não é isolada, antes dominante, manifestando-se num conjunto vasto de colaborações publicadas.

É tomada a peito, antes dos demais, por Afonso Ribeiro³², prosador neo-realista, que publica na revista uma longa série de "Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade", além de sete textos de ficção e diversas outras peças avulsas.

Afonso Ribeiro tinha o camponês imaginário, em nome de quem escrevia, como alguém severo e directo que definia, desde o início, os sentimentos que o animavam relativamente ao que designava por "super-civilizado irmão". Em poucas palavras o elucida: "embora não te ame muito e não te admire nada; embora a tua vida inútil seja uma afronta à minha vida de trabalho rude, escrevo-te sem invejas e sem ódios – que eu podia odiar-te e não sei se devia odiar-te"³³.

O iníquo mundo urbano seria o território da falta de humanidade e da ausência de uma vida exigente e efectiva. O citadino seria um ocioso, que

³⁰ Cf. "O bafo da terra", *Sol Nascente*, n.º 15, 15.1.1937, pp. 8 a 10.

³¹ Cf. "Fome da vida", *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, pp. 4 e 5; "Uma mulher", *Sol Nascente*, n.º 27, 1.4.1938, pp. 8 e 9; "Novela estúpida", *Sol Nascente*, n.º 32, 1.12.1938, pp. 14 e 15.

³² Afonso Ribeiro foi "um neo-realista da primeira hora", segundo João Pedro de Andrade, um dos críticos literários de *Sol Nascente*. (in Jacinto Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1979, p. 727). A sua colaboração na revista iniciou-se no número inaugural, com o conto "Dia de Cava", e terminou com o conto "João Ruivinho", no n.º 41, em Dezembro de 1939.

³³ Afonso Ribeiro, "Cartas dum imaginário camponês a um verdadeiro senhor da cidade", *Sol Nascente*, n.º 7, 1.5.1937, p. 8.

não pensava nem tinha aspirações, um ser afectado, por natureza egoísta e fraco, sem problemas nem dúvidas, vivendo em ambiente de *club*, teatro e de lugares de distração, condenado a reduzir o universo a si próprio, tudo desconhecendo, quer os homens, quer os desejos, quer "a tragédia medonha de que tantas vezes se reveste a luta pelo pão"³⁴. Não mereceria simpatia, mas, antes, dó. Estaria do lado da atonia, da morte.

Na aldeia encontraríamos, pelo contrário, as forças da vida, a energia sobre-humana que permitiria vencer as adversidades naturais e as injustiças dos homens, como um instinto informe e brutal que conferiria aos camponeses o alento de uma comum pulsão de resistência e de luta.

O que, nestas cartas, cinde o mundo urbano do mundo rural é, no essencial, do foro da associação da condição humana a duas circunstâncias de vida gregária radicalmente diferentes: uma ligando a natureza e a vitalidade; a outra, o artifício e a frivolidade.

Estas considerações são mais devedoras do imaginário do novelista do que construções conceptuais. Dão a conhecer a novela sem personagens, o enredo universal, que ordenava a sua ficção. Revelam os meandros fúteis e a natureza ensimesmada do homem citadino, tal como nos seria dado após se "desmontar as peças do relógio complicado que é o nosso *eu*"³⁵; cristalizam o ambiente aldeão, na sua "rude e sincera justiça"³⁶; insinuam a própria figura do melodrama como modalidade narrativa que daria expressão à irracionalidade vital que eleva o camponês à condição de herói positivo.

Ainda que eventualmente a traço cheio, estes textos do prosador que mais escreveu no *Sol Nascente* assinalaram a presença do campo e do ânimo rural como tópicos congénitos do imaginário da corrente literária de que foi um dos primeiros autores.

³⁴ Cf. Afonso Ribeiro, "Cartas dum imaginário camponês a um verdadeiro senhor da cidade", *Sol Nascente*, n.º 7, 1.5.1937, pp. 8 e 11; n.º 9, 1.6.1937, pp. 8 e 9; n.º 10, 15.6.1937, pp. 3 e 6; n.º 18, 1.11.1937, p. 9.

³⁵ Afonso Ribeiro, *Ilusão na Morte*, Porto, Edições Sol Nascente, 1938, p. 164.

³⁶ Afonso Ribeiro, "Cartas dum imaginário camponês a um verdadeiro senhor da cidade IV", *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, p. 9.

... e não se trata de uma simples questão de estilo, mas de uma questão de conteúdo. O texto em questão é um texto de natureza científica, e portanto, deve obedecer a certas regras de organização e de apresentação. A primeira delas é a clareza, que se manifesta na escolha de palavras e na construção de frases simples e diretas. A segunda é a objetividade, que se manifesta na ausência de opiniões pessoais e na apresentação de fatos e dados de forma imparcial. A terceira é a coerência, que se manifesta na organização lógica do texto e na conexão entre as ideias. A quarta é a coesão, que se manifesta no uso de conectivos e de outros recursos linguísticos que permitem a ligação entre as frases e os parágrafos.

... e não se trata de uma simples questão de estilo, mas de uma questão de conteúdo. O texto em questão é um texto de natureza científica, e portanto, deve obedecer a certas regras de organização e de apresentação. A primeira delas é a clareza, que se manifesta na escolha de palavras e na construção de frases simples e diretas. A segunda é a objetividade, que se manifesta na ausência de opiniões pessoais e na apresentação de fatos e dados de forma imparcial. A terceira é a coerência, que se manifesta na organização lógica do texto e na conexão entre as ideias. A quarta é a coesão, que se manifesta no uso de conectivos e de outros recursos linguísticos que permitem a ligação entre as frases e os parágrafos.

... e não se trata de uma simples questão de estilo, mas de uma questão de conteúdo. O texto em questão é um texto de natureza científica, e portanto, deve obedecer a certas regras de organização e de apresentação. A primeira delas é a clareza, que se manifesta na escolha de palavras e na construção de frases simples e diretas. A segunda é a objetividade, que se manifesta na ausência de opiniões pessoais e na apresentação de fatos e dados de forma imparcial. A terceira é a coerência, que se manifesta na organização lógica do texto e na conexão entre as ideias. A quarta é a coesão, que se manifesta no uso de conectivos e de outros recursos linguísticos que permitem a ligação entre as frases e os parágrafos.

... e não se trata de uma simples questão de estilo, mas de uma questão de conteúdo. O texto em questão é um texto de natureza científica, e portanto, deve obedecer a certas regras de organização e de apresentação. A primeira delas é a clareza, que se manifesta na escolha de palavras e na construção de frases simples e diretas. A segunda é a objetividade, que se manifesta na ausência de opiniões pessoais e na apresentação de fatos e dados de forma imparcial. A terceira é a coerência, que se manifesta na organização lógica do texto e na conexão entre as ideias. A quarta é a coesão, que se manifesta no uso de conectivos e de outros recursos linguísticos que permitem a ligação entre as frases e os parágrafos.

Poemas, prosas, reflexões e opiniões avulsas

O ciclo constituído pela primeira metade do percurso de *Sol Nascente*, além de poder caracterizar-se pela constelação dos quatro articulistas que destacámos, deixa-se definir, ainda no âmbito da diversidade própria do eclectismo que explicitamente o fundamentou, pelas muitas colaborações episódicas e por algumas secções temáticas circunstanciais que, de igual modo, lhe conferiram identidade e lhe deram corpo.

Entre as respostas de autores consagrados, a quem os jovens fundadores haviam solicitado colaboração, receberam, enviados pelos homens da *Presença*, dois originais de José Régio¹, um poema de Alberto de Serpa² e três apontamentos críticos de Adolfo Casais Monteiro³, bem como o texto de uma conferência de João Gaspar Simões⁴, enquanto que dos articulistas da *Seara Nova* provieram um conto de António Sérgio⁵, extensa prosa intimista de Irené Lisboa⁶, sete artigos de Castelo Branco Chaves⁷ e um texto de Hernâni Cidade⁸.

¹ De José Régio, a revista publicou um poema, *Vida e Morte* (*Sol Nascente*, n.º 1, 30.1.1937, p. 4), e um trecho de ficção, "Uma página qualquer de um romance em preparação 'A Casa Velha'" (*Sol Nascente*, n.º 3, 2.3.1937, pp. 8 a 10).

² Cf. Alberto de Serpa, "Um dos 'instantes anónimos'", *Sol Nascente*, n.º 4, 15.3.1937, p. 5.

³ De índole variada: "Sobre o pintor Ventura Porfírio" (*Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, pp. 6 e 7), "O senhor Júlio Dantas traiu M.me X" (*Sol Nascente*, n.º 14, 1.9.1937, pp. 5 e 15) e "Maria Papoila", de Leitão de Barros" (*Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, pp. 8 e 9).

⁴ Cf. João Gaspar Simões, "Em defesa da poesia moderna contemporânea", *Sol Nascente* n.º 10, 15.6.1937, p. 10.

⁵ O convite dirigido aos seareiros foi registado em nota da *Seara Nova* não assinada, mas certamente de autoria de António Sérgio, em que se refere, a propósito dos directores de *Sol Nascente*, a "amável insistência com que nos têm pedido colaboração" (*Seara Nova*, n.º 539, 11.12.1937, p. 243). Sérgio colaborou com "Dialogueue no Tribunal da História" (*Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, p. 7).

⁶ Designadamente a série de onze textos intitulada "De um diário velho, preambular de outro", publicada entre os números 13 e 27 da revista, isto é, entre 15 de Agosto de 1937 e 1 de Abril de 1938. Irené Lisboa incluiu-os em *Solidão – Notas do punho de uma mulher*, publicado pelas Edições *Seara Nova*, no ano seguinte.

⁷ Publicado no período compreendido entre o n.º 2 (15.2.1937) e o n.º 17 (15.10.1937).

⁸ Excerto de uma conferência sobre Gil Vicente (*Sol Nascente*, n.º 11, 15.7.1937, pp. 4 e 5).

De Ferreira de Castro não foi publicada qualquer colaboração, ainda que lhe tenha sido solicitada e se tivesse colocado a possibilidade de reproduzir um trecho de obra inédita⁹.

Estas peças foram integradas, na sua maioria, nas páginas destinadas a textos literários originais, em que se reuniam criações de autores conhecidos com as de jovens que se pretendia revelar e estimular.

A vocação literária e artística da revista foi visível não só nestas páginas, presentes número após número, mas igualmente nas que são dedicadas à crítica das letras e das artes.

Nestas últimas, a circunstância de as notas de leitura não terem oficiais fixos contrastou com o facto de as notas de crítica das diferentes artes terem os seus especialistas. João Alberto, desenhador e pintor português, encarregou-se da crítica das artes plásticas; o pianista Eurico Tomás de Lima, da crítica musical; Alves Costa e Manuel de Azevedo da crítica de cinema.

Embora sem presença obrigatória, os artigos de temática educativa foram, igualmente, muito regulares, dando expressão a um interesse generalizado e diversificado quanto à pedagogia da chamada "escola nova", à condenação dos métodos autoritários e magistrais, ao conhecimento da criança, da sua psicologia e predisposições naturais para a aprendizagem, à adopção dos chamados métodos activos, de descoberta e de iniciativa pessoais¹⁰.

A atenção prestada, desde o início da publicação da revista, à literatura e à cultura brasileiras é, igualmente, merecedora de referência. Resultou, nesta primeira fase, de uma intenção de estreitamento do contacto inte-

⁹ Para o efeito, António Lobão Vital dirigiu duas cartas a Ferreira de Castro. A primeira, provavelmente subsequente à edição do n.º 1, em que diz ter tomado a "liberdade de vos pedir a vossa valiosa colaboração", a segunda, em resposta a carta de Ferreira de Castro, com carimbo de 7 de Março de 1937, em que agradeceu as "palavras de incitamento" e solicitou a cedência de "algumas páginas do livro de que nos falou, que tem em preparação" (Museu Ferreira de Castro, C.22972 e C.22300).

¹⁰ Os artigos de temática pedagógica iniciaram-se com um texto sobre Pestalozzi (Cardoso Júnior, "Pestalozzi", *Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, pp. 8 e 9), continuaram com a única colaboração assinada que Lobão Vital publicou na revista, dedicado à crítica do ensino magistral e do "urso", dois temas queridos de Abel Salazar (Lobão Vital, "O 'Magister Dixit'", *Sol Nascente*, n.º 3, 2.3.1937, p. 13), e estenderam-se a diferentes domínios conexos, da história da pedagogia à antologia de textos clássicos, do valor pedagógico da psicologia de Alfredo Adler ao elogio da escola única, entre muitos outros.

SOL

nascente

Comissão directiva :
Carlos F. Dacosta (Vice-
ctos) e J. Soares Lopes

Editor e proprietário:
Dilecmando Mazinho.

Redacção e Adminis-
tração (nov.) Rua do
Bonjardim, 629-Póvo

Comp. e imp. nas ofic.
O Peçmeico de Janeiro

tica ■ 15 de Setembro de 1937 ■ Número 15

Quinzenário cultural de literatura e ciê

PUBLICA-SE HOJE : «Cabeça Compostelana», quadro a óleo de Dominguez Alvarez ■ *De um diário velho, preambular de outro* — por João Falco. ■ *Beethoven e Debussy* — por João Alberto. ■ *Movimento Científico Português — A obra matemática do prof. Rui Lus Gomes* — de A. S. ■ *Isolamento* — soneto, de Marina Rica. ■ *Portugal de menino* — por Mário Sette. ■ *O bafo da terra* — espécie de novela, por Mando Martins. ■ *O Dr. Nicolau Rudakine, apóstolo da instrução (II)* — por Correia de Sousa. ■ *A Crise Europeia (II) Elementos e movimentos mecanóides* — de Abel Salazar. ■ *Geografia Económica* — por Francisco Pinto Bual ■ *Patriotismo* — por Castelo Branco Chaves ■ *DeSol a Sol*, etc., etc.



"Cabeça Compostelana"

ÓLEO DE
DOMINGUEZ
ALVAREZ

UM ESCUDO

Dominguez Alvarez distinguiu-se entre os artistas que colaboraram no quinzenário.

lectual luso-brasileiro¹¹, que se manifestou num interesse continuado em conhecer o “estado espiritual”, “único manancial e fonte geradora” do progresso dum povo¹², neste caso o “povo-irmão”, presente, designadamente, numa série de quatro artigos de Alberto Lima¹³, nas notas de leitura de Raul Rego¹⁴, na publicação das crónicas do escritor pernambucano Mário Sette¹⁵, na fixação episódica de colaboradores do quinzenário no Brasil, em diversos artigos e notícias avulsos.

Neste primeiro ciclo da vida da revista justifica-se, por fim, uma nota sobre o extenso artigo que Álvaro Salema intitulou “Cultura e técnica”¹⁶.

A tese que o artigo sustentava surgiu antecipadamente enunciada. Em nota solta anunciava-se que, “partindo do princípio de que os progressos de ordem técnica influem decisivamente no aspecto material da vida humana”, defendia-se ser de esperar “uma modificação igualmente decisiva nas tendências morais dos homens, porque a um progresso outro se seguirá, na fatalidade cronométrica dos fenómenos”¹⁷.

Deste modo, Álvaro Salema elaborou uma versão particular das crenças gerais que animavam a revista.

Partilhava, por um lado, o pressuposto de que a reforma moral e a emancipação social radicavam na interdependência solidária entre os

¹¹ Cf. Nuno Simões, “Mais um poeta brasileiro morto: Goulart de Andrade”, *Sol Nascente*, n.º 3, 2.3.1937, p. 3.

¹² João Alberto, “O Brasil contemporâneo e os seus poetas, através de uma conferência do Dr. João de Barros”, *Sol Nascente*, n.º 4, 15.3.1937, p. 3.

¹³ Com o título geral “Intercâmbio Luso-Brasileiro”, Alberto Lima publicou quatro artigos: “Considerações Gerais”, *Sol Nascente*, n.º 7, 1.5.1937, p. 12; “O livro e a leitura”, *Sol Nascente*, n.º 8, 15.5.1937, pp. 4 e 5; “O problema mercantil”, *Sol Nascente*, n.º 10, 15.6.1937, pp. 10 e 11; “O animismo recíproco e a sua evolução”, *Sol Nascente*, n.º 12, 1.8.1937, pp. 14 e 15. É ainda o autor da recensão de “A escrita pré-histórica do Brasil”, *Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, p. 11.

¹⁴ Cf. Raul do Rego, “‘Para que o Brasil continue’ de Armando de Salles Oliveira”, *Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, p. 7; “‘No Extremo Oriente – O Japão’ de Moreira Guimarães”, *Sol Nascente*, n.º 23, 15.1.1938, p. 12; “‘Bonitas e feias’ de Sebastião Fernandes e ‘Jamachi’ de Adonaide Medeiros”, *Sol Nascente*, n.º 27, 15.4.1938, p. 4; “‘Kukulcan’ de Eduardo Tourinho”, *Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, p. 5.

¹⁵ Cf. Mário Sette, “Portugal de menino”, *Sol Nascente*, n.º 15, 15.9.1937, p. 7, e “Carnaval do tempo antigo”, *Sol Nascente*, n.º 22, 1.1.1938, p. 6.

¹⁶ *Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, pp. 3 e 12; n.º 20, 1.12.1937, p. 7; n.º 21, 15.12.1937, pp. 3 e 16; n.º 22, 1.1.1938, p. 7; n.º 23, 15.1.1938, pp. 3 e 15.

¹⁷ “Técnica e moral”, *Sol Nascente*, n.º 15, 15.9.1937, p. 16.

diferentes domínios do saber, os clássicos saber fazer, saber agir e conhecer, numa visão unitária do progresso, simultaneamente técnico, ético-político e científico. Atribuía, por outro lado, o papel decisivo na criação de uma sociedade desejável e expectável ao desenvolvimento técnico, pois “o impulso universalista da técnica (...) actua universalmente no domínio da cultura, generalizando, por assim dizer, a pessoa humana e atribuindo-lhe a intensidade suprema como valor de uma civilização de que é o verdadeiro objectivo”¹⁸.

Ou seja, a técnica ofereceria “ao homem o caminho do universal enriquecimento do espírito”, “uma vasta racionalização da vida”, “a superestrutura que, sendo o resultado e a conclusão de todas as outras, nos dê a imagem certa de um sentido e de uma ordem – que sem dispensar a pluralidade nos conduza a um conhecimento da essência una do homem na sua mais intensa realidade vital”¹⁹.

Deste modo, a divulgação cultural, bem como o conjunto de consequências sociais que se lhe atribuíam, estaria inscrita na ordem do desenvolvimento da própria civilização, marcado pelo ritmo do progresso técnico e pela generalização das suas aplicações.

De acordo com Salema, estaríamos face ao quadro de uma “relação adequada em que a Cultura nos surja como resultado necessário e a técnica como agente indeclinável na perspectiva contemporânea da civilização; e assim absorvendo numa marcha única de reflexão o que no homem é esforço de elevação interior e de poder prático, no mais nobre sentido, e o que na máquina tem alcance mais radicalmente humano”²⁰.

Todo o artigo é expressão do optimismo antropológico próprio da crença na cultura como factor de aperfeiçoamento moral e, por si, capaz de subordinar o agir individual e, uma vez generalizada, a acção colectiva à ordem de fins que a racionalidade assinalaria aos humanos.

Independentemente das diferenças entre cada um dos discursos acerca da divulgação do saber como o grande problema da época e dos

¹⁸ Álvaro Salema, “Cultura e técnica V”, *Sol Nascente*, n.º 23, 15.1.1938, p. 3. No mesmo sentido, atente-se ainda nestas palavras: “substituindo ao indivíduo de mentalidade estreita, e comprimido numa função social limitada, a pessoa humana desenvolvida integral e livremente, a técnica verdadeiramente civilizada pode conduzir à mais vasta revolução possível: trazer a humanidade a cada homem e justificar a existência de todos na harmonia inabalável do conjunto” (*ibidem*).

¹⁹ *Idem, ibidem*.

²⁰ Álvaro Salema, “Cultura e técnica I”, *Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, p. 3.

contornos concretos do salto que representaria uma civilização que fosse conforme aos imperativos atribuídos à cultura, o artigo de Álvaro Salema reúne, ainda que numa leitura própria e, por vezes, sumária, o repositório mais completo, impresso no *Sol Nascente*, de convicções, razões e sugestões que estruturam as diferentes modalidades do discurso sobre a cultura, que constituíam o fundo programático e conceptual do quinzenário desde a sua fundação.

Pelo menos no plano simbólico, não deixa de ser interessante notar que a revista tenha anunciado a intenção inédita de publicar em “folheto de vulgarização cultural” o “valioso trabalho” de Álvaro Salema²¹, bem como tenha dado a conhecer, pouco depois, após a polémica com Sérgio se ter reavivado e quando a orientação editorial se começava a alterar, o pedido deste “marxista heterodoxo, imbuído do criticismo sergiano, de quem, aliás, se considerava discípulo”²² para que se tornasse público ter decidido “deixar, em todos os aspectos, a sua colaboração com *Sol Nascente*”²³.

²¹ Cf. *Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, p. 14.

²² A expressão é de Mário Soares, de quem Álvaro Salema foi professor de Filosofia, em 1941-1942, tornando-se, em seu dizer, um dos três homens que o teriam marcado profundamente (cf. Mário Soares, *Portugal Amordaçado. Depoimento sobre os anos do fascismo*, Lisboa, Arcádia, 1974, p. 23).

²³ Cf. *Sol Nascente*, n.º 24, 1.2.1938, p. 15.

A passagem para Coimbra

Na segunda metade do seu percurso, a revista *Sol Nascente* perdeu a natureza ecléctica que a havia definido, para se tornar órgão de uma só doutrina, tendo passado a executar a estratégia política e cultural de um grupo coeso de articulistas, que nela divulgou a sua visão da história e do mundo, definiu o ideário da sua militância, elaborou um discurso próprio sobre a literatura e a arte.

Transferiu, simultaneamente, a totalidade da actividade de direcção editorial e parte da sua rudimentar estrutura administrativa para Coimbra.

No Porto, permaneceram Carlos Barroso, que a partir do número 27 passou a ser o único director, mais formal do que efectivo, e Dilermando Marinho, que se manteve como proprietário. A sede oficial¹ e o arquivo, bem como o trabalho de composição e de impressão, nas oficinas de *O Primeiro de Janeiro*, também aí se conservaram.

A redacção da revista, a própria recepção de correspondência e a expedição passaram para Coimbra.

Como também passou Manuel de Azevedo², o *factotum* da publicação, que se instalou no quarto do estudante Jorge Mendonça Torres³, sobrevivendo com o apoio dos companheiros da publicação e com os rendimentos de explicações.

¹ O endereço da sede da redacção e da administração, indicado no cabeçalho da revista, continuou a ser, durante a maior parte da sua segunda fase, o da residência, já referida, dos familiares de Manuel de Azevedo. Apresentou, porém, mais duas outras localizações. A primeira, entre os números 32 e 36, na Rua Mártires da Pátria, no número 160, próximo da sede da *Renasença Portuguesa*; a segunda, do número 42 ao 45, na Rua do Bonjardim, no número 433, já próximo da Baixa portuense, em estabelecimento comercial, cujo proprietário seria das relações de Manuel de Azevedo.

² Manuel de Azevedo inscreveu-se na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra no Verão de 1938. Porém, o que determinou a sua mudança para Coimbra não foi a continuação dos estudos que havia iniciado na Faculdade de Ciências do Porto, mas antes o prosseguimento da sua actividade de acompanhamento da edição e do expediente da revista. Permaneceu um ano nesta cidade, passando as tarefas locais, inerentes à edição da revista, a serem executadas, após a sua partida, por Fernando Pinto Loureiro.

³ Jorge Mendonça Torres (1915-2005) provinha de Matosinhos e frequentava a Faculdade de Direito. Era um jovem culto e grande leitor de literatura. Politicamente estava próximo do Partido Comunista e apresentava, no dizer de Alberto Vilaça, o estatuto típico



Cartão de Carlos Barroso, director do *Sol Nascente*, assinado por Dilermando Marinho, seu editor-proprietário.

Depressa o vasto quarto da casa da viúva de Ponce Leão, com vistas para as Urselinas e para o Arco da Traição, se converteu em sede da redacção da revista e em local de encontro daqueles que giravam em seu torno, por vezes desconhecidos do hóspede titular.

Curiosamente, esta sede improvisada situava-se junto ao CADC, bem como do edifício em que tivera assento a integralista *Nação Portuguesa*⁴.

No mesmo prédio, a revista veio ainda a dispor de um cubículo, cujo endereço, Rua da Couraça, n.º 38, passou a indicar como aquele para onde deveria ser dirigida “toda a correspondência”⁵.

do simpatizante: “sendo marxista-leninista, recebendo regularmente o *Avante*, a *Barricada* e os selos do SVI, pagando-os e colaborando com o Partido, todavia não era membro deste” (Alberto Vilaça, *Para a História Remota do PCP em Coimbra 1921-1946*, Lisboa, Edições “Avante!”, 1997, p. 145). Além de ter convertido o seu vasto quarto em sede efectiva da revista e ponto de encontro dos jovens que em seu torno giravam, colaborou regularmente na execução de tarefas administrativas, designadamente de correspondência e de expedição. Com o fim da publicação, ficou na posse de alguns dos seus documentos, incluindo o ficheiro de assinantes que, infelizmente, se perdeu.

⁴ O excesso de coincidências, na localização desta sede informal, justifica dois apontamentos de pura curiosidade. Um primeiro, para assinalar que a residência onde se integrava o quarto independente que servia de sede ao *Sol Nascente* já fora lugar de acontecimentos significativos na história cultural e política recente, pois tinha sido nos seus salões que Macedo Papança recebera regularmente António Sardinha, Alberto Monsaraz, Paulo Merêa, Cabral Moncada e Virgílio Correia, que viriam a ser figuras proeminentes do Integralismo Lusitano. Um segundo, para referir que a sede do CADC e dos *Estudos*, sua revista mensal de cultura e formação católica, se encontrava muito próxima. Esta, por seu lado, ladeava o local onde a *Nação Portuguesa*, órgão do Integralismo, tivera o seu primeiro assento.

⁵ Cf. *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.39, p. 10.

Na origem desta nova fase do *Sol Nascente* esteve a conjugação de uma difícil situação económica e financeira com o interesse de um grupo de jovens intelectuais de Coimbra, próximos de parte da direcção e da redacção portuenses, em disporem de uma publicação periódica com as suas características.

O simples compulsar da revista permite verificar, número após número, que a sua saúde económica não era proporcional ao prestígio dos seus colaboradores e à boa reputação que adquirira nos meios culturais e políticos oposicionistas.

A publicidade era escassa, o apelo à angariação de assinaturas repetia-se insistentemente, usavam-se expedientes para diversificar as fontes de financiamento.

Mas estas medidas – bem como a boa vontade dos que apoiaram a publicação com donativos, como o fez um comerciante libertário da Foz; empenhando jóias de família, como aconteceu com o proprietário da revista; doando quadros para venda, como Abel Salazar; ou perdendo dívidas, como se verificou com algumas facturas da tipografia – não impediram que no n.º 19 a Direcção falasse do “espectro do *deficit*”, ainda que o julgasse esconjurável pela angariação de assinaturas.

Apesar de o trabalho de directores e de outros responsáveis ser pura militância cultural e política, de toda a colaboração ser graciosa, de se ignorar o que fosse uma sede própria, de as despesas se reduzirem ao papel, composição, impressão e expedição, o destino do *Sol Nascente* esteve, desde os primeiros tempos, sombreado pela incerteza económica e pelo aperto financeiro.

Por um lado, os custos de produção tinham conhecido aumentos bruscos, tendo, por exemplo, duplicado o preço do papel no primeiro ano de edição⁶ (sem que o acréscimo de encargos se tenha repercutido no preço de capa, que se manteve de um escudo, ao longo de toda a sua história).

⁶ Os grandes apertos financeiros da publicação estiveram relacionados com o pagamento ao fornecedor de papel. Os empréstimos, as garantias dadas com bens pessoais, as letras sem solvência à vista, o receio de consequências judiciais disseram-lhe sempre respeito. Como abundante correspondência atesta, as relações entre Dilermando Marinho, Espain Neves e Manuel de Azevedo, administradores efectivos da publicação, e o sr. Horácio Melo, que lhes vendia o papel, converteram-se, frequentemente, em jogos de gato e de rato, acabando por redundar em situações tensas e aflitivas.

Por outro lado, a revista conheceu sempre uma circulação restrita, com tiragens pouco superiores aos mil exemplares por número⁷.

Mesmo junto dos estudantes da Universidade de Coimbra, e quando entre eles foi redigida, nunca ombreou com *O Diabo*, que foi sempre não só muito mais lido, como também encarado como mais representativo do universo dos que se reconheciam ideologicamente na orientação que, genericamente, foi comum às duas publicações.

É ainda de referir que, sendo a publicação suportada, fundamentalmente, pelo pagamento das assinaturas, já que a venda de distribuição comercial era, por certo, muito limitada, confrontava-se com a circunstância de ter um universo de assinantes constituído maioritariamente por jovens estudantes, com poucos recursos financeiros e com endereço frequentemente precário, o que não podia deixar de provocar contingência na recepção da publicação e incerteza na cobrança da renovação da assinatura.

As dificuldades financeiras acabaram por se acumular, ultrapassando em muito o limiar do que seria solucionável pela soma das boas vontades e dos esforços repetidamente ensaiados, comprometendo, conseqüentemente, a continuação da publicação⁸.

⁷ No editorial comemorativo do 3.º aniversário, pode ler-se: "*Sol Nascente* não é obra dum, de meia dúzia ou dum grupo: é obra do milhar dos seus leitores" (n.º 43-44, Março de 1940, p. 3). A estimativa de Armando Bacelar apontou igualmente para um milhar de revistas expedidas que, após endereçadas, seriam transportadas numa mala para os correios (entrevista a Armando Bacelar, em Lisboa, a 17 de Julho de 1995). Jorge Mendonça Torres, que foi responsável pela expedição durante o período de Coimbra, não a quantifica, referindo-se simplesmente a que a caixa que servia de ficheiro de assinantes era coisa pequena, já que eram poucos, como pequena era a tiragem, cabendo a totalidade dos exemplares em duas malas medianas (entrevista a Jorge Mendonça Torres, realizada em Lisboa, no dia 1 de Agosto de 2002). De acordo com postal recebido por Manuel de Azevedo, solicitando cintas para a expedição da revista de 1 de Junho de 1939, a publicação contaria, na região do Porto, com aproximadamente quatrocentos assinantes. Carlos Espain, em bilhete não datado, igualmente dirigido a Manuel de Azevedo, indica terem sido distribuídos 1200 exemplares (espólio de Manuel de Azevedo, na posse da família). A revista vendia-se igualmente em algumas livrarias, com destaque para a Bertrand, que também lhe servia de distribuidora, tendo chegado a receber 450 exemplares, o que foi considerado excessivo. Se supusermos, como é razoável, que as assinaturas e as vendas resultavam, em boa medida, da simpatia ideológica, é provável que os termos em que Abel Salazar se dirigiu a Sérgio tenham constituído um entrave à expansão do universo de assinantes da revista, do mesmo modo que a rede de relacionamentos e de cumplicidades dos universitários de Coimbra, na capital e nos jornais de província, tenha sido encarada como uma vantagem promissora.

⁸ A dívida ao fornecedor de papel atingiu os mil e duzentos escudos, o que era, na época, uma quantia com algum significado, como se depreende do facto de um dos quadros



José Soares Lopes

Foi neste quadro que um grupo de estudantes de Coimbra, próximos da fracção marxista da revista, propôs tomar conta do quinzenário e que a direcção do Porto teve por preferível ceder-lhe a publicação a dá-la como extinta, mesmo sabendo que a sua linha editorial de ecléctica reunião dos pontos de vista tidos por progressistas passava a ter os dias contados.

Quando, no cabeçalho do número 27, de 1 de Abril de 1938, José Soares Lopes, que havia redigido o texto de apresentação do *Sol Nascente* e desde o início figurava entre os seus directores, deixou de constar como integrando a Comissão Directiva, pôs-se simbolicamente fim ao ciclo portuense da revista.

Pouco depois, o grupo de Coimbra, que tinha tido uma presença no quinzenário muito modesta, mesmo menor do que a colaboração dos seus companheiros de ideário político que enviavam colaboração de Lisboa⁹, passou não só a dirigi-la como a distribuir entre si a redacção do essencial do seu teor.

o óleo oferecido por Abel Salazar ter sido vendido por cinquenta escudos. O proprietário e o director teriam reunido unicamente uma pequena parte deste valor, ficando a revista numa situação virtualmente insolvente (vide Luís Augusto Costa Dias, "A imprensa periódica na génese do neo-realismo (1933-45)", in *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-Realista 1933-1945*. Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo – Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1996, p. 42).

⁹ Como Armando Martins, Mário Dionísio e Frederico Alves.

Pela sua pena, o *Sol Nascente* converteu-se no órgão doutrinário e programático das concepções teóricas e políticas que constituíam a sua leitura do marxismo.

A seu respeito, passa a ser legítimo dizer o mesmo que nas suas páginas se escreveu a propósito de evolução similar no lisboeta *O Diabo*¹⁰: “abandonou o papel de veículo de opiniões desencontradas e várias, para ser, ele próprio, uma opinião”¹¹.

Os novos redactores afirmaram-no, aliás, explicitamente, no editorial do n.º 34, em que comemoraram o segundo aniversário da revista e consagraram a mudança: “*Sol Nascente* surgiu como um quinzenário cultural de orientação um pouco esfumada e imprecisa, limitando-se nos seus primeiros vinte números quase só à missão passiva de *arquivar* (...) porém, começou a pronunciar-se dentro da revista uma certa linha de pensamento, um certo *método*, que, pela simpatia conquistada, depressa conduziu à aceitação de uma doutrina”. Tal *método* e tal doutrina teriam convertido a publicação em órgão que “reage contra a metafísica e o psicologismo, apoiando-se na obra crítica do pensamento diamático; combate pelo neo-realismo como forma necessária de humanização da arte (...) constitui o

¹⁰ A evolução das duas revistas foi então paralela, tendo conduzido, também em *O Diabo*, à saída dos autores não marxistas, incluindo um significativo grupo de redactores e colaboradores de simpatia anarquista, em que se incluíam Ferreira de Castro, que fora seu director, e, entre outros, Assis Esperança, Jaime Brasil, Julião Quintinha, Emílio Costa e Cristiano Lima.

¹¹ *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, p. 14. A redacção de *O Diabo* não só reconheceu esta apreciação como adequada como a retribuiu, saudando, poucos dias depois, o *Sol Nascente* por seguir “a mesma orientação que tem guiado *O Diabo* nos seus últimos passos” (*O Diabo*, n.º 234, 18.3.1939, p. 3). As referências recíprocas multiplicaram-se e tornaram-se claramente intencionais. Jorge Domingues, que se distinguiu, com Mário Dionísio, como um dos redactores principais de *O Diabo*, em carta dirigida a Manuel de Azevedo, escrita em papel timbrado do semanário lisboeta e datada de 5 de Janeiro de 1939, sugere-as: “estamos assentes no seguinte: a frieza que existiu entre o ‘Sol Nascente’ e ‘O Diabo’ desapareceu totalmente (...) agradecia, se fosse possível, uma referência à nova orientação de ‘O Diabo’ (...) depois, de alguma utilidade imediata será também que se façam pequenas transcrições mútuas”, o que “levará o leitor de cada um dos jornais a interessar-se pelo outro” (espólio de Manuel de Azevedo, na posse da família). A concertação entre as duas publicações conheceu, na época, evolução significativa, tendo-se os seus representantes – Fernando Piteira Santos, Mário Dionísio, Manuel Campos Lima e Manuel da Fonseca, por parte de *O Diabo*; e Fernando Pinto Loureiro, Joaquim Namorado, Jofre Amaral Nogueira, Fernando Sá Marta, Armando Bacelar e Jorge Mendonça Torres, por parte do *Sol Nascente* – reunido em diversas ocasiões, de modo a coordenar a actividade editorial dos dois periódicos.

meio de alicerçar entre nós uma cultura e um pensamento (...) um *desideratum* da formação de uma verdadeira consciência colectiva”¹².

É de notar, desde já, que a passagem da coexistência de articulistas e de artigos com diferentes perspectivas para um órgão doutrinário marxista não foi, ao contrário do que consta neste editorial, uma transição espontânea, nem sequer, no essencial, uma cisão, com sentido inverso à que se anunciara no n.º 5, tendo antes representado a passagem da publicação para uma nova direcção efectiva, no essencial alheia à anterior, com orientação editorial e redactores principais distintos.

As tensões resultantes do conflito entre a orientação ecléctica e a perspectiva de orientação doutrinária única que se manifestam nas páginas do quinzenário testemunham-no.

O editorial do n.º 18 sugere claramente uma reacção a um qualquer designio ortodoxo: “o grupo editor de ‘Sol Nascente’ (em organização) não afirma constituir-se sobre uma base homogénea, com o fácil dogmatismo das ideias cerradas”. Embora não descure “a sua orientação própria, o seu específico ser (...) não tem a veleidade de afirmar-se um grupo que, cheio de contentamento das suas vistas definidas, vem trazer coisas novas, bizarramente novas, à vida do momento”¹³.

Outros textos, em números seguintes, igualmente da responsabilidade de quem escrevia em nome da revista, sinalizaram os conflitos internos que o percurso de mudança da linha editorial da publicação provocou.

Na contracapa do n.º 20, encontramos uma extensa lista de colaboradores, incluindo, por exemplo, António Sérgio, José Régio, Miguel Torga e Sant’Ana Dionísio, em que não pode deixar de se ver a reafirmação da perspectiva que entendia o quinzenário como ponto de encontro entre diferentes orientações culturais.

Sinal distinto, indicando a perspectiva oposta, encontra-se no n.º 24, quando numa pequena caixa se acrescenta ao título da publicação a expressão “revista do pensamento jovem”. A designação é, em si, ambígua e pouco esclarecedora, pois a referência à juventude, seu pensamento e acção, foi corrente nas diferentes vagas revolucionárias e modernistas¹⁴, sendo uma das muitas metáforas, entre as quais se inclui o próprio título

¹² *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, p. 3.

¹³ *Sol Nascente*, n.º 18, 1.11.1937, p. 2.

¹⁴ Ou mesmo entre os que são movidos tão-só por uma forte e imprecisa expectativa de transformação social, como foi o caso dos fundadores do já referido *Outro Ritmo*, que lhe deram exactamente o subtítulo de “Revista do pensamento jovem”.

da revista, que simbolizaram a proximidade de novas realidades emergentes. Porém, se for compreendida à luz da caracterização que Jofre Amaral Nogueira fez, poucos números volvidos, da sua geração, bem como das representações e das tarefas que atribuiu, sinalizava, em concreto, o marxismo¹⁵.

Por fim, uma breve nota dirigida “aos leitores”, publicada no n.º 32, parece assinalar a conclusão do processo de transferência para Coimbra. Justifica-se, por um lado, o longo hiato de tempo em que o quinzenário não foi publicado, de 15 de Agosto a 1 de Dezembro de 1938, atribuído à conjugação de diferentes causas: “a ausência da maior parte dos elementos do grupo editor durante o período de férias, o demorado cumprimento de certas formalidades burocráticas e muito especialmente as dificuldades financeiras com que esbarra sempre uma publicação desta natureza”. Assegura-se, por outro lado, que “com o novo ano lectivo cessou a primeira causa desta irregularidade”, ao mesmo tempo que se indica que “novos elementos se nos juntaram”, bem como “novos e valiosos colaboradores”¹⁶.

A suposição de que a transição do Porto para Coimbra só se encerrou, no domínio logístico e no âmbito editorial, durante o trimestre em que a revista não foi publicada pode ser corroborada por outros dados relevantes. Só então Manuel de Azevedo – que todos os relatos indicam ser decisivo na passagem do testemunho administrativo e na gestão da produção da revista – passa a estar inscrito na Universidade de Coimbra, abandonando, por um ano, o Porto. Os “novos elementos” e “novos colaboradores”, que constituíam o novo corpo redactorial da publicação, necessitaram desses meses para, uma vez regressados às aulas e concluídos os exames de Outubro, retomarem a edição da publicação.

¹⁵ O artigo encerrava com uma caracterização da nova geração, em que ressoava, claramente, o *Manifesto do Partido Comunista*: “só poderemos constituir uma geração nova na medida em que formos pelo mundo que tem tudo para ganhar contra o mundo que tem tudo para perder” (Jofre Amaral Nogueira, “O papel de uma nova geração”, *Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, p. 7). No número 30, em artigo intitulado “Para elucidação dos de mais de quarenta anos sobre a geração dos de menos de trinta”, assinado por Agnelo Mendes e Lúcio Teixeira (certamente pseudónimos circunstanciais, simbólicos e lúdicos, alusivos ao título e ao teor do artigo), esta identificação ideológica é explícita. A nova geração teria preferência “por uma filosofia humana, dialéctica e materialista” (Agnelo Mendes e Lúcio Teixeira, “Para elucidação dos de mais de quarenta anos sobre a geração dos de menos de trinta”, *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, p. 5).

¹⁶ *Sol Nascente*, n.º 32, 1.12.1938, p. 5.



Manuel de Azevedo esteve inscrito na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 1938-1939.

É do resultado final deste processo, inscrito, nos seus traços gerais na própria publicação, que o citado editorial do n.º 34 deu notícia.

Porém, nem foi o grupo marxista dentro da revista nem o desenlace de quaisquer tensões internas que forçaram uma cisão, pois a mudança radicou, como já se referiu, na falta de perspectiva, por parte da direcção portuense, para sanar a situação económica insustentável e na sua aceitação de transferir a elaboração da publicação de mãos, ainda que certamente com mágoa e reserva¹⁷.

O grupo de Coimbra que passou a dirigir o quinzenário tinha por figuras de proa Joaquim Namorado e Fernando Pinto Loureiro (com os pseudónimos Rodrigo Soares e Eduardo Reis), que se tornaram os directores

¹⁷ No já referido espólio de Manuel de Azevedo, encontra-se diversa correspondência em que se lhe faz alusão. Em carta enviada para o Porto, Jorge Mendonça Torres, após informar Manuel de Azevedo que tinha "conversado com o Pinto Loureiro e o Namorado" e anunciar que "há grandes e importantes planos no que diz respeito à orientação SOL", interroga-se acerca da atitude dos redactores nortenhos da revista: "esses tipos daí ainda não se convenceram de que a nossa arrogância não é mais do que o desejo de cortar a direito e estabelecer pontos sólidos de entendimento?", o que o leva a sugerir que um deles se deslocasse, nas férias, a Coimbra, talvez "o Barroso por ser mais activo, mais compreensivo". Também Joaquim Namorado se dirigiu igualmente a Manuel de Azevedo, pedindo para "explicar a essa gente as nossas intenções pois parece que não entenderam", além de lhe pedir para trazer, para Coimbra, "tudo o que puder ser". Mais tarde, Fernando Pinto Loureiro, em carta datada de 20 de Agosto de 1939, remetida ao mesmo destinatário, afirma saber "que há aí [no Porto] uma 'conspiração' ridícula contra os materialistas e, especialmente, contra os de Coimbra", dizendo não ignorar que "há inconscientes e traidores que têm o descaramento de falar de 'Pinto Loureiro e na sua guarda de ferro', no 'ditador da Lusa-Atenas', etc."

efectivos da publicação, integrando, igualmente, Jofre Amaral Nogueira (que passou a usar o pseudónimo Albertino Gouveia, após a sua prisão em 1938), José Augusto da Silva Martins (com os pseudónimos Carlos Serra, Branca de Oliveira e Maria Hélia de Castro) e Fernando Sá Marta (com o pseudónimo Luís Vieira), a que há a acrescentar Armando Bacelar (com o pseudónimo Carlos Relvas) e Manuel de Azevedo, oriundos do Porto.

Tirando Manuel de Azevedo, Jofre e, de forma circunstancial, José Martins, os restantes redactores só assinaram artigos a partir do n.º 29. E, de entre estes, só os três textos de Amaral Nogueira, anteriormente publicados, introduziram a nova orientação editorial¹⁸.

A ilustração da revista passou a assentar em António José Soares – que esteve na origem do episódio que conduziu a uma rusga da PVDE ao quarto-sede da redacção e à prisão de Mendonça Torres, Manuel de Azevedo e de Joaquim Namorado, entre outros¹⁹ – e em António Ruivo Ramos, assinando o primeiro *Só ares ou Ares* e o segundo *Somar*.

¹⁸ O papel de Jofre Amaral Nogueira foi, no período que conduziu à transferência da revista para Coimbra, relevante a vários títulos. O estilo e o teor doutrinários que a redacção de Coimbra veio adoptar revelaram-se, antes de mais, nos seus textos de polémica com António Sérgio (“Carta ao Sr. António Sérgio”, n.º 19, 15.11.1937, p. 7, e “Comentário para compreender”, n.º 21, 15.12.1937, pp. 6 e 7). O próprio programa político e cultural que iria presidir ao novo ciclo foi, em primeiro lugar, por si enunciado, num discurso com elaboração complexa e amadurecida (“O papel de uma nova geração”, *Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, pp. 6 e 7). Destacou-se, ainda, como representante do grupo de Coimbra nas negociações com a redacção do Porto, devendo-se-lhe o acordo que possibilitou o segundo ciclo de vida da revista.

¹⁹ O Instituto Italiano levou a Coimbra um exposição do livro italiano, a inaugurar no dia 18 de Maio de 1939. Durante a noite anterior, António José Soares introduziu-se na Faculdade de Letras, onde a exposição estava montada, e sabotou, com inscrições contrárias ao regime e ao expansionismo italianos, esta iniciativa de propaganda política do fascismo. Muitas das peças expostas, incluindo o retrato de Mussolini e a bandeira de Itália, ficaram irremediavelmente depredadas. A inauguração foi cancelada, o reitor tremeu e o embaixador de Itália, que para o efeito se deslocara a Coimbra, apresentou o protesto do seu governo. A PVDE pôs-se em campo e deteve os jovens que viviam ou que frequentavam o andar em que se situava o quarto de Jorge Mendonça Torres. António José Soares escapou, tendo sido levado para a Cadeia Penitenciária, por engano, um seu irmão. Aparentemente, a polícia não dispunha de indícios concretos nem os conseguiu obter. Mendonça Torres, Joaquim Namorado e Manuel de Azevedo foram libertados alguns dias depois.

Se atendermos a que a coesão e a determinação deste grupo radicava na convicção comum de que o projecto político revolucionário só seria exequível pela acção partidária, de acordo com a concepção leninista do Partido Comunista, somos levados a conferir à direcção da revista um alcance muito mais amplo e complexo do que aquele que teria se estivesse simplesmente confinada aos limites das pretensões de intervenção cívica e cultural de alguns jovens intelectuais.

Nesta nova fase da publicação, o vínculo ideológico e o vínculo partidário surgiram como correlatos. Desde logo, a própria apropriação da revista se apresentava como uma tarefa conforme a um desígnio partidário, mesmo que o processo de decisão e de execução se tenha caracterizado pela sua informalidade²⁰. De seguida, o seu governo passou a ser compreendido no quadro de um confronto que excedia o âmbito próprio de uma simples publicação e em que ganhava uma nova dimensão instrumental, quer enquanto órgão de afirmação e de combate da doutrina dita proletária, quer no domínio mais subtil da subordinação editorial a uma linha política de inspiração comunista.

Para o grupo que tomou a direcção do quinzenário, o exercício da liberdade individual, decorrente do que se entendia ser a consciência da

²⁰ Não se conhece qualquer elemento que aponte para que a tomada da direcção do *Sol Nascente* tenha sido antecedida de deliberação de um órgão partidário, sendo de supor que foi conduzida de modo informal e consensual. Assim, nos testemunhos que se lhe referem não se repete nem a controvérsia que a respeito da tomada de *O Diabo* opôs o relato de Cândida Ventura, que atribuiu o controlo do jornal a uma decisão partidária, em cuja execução participara (Cândida Ventura, *O "Socialismo" que Eu Vivi*, Lisboa, Edições "O Jornal", 1984, p. 3), ao de Fernando Piteira Santos, que lhe conferiu um sentido político alheio a decisão desse âmbito (cf. Fernando Piteira Santos, *Diário de Lisboa*, 17.12.1984); nem tão-pouco se verifica a certeza, testemunhada por Joaquim Namorado, sobre a deliberação partidária que, alguns anos depois, originou a compra da *Vértice* (cf. Alberto Vilaça, *op. cit.*, pp. 199 e 203). De qualquer modo, a evolução destas publicações passou a ser acompanhada, de perto, por dirigentes do Partido Comunista. Cansado Gonçalves, que era membro do Secretariado do Comité Central, testemunhou ser ele quem o Partido colocou por detrás da redacção de *O Diabo*, "para orientar as coisas", tendo, depois, "sido posto", supõe-se que com igual finalidade, no *Sol Nascente* (José Pacheco Pereira e Fernando Rosas, "Apontamentos duma entrevista com Firminiano Cansado Gonçalves", *Estudos sobre o comunismo*, n.º 0, s. l., s. n., Julho de 1983, p. 37). Nestas circunstâncias, é inteiramente razoável que se veja na coordenação entre as duas publicações, incluindo na realização das reuniões entre alguns dos seus principais redactores, já referidas, o dedo da orientação e da actividade partidária.

necessidade, e a passagem da interpretação racional do mundo para o exercício da sua transformação conduziam à representação do partido da classe proletária como o único instrumento político capaz de conduzir conseqüentemente a luta contra a ordem política vigente e a favor de uma nova era na história da humanidade.

Os jovens universitários conimbricenses não dissociaram, neste domínio, a teoria da prática. Os redactores citados foram membros do Partido Comunista, tendo alguns, por ocasião da tomada da revista, já vários anos de militância.

Jofre Amaral Nogueira, que tinha sido o emissário do grupo nas negociações com os anteriores responsáveis pela publicação, desempenhara mesmo funções directivas no Comité Local de Coimbra; José Martins tornou-se, poucos anos depois, dirigente nacional; Joaquim Namorado era militante desde meados da década de 30; tendo todos os restantes articulistas relevantes integrado, na altura ou um pouco mais tarde, células partidárias²¹.

É mesmo verosímil que estes jovens marxistas tivessem avançado com a expectativa de apoio do Partido no controlo da situação financeira com que a revista se confrontava, pois há indícios de provável solicitação de recursos financeiros²².

As relações de colaboração próxima foram, aliás, muito diversificadas.

A vertente organizativa, por exemplo, não foi ignorada pela actividade da redacção.

Excedendo claramente o âmbito da exposição doutrinária e da publicação literária, para enveredar pelos domínios da criação de núcleos de simpatizantes e de uma rede de afinidades culturais e políticas, alguns redactores da revista, com destaque para Joaquim Namorado, deram um renovado ímpeto à criação de suplementos literários em jornais de pro-

²¹ Vide Alberto Vilaça, *op. cit.*, pp. 102, 143, 168 a 173, 180, 195.

²² Por um lado, Manuel de Azevedo, em carta de 26 de Junho de 1938, ou seja, no momento da transição para Coimbra, dirigida provavelmente a Joaquim Namorado, escreveu que "a colaboração prometida aí não foi recebida e os nossos recursos estão esgotados" (coleção de manuscritos de Alberto Vilaça). Por outro lado, na correspondência que o teve por destinatário, encontram-se expressões insólitas e aparentemente cifradas, a propósito dos apoios financeiros que se esperavam. Por exemplo, em carta datada de 23 de Agosto de 1939, Armando Bacelar afirmou que "ainda nada posso dizer-te quanto à bronquite de meu Pai; a culpa não tem sido minha" (espólio de Manuel de Azevedo). Noutras ocasiões, é referido um enigmático dinheiro que deveria "vir da terra", e que acaba por não chegar.

víncia, muitas vezes suportados por colaboração que, pelo menos em parte, angariavam²³.

A propósito da deslocação da actividade redactorial e administrativa do *Sol Nascente*, é ainda de referir a peculiaridade das tarefas, próprias de um permanente vaivém entre Coimbra e o Porto, a que a dispersão geográfica das diferentes fases da sua produção obrigou, pois, como testemunhou Pinto Loureiro, encontramos-nos face a uma “revista que tem a redacção em Coimbra, a composição no Porto, a Censura em Lisboa, a impressão no Porto e a expedição em Coimbra!”²⁴.

Todo o processo de produção se tornou mais enredoso e demorado, mesmo que se tenha em consideração que José Martins leccionava no ensino liceal no Porto e se deslocava habitualmente a Coimbra, que Armando Bacelar, Manuel de Azevedo e diversos outros estudantes que lhes eram pessoal e politicamente próximos, como os irmãos Armando e José de Castro, eram oriundos da região do Porto, para onde viajavam com regularidade.

²³ Esta actividade de fermento ideológico e de fomento organizativo, dirigida pelo núcleo de marxistas, esteve presente ao longo de todo o percurso da revista, ainda que se tenha acentuado no período de Coimbra. Logo na sua fase inicial, Lobão Vital solicitava, simultaneamente, colaboração para o *Sol Nascente* e para a página “Da gente moça” de *O Trabalho*, de Viseu; Abel Salazar foi levado a colaborar nesta página e em diversos outros periódicos regionais; Manuel de Azevedo coordenou o suplemento “Pensamento Jovem”, no *Jornal de Ilhavo*; o poeta e colaborador António Campinas Vicente dirigiu página semelhante em periódico de Vila Real de Santo António; o colaborador Denis Seabra teve a seu cargo a “Página da Gente Moça” da *Ideia Livre*, de Anadia. No mapa de Portugal, em que Joaquim Namorado assinalava, com uma pequena bandeira, os locais com páginas culturais com afinidade com o *Sol Nascente*, o rol de títulos foi extenso, não só como resultado da sua acção, mas essencialmente como produto de esforços similares e convergentes de diferentes núcleos de activistas mais ou menos próximos da orientação comunista.

²⁴ Fernando Pinto Loureiro citado por Luís Augusto Costa Dias, *op. cit.*, p. 43.

... a partir de 1990, a situação financeira das empresas brasileiras tornou-se cada vez mais precária, devido à combinação de fatores como a inflação, o aumento dos custos, a queda da produtividade e a desvalorização da moeda nacional. Essas condições levaram a uma crise econômica que se refletiu em uma recessão profunda, com o PIB caindo significativamente em 1991.

... a partir de 1992, a situação financeira das empresas brasileiras tornou-se cada vez mais precária, devido à combinação de fatores como a inflação, o aumento dos custos, a queda da produtividade e a desvalorização da moeda nacional.

... a partir de 1993, a situação financeira das empresas brasileiras tornou-se cada vez mais precária, devido à combinação de fatores como a inflação, o aumento dos custos, a queda da produtividade e a desvalorização da moeda nacional.

... a partir de 1994, a situação financeira das empresas brasileiras tornou-se cada vez mais precária, devido à combinação de fatores como a inflação, o aumento dos custos, a queda da produtividade e a desvalorização da moeda nacional. Essas condições levaram a uma crise econômica que se refletiu em uma recessão profunda, com o PIB caindo significativamente em 1994.

O combate doutrinário e os seus adversários

A coesão do núcleo de redactores que passou a elaborar a revista em Coimbra espelhou-se naturalmente na clareza da sua orientação editorial e estratégica, conferindo-lhe um teor homogéneo, sem dissonância de opinião ou dispersão temática, e com sentidos entre si confluentes, pensados e apresentados como parcelas de uma mesma afirmação conceptual.

Como se escreveu em *O Diabo, Sol Nascente* “ganhou consistência ideológica, rigidez de conduta, uma unidade que lhe era essencial para bem cumprir a sua missão”¹.

A revista converteu-se, assim, num bastião de luta doutrinária, que se desenrolou em três frentes principais: o combate às teses a que se opunha e a conseqüente afirmação, pela crítica e pela polémica, das teses que advogava; a divulgação de textos doutrinários marxistas; a fundamentação da literatura social e a promoção das primeiras manifestações do que, entretanto, se designou pela expressão *neo-realismo*.

O combate no plano teórico era tido por decisivo. A fidelidade aos grandes princípios ético-políticos e a integridade moral e cívica, a dedicação intransigente aos ideais, a coragem e a heroicidade de todos aqueles que conspiravam e se batiam por um mundo novo não seriam suficientes para que os seus desejos se convertessem em realidades. Ainda que revelassem dignidade pessoal e bravura democrática, estariam desprovidos de sentido estratégico.

De acordo com os autores que os jovens redactores tinham eleito como referências, só a luz da teoria revolucionária poderia conduzir a revolta e a resistência à revolução.

Ora, foi o papel de divulgadores – e, simultaneamente, executantes – dessa teoria, sem a qual, de acordo com uma célebre máxima, não haveria prática revolucionária, que escolheram para si próprios.

As suas palavras foram, a este propósito, claras: “conhecemos a solução geral”².

À revista passava a competir divulgá-la e aplicá-la, ou seja, ascender ao “papel de direcção e esclarecimento dos passos dos homens”³.

¹ *O Diabo*, n.º 291, 20.4.1940, p. 6.

² *Sol Nascente*, n.º 39, 15.10.1939, p. 3.

³ *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 12.

A intransigência crítica seria a primeira tarefa deste combate teórico. Como, aliás, explicitamente os seus redactores esclareceram, quer ao se imporem a “missão de criticar sistematicamente todas as ideologias que nos pareçam criticáveis”⁴, quer em expressões cuja ressonância transbordava o simples plano argumentativo, como a afirmação de que “a crítica é incompatível com a tolerância” e que “a crítica deve ir até à execução”⁵.

A crítica torna a doutrina pertinente. Transfere-a do plano dos enunciados e das representações gerais para o domínio das incidências concretas e actantes. Define os pontos de clivagem argumentativos, dá sentido prático às teses teóricas, divide as águas conceptuais, é decisiva na definição das correntes de opinião.

Ora, esta apreciação, válida para a generalidade das revistas de ideias, é-o redobradamente quando se considera o significado que os redactores do *Sol Nascente* atribuíam ao *pensamento jovem*, ao seu *método*, isto é, ao materialismo dialéctico.

Por um lado, os fundamentos do marxismo, e, conseqüentemente, o teor do seu discurso, seriam inteiramente distintos daqueles em que se alicerçaram outras doutrinas revolucionárias, mesmo as que se tinham por suas fontes. Daí decorreria que o pensamento de Marx e de Engels fosse visto, no plano teórico, como uma “crítica da crítica crítica”, de acordo com o subtítulo da *Sagrada Família*, a primeira das obras que escreveram e que publicaram conjuntamente. A actividade política acompanharia, por sua vez, o plano reflexivo, dando a crítica lugar à cisão, tal como a história do movimento operário, desde a Associação Internacional dos Trabalhadores, testemunharia.

⁴ *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 2.

⁵ *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, p. 2. A expressão suscitaria, só por si, longas considerações. É possível compreendê-la como evocação veemente do papel da violência na história e como alusão à conhecida afirmação de Marx, na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, de que “a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas”. É de atender a que se vivia um tempo de grandes tensões internacionais, expressas, desde logo, na Guerra Civil de Espanha, que era “sentida em nós como um problema pessoal” (Jorge de Sena, *Sinais de Fogo*, Lisboa, Edições 70, p. 375), em que a tolerância deixara de ter oportunidade. Mas também é seguro que o tempo do *Sol Nascente* foi o tempo dos chamados processos de Moscovo, da execução de Boukharine e de Preóbrajenski (de que os jovens redactores conheciam obras de divulgação marxista), de Rikov, de Zinoviev, de Kamenev, entre outros dirigentes bolcheviques, e do que nesses processos se encontra de substantivo e de simbólico quanto à legitimação e ao emprego da violência.

Por outro lado, o valor do marxismo como interpretação do mundo social, nos termos que possibilitariam a sua efectiva transformação, de acordo com os grandes desígnios da realização dos fins humanos, isto é, o mérito positivo da sua cientificidade revolucionária, teria uma prova prática e irrefutável: a União Soviética.

Por fim, vivendo-se num quadro de crise das democracias liberais e de brutais tensões internacionais, o combate pela afirmação da teoria revolucionária ganharia redobrada urgência e intensidade, elevando os seus promotores à dimensão de arautos e de obreiros da transformação, perspectivada como próxima, do capitalismo num mundo novo, pondo fim à pré-história da humanidade e inaugurando o tempo prometido do socialismo e do comunismo.

Todos estes elementos, de que releva uma complexa relação entre o imaginário revolucionário e os argumentos filosóficos e políticos, constituem peças do horizonte emocional e reflexivo em que as convicções revolucionárias dos jovens redactores conimbricenses se formaram, mesmo que no exacto exercício da sua actividade crítica possam parecer ocultadas pelo circunstancialismo dos seus escritos.

É à sua luz que se pode compreender o entusiasmo, o espírito de corpo e a ambição que os animaram.

A veemente actividade crítica que foram levados a encetar incidiu, desde logo, nas concepções do universo político e cultural com que tinham convivido. Atingiu, por exemplo, a orientação de fundo educativo com que a revista explicitamente se apresentara, negando fundamento à expectativa da transformação social pela difusão da cultura, da racionalidade científica e do exemplo moral, que animava as sensibilidades republicanas e anarquistas que inicialmente a definiram.

Em artigo intitulado "O económico na história", Jofre Amaral Nogueira escreveu que "o papel que muitos pretendem conferir à educação preliminar dos homens, à sua preparação anímica como base da modificação da sua existência histórica, não passa dum absurdo perigoso, dum 'dorme que eu velo' lançado dos gabinetes dos moralistas, com uma ingenuidade ao mesmo tempo burlesca e criminosa, a um mundo em convulsões de parto"⁶.

E mesmo que os qualificativos na apreciação fossem mais amenos, chegando-se ao reconhecimento de "simpatia pelos princípios de acção",

⁶ *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 5.

como se disse sobre o portuense *Pensamento*, a sua eficácia estaria sempre comprometida por se tratar de “apostolado utópico”⁷.

Contudo, se compararmos estas apreciações com o sentido geral da actividade crítica dos jovens autores da revista, facilmente se verifica que estes adversários ideológicos são marginais.

Como alvos principais, a redacção do *Sol Nascente* elegeu as duas principais revistas culturais da época, a *Seara Nova* e a *Presença*, pretendendo atingir e, se possível, pleitear com as figuras que melhor as representavam.

Na *Seara Nova*, em que a direcção do *Sol Nascente* já havia visto “um exemplo a seguir, uma benéfica orientação”⁸, passou a encontrar-se o principal adversário no domínio do debate de ideias e de concepções políticas.

A revista de doutrina e crítica representava, há quase duas décadas e com mais de meio milhar de números publicados, a cultura política republicana e socialista. Chamando a si as diferentes correntes de esquerda e publicando colaboração das suas principais figuras, alcançara a autoridade de repositório da racionalidade moderna e contemporânea, da universalidade cosmopolita, dos ideais de justiça, fraternidade e progresso, da laicidade sem jacobinismo, do combate contra o nacionalismo, os seus mitos históricos e políticos.

Para os jovens marxistas havia que romper com esse passado próximo. Muitos dos *seareiros* seriam figuras de exemplar civismo, mas a doutrina que presidia à revista assentaria em ilusões e redundaria em resultados frustrantes.

Assim, em comentário às *Páginas de Política* de Raul Proença, de autoria de Fernando Sá Marta, visa-se a própria fundamentação que a *Seara* para si própria apresentara, de que Proença, seu fundador e primeiro director, fora autor⁹.

Raul Proença e a *Seara* são classificados, nessa apreciação¹⁰, como idealistas (logo, anti-materialistas) e moralistas, indiferentes à certeza de

⁷ *Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, p. 2.

⁸ *Sol Nascente*, n.º 6, 15.4.1937, p. 13.

⁹ O texto, intitulado “Apresentação da ‘Seara Nova’”, consta, aliás, na segunda série das *Páginas de Política*, de Raul Proença, publicada na editora da revista, no ano de 1939, pouco antes do artigo que as tem por objecto.

¹⁰ Luís Vieira, “A propósito das ‘Páginas de Política’ de Raul Proença”, *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, pp. 2 e 5.



Ricardo Sá Marta

que “os males sociais podem ser cientificamente explicados e por isso mesmo cientificamente combatidos”, o que teria como corolário serem considerados paladinos de um “movimento falhado”¹¹.

Porém, mais do que as páginas de Raul Proença, que representavam a origem e o passado da *Seara*, foram as de António Sérgio, “director delegado” da revista e seu efectivo mentor, ao tempo, que os jovens marxistas visaram repetidamente.

Deste modo, a figura de Sérgio, mais ou menos carregada dos tons de *bête noire*, acabou por pairar ao longo de toda a história do quinzenário.

Após ter enviado um diálogo alegórico para publicação¹², certamente respondendo a convite para colaborar, envolveu-se na já referida polémica com Abel Salazar, viu, entre os dois momentos em que teve lugar, uma sua apreciação ser objecto de crítica – a que respondeu – por parte de Jofre Amaral Nogueira e, por fim, foi repetidamente visado por diversas considerações em que se qualifica o seu pensamento, muitas vezes com intuito polémico, mas a que preferiu não replicar.

¹¹ Lê-se, ainda, no artigo: “Raul Proença e a ‘Seara’ tudo reduziram a questões de ideias e daí o julgarem que, conseguindo formar uma ‘elite’ esclarecida, salvar-se-ia a Nação, acabar-se-ia com as traficâncias e impor-se-iam as reformas necessárias (...) agiram como moralistas e como idealistas, mas nunca tiveram perante as questões sociais uma atitude verdadeiramente científica, positiva, explicando-as” (*loc. cit.*).

¹² António Sérgio, “Dialoguete no Tribunal da História”, *Sol Nascente*, n.º 2, 15.2.1937, p. 7.

A polémica com Jofre Amaral Nogueira ocorreu ainda antes da transição do quinzenário para Coimbra, mas antecipa inteiramente o sentido do debate de ideias que depois o irá caracterizar.

Teve origem num artigo de Sérgio, publicado no número inaugural da *Revista de Portugal*, dirigida por Vitorino Nemésio, intitulado “Tese e antítese nos sonetos de Antero”¹³.

Girou em torno da afirmação, nele contida, de que “quem suponha que as ideias são ‘reflexos das coisas’ nos nossos cérebros não pode admitir ao mesmo tempo que as ideias reajam sobre as coisas, não pode conceber uma acção recíproca entre a consciência e o ambiente físico, entre o ser inteligente e o corpo social”, pois, ainda de acordo com Sérgio, “aceitar essa acção recíproca – como faz o chamado ‘materialismo dialéctico’ – é reconhecer a eficácia das ideias, é afirmar que elas não são reflexos, é negar a doutrina do materialismo”.

Em tom irónico e aparentemente cordato, Jofre respondeu ao desafio implícito nesta crítica, recapitulando os argumentos marxistas canónicos sobre o conhecimento como reflexo e acerca da dialéctica entre o domínio objectivo e o foro subjectivo. Sérgio confundiria materialismo com mecanicismo, revelando-se incapaz de compreender as acções materiais recíprocas no quadro do movimento dialéctico do todo. Por fim, Amaral Nogueira insinua a possibilidade de a crítica de Sérgio ter sido ditada por motivação política e não filosófica, de “não nos ter dado as suas verdadeiras razões”¹⁴.

O debate conheceu mais dois lances¹⁵, mas os seus termos e o seu tom não se alteraram. Sérgio insistiu, nomeadamente, na temática gno-

¹³ António Sérgio, “Tese e antítese nos sonetos de Antero”, *Revista de Portugal*, n.º 1, Outubro de 1937, pp. 16 a 32.

¹⁴ Jofre Amaral Nogueira, “Carta ao Sr. António Sérgio”, *Sol Nascente*, n.º 19, 15.11.1937, p. 7. Na edição de *O Diabo* publicada na véspera já constava um texto, assinado por Mário Ramos, de crítica a este mesmo artigo (Mário Ramos, “Para a crítica do sr. António Sérgio”, *O Diabo*, n.º 164, 14.11.1937, p. 6). Sérgio respondeu-lhe em carta ao director de *O Diabo*, que fez publicar também na revista que dirigia (*Seara Nova*, n.º 536, 20.11.1937, p. 177), prometendo um peru ao seu autor se lhe provasse, no prazo de um ano, que tinha pensado sobre o que escrevera. Mário Ramos reagiu (Mário Ramos, “Para a crítica do crítico sr. António Sérgio”, *O Diabo*, n.º 168, 12.12.1937, p. 2). A resposta de Sérgio ficou na memória, a ponto de, dois anos depois, a própria direcção efectiva do *Sol Nascente* se lhe referir como sendo um gesto de “decadência irremediável” (“Esclarecendo ainda”, *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, p. 2).

¹⁵ António Sérgio, “Temas para meditação”, *Seara Nova*, n.º 537, 27.11.1937, pp. 196 e 197, e Jofre Amaral Nogueira, “Comentário para compreender”, *Sol Nascente*, n.º 21, 15.12.1937, pp. 6 e 7.

seológica, intuindo a fragilidade da explicação materialista das faculdades cognitivas. Jofre moveu-se com segurança no universo conceptual que escolheu representar e respondeu com desenvoltura.

Mais tarde, com a redacção do *Sol Nascente* instalada em Coimbra, o pensamento do director da *Seara* continuou a ser visado, muitas vezes em peças que o tomavam como alvo singular.

Esta crítica chegou a ocupar o lugar do artigo de abertura, em extensa prosa não assinada, mas de óbvia responsabilidade da direcção efectiva do quinzenário¹⁶.

Aquele que era citado como “ex-mestre da juventude” e julgado enquanto defensor da perspectiva de um próximo período de distribuição da abundância, como consequência do progresso técnico, do cooperativismo generalizado e da abolição do lucro, aparece caracterizado como sendo um iludido, que “não vê que o idealismo é um processo de falsificação dos problemas humanos”, e um ingénuo, que “acredita credulamente nas soluções puramente teóricas dos problemas concretos”.

Por outras palavras, Sérgio defenderia uma solução “impregnada até à medula de utopismo”.

A sua perspectiva seria “no fundo respeitadora dos mais graves obstáculos ao regime de abundância (categorias jurídicas tradicionais, etc.)” e “uma solução puramente ‘cultural’”, não se dirigindo a “forças políticas concretas”, nem se adequando, “por isso mesmo, ao momento histórico presente”.

A este devaneio inconsistente, os autores da crítica contrapuseram a luz do seu esclarecimento teórico.

Indicavam como caminho para a superação das “contradições históricas concretas”, uma via “fundada na análise da história” e na “acção esclarecida, orientada por uma visão dialéctica”, isto é, assente na compreensão do papel da luta de classes e da revolução proletária.

O teor desta crítica foi reafirmado noutros textos, incluindo num artigo que surgiu ainda na sequência da prosa de Sérgio citada, em que se glossam, a propósito de uma carta interpelando Sérgio e da resposta deste, publicadas em *O Diabo*, os mesmos argumentos¹⁷.

¹⁶ “Esclarecendo”, *Sol Nascente*, n.º 37, 1.7.1939, pp. 2 e 15.

¹⁷ “Esclarecendo ainda”, *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, p. 2. O pensamento de Sérgio foi visado pela direcção da revista em diversas outras ocasiões. Por exemplo, em “É a técnica inimiga do homem?” (*Sol Nascente*, n.º 39, 15.10.1939, p. 8) e “O sr. António Sérgio falou...” (*Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 3).

As categorias em nome das quais se fez a crítica são relativamente elementares. Opôs-se o socialismo científico ao socialismo utópico, o materialismo ao idealismo, a dialéctica à metafísica e, neste caso particular, ao mecanicismo.

De um lado, estava a teoria revolucionária, capaz de dirigir a luta política e de acabar com o mundo social assente no lucro; do outro lado, encontrava-se a ilusão, ainda que bem intencionada, que não conduzia senão ao fracasso.

Os termos da crítica que os socialistas científicos do *Sol Nascente* dirigiram ao pensamento de Sérgio seriam, aos seus olhos, extensíveis à generalidade da cultura política que era herdeira dos ideários republicano, anarquista e socialista – todos eles mesclados nas páginas da *Seara* – os quais, nas suas melhores manifestações, eram igualmente tidos como expressão de utopismo e de idealismo, ainda que com diferentes contornos.

A rejeição da república utópica arroteada na *Seara Nova* só teve paralelo no repúdio das concepções literárias e artísticas da *Presença*.

Por estranho que pareça, José Régio e Gaspar Simões tornaram-se, à luz da sanha crítica da redacção, similares a Sérgio e a Proença.

Ao afrontar directamente as figuras tutelares da *Presença*, a estratégia repetiu-se.

Visaram-se acerbamente os autores mais significativos e procurou-se a sua resposta polémica, no mesmo passo em que se afirmava a doutrina própria.

Manteve-se ainda o âmbito político da apreciação, embora incidindo especificamente no domínio do significado político e social das obras literárias e artísticas contemporâneas da revista.

Sobressai, pois, que as questões levantadas e os termos em que a apreciação se alicerçou resultaram tão-só de uma leitura política dos tempos que se viviam, não tendo origem em qualquer análise do foro estrito da literatura. São do domínio da doutrina em geral e só acessoriamente se situam no âmbito das suas consequências estéticas.

Também o procedimento retórico se conservou: definiram-se os pressupostos da crítica, confrontaram-se com algumas frases curtas da pena dos criticados, expôs-se a sua insustentabilidade, articulou-se a argumentação com a ironia, num esforço de reduzir a obra dos visados às expressões eleitas como simbólicas e o seu significado a uma caricatura credível.

Deste modo, Régio e o seu umbigo passaram a ser inseparáveis¹⁸.

É ainda de notar que o percurso de Régio no *Sol Nascente* foi semelhante ao de Sérgio.

Começou por colaborar, a solicitação da redacção, com um poema e um extracto relativamente longo de um romance em preparação¹⁹; respondeu a um artigo, ainda na primeira metade da vida da revista, de que resultou a já referida polémica com Mando Martins; acabou por ser transformado num dos vultos cimeiros do meio cultural da época que, no período da redacção conimbricense, se visou abater criticamente, sem que tenha solicitado a publicação de qualquer resposta aos argumentos e às farpas de que foi objecto.

A obra de Régio foi convertida, igualmente, em símbolo. Passou a ser identificada com a "arte pela arte" e com uma mirífica "espontaneidade pura"²⁰. Representaria o "purismo estético"²¹, a rejeitar pois só por pretensão seria apolítico, já que teria, em si, "indelevelmente implícito o individualismo egoísta da democracia burguesa"²².

Neste movimento de encenação do significado político e cultural das personagens influentes nas letras e no pensamento da época, o papel conferido a Régio, no palco das ideias e da história, acabou por ter como referência principal o artigo que Álvaro Cunhal intitulou "Numa encruzilhada dos homens", inicialmente publicado na *Seara Nova*²³.

¹⁸ A seu propósito, criou-se mesmo um novo vocábulo: "umbilicalismo" (vide Luiz Vieira, "Para uma explicação concreta do intelectuais pseudo-livres", *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 8).

¹⁹ José Régio, "Vida e morte", *Sol Nascente*, n.º 1, 30.1.1937, p. 4, e "Uma página qualquer do romance em preparação 'A Velha Casa'", n.º 3, 2.3.1937, pp. 8 a 10.

²⁰ Branca de Oliveira, "Sobre a liberdade na arte", *Sol Nascente*, n.º 22, 1.1.1938, p. 15.

²¹ "Esclarecendo", *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 2.

²² Jofre Amaral Nogueira, "O papel duma nova geração", *Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, p. 7.

²³ Álvaro Cunhal, "Numa encruzilhada dos homens", *Seara Nova*, n.º 615, 27.5.1939, pp. 285 a 287. Álvaro Cunhal respondeu, neste artigo, a uma das recentes "Cartas intemporais do nosso tempo" – série de artigos que Régio vinha a publicar na *Seara Nova* –, concretamente à "XI Carta (a um moço camarada sobre qualquer possível influência do romance brasileiro na literatura portuguesa)" (*Seara Nova*, n.º 608, 8.4.1939, pp. 151 a 153, e n.º 609, 15.4.1939, pp. 203 a 205). Régio replica com "Defino posições" (*Seara Nova*, n.º 619, 24.6.1939, pp. 5 a 8), que justificou um novo artigo de Cunhal ("Ainda na encruzilhada", *Seara Nova*, n.º 626, 12.8.1939, pp. 151 a 154). Alguns meses volvidos, José Régio publicou "Divagação mais ou menos pessoal sobre a *blague* do senhor Álvaro Cunhal, uma cita-

Embora muito do que aí se disse já tivesse sido escrito, designadamente por Mando Martins, nas próprias páginas do quinzenário portuense, o texto de Cunhal deu um novo fôlego à defesa de uma arte socialmente empenhada, que neste artigo cristalizou alguns dos seus argumentos.

Foi este o entendimento da redacção de Coimbra, que o reproduziu integralmente na revista, com a justificação de que o “artigo do camarada Álvaro Cunhal (...) define com uma grande clareza a posição de todos aqueles que, como nós, sentem a importância da gravidade do momento que passa e por isso não podem senão rejeitar o ponto de vista puramente estético do autor de *Cartas Intemporais*”²⁴.

No artigo de Álvaro Cunhal²⁵, Régio foi acusado de, apesar de o “destino do mundo estar em jogo” e de, face às circunstâncias, ter de “escolher um caminho”, optar pela fuga e pela comodidade própria da “recusa a saber o que se passa lá fora do campo da sua vida íntima”.

Ao evitar “conhecer o sofrimento e a esperança das ‘gentes’”, exprimiria “uma atitude frente à encruzilhada”, pois, pondo todos os artistas “naturalmente a arte ao serviço de qualquer coisa, nuns essa qualquer coisa é a vida de milhões de seres, noutros essa qualquer coisa é o umbigo”, como seria o seu caso, de quem se citam os versos: “vergo a cabeça sobre o peito / concentro os olhos sobre o umbigo”.

Em resumo, ainda que Régio fosse “um dos mais poderosos e capazes poetas portugueses contemporâneos”, a sua poesia exaltaria “uma posição (e até uma atitude) condenável, fracassada e decadente”.

Como doutrina geral, o artigo tem por transparente que “toda a obra literária – voluntária ou involuntariamente – exprime uma posição política e social e que toda ela faz propaganda seja do que for”; pelo que, numa situação de confronto entre dois campos, não há neutralidade mesmo que poética, já que “para os homens que se digladiam na encruzilhada, um homem interessa ou vale na medida em que os acompanha na dor na luta e na esperança”.

ção do Dom Casmurro, uma opinião de José Bacelar, o anexam preso por ter cão, preso por não ter e outras miudezas que o leitor verá” (*Presença*, n.º 1, II Série, Novembro de 1939).

²⁴ Cf. *Sol Nascente*, n.º 37, 1.7.1939, p. 11. A crítica a Régio e a rejeição referida constam em diversos artigos, publicados antes e depois do que tem Cunhal como autor (v. g., Afonso Ribeiro, “Resposta a um comentário”, *Sol Nascente*, n.º 29, 15.5.1938, p. 9, e Alves Moura, “Acerca do idealismo”, *Sol Nascente*, n.º 45, 15.4.1940, pp. 4 e 5).

²⁵ Álvaro Cunhal, “Numa encruzilhada dos homens”, *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1940, pp. 7 e 11.

O mesmo se poderia dizer do valor das obras literárias. A responsabilidade social do escritor e do artista obrigariam ao comprometimento, a dar preferência às “obras literárias que explicam o que é a encruzilhada”. Régio estava no outro campo. Era o exemplo, pela negativa.

Já a crítica aos escritos de João Gaspar – de que a revista havia editado o extracto de uma conferência²⁶ – não foi, inicialmente, nem tão clara nem tão contundente.

O que se lhe censura não se afastava do que se criticava a Régio: “as pretensiosas separações do Sr. Gaspar Simões, que tendem a colocar o escritor à margem do progresso ou contra ele”²⁷.

Porém, os pressupostos de análise dos artigos em que Coriolano Ferreira²⁸ e Amorim de Carvalho²⁹ visam dois diferentes textos de Gaspar Simões são conceptualmente difusos.

O primeiro pretendeu refutar um artigo em que o crítico presencista defenderia a ideia da inutilidade da arte. Coriolano de Ramos opôs-se a esta tese, num texto fragmentado, que oscila entre a leveza aforística e o tom sentencioso, com considerações avulsas, muitas das quais reproduzindo lugares-comuns, e oriundas de convicções e de argumentos muito díspares.

O segundo rebateu, nos artigos que enviou para o *Sol Nascente*³⁰, a crítica de Gaspar Simões a uma sua obra sobre António Botto, em que

²⁶ “Defesa da poesia moderna contemporânea” (Fragmento duma conferência de João Gaspar Simões), *Sol Nascente*, n.º 10, 15.6.1937, p. 11.

²⁷ *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 11.

²⁸ Coriolano Ferreira, “Reflexões sobre a utilidade da arte”, *Sol Nascente*, n.º 22, 1.1.1938, p. 3.

²⁹ Amorim de Carvalho, “Resposta ao sr. João Gaspar Simões – Pedindo discussão honesta”, *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, pp. 4 e 5, e “Resposta ao sr. Gaspar Simões II – O sr. Gaspar Simões, o bom senso e a poesia”, n.º 31, 15.8.1938, pp. 10 e 11.

³⁰ Em nota, no final do primeiro dos artigos, Amorim de Carvalho agradeceu a publicação dos artigos no *Sol Nascente*, “com o qual não tinha as menores relações literárias ou pessoais”. É de referir que a aceitação de colaboração para publicação decorria da sua aprovação à luz de critérios programáticos, como consta em caixa inserta na revista, em várias ocasiões, mesmo antes de se verificar a hegemonia do núcleo de Coimbra: *Sol Nascente*, revista do pensamento jovem, “aceita e acolhe com entusiasmo a colaboração (que seleccionará e aprovará) de todos aqueles que, sentindo a vida como atitude e movimento, tenham de expressar verdades úteis, na sua formação de textura ideológica, ou no seu formular de coisa emocional” (*Sol Nascente*, n.º 24, 1.2.1938, p. 15). Note-se que a obra de Amorim de Carvalho que foi objecto da polémica já havia sido apreciada, na revista, em termos elogio-



Fernando Pinto Loureiro

tinha defendido a opinião de que o autor de *Canções* tivera uma inspiração “essencialmente livresca”, próxima das referências que lhe apontava. Em oposição aos pontos de vista de Gaspar Simões, Amorim de Carvalho reagiu com a defesa de algumas teses convergentes com a orientação que prevalecia na revista – a afirmação da insustentabilidade da separação entre arte e crítica, a definição da “alma comum” como criação social, o plano intelectual como solidário com o plano moral, a poesia como exaltação idealista da realidade, a crítica do modernismo –, ainda que na linguagem, por vezes ambígua, que vinha de gerações anteriores e não no quadro do novo universo conceptual.

Posteriormente, encontramos, no quinzenário, outros textos críticos e algumas notas³¹, mais ou menos irónicas, que visaram Gaspar Simões, em que se supera o tom por vezes impreciso destas primeiras apreciações, antes se revelando a congruência argumentativa própria da redacção.

O extenso artigo que Fernando Pinto Loureiro lhe dedicou foi, entre estes textos, o mais representativo. Ainda na sequência da referida defesa da separação entre a cultura e a vida, o crítico literário presen-

tos (A. R., “Através da obra do sr. António Boto (análise crítica), por Amorim de Carvalho, Porto”, *Sol Nascente*, n.º 29, 15.5.1938, p. 5).

³¹ Cf. Rodrigo Soares, “A cultura e a vida” (*Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, p. 14; n.º 37, 1.6.1939, p. 14; n.º 38, 15.8.1939, p. 5); António Ramos de Almeida, “António Nobre, percurso da poesia moderna de João Gaspar Simões” (*Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1940, p. 15); Pedro Vilar, “Filósofos de Meia Tigela” (*Sol Nascente*, n.º 45, pp. 8, 9 e 14); entre as notas da redacção, “Exageros meridionais...” (*Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 16).

cista foi acusado de estar “impregnado até à medula de ‘cultura’ burguesa e de pensamento idealista abstracto”, bem como “possuído pela voragem subjectivista e pela fobia da realidade social”³². O seu destino e o dos restantes “subjectivistas”, que atacavam “o espírito realista”, estaria traçado: “servirem aqueles que temem a verdade e por isso preferem o metafísico ao humano, o psicológico ‘puro’ ao social, o abstracto ao concreto”³³.

É de notar que a crítica a estes autores da *Presença* transportou, em si, a rejeição do modernismo, mesmo que se reconhecesse valor ao combate aos modelos académicos, pois foi sistematicamente associado às expressões culturais tidas por irracionalistas e interpretado como manifestação cultural da decadência burguesa.

A consciência dos modernistas caracterizar-se-ia por: “desinteresse da vida social e dos destinos da colectividade, subjectivismo (umbilicalismo), egocentrismo, irracionalismo (intuicionismo), afirmação da confusão de todas as coisas e da sua impenetrabilidade (obscurantismo), obsessão da originalidade, características que estão interligadas”³⁴.

Estes traços constituiriam as modalidades pelas quais “os intelectuais traduzem a crise à sua maneira”³⁵, ou seja, seriam os reflexos pessimistas e ensimesmados da agonia da ordem capitalista.

O terceiro grande eixo crítico do quinzenário visou a representação da figura do intelectual, tal como Julien Benda a havia formulado em *La Trahison des clercs*, publicado em 1927.

Benda havia sustentado a tese de que “os homens cuja função é defender os valores eternos e desinteressados, como a justiça e a razão, a que chamo intelectuais, traíram essa função em benefício de interesses práticos”³⁶.

A condenação deste ponto de vista encontra-se, desde logo, nas secções da responsabilidade da direcção efectiva da revista (em que as notas e os comentários eram publicados sem indicação do autor).

³² Rodrigo Soares, “A cultura e a vida”, *Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, p. 14.

³³ Rodrigo Soares, “A cultura e a vida III”, *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 5.

³⁴ Luís Vieira, “Para uma explicação concreta dos intelectuais pseudo-livres”, *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 8.

³⁵ Luís Vieira, “Para uma explicação concreta dos intelectuais pseudo-livres”, *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 15.

³⁶ Di-lo no prefácio à edição de 1946 (Julien Benda, *La Trahison des clercs*, Paris, Gasset, 1975, p. 41).

Benda seria como “um dos mais ‘puros’ componentes da chamada vulgarmente ‘elite intelectual’ (...) inteligente e hábil manobrador de palavras e raciocínios que, em geral, se afastam da vida, pois esta não se molda pelas abstrações de ‘intelectuais puros’ mas, antes pelo contrário, com as suas realidades brutais e dolorosas, as mais das vezes, lhes dá um claro e enérgico desmentido”³⁷.

Além de se ter contestado a suposta superioridade das razões dos intelectuais, questionou-se o seu pretendido desinteresse pessoal, tido por condição de isenção ética e independência política: “durante muito tempo, houve quem tivesse interesse em apresentar a actividade intelectual como desinteressada, e o sr. Julien Benda – continua a nota – é um dos representantes dessa velha opinião, que encimou todo um mundo e ainda se encontra muito entre nós”. Opinião que não resistiria a objecção elementar, pois “bastaria inquirir do interesse humano e fecundo da imprensa e da maior parte da nossa vida intelectual” para se concluir “que há ainda quem tenha interesse em vender-nos actividade intelectual *sem interesse*, actividade a que os mais refinados e por isso também os mais responsáveis, chamam... *desinteressada*”³⁸.

Era no pressuposto da inexistência de excepção face à tese de que os sistemas de ideias andavam a par dos sistemas de interesses que se encontrava o fundamento da rejeição do estatuto de intelectual como tutor racional e moral dos tempos. À semelhança de tudo o que é tido por histórico, o intelectual não era nem “puro” nem desinteressado. Pelo contrário, representaria, consciente ou inconscientemente, uma das partes presentes nos conflitos de interesses que se afrontavam em cada época concreta.

O que sobressai nesta crítica não é tanto atingir, implicitamente, um pressuposto fundamental da actividade *seareira*, ainda que seja uma das suas consequências relevantes, mas constituir, antes de mais, parte fundamental da argumentação que passou a associar o intelectual tido por progressista à luta pela defesa dos interesses proletários, isto é, o facto de introduzir o dilema da célebre “opção de classe” dos intelectuais, muitas vezes identificada com a decisão de aderir ao que se entendia ser a expressão política revolucionária do proletariado.

A direcção da revista colocava, assim, a questão da legitimidade e do valor do discurso político e social dos homens de cultura.

³⁷ “De Sol a Sol”, *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, p. 2.

³⁸ “Na linha quebrada da nossa época”, *Sol Nascente*, n.º 33, 1.1.1939, p. 5.

Fá-lo, nomeadamente, em dois planos.

Num plano reflexivo, pela crítica às teses de Benda, que representam, em boa medida, a defesa do papel dos intelectuais tal como os *dreyfusards* o exerceram.

Num plano implícito, que determina essa crítica e dá expressão concreta à representação da responsabilidade intelectual que sugere, pela própria realidade da revista, claramente representativa do que Benda designou por “benefício de interesses práticos”, na medida em que o quinzenário foi expressão da militância política de uma orientação que se queria portadora da doutrina libertadora do proletariado e parte do combate partidário que permitiria efectivá-la.

Contrastando com a veemência crítica do ataque polémico e persistente às concepções que se tinham por opostas, encontramos a já referida excepção de crítica aos escritos de Abel Salazar.

Ainda que se tenha verificado algum afastamento, pois Abel Salazar, no período da direcção coimbrã, pouco mais publicou do que a conclusão da série de artigos sobre “a crise europeia”, esta abstenção de julgamento ideológico parece contradizer todo o restante fulgor de universal combate a ideias contrárias.

Por um lado, o histologista portuense defendia pontos de vista opostos, em domínios doutrinários fundamentais: lia o sentido da história a partir de categorias biológicas; interpretava o fascismo e o comunismo como expressões de um mesmo tipo caracterológico, sendo adepto do outro tipo e da moderação que o caracterizaria. No plano político, manteve-se sempre no quadro das representações republicanas, ainda que veementes, acreditando na virtualidade cívica da difusão da ciência. A incompatibilidade do seu pensamento com o marxismo era óbvia.

Por outro lado, Abel Salazar fora, na história da própria revista, não só o autor que mais publicara como aquele que o fizera quase sempre no âmbito da reflexão que se queria teórica. O que junta à estranheza da ausência de crítica um potencial equívoco³⁹.

³⁹ Mário Sacramento referiu-se-lhe explicitamente: “a divulgação do materialismo dialéctico, sempre precária, fez-se por vezes à luz dum neopositivismo que prolongava o da Primeira República e criava, não raro, equívocos como o do prestígio ideológico (ideológico, note-se bem) dum grande artista e eminente sábio como Abel Salazar, o que contribuiu para o agravamento das contradições intelectuais dessa época” (Mário Sacramento, *Fernando Namora*, Lisboa, Arcádia, s. d., pp. 56 e 57).

Embora se possa ver no neopositivismo um aliado convergente no combate à metafísica e ao intuicionismo e, simultaneamente, na valorização do modo de conhecer científico e da sua positividade, afigura-se-nos que a ausência de refutação do pensamento de Abel Salazar e a continuação, ainda que temporária, da publicação dos seus pontos de vista só pode radicar em decisão exterior à do plano da luta de ideias⁴⁰.

O facto de o pensamento de Marcel Boll ser visado com contundência⁴¹ e o de Abel Salazar, que o tinha como uma das suas principais fontes, talvez mesmo a mais citada, passar quase incólume⁴² é a prova de que se tinha a crítica das suas ideias por justificada.

Tudo indica que tenham sido considerações de oportunidade política que determinaram a ausência de crítica dirigida.

Ainda que de modo distinto do que acontecera com os fundadores portuenses da revista, as múltiplas qualidades do *maçon* e republicano Abel Salazar também se fizeram sentir junto dos jovens redactores de Coimbra⁴³. A possibilidade de envolver e de conquistar como aliado uma

⁴⁰ Sem fazer qualquer referência à sua presença em Portugal, nem consequentemente a Abel Salazar, Egídio Namorado publicou, em meados da década de quarenta, uma obra em que analisou oito das principais teses do neopositivismo. Nesse ensaio filosófico, colocou o neopositivismo a par do materialismo, já que ambos seriam reflexo do movimento científico e da fé na eficácia e poder da razão. Ainda que tenha considerado as questões colocadas pela Escola de Viena como sérias e pertinentes, afastou-se criticamente das suas respostas (cf. Egídio Namorado, *A Escola de Viena e Alguns Problemas de Conhecimento*, Coimbra, Atlântida, 1945).

⁴¹ De uma crítica de Jacques Salomon a uma recente obra de Boll, publicada em *La Pensée*, transcreveu-se, em coluna de notas soltas, a seguinte passagem: "não basta falar muito de racionalismo; para o servir é necessário, antes de tudo, respeitar a ciência, e não a apresentar sob uma forma que nada tem de científica. Mas, aqui, a estreiteza positivista do autor junta-se à sua incompetência científica" (*Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 13).

⁴² Alguns aspectos do pensamento de Abel Salazar, ligados à biomecânica da história, foram objecto de distanciamento num artigo de Egídio Namorado, que o classifica mesmo como o "representante de maior vulto" do materialismo mecanicista (Alves Moura, "Influência da personalidade individual no movimento histórico", *Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, p. 4). A observação é feita em tom ameno, considerando o autor que os artigos do Prof. Abel Salazar são sempre muito ricos em sugestões (Alves Moura, "A técnica meio de libertação do homem", *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, p. 15).

⁴³ Uma breve nota, publicada no penúltimo número, reafirma-o: "Abel Salazar realizou no Salão Silva Porto outra exposição em que se destacaram traduções estéticas vigorosas do maior heroísmo e tragédia do norte: o trabalho das mulheres" (*Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 6).

figura intelectualmente prestigiada e politicamente indómita, que se tornara também um artista quase exemplar, com amplas relações nos meios intelectuais do Porto e com provas dadas no confronto a Sérgio e a Casais Monteiro, afigurar-se-ia aos redactores da revista como sendo, decerto, politicamente prioritária e potencialmente promissora⁴⁴.

É de notar ainda que a concentração do fogo crítico nos autores eleitos como representando os universos culturais a que a redacção de Coimbra se opôs prioritariamente não a impediu de visar, pelo sarcasmo e episodicamente, outros intelectuais, situados em azimutes culturais tidos por igualmente censuráveis e a que as circunstâncias proporcionaram a oportunidade de zurzir. Entre outros, João Falco⁴⁵ (Irene Lisboa), Vieira de Almeida⁴⁶ e Sílvio Lima⁴⁷ foram objecto dessas apreciações.

⁴⁴ Esta tentativa de envolvimento político esteve, ao longo de várias décadas, na origem de vários equívocos sobre o significado do pensamento de Abel Salazar.

⁴⁵ Cf. *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 16.

⁴⁶ Cf. Rodrigo Soares, "O Dr. Vieira d' Almeida falou", *Sol Nascente*, n.º 45, 15.4.1940, p. 7.

⁴⁷ Cf. *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 24.

...the first step in the process of language acquisition is the acquisition of the phonetic system. This is followed by the acquisition of the morphological system, and then the acquisition of the syntactic system. The final stage is the acquisition of the semantic system. This process is often described as the 'grammar-competence' model, which is based on the work of Chomsky (1965). According to this model, the learner acquires a set of rules that govern the structure of the language. These rules are then used to generate sentences that are meaningful in the context of the language. The process of language acquisition is a complex one, and it is still the subject of much research. However, the grammar-competence model provides a useful framework for understanding the process.

...the second step in the process of language acquisition is the acquisition of the morphological system. This is followed by the acquisition of the syntactic system, and then the acquisition of the semantic system. This process is often described as the 'grammar-competence' model, which is based on the work of Chomsky (1965). According to this model, the learner acquires a set of rules that govern the structure of the language. These rules are then used to generate sentences that are meaningful in the context of the language. The process of language acquisition is a complex one, and it is still the subject of much research. However, the grammar-competence model provides a useful framework for understanding the process.

...the third step in the process of language acquisition is the acquisition of the syntactic system. This is followed by the acquisition of the semantic system. This process is often described as the 'grammar-competence' model, which is based on the work of Chomsky (1965). According to this model, the learner acquires a set of rules that govern the structure of the language. These rules are then used to generate sentences that are meaningful in the context of the language. The process of language acquisition is a complex one, and it is still the subject of much research. However, the grammar-competence model provides a useful framework for understanding the process.

A diamática

“Diamática” é o vocábulo cifrado com que a redacção do *Sol Nascente* refere, em diferentes ocasiões, o materialismo dialéctico¹. Trata-se, obviamente, de um expediente para iludir a censura, numa época em que o recurso a alguma astúcia era indispensável. Outros exemplos: Karl Friedrich ou Maxengel designam Karl Marx e Friedrich Engels e as iniciais W. I. U., Vladimir Ilitch Ulianov, o bolchevique Lenine².

É, pois, um termo datado, em que se pode ver não só as circunstâncias difíceis em que a circulação de ideias ocorria, requerendo coragem e recurso a expedientes, como reconhecer também a expressão representativa do teor concreto da difusão do pensamento marxista.

Simboliza, neste sentido, a leitura do marxismo que então se construiu, na diversidade dos textos que se utilizaram para o apresentar, das questões a que se deu realce, dos conceitos e da linguagem em que se fixou.

Revela-nos o *pensamento jovem*, que a revista passou a apresentar como insígnia, nas fontes e referências basilares que adoptou, nos procedimentos metodológicos a que recorreu, nos desenvolvimentos teóricos e pragmáticos que cristalizou.

Pela extensão relativa da literatura sobre questões teóricas então publicada, por o círculo que a leu vir a ser muito influente na cultura portuguesa subsequente, pelo próprio facto de o pensamento do movimento cultural em que se integrou se ter transferido, progressivamente, para o plano literário e artístico ou para o plano político, dando por adquiridos os fundamentos teóricos, este é um momento muito significativo na história da recepção do marxismo em Portugal e, simultaneamente, da afirmação da diamática na cultura portuguesa.

¹ Contrariamente ao que é por vezes sugerido (v. g. Joaquim Namorado, “Staline só é um problema para os anticomunistas”, *Expresso*, 24.4.1982), o vocábulo “diamática” não resulta simplesmente de um artifício imaginativo destinado a contornar a censura, pois o termo “diamat”, que está na sua origem e também surge nas páginas da revista, era corrente na literatura filosófica e política de expressão inglesa como abreviatura de “dialectical materialism”.

² Cf. *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, p. 14; n.º 32, 1.12.1938, p. 11; n.º 38, 15.8.1939, p. 3.

A divulgação do que se entendia serem as grandes teses do marxismo foi simultânea e complementar ao seu uso crítico e polémico já referido.

Num esforço típico de difusão doutrinária, apresentaram-se as grandes traves da arquitectura do materialismo histórico e do materialismo dialéctico como sendo a representação geral do mundo social e natural, bem como o instrumento de interpretação do presente e o guia da acção transformadora.

Os textos originais dos autores de que se queria dar a conhecer o pensamento desempenharam, neste processo, um papel relativamente subalterno, sendo o essencial da apresentação da obra de Marx e de Engels levada a cabo quer através de textos de intérpretes e divulgadores do marxismo quer em artigos dos próprios redactores da revista.

O único texto de Marx e de Engels que encontramos reproduzido no quinzenário, inserido na secção “revista de ideias” com o título “idealismo e materialismo”³, reúne dois trechos, muito citados, da *Ideologia Alemã*⁴, versando as relações entre a “actividade material humana” e a sua representação consciente. Neles se defende a tese de que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”, em oposição à perspectiva dita ideológica, em que a relação entre dois termos surgiria invertida.

Henri Lefebvre e Estaline foram os divulgadores, publicados no quinzenário, que sistematizaram o pensamento de Marx e de Engels, convertendo-o em codificação filosófica e política.

De Lefebvre deu-se a conhecer um extenso artigo, repartido em cinco edições, intitulado “Que é a dialéctica?”⁵, traduzido da *Nouvelle revue française* por Jofre Amaral Nogueira⁶.

De Estaline publicou-se, na secção “ABC”, o artigo “Que é o método dialéctico?” e, no último número da revista, o artigo “Leis do desenvolvimento histórico”, ambos retirados do capítulo “O materialismo dialéctico e o materialismo histórico” inserido na *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, aprovada em reunião do Comité Central do PCUS, em 1938.

³ *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 3.

⁴ Cf. Karl Marx e Friedrich Engels, *L'Ideologie allemande*, Paris, Éditions Sociales, 1976, pp. 14 e 15, 19 a 21.

⁵ *Sol Nascente*, n.ºs 29 a 33, 15.5.1938 a 1.1.1939.

⁶ A carta em que Lefebvre respondeu ao pedido de publicação de Jofre Amaral Nogueira foi publicada por Alberto Vilaça (*op. cit.*, p. 201).

A tendência era, em ambos os casos, reduzir o pensamento marxista a um conjunto limitado de teses e converter a sua análise em fórmulas aplicáveis à generalidade do pensar e do acontecer humano.

Assim, a dialéctica opor-se-ia à metafísica, o materialismo ao idealismo, a teoria revolucionária às ideologias burguesas, o socialismo científico ao utopismo, o racionalismo científico moderno ao anti-racionalismo, num quadro de categorias que se apresentava como sendo a súpula do pensamento de Marx e de Engels.

Esta cábula, uma vez aplicada à análise de circunstâncias concretas, designadamente aos conflitos de classes e aos papéis desempenhados pela classe que se encontraria em ascensão e pela classe que se encontraria em decadência, daria a conhecer o significado e o valor de qualquer expressão do pensamento e da cultura.

É esta a linguagem e esta a gramática que as obras de divulgação marxista, muito correntes na época, tendem a compendiar. E se o realizavam num tom mais panfletário do que filosófico (por exemplo, Lefebvre introduz, nos artigos citados, o problema metafísico escrevendo que “o ser embriagara Parménides” e “assim nasce a metafísica”, acrescentando, pouco depois, que Platão “acredita ter na sua cabeça o verdadeiro céu, o das ideias”), fazem-no com o recurso óbvio à cumplicidade inerente à autoridade política que os leitores lhes reconheceriam.

Lefebvre era membro do PCF desde 1928, sendo um dos seus mais eminentes filósofos, ainda que não se limitasse a reproduzir as teses ortodoxas, Estaline era simplesmente, para muitos, “o pai dos povos”.

O próprio Lefebvre reconheceu, anos mais tarde, em prefácio a uma das reedições do seu interessante *Le Matérialisme dialectique*, cuja primeira edição, em 1940, foi anunciada em *Sol Nascente*, que “o dogmatismo é forte, dispõe da força, do poder, do Estado e das suas instituições”. Tendo acrescentado que, “além do mais, tem as suas vantagens: é simples; ensina-se com facilidade, ilude os problemas complexos, o que é o seu sentido e a sua finalidade; tem os seus partidários, dando um sentimento simultaneamente de afirmação vigorosa e de segurança”⁷.

A propósito das limitações desta divulgação do marxismo, Mário Sacramento, que logo no ano que ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra publicou em *Sol Nascente* um conto, lamentou que a sua “pobre geração (...) não tendo podido aceder com facilidade

⁷ Henri Lefebvre, *Le Matérialisme dialectique*, 5.ª edição, Paris, PUF, 1962, p. V.

(salvo em casos de excepção) às obras básicas do pensamento dialéctico, cingiu-se, na maioria das vezes, a livros secundários, de divulgação adulterada, ou, até, aos simples panfletos". E acrescentou: "o que foi viciado, lá fora, pelo culto da personalidade e pelo dogmatismo simplista, teve cá a agravante incrível de tudo isso"⁸.

É, porém, de notar que, se a revista não nos dá indicações sobre o acesso que os seus redactores tinham às obras de Marx e de Engels, apresenta, pelo contrário, abundantes indicações quanto ao seu bom conhecimento das revistas marxistas francesas⁹ e da inglesa *The Modern Quarterly*¹⁰, suas contemporâneas, bem como acerca do movimento editorial marxista, designadamente das Éditions Sociales Internationales¹¹, propriedade do Partido Comunista Francês, de que apresenta e comenta diversos livros.

Tenha sido por intermédio de Felisberto Pereira Lemos, empregado da insuspeita Livraria da Coimbra Editora, que contribuiu para o acesso

⁸ Mário Sacramento, *Diário*, Porto, Limiar, 1975, p. 31.

⁹ Foi o caso de *La Pensée, revue du rationalisme moderne*, que publicou os seus primeiros três números em 1939, e a que *Sol Nascente* se referiu logo por ocasião do seu lançamento (n.º 37, 1.7.1939, p. 13, ver também n.º 39, 15.10.1939, p. 15; n.º 40, 15.11.1940, p. 15; n.º 42, 15.1.1940, pp. 13 e 15; n.º 43-44, Março de 1940, p. 7), e de *Europe*, fundada por Romain Rolland e, na época, próxima das posições marxistas (n.º 35, 1.4.1939, p. 13; n.º 37, 1.7.1939, p. 13; n.º 38, 15.8.1939, p. 11; n.º 39, 15.10.1939, p. 15).

¹⁰ Citada como desempenhando em Inglaterra o papel que *La Pensée* desempenhava em França (n.º 45, 15.4.1939, p. 12). Note-se que há diversas referências a edições inglesas que se "enquadram naquela orientação dialéctica por que temos terçado armas" (cf. n.º 34, 1.3.1939, p. 13; n.º 41, 15.12.1939, p. 13; n.º 43-44, Março de 1940, p. 7; n.º 45, 15.4.1940, p. 12).

¹¹ As Éditions Sociales Internationales constituíram a principal referência editorial divulgada pela redacção da revista. No n.º 29 (15.5.1938, p. 12), indicaram-se os títulos da "coleção de cultura que Georges Friedmann dirige", o que remete para a colecção "Socialisme et culture" dessas edições. No n.º 32 (1.12.1938, p. 3), apresentou-se e comentou-se *Darwin*, de Marcel Prenant, publicado nessa colecção, identificando-se a editora pelas iniciais E. S. I., a que se acrescenta a indicação "Paris". No n.º 34 (1.3.1939, p. 12), Armando Bacelar elogiou o romance *La Tentation*, de F. C. Weiskopf, publicado na mesma editora. No n.º 37 (1.6.1939, p. 13), Fernando Pinto Loureiro deu como exemplo da nova literatura *Commune mesure*, de Renaud Jouvenel, também das E. S. I. No n.º 38 (15.8.1939, p. 11), indicaram-se, em duas notas, algumas das suas publicações mais recentes. No n.º 39 (15.10.1939, pp. 3 e 4), surgiu a adaptação e tradução, por José Augusto Martins, de partes de *Nietzsche*, de Henri Lefebvre, pouco antes publicada pelas E. S. I. No n.º 40 (15.11.1939, p. 15), indicou-se a edição de uma obra de John dos Passos pelas E. S. I.

a essas obras, tenha sido por outra via, o corpo redactorial da revista estava a par da principal literatura marxista que se publicava em França e em Inglaterra.

Entre os autores franceses, naturalmente os mais lidos, são de destacar Henri Lefebvre, Nibert Guterman, Georges Friedmann e Paul Nizan.

De Lefebvre e Guterman reproduziu-se uma extensa passagem de *La Conscience mystifiée*. Tinha por objecto a “decadência da cultura”¹² conformista, associada ao fim da economia de livre concorrência, que se caracterizaria pelo abandono da verdade, da lucidez, da razão. O elogio do irracional apresentaria simultaneamente expressões filosóficas – Nietzsche, Bergson ou Spengler – e expressões políticas – Goebbels, Von Papen, Montherlant.

A tese era corrente e a sua evocação vulgar, mas os autores conferem-lhe contornos de informação e de reflexão – como os que constam nos dois textos de Lefebvre sobre Nietzsche transcritos na revista¹³ – que fazem com que a sua sustentação não se limite ao seu traço mais esquemático.

De Georges Friedmann, autor de *La Crise du progrès*, encontramos um artigo de análise do volume que a *Encyclopédie Française* havia dedicado à psicologia. Henri Wallon tinha sido o seu director¹⁴, sendo elogiado não só por não ter feito uma vulgar obra de sistematização dogmática, antes valorizando a problematização dos temas da psicologia e a sua conexão com os outros saberes humanos, como por se lhe poder atribuir a insinuação de uma possível convergência dos seus progressos científicos com os princípios do racionalismo moderno.

Duas passagens, neste artigo, justificam ser destacadas. A afirmação atribuída a Bergson de que “a natureza se preocupa mais com a sociedade do que com o individuo” é contestada. A secção de que Lacan é

¹² N. Guterman e H. Lefebvre, “A decadência da cultura”, *Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, pp. 3 e 4. *La Conscience mystifiée* é citada em diversas ocasiões (cf., v. g., Umberto Diniz, “Notas sobre um certo cepticismo”, *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, pp. 12-13).

¹³ Cf. Henri Lefebvre, sem título, *Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, p. 14, e Henri Lefebvre, “A época e o destino de Nietzsche”, *Sol Nascente*, n.º 39, 15.10.1939, pp. 3 e 4.

¹⁴ Georges Friedmann, “Um grande livro de psicologia concreta”, *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, pp. 3 e 4. Entre outras referências a *La Crise du progrès*, é de citar aquela em que José Augusto da Silva Martins classifica a obra como “admirável ‘História das Ideias de 1895 a 1935’” (Carlos Serra, “A nova técnica e o novo estilo de trabalho”, *Sol Nascente*, n.º 35, 1.4.1939, p. 5).

autor é referida como merecendo uma análise particular, apesar de nos seus artigos o "romantismo freudiano" não ser "talvez sempre bastante controlado"¹⁵.

De Paul Nizan, frequentemente citado e referido em termos muito elogiosos¹⁶, a revista inseriu no seu corpo um texto em que defendeu uma literatura subordinada à "vontade de ser fiel à realidade", na qual o romance se converteria num instrumento de conhecimento¹⁷.

Além da divulgação implícita, designadamente nas notas, críticas ou circunstanciais, das resenhas da literatura que os entusiasmava e da publicação de textos teóricos traduzidos, os próprios redactores da revista desenvolveram, na sua última dezena de números, algumas exposições de divulgação de teses diamáticas.

Huertas Lobo analisou, em artigo intitulado "Evolução económica-evolução social"¹⁸, o significado da sedentarização; Jofre Amaral Nogueira, a propósito do "económico na história"¹⁹, expôs o que entendeu ser o determinismo económico; Egídio Namorado interrogou retoricamente "é a natureza dialéctica?"²⁰, ao mesmo tempo que anunciou uma série de artigos em que propunha mostrar que "o materialismo dialéctico é simultaneamente uma *consciencialização* e uma *generalização* fecundíssima dos métodos da ciência"; Fernando Sá Marta, em "Para uma explicação

¹⁵ Notemos, de passagem, que o incómodo na apreciação da psicanálise que aqui se manifesta foi partilhado pela própria redacção da revista. Em nota não assinada, lê-se: "O freudismo é uma teoria ambígua, ambivalente: tem o mérito de pôr em destaque a importância do sexo na vida e da crise sexual na sociedade contemporânea; mas tem o defeito de ser idealista (pois ignora que é a vida social que determina a consciência e não a consciência que determina a vida social) e de reduzir os factores e os móveis da acção humana a 'complexos' psíquicos de raiz sexual individual e a alterações da dinâmica da 'censura do eu' e do 'inconsciente'. *Sol Nascente* procurará dar em breve uma análise crítica das ideias de Freud" ("Sigmund Freud", *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, p. 15).

¹⁶ António Ramos de Almeida escreveu mesmo que "Paul Nizan é o homem que chega", tomando-o, assim, por representativo do que emergia como novo na sua época e na sua geração (António Ramos de Almeida, "Crítica", *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 12).

¹⁷ Paul Nizan, "Ambição do romance moderno", *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 3.

¹⁸ H. Lôbo, "Evolução económica – evolução social", *Sol Nascente*, n.º 39, 15.10.1939, pp. 6 e 7.

¹⁹ Albertino Gouveia, "O económico na história", *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, pp. 4 e 5.

²⁰ Alves Moura, "É a natureza dialéctica?", *Sol Nascente*, n.º 41, 15.12.1939, pp. 4 e 5.

SOL

marcante

Director:
Carlos F. Barroso

Editor e pro-
prietário: Dilem-
mando Marinho,

Redacção e
Administração:
R. do Bom-
Jardim, 629—
Pôrto

Comp. e Impres-
sas offc. O Pri-
meiro de Janeiro

revista cultural de literatura e crítica



PUBLICA-SE HOJE: DESENHO — de Huertas Lôbo ■ COMENTÁRIO ■

RETÓRICA, TEORIAS... ■ TÉCNICAS DE TRABALHO: UM NOVO MOVIMENTO — por Pedro Aguiar Nogueira ■ É A NATUREZA DIALÉTICA? — de Alves Moura ■ OS MEUS PASSADOS — por Jorge Victor ■ EM VOLTA DA ESCOLA — de Mário Frasso ■ CRÔNICA MENSAL — por Rodrigues Soares ■ UM ASPECTO ESQUECIDO DA VIDA DO JAPÃO — de H. C. ■ POSIÇÃO DA JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORANEO — por Júlio Filipe ■ MESTRE JOÃO RUIVINHO — conto de Afonso Ribeiro ■ SIMONE EVRARD: EXEMPLO DUMA MULHER — por Manuel Campos Lima ■ CRÍTICA — por Joaquim Namorado e C. Relvas ■ CINEMA — por Fernando Seabra ■ NA LINHA QUEBRADA DA NOSSA ÉPOCA... ■ DE SOL A SOL, ETC. ■

ILUSTRAÇÕES — de Somar.

DESENHO

de

HUERTAS LÔBO

O vento soprava de leste.

concreta dos intelectuais pseudo-livres"²¹, procurou caracterizar a situação do intelectual na "fase pessimista do capitalismo".

Aos olhos da redacção, o marxismo, como a concepção geral e o método que revelavam a ordem interna do mundo natural e do mundo humano, enriquecer-se-ia em cada análise concreta e reforçar-se-ia a cada progresso das ciências.

Neste sentido, a diversidade temática dos artigos publicados – sobre pré-história ou evolução técnica, sobre cinema ou mecânica das partículas – não significava nem dispersão, nem, muito menos, eclectismo, mas, fundamentalmente, uma confluência de saberes iluminados, de forma sistemática, a partir das categorias dialécticas e materialistas. A razão que assim triunfaria ignorava qualquer sombra de refutação e abria-se, pelo menos aparentemente, de corpo inteiro ao mundo.

A este fulgor interpretativo é necessário juntar o ímpeto transformador.

Não sendo um saber contemplativo, o marxismo teria na acção política revolucionária não só um corolário, mas a sua expressão plena.

Enquanto guia de acção e teoria revolucionária, o marxismo tende a ser confundido com o que se tem por seu produto histórico: a URSS.

Neste sentido, a história recente da União Soviética seria a expressão concreta do socialismo e das suas virtualidades, tornando-se a defesa da sua orientação política a pedra-de-toque que, no presente, possibilitaria distinguir os revolucionários dos anti-revolucionários.

Marx, Lenine e Estaline passam a ser encarados como momentos de um mesmo percurso; a orientação política do Estado dos soviets concebida como o seu vértice apontado ao futuro.

Para quem acreditava viver o momento decisivo do fim do ciclo capitalista, na sua última etapa, a imperialista²², julgando estar próxima a superação, comandada pela pátria de Lenine, das contradições que o minavam²³, a divulgação teórica e a sustentação da política soviética seriam entre si complementares, mesmo indissociáveis.

²¹ Luís Vieira, "Para uma explicação concreta dos intelectuais pseudo-livres", *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, pp. 8 e 11, e n.º 43-44, Março de 1940, pp. 14 e 16.

²² Escreveu, por exemplo, Fernando Pinto Loureiro: "toda a história dos últimos vinte anos é, não só na Europa mas em todo o mundo, a história do imperialismo debatendo-se com a sua própria decadência" (Rodrigo Soares, "Crónica mensal", *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 2).

²³ Pinto Loureiro foi claro: "Há uma diferença profunda entre a situação de 1914 e a de hoje (...) a diferença está no agravamento das condições fundamentais da história contemporânea: da contradição entre o capital e o trabalho dentro dos vários países, da contradição entre os vários grupos imperialistas, da contradição entre a metrópole e os povos coloniais,

Assim se compreende que Fernando Pinto Loureiro tenha saído em defesa do Pacto Germano-Soviético, que, apesar de ter uma “aparência brutal”, encontraria justificação à luz da interpretação da guerra como simples conflito inter-imperialista. A seu ver, o pacto envolveria uma “grande desvantagem para a Alemanha”, já que implicaria que a Itália se visse trocada pela URSS, o Japão circunscrevesse a sua acção à política asiática e a Espanha se remetesse a uma condição neutral. De passagem, congratula-se com a “entrada de tropas russas em território polaco”²⁴. Justifica, por fim, a invasão da Finlândia²⁵.

Do mesmo modo se compreende que a revista tenha dado a conhecer o bem-estar em que viveriam as classes laboriosas do país dos soviéticos²⁶. O *estacanoquista* era o seu emblema. A um tempo, “herói positivo” e “homem novo”. Resultaria de um humanismo que teria feito nascer “pela primeira vez no mundo a ‘unidade’ do homem, acabando com a oposição do económico e espiritual”; seria agente de um progresso para o qual “a finalidade é a felicidade do homem, porque para ele o homem é o capital mais precioso”; laboraria num quadro de emulação em que o trabalho “deixou de ser uma maldição para se tornar um motivo de honra e de alegria”, em que passaria a ser “proibido não pensar”.

Vivia-se um tempo de certezas, certamente com apreensão face aos acontecimentos próximos, mas sem dialécticas sombras.

Sombras que – note-se, de passagem – se insinuaram, contudo, em dois dos autores tomados como referência teórica. Nizan criticou publicamente a entrada do Exército Vermelho na Polónia, o que lhe valeu a acusação pelos seus pares franceses de agente policial. Friedmann, que publicou *De la sainte Russie à l'URSS*, também durante o ano de 1939, com reservas críticas à União Soviética, que conhecia de perto, passou a ser olhado como trânsfuga.

Proscritos em França, estes autores ainda eram vistos, entre nós, como portadores de uma esperança imaculada, que se encontrava muito para além de qualquer vicissitude circunstancial ou dissidência pessoal.

e da contradição entre a generalidade dos países e a União Soviética (...) esta segunda grande guerra imperialista tem um carácter decisivo. A marcha da humanidade está a fazer-se com um sentido dominante: a ultrapassagem das contradições” (*loc. cit.*).

²⁴ Rodrigo Soares, “Crónica mensal”, *Sol Nascente*, n.º 39, 15.10.1939, p. 2.

²⁵ Cf. Rodrigo Soares, “Crónica mensal”, *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 2.

²⁶ Pedro Aguiar Nogueira, “Técnicas de trabalho. Um novo movimento”, *Sol Nascente*, n.º 41, 15.12.1939, pp. 3 e 15.

O neo-realismo

As referências correntes à história do *Sol Nascente* surgem, por regra, associadas à formação do movimento literário e artístico que nas suas páginas, bem como nas de *O Diabo*, ganhou a designação de neo-realismo.

Como a consideração do teor da revista já exposto permite facilmente inferir, o neo-realismo não foi um movimento que tenha surgido e se tenha desenvolvido no interior dos simples limites da vocação literária e artística, circunscrevendo-se ao âmbito de uma estética, mas antes a síntese entre um projecto político revolucionário, a doutrina que o fundamentaria e um programa específico para as letras e as artes.

Representou, desde a origem, mais uma política cultural do que uma poética.

Viria a ser a literatura e a arte conforme ao universo conceptual e aos desígnios dos jovens comunistas, independentemente de cada um dos seus autores se encontrar partidariamente organizado, da sua diferente sensibilidade, da particularidade dos seus percursos individuais.

A definição e a afirmação deste movimento encontraram-se inscritas em quase todo o percurso do *Sol Nascente*, à excepção dos números iniciais, dando-nos a leitura do quinzenário, a seu propósito, uma visão geral das suas fontes, hesitações e primeiros resultados.

A própria presença da corrente marxista na revista começou por se expressar através de manifestações, mais ou menos incipientes, das temáticas e da produção literária que vieram a caracterizar o neo-realismo. Foi o que se passou, por exemplo, nos artigos já citados de Mando Martins e de Afonso Ribeiro, bem como na colaboração literária destes (e de outros) autores.

Com a passagem para Coimbra e com o *Sol Nascente* a ganhar “consistência ideológica, rigidez de conduta, uma unidade que lhe era essencial para bem cumprir a sua missão”, sendo esta última redefinida como “uma comunhão de energias jovens, um pensamento positivo e actuante, o cabouqueiro duma arte sem mistificações e duma mentalidade propulsionadora”¹, estruturou-se o corpo de fundamentos e deu-se forma colectiva ao movimento literário e artístico que se dizia ser o de uma geração.

¹ “No 3.º Aniversário de *Sol Nascente*”, *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1944, p. 2.



Joaquim Namorado e Fernando Sá Marta.

Joaquim Namorado, Fernando Pinto Loureiro, Jofre Amaral Nogueira, Armando Bacelar e Fernando Sá Marta constituíram, entre outros, o núcleo coimbricense de militantes políticos e culturais a que o neo-realismo deve o nome e a origem².

No discurso destes articulistas sobressaía, antes de mais, a tentativa de transferir a figura do intelectual, enquanto cidadão que intervém na vida pública ao abrigo da condição de homem culto, do universo diversificado dos agentes e actores culturais para o domínio mais circunscrito das figuras do escritor e do artista.

Já a observámos, aliás, ao analisarmos a ênfase conferida à responsabilidade dos escritores, face à “encruzilhada dos homens”, na crítica dirigida à obra de Régio.

A colocação do problema da responsabilidade do intelectual, na sua forma mais desenvolvida e relevante, a propósito do papel de escritores e artistas envolvia, só por si e desde logo, alguns pressupostos relevantes.

² A actividade reflexiva e crítica neo-realista polarizou-se, desde este momento inicial, em Coimbra (tendo o *Sol Nascente* representado um momento importante no percurso que passou, de seguida, pelo *Novo Cancioneiro* e pela *Vértice*) e em Lisboa. As relações entre os membros destes dois núcleos caracterizaram-se pela camaradagem e colaboração recíproca. Os principais articulistas da revista escrita em Coimbra também publicaram em *O Diabo*, e em movimento recíproco, os articulistas do período final deste semanário – como Fernando Piteira Santos e Mário Dionísio, entre outros – viram editados no *Sol Nascente* alguns dos seus textos mais significativos.

O primeiro respeitava à importância atribuída à literatura e à arte no desenrolar do que se entendia ser o processo histórico, designadamente no eclodir do seu momento culminante, tido como próprio do tempo que era presente. Estava implícita a convicção de que a literatura e a arte desempenhavam papéis centrais na luta ideológica e que eram, em consequência, instrumentos relevantes na superação do alheamento de si próprio, individual e colectivo, que caracterizaria o combate à "alienação" e à "desmistificação". Propiciariam a "tomada de consciência", isto é, a compreensão e a vivência do mundo de acordo com a visão revolucionária³.

O segundo envolveria a redefinição da própria condição do intelectual, designadamente o cerceamento da autonomia teórica e da autonomia política que lhe seria própria. O enquadramento teórico geral estaria dado, correspondendo à teoria revolucionária libertadora do proletariado, organizado em partido e, por seu intermédio, da sociedade de classes. Competiria ao intelectual aceitá-la como certeza fundamental e mesmo reconhecer que as controvérsias filosóficas a respeito da sua leitura e da sua aplicação podiam ser potencialmente contraproducentes, ao introduzir diversidade de interpretações onde as exigências de propaganda e da acção reclamavam somente verdades e não problemas. A condição de intelectual como homem de cultura unicamente sujeito à soberania da razão teria, neste quadro, os dias contados.

O terceiro pressuposto implicava a afirmação de uma nova autoridade, correlata da referida perda de legitimidade crítica e de fundamentação própria. Sendo as diferentes concepções e opiniões tidas por expressões, ainda que frequentemente subtis e indirectas, da luta de classes e sendo a libertação do proletariado apresentada como obra do próprio proletariado, organizado em partido, ao intelectual estaria reservado um papel subalterno. A simples consideração da sua origem social, por regra pequena-burguesa, devia levá-lo a duvidar dos seus próprios pontos de vista, bem como da firmeza dos seus propósitos, aceitando que sobre as ideias e a actividade próprias pairasse a espada da suspeição acerca da sua integridade revolucionária.

³ A revista transcreveu, a este propósito, um trecho de Paul Nizan: "a verdadeira função do leitor é querer aprender a viver, por conseguinte de considerar o romance, a literatura em geral, não, de forma alguma, como um divertimento (...), mas como um instrumento de conhecimento". Em consequência, o pensador francês advogava, como responsabilidade atribuível ao romanista, que "é preciso dar às pessoas consciência de si próprias, mesmo que elas não o queiram" (Paul Nizan, "Ambição do romance moderno", *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 3).

Na medida em que a literatura e a arte se instituíram como os territórios da mediação intelectual, esbatendo-se o papel dos intelectuais nos outros domínios da produção cultural, caminhava-se para uma mediação em que a ilustração, presente na síntese entre a representação do mundo e a reconstituição da vida, prevaleceria sobre os discursos de produção e transmissão conceptuais.

Esta alteração radical do estatuto do intelectual, por via da redefinição do relacionamento entre o político e o cultural, era um dado da época, visível quer na evolução da política cultural, interna e externa, da URSS⁴, quer no quadro das suas implicações noutros contextos nacionais, designadamente na vida e no debate culturais franceses⁵, que constituíram as referências correntes dos jovens redactores do *Sol Nascente*.

No já referido e simbólico artigo em que Jofre Amaral Nogueira caracterizou “o alvorecer duma consciência de geração em largos sectores da juventude”, esta assimilação da condição de intelectual à de escritor e de artista estava inteiramente adquirida. Partindo do pressuposto de que a “adolescência é a idade mais literária da vida”, concluía-se que os jovens tenderiam num mesmo lance a despertar para as belas letras e a revelarem-se sensíveis aos movimentos literários, mentais e políticos do seu tempo.

Ora, nesse momento tido por crucial, a síntese entre a aspiração à expressão literária e o sentido da justiça dos jovens deveria, para não se perder, obediência a ditames objectivos: “a nova geração só pode realmente sê-lo se colocar de parte as concepções estáticas do mundo liberal (...), se for capaz de transformar a grande parte da sua subjectividade em objectividade do dia seguinte, de fazer uma negação concreta e fecunda

⁴ Entre as suas expressões cimeiras, encontraram-se o I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, e, no plano internacional, o incentivo e o apoio dados ao I e ao II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, em Paris, em 1935, e em Valência, Madrid, Barcelona e Paris, em 1937.

⁵ A França foi – a par da Alemanha – um dos países em que o impacto da política cultural soviética mais se manifestou, mesmo quando os que a seguiram foram objecto de críticas – exactamente por não terem criado uma secção da internacional de escritores – e de campanhas sistemáticas – como a que visou o jornal *Monde*, que teve o seu episódio maior no Congresso de Karkov, em Novembro de 1930 (vide Jean-Pierre Morel, *Le Roman insupportable. L'Internationale littéraire et la France*, Paris, Éditions Gallimard, 1985, pp. 208 e segs.). As citações, frequentes no *Sol Nascente*, das revistas *Clarté* e *Europe*, as transcrições de Jean-Richard Bloch (que dirigira as páginas de literatura de *L'Humanité*) e a evocação do próprio Henri Barbusse testemunham, entre muitos outros exemplos, como esse impacto se repercutiu, também por essa via, entre os universitários que redigiam o quinzenário.

do mundo em que vive (...) a sua arte só pode ser a arte útil, a arte que cria humanidade (...) não a arte que forma vultos literários, personalidades decorativas”⁶.

Neste quadro, o contributo dos intelectuais consubstanciar-se-ia, em primeira linha, nas obras literárias e artísticas que resultavam da consciência revolucionária do mundo e da relevância que esta assinalaria à sua divulgação.

Seria, pois, de estimular quer a revelação e a consolidação de vocações literárias e artísticas quer o debate sobre o significado e o compromisso ético-político que lhes seria inerente.

Este modo de conceber a articulação do político com o cultural arrastou a literatura e a arte para lugar de relevo no debate ideológico e a ideologia para o centro da discussão literária e artística.

Segundo Joaquim Namorado, desde os escritos sobre o romantismo de Paul Lafargue, que teria sido “quem pela primeira vez utiliza o *diamat* na crítica literária”, que se tinha precisado que “a arte é a expressão da luta na sociedade – que não existe arte sem tendência”⁷.

No mesmo sentido, Álvaro Cunhal defendeu que, embora seja “transparente como a água que literatura não é política nem sociologia e que arte literária não é propaganda”, “não é menos transparente que toda a obra literária – voluntária ou involuntariamente – exprime uma posição política e social e que toda ela faz propaganda seja do que for”, sendo que há quem prefira “as obras literárias que exprimem *determinada* posição política e social às obras literárias que exprimem *outra* posição política e social”⁸.

Haveria, assim, que criticar as obras em que as concepções tidas por decadentes se divulgavam e, ao mesmo tempo, encontrar os caminhos de uma literatura conforme aos desígnios sociais e políticos da nova geração.

A rejeição cristalizou-se nos conceitos de subjectivismo, psicologismo e formalismo, por regra associados ao modernismo e a uma quimérica arte pela arte.

Fernando Pinto Loureiro fez a súpula do significado atribuído aos autores assim qualificados: “o destino infeliz dos subjectivistas é servirem aqueles que temem a verdade e por isso preferem o metafísico ao humano, o

⁶ Jofre Amaral Nogueira, “O papel de uma nova geração”, *Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, pp. 6 e 7.

⁷ Joaquim Namorado, “Do neo-romantismo: o sentido heróico da vida”, *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 22.

⁸ Álvaro Cunhal, “Numa encruzilhada dos homens”, *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 7.

psicológico 'puro' ao social, o abstracto ao concreto". E acrescentou: "triste destino, irónico destino o dos subjectivistas: servirem a mistificação contra a verdade e os mitos e fetiches contra a vida, *jugando-se livres...*"⁹.

Rejeitava-se, igualmente, o realismo oitocentista e o próprio naturalismo, em que as preocupações sociais foram, frequentemente, evidentes.

"Ainda não se ultrapassou por cá o naturalismo (Ferreira de Castro)", escreveu Joaquim Namorado, para quem a obra do autor de *Emigrantes* não merecia análise que a distinguisse do todo da literatura portuguesa sua contemporânea, antes se integrando num quadro geral de "desinteresse pelos problemas da nossa época, uma mistificação consciente ou inconsciente desses problemas, uma perspectiva *aliteratada* da vida", que manteriam "os nossos romancistas no estado de fósseis, ligados a modas literárias do seu tempo de jovens"¹⁰.

Em oposição, defendia-se uma arte que servisse os homens concretos – e, por isso, "arte viva e humana" –, como parte do processo de libertação colectivo e político – e, como tal, "arte social" –, nos termos em que o marxismo o perspectivou e antecipou – e, assim, "arte revolucionária".

Alves Redol sugeriu como "frontão para o templo dos escritores da nossa época" uma citação de Tchernychevski, o escritor e revolucionário russo dilecto de Lenine¹¹, de acordo com a qual "não é a sociedade que serve o artista, mas o artista que serve a sociedade"¹².

⁹ Rodrigo Soares, "A cultura e a vida", *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 5.

¹⁰ Joaquim Namorado, "Do neo-romantismo: o sentido heróico da vida na obra de Jorge Amado", *Sol Nascente*, n.º 42-43, Março de 1940, p. 22.

¹¹ A consideração de Lenine por Nicolai Tchernychevski (1828-1889) é verificável pelo simples facto de ter escolhido como título para uma das suas principais obras o mesmo que Tchernychevski havia dado ao conhecido romance que escreveu durante a sua reclusão na Fortaleza de Pedro e Paulo: *Que fazer?* Tchernychevski foi mais tarde classificado pela imprensa soviética como "democrata revolucionário, socialista utópico, filósofo materialista, escritor e crítico de arte", que eram qualificativos reservados para os eleitos como predecesores. Note-se que a admiração de Lenine era partilhada pelos seus contemporâneos. Logo na abertura de *A Arte e a Vida Social* – uma das obras marxistas mais representativas e das mais lidas sobre o significado social da produção literária e artística –, Plékhanov cita um dos primeiros artigos de Tchernychevski, a propósito do tema da "arte pela arte" e do valor da poesia como divulgadora da massa de conhecimentos, permitindo supor que inscrevia a sua reflexão numa tradição em que esses artigos teriam lugar de relevo (cf. Georges Plékhanov, *L'Art et la vie sociale*, Paris-Moscovo, Éditions Sociales – Éditions du Progrès, 1975, pp. 7, 9 e, a propósito dos atributos referidos, p. 83).

¹² Alves Redol, "O romance brasileiro de Lins do Rego", *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, p. 12.

Armando Bacelar esclareceu, em sentido convergente, que “a literatura viva é (...) aquela que surge dos movimentos parcelares da vida, a que não se serve da vida porque a serve, a que nasce como expressão e resposta aos dramas humanos de cada época”¹³.

A própria redacção escreveu que “o que aflige muitos dos nossos detractores do campo ‘literário’ é verem que lhes damos uma grande lição: longe de considerarmos a literatura como o fim da vida, entendemos que ela deve ficar no seu lugar que não é o primeiro”. Assim, “a uma posição puramente, exclusivamente estética, substituímos e opomos uma posição ‘total’”¹⁴.

Sustentou-se, igualmente, que a literatura e a arte em que os dramas dos homens se exporiam envolveria uma consciência dos tempos própria e que esta seria dada, na sua plenitude, pela interpretação da sociedade à luz da compreensão marxista da história.

Joaquim Namorado referiu-se-lhe, ao escrever que “não é o preconceito político, como tantos querem fazer crer, que nos leva a preferir esta literatura [a de Gorki, John dos Passos, Nizan, Malraux, Ostrovski, Jorge Amado e Aragon] àquela [a de Marcel Proust, D. H. Lawrence, Thomas Mann]”, mas “é algo de mais concreto, real e inegável: a existência de uma nova concepção do mundo, duma nova maneira de viver, duma outra consciência”. Por outras palavras, “uma nova mentalidade surge neste meado do século, uma nova consciência se forja neste longo debater de crises duma civilização que finda”¹⁵.

Advogava-se, ainda, a tese de que a própria vitalidade da produção literária e artística estaria dependente da ligação à vida social e à tomada de consciência dos desafios do seu tempo por parte dos escritores e dos artistas.

O prestigiado Amédée Ozenfant, em depoimento traduzido de *La Querelle du réalisme*¹⁶, disse-o com clareza: “todo o artista que se mantém voluntariamente fora da luta social e política, julgando colocar-se

¹³ Carlos Relvas, “Crítica: *J’ai honte de mendier*”, *Sol Nascente*, n.º 41, 15.12.1939, p. 13.

¹⁴ “Na linha quebrada da nossa época”, *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, p. 12.

¹⁵ Joaquim Namorado, “Do neo-romantismo: o sentido heróico da vida na obra de Jorge Amado”, *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 22.

¹⁶ *La Querelle du réalisme*, Paris, Éditions Sociales Internationales, 1936. Publicam-se, neste volume, os debates na Maison de la Culture de Maio de 1935 e de Março e de Maio de 1936, animados por René Crevel, Louis Aragon, André Malraux e Jean Cassou.

numa posição favorável, priva-se ao contrário de toda a possibilidade de acordo com o seu tempo”¹⁷.

A própria vida popular seria a grande fonte de inspiração e de autenticidade do escritor. A propósito da obra de Amando Fontes, Alves Redol escreveu, como clara apreciação valorativa, que “germinou no fundo úbere da massa humana, sentiu os antagonismos de classe que criam tempestades e quando surgiu à luz, foi para dar frutos a que pudessem chegar quantas bocas sequiosas de saber os quisessem possuir”¹⁸.

E a propósito de *Gaibéus*, Joaquim Namorado realçou “isto é a primeira coisa que se verifica ao folhear o livro de Alves Redol: um conhecimento profundo do tema, integração no ambiente, comunhão com o destino das suas personagens”, de que – em sua opinião – resultaria “uma sinceridade sempre sentida, em cada página, verdade de situações, justeza de vocabulário”¹⁹.

Armando Bacelar generalizou a tese ao conjunto da história da literatura, fazendo depender a eternidade das obras literárias da “tradução de tendências dinâmicas da humanidade, em exprimir momentos da consciência humana que significam um marco de conquista deixado pelo homem no seu caminho histórico”, ao mesmo tempo que indicam “um acréscimo da potência do homem sobre o meio, um movimento de libertação real, quer do espírito quer da matéria”, que teria origem num “perene inconformismo, um sempre renovado desejo de luta e superação”²⁰.

O neo-realismo seria o movimento literário e artístico em que este conjunto de atributos ganharia expressão.

Distinguindo-o do realismo e do naturalismo, que pretenderiam “dar as características *naturais* das pessoas e das coisas”, Fernando Pinto Loureiro caracterizou-o como a arte que visa “dar da realidade uma visão *social*, quer dizer, uma visão em que as pretensas características ‘natu-

¹⁷ “Para onde caminha a pintura? Depoimento de Amédée Ozenfant”, *Sol Nascente*, n.º 35, 1.4.1939, p. 7.

¹⁸ Alves Redol, “Amando Fontes”, *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, p. 10. Note-se que, ainda no período da redacção da revista no Porto, Mando Martins defendera, no artigo intitulado “Cultura e povo”, a tese da necessidade do escritor “viver com o povo”, bem como outras exigências afins que, na etapa da publicação em Coimbra, vieram a ser retomadas e tidas por muito relevantes (*Sol Nascente*, n.º 17, 15.10.1937, p. 14).

¹⁹ Joaquim Namorado, “*Gaibéus* – Romance de Alves Redol”, *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 12.

²⁰ Carlos Relvas, “Crítica: *J'ai honte de mendier*”, *Sol Nascente*, n.º 41, 15.12.1939, p. 13.

rais' das coisas sejam explicadas pela história, pela vida social, pela prática, pelas lutas de interesses, etc."²¹.

Joaquim Namorado, que tinha dado o nome ao neo-realismo, adicionou-lhe o neo-romantismo, que teria como aquele "uma base materialista" e se caracterizaria por ser "a expressão de um imenso heroísmo, perspectiva que se 'sonha'; se constrói sobre os alicerces do real e se talha na conquista do futuro"²². Ao esclarecimento racional, juntar-se-ia a emoção do heroísmo e a antevisão de um próximo mundo novo.

É de notar que a interpretação do significado social e político que se atribuía à literatura e à arte sobressaiu sempre relativamente às considerações que tivessem por objecto questões de índole estética ou de reflexão literária e artística.

Foi-nos dado a conhecer o universo conceptual que presidia ao neo-realismo, o intuito de utilidade a que se devia subordinar, as opções estéticas que se rejeitavam, mas pouco nos foi dito sobre o que devia caracterizar a sua natureza especificamente literária e artística.

Aparentemente, julgava-se que a opção realista decorreria como uma evidência de considerações de índole geral e alheias ao foro da ponderação estética.

O próprio artigo em que mais se avançou no domínio da reflexão especificamente literária e artística – intitulado significativamente "Apontamento sobre a necessidade de ver claro", de Mário Dionísio – é um texto problematizante, levantando questões fundamentais a que não deu resposta, ainda que indique o sentido que possibilitaria, no futuro, vir a obtê-las.

Depois de declarar ter sido Eça inimigo de uma classe mas sem qualquer sugestão para a sua superação, como seria comum ao "antigo realismo", e de acusar a generalidade dos modernistas de confinarem o inconformismo à criação de fórmulas em que se buscava uma originalidade forçada, Dionísio reconhece que seria uma "pobre modificação de coisas" a que residisse "nos fuzilamentos, nos coros guerreiros, numa bandeira ou vermelha ou branca". Em consequência, reconhece "a necessidade de modificação formal" como evidente e a seu propósito interroga-se, sem resposta à vista: "mas como *inventá-la*, como *descobri-la* sem que corresponda a uma modificação integral do homem? Para

²¹ Rodrigo Soares, "Crítica: *Commune mesure*", *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 13.

²² Joaquim Namorado, "Do neo-romantismo: o sentido heróico da vida na obra de Jorge Amado", *Sol Nascente*, n.º 42-43, Março de 1940, p. 43.

quê e como *inventá-la*, se ela deve surgir espontaneamente, sem programa, excepto o de exteriorizar uma nova estrutura?"²³.

Como ainda não tinha chegado o momento em que a nova arte e a nova literatura, própria do novo homem, numa nova estrutura, se tinham revelado, era incerto descortinar o contorno específico das suas características.

Encontram-se, porém, na revista algumas indicações reflexivas sobre as questões que se iam levantando a propósito da identidade estética do novo movimento, por vezes inseridas em artigos de crítica às obras que se deixavam enquadrar na sua orientação geral.

Rejeitava-se, com ironia ácida, o lirismo. Em artigo já citado, lê-se, a propósito da "geração dos menos de trinta": "nós somos antes de mais uma geração realista, ou, como costuma dizer-se, estruturalmente *anti-lírica* (...) na medida em que condenamos o lirismo como concepção da vida e atitude *total* perante ela"²⁴.

Questionava-se a delimitação entre géneros literários, designadamente no que toca às fronteiras entre a descrição realista empírica, o comentário e a narrativa. Pinto Loureiro, por exemplo, escreveu: "o neo-realismo vem atenuar a distinção entre a crónica, abstracta, genérica e tantas vezes puramente retórica, e a reportagem, concreta, sóbria e objectiva"²⁵.

Havia um claro aviso para que não se confundissem bons sentimentos e justos propósitos, vertidos em prosa ou em verso, com obra literária. Como se disse acerca de *Açucenas Bravas*, de Vicente Campinas, "não basta uma intenção moralizadora, didáctica mesmo, para salvar o poema"²⁶.

Esboçaram-se os grandes critérios da construção romanesca realista. A verosimilhança de personagens e de ambientes²⁷, o equilíbrio entre os diferentes episódios, a escolha, mais ou menos adequada, de tipos e de linguagens foram alguns dos tópicos mais considerados. Contudo, a

²³ Mário Dionísio, "Apontamento sobre a necessidade de ver claro", *Sol Nascente*, n.º 26, 15.3.1938, p. 7.

²⁴ Agnelo Mendes e Lúcio Teixeira, "Para elucidação dos de mais de quarenta anos sobre a geração dos de menos de trinta", *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, p. 5.

²⁵ Rodrigo Soares, "Crítica: *Commune mesure*", *Sol Nascente*, n.º 37, 1.7.1939, p. 13. A obra de Pierre Hamp seria o paradigma da aproximação entre literatura e reportagem.

²⁶ J. T., "Açucenas Bravas, versos por A. Vicente Campinas", *Sol Nascente*, n.º 33, 1.1.1939, p. 13.

²⁷ Cf. Alves Redol, "Amando Fontes", *Sol Nascente*, n.º 30, 1.7.1938, p. 10.



Retrato de Gorki por António Ruivo Ramos (Somar)

grande fonte de esclarecimento da literatura e da arte que se pretendia vir a fazer foi dada pelos muitos exemplos que lhe serviriam como referências.

As obras de origem brasileira foram as mais celebradas.

Afonso Ribeiro, que chegou a representar o *Sol Nascente* no Rio de Janeiro, chamou a atenção para alguns dos novos autores brasileiros mais representativos: Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Raquel Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Lima²⁸.

Alves Redol classificou-os como “guarda avançada da mais profunda renovação que a arte reflexa da língua portuguesa terá produzido”, pois teriam sabido construir “a forma actual e viva, intensificada e imposta pela evolução histórica, daquilo a que se pode chamar literatura popular”, permitindo vislumbrar “para lá da ravina um mundo novo de promessas e de realidades, que arrancariam as multidões à angústia do momento que se vive”²⁹.

António Ramos de Almeida elegeu Jorge Amado como “o maior romancista do Brasil, talvez mesmo o maior romancista que escreve em língua portuguesa”, que caracterizou como divulgador em toda a sua obra “daquilo que um jovem crítico português chamou muito bem: sentido

²⁸ Cf. Afonso Ribeiro, “Breves considerações sobre o romance brasileiro contemporâneo”, *Sol Nascente*, n.º 28, 15.4.1938, p. 12.

²⁹ Alves Redol, “Amando Fontes – Impressões da sua obra”, *Sol Nascente*, n.º 29, 15.5.1938, p. 12.



Retrato de Romain Rolland
por António José Soares
(Ares)

heróico da vida"³⁰; o que, aliás, o crítico evocado, Joaquim Namorado, se encarregou, algum tempo depois, de confirmar³¹.

Algo de semelhante ao que se observava na literatura brasileira passar-se-ia um pouco por todo o lado, embora com a falta da atracção própria de uma língua e de um passado compartilhados e sem alguns dos condimentos de encanto e de jovialidade que se lhe atribuíam.

Estaria presente, em primeiro lugar, na União Soviética, sob a figura tida por tutelar de Máximo Gorki (a que *Sol Nascente* dedicou a capa do número especial do seu terceiro aniversário³²), com escritores como Fiódor Gladkov, autor do muito divulgado *Cimento*³³ (que deu nome à colecção de literatura das Éditions Sociales Internationales, com refe-

³⁰ António Ramos de Almeida, "O romance brasileiro através dos seus principais intérpretes", *Sol Nascente*, n.º 31, 15.8.1938, p. 7.

³¹ Cf. Joaquim Namorado, "Do neo-romantismo: o sentido heróico da vida na obra de Jorge Amado", *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, pp. 22 e 23.

³² A associação de Gorki ao número comemorativo do terceiro aniversário (o único duplo) foi intencional e explícita (cf. *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 6).

³³ Alves Redol registou, a seu respeito, uma opinião então corrente: "na cúpula [dos melhores romances] que tenho lido está ainda esse inimitável *Cimento* de Gladkov" (Alves Redol, "Amando Fontes", n.º 30, 1.7.1938, p. 10). Traduzido para francês, em 1928, por Victor Serge, depressa ganhou notoriedade, convertendo-se num dos primeiros grandes êxitos do que viria a ser o realismo socialista.

rência habitual nas páginas da revista³⁴), e Nicolai Ostrovich, com o seu célebre *Assim Foi Temperado o Aço* (editado nessa colecção), bem como diversos outros escritores, numa galeria de autores já com alguma extensão (em que Vladimir Maiakovski estava, naturalmente, ausente).

Sendo a URSS o local em que a humanidade tinha a sua expressão mais avançada, a literatura e a arte que nela se produziam seriam, no realismo com que cantariam a grandeza de heróis positivos, naturalmente socialistas, expressões deslumbrantes dos novos tempos.

Ocorreria, depois, em França, igualmente à sombra do prestígio moral e literário de um autor da geração anterior, Romain Rolland (a quem *Sol Nascente* dedicou o número do seu segundo aniversário³⁵), com, entre outros, André Malraux, Paul Nizan, Pierre Hamp e Louis Aragon³⁶.

E verificar-se-ia igualmente nos quatro cantos do mundo. Nuns casos, por simples sensibilidade face aos dramas humanos e à injustiça, noutras casos, sustentada numa armação conceptual igualmente devedora de um posicionamento ideológico e político. Lorca³⁷, Rafael Alberti, Antonio Machado, entre os espanhóis, Erich Maria Remarque³⁸, entre os alemães, John dos Passos e Michael Gold, entre os norte-americanos, Ignazio

³⁴ Em crítica a *Commune mesure*, livro de crónicas de Renaud de Jouvenel, que dirigia a colecção, esta aparece caracterizada como “destinada a contribuir para a salvaguarda da cultura e para a construção de uma literatura realista e social” (Rodrigo Soares, “Crítica: *Commune mesure*”, *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 13).

³⁵ Tendo tomado como pretexto o seu 73.º aniversário de Romain Rolland, que ocorrera a 29 de Janeiro de 1939, a redacção justificou dedicar-lhe a sua “pobre mas sincera e vibrante homenagem” por o tomar como “um dos pioneiros daquele humanismo pelo qual pugnamos e a que ele chamou ‘humanismo humano’”, por ser “um raro exemplo de isenção e dedicação à causa da cultura”, bem como “um símbolo de quanto vale a dignidade e o amor do homem na luta por um mundo melhor” (“Romain Rolland”, *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, p. 16). Nesse número, encontramos três artigos em que se fez o elogio do autor do romance *Jean Christophe* (António Ramos de Almeida, “Carta a Romain Rolland”; Joaquim Namorado, “Romain Rolland”; e Jean-Richard Bloch, “Novo encontro de Romain Rolland e a França”).

³⁶ Note-se que, na obra de todos estes autores, a reflexão teórica acompanhou a produção literária, revestindo-se alguns dos seus textos conceptuais de relevância para a formação do pensamento literário e artístico da redacção da revista, como foi o caso, no que se refere à de Aragon, do “interessante livro *Pour un réalisme socialiste*” (Rodrigo Soares, “A arte moderna alemã”, *Sol Nascente*, n.º 32, 1.12.1938, p. 10).

³⁷ A quem foi dedicada uma capa (n.º 38, 15.8.1939), de quem se publicou uma antologia (n.º 29, 15.5.1938, p. 7) e um poema avulso (n.ºs 43-44, Março de 1940, p. 3).

³⁸ A quem dedicou a capa do n.º 40 (15.11.1939).

Silone³⁹, entre os italianos, Pearl S. Buck⁴⁰, na revolucionária China, e Nicolás Guillén⁴¹, em Cuba, têm as suas obras citadas, nas páginas do quinzenário, como exemplos da nova literatura, nelas se reconhecendo as modalidades e os traços que a distinguiriam.

Este universo de escritores não surgia aos jovens redactores do *Sol Nascente* como uma nebulosa informe, em configuração vacilante, mas como o conjunto das constelações do zodíaco da literatura socialmente comprometida.

Ainda que a evocação de todos estes autores revelasse um conjunto vasto de sensibilidades literárias e artísticas, é impossível compreender as conclusões que os redactores da "revista do pensamento jovem" tiraram a seu propósito sem se ter presente, quer a evolução interna da orientação cultural da URSS, na primeira metade da década de trinta, quer os termos em que desenvolveu o seu papel de direcção no movimento comunista no plano literário⁴² e artístico.

A defesa do realismo surgia-lhes, certamente, como um postulado. Desde 1932, era a política oficial da URSS, tendo sido consagrada, dois anos depois, no I Congresso dos Escritores Soviéticos⁴³. A atitude de rejeição do modernismo tinha a mesma origem, pois não compreendia simplesmente a rejeição do modernismo caseiro, mas também a recusa da pertinência do seu eventual uso revolucionário. A ambiguidade sobre o exacto sentido do programa literário e artístico realista não era só sua, mas estava na matriz da sua afirmação internacional⁴⁴. O encobrimento da

³⁹ Cf. Joaquim Namorado, "Crítica: *Le Pain et le vin*", *Sol Nascente*, n.º 35, 1.4.1939, p. 13.

⁴⁰ Cf. "De Sol a Sol", *Sol Nascente*, n.º 32, 1.12.1938, p. 16, e Joaquim Namorado, "Crítica: *Terra Bendita*", *Sol Nascente*, n.º 37, 1.6.1939, p. 12.

⁴¹ De quem publicou uma antologia em toda a última página do n.º 30 (1.7.1938).

⁴² A propósito da "Internacional Literária", que existiu, entre 1920 e 1935, à margem da Terceira Internacional, mas com o seu apoio, e do papel que os dirigentes e escritores soviéticos nela desempenharam, veja-se Jean-Pierre Morel, *Le Roman insupportable. L'Internationale littéraire et la France (1920-1932)*, Paris, Gallimard, 1985.

⁴³ Em 1932 e no quadro de uma revisão geral da política cultural soviética, o próprio Comité Central do PCUS criou, na sequência da dissolução da Associação de Escritores Proletários da Rússia (RAPP), uma comissão especial de cinco membros, que incluía Estaline, de que resultou a criação do sintagma "realismo socialista", num quadro de valorização do realismo e em detrimento da variedade de escolas literárias e artísticas que caracterizaram o decénio anterior.

⁴⁴ A opção da direcção do PCUS pelo realismo redundou na aprovação oficial do "realismo socialista" como estética oficial, no Congresso de Escritores Soviéticos de 1934. Nos

orientação estética à sombra de enunciados políticos genéricos tornara-se vulgar⁴⁵. A própria designação “neo-realismo” já tinha surgido um decénio antes⁴⁶. Outras designações também empregues pelos redactores do *Sol*

Estatutos da União de Escritores apareceu de seguida definido nos seguintes termos: “O realismo socialista, método de base da literatura soviética e da crítica literária, exige do escritor sincero uma apresentação histórica e concreta da realidade no seu desenvolvimento revolucionário. Deste modo, a veracidade e o aspecto historicamente concreto da representação artística da realidade devem aliar-se à tarefa de uma mudança ideológica e da educação dos trabalhadores no espírito do socialismo. O realismo socialista assegura à arte criadora uma possibilidade extraordinária de manifestar toda a iniciativa artística e uma escolha de formas, de estilos e de géneros variados. A vitória do socialismo, o crescimento impetuoso das forças produtivas, nunca visto na história da humanidade, o processo grandioso da liquidação das classes, a supressão de todas as possibilidades de exploração do homem pelo homem e da supressão dos contrastes entre a cidade e o campo e, por fim, os progressos da ciência e da cultura criaram possibilidades ilimitadas para um crescimento qualitativo e quantitativo das forças criadoras e para a eclosão de todos os géneros de arte e de literatura”. Como facilmente se verifica, o conceito não primava pela clareza. Régine Robin, em estudo exaustivamente documentado, assinalou-o: “não saberemos, até ao fim, se o realismo socialista é um estilo, um método, um dos métodos (...), uma corrente, uma forma, uma temática, nem que relação conserva com o antigo realismo, o naturalismo, o modernismo, (...) como não sabemos como integra na sua estética um certo romantismo, o regresso do épico e do monumental” (Régine Robin, *Le Réalisme socialiste. Une esthétique impossible*, Paris, Payot, 1986, p. 72).

⁴⁵ Foi o que se passou, logo em 1932, em França: “A associação estreita e sistemática do compromisso político e da prática artística tornou-se um argumento de autoridade e o realismo uma evidência. Este argumentário simplificado, que será desenvolvido infatigavelmente por Aragon e Léon Moussinac, foi enunciado em Novembro de 1932 no editorial não assinado do primeiro número de *Cahier Rouge*, órgão provisório da AEAR [Association des écrivains et artistes révolutionnaires]. Fixa as quatro palavras de ordem que estruturam estes discursos: o artista deve tomar consciência da sua situação, denunciar a sua pretensa independência face à burguesia, reunir a frente unida dos intelectuais e do proletariado, reabilitar a arte e transformá-la numa arma ao serviço da luta revolucionária. (...) A subordinação a um discurso e o advento certo da revolução remetem a questão estética para o futuro, depois do nascimento de uma sociedade e de um homem novo” (Antoine Perrot, “Impasse et seuil: figures du réalisme dans les années trente”, in *Face à l'histoire 1933-1996. L'artiste moderne devant l'événement historique*, Paris, Flammarion – Centre Georges Pompidou, 1996, pp. 134 e 135).

⁴⁶ No quadro do debate que atravessou a vida cultural soviética, no decénio e meio posterior à revolução, Voronskii, um dos defensores da corrente realista, propôs, em meados da década de vinte, a designação de “neo-realismo” para “a combinação original de romantismo, de simbolismo e de realismo”, com conteúdo socialista, que, “em oposição ao realismo burguês que concentra a atenção sobre a personalidade isolada (...), toma a personalidade no conjunto das condições que a envolvem e agem sobre ela” (citado por Régine Robin, *op. cit.*, p. 237).

Nascente, ou que com elas apresentam evidente paralelismo, eram correntes a leste, como o “neo-romantismo” e o “romantismo revolucionário”, a que Gorki frequentemente aludiu⁴⁷ e que Andrei Jdanov consagrou⁴⁸.

Por muito que os fundadores do neo-realismo tenham sido destros e convincentes na apresentação das suas orientações como resultantes de um impulso próprio que se encadearia na sequência lógica da realidade cultural portuguesa, a compreensão do discurso programático e reflexivo que desenvolveram obriga a ter sempre presente que o fizeram, de facto, a partir de pressupostos estéticos alheios, transpostos que foram, frequentemente, nos seus termos gerais, os seus conteúdos integrais, porque originariamente sumários, de um discurso oficial sobre a função social da literatura e da arte que se tinha imposto entre os que partilhavam, no panorama internacional, as suas convicções ideológicas e políticas.

Fizeram-no tomando, mais uma vez, a cultura francesa como fonte e mediação, recolhendo, entre os autores que tinham por progressistas, o *abrégé* das grandes questões e dos grandes argumentos do realismo e da arte empenhada que perfilharam e que reproduziram. De um modo geral, valorizaram o fundo de convicções compartilhado pela generalidade dos seus autores, em detrimento da tomada de posição, ou mesmo do simples debate, sobre as especificações programáticas e políticas que regularmente os iam opondo. Obras como *La Querelle du réalisme*, de que foi transcrito o artigo de Ozenfant já citado, e como *Pour un réalisme socialiste*, de Louis Aragon, bem como publicações periódicas como *Clarté*, tida por uma “bela revista”⁴⁹, *Commune* e *Europe* estiveram na origem da informação e da formação programáticas que os animaram.

⁴⁷ O que é, aliás, relativamente explícito, pois o próprio Joaquim Namorado, em artigo sobre o “neo-romantismo”, cita, em epígrafe, o autor de *A Mãe*: “O heroísmo da realidade exige o romantismo” (Joaquim Namorado, “Do neo-romantismo: O sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado”, *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 22).

⁴⁸ Entre as muitas ocasiões em que Jdanov se lhe refere, encontra-se a do próprio “Discurso ao I Congresso dos Escritores Soviéticos”, lido a 17 de Agosto de 1934, que foi, na altura, muito reproduzido: “o romantismo revolucionário deve entrar na criação literária como uma das suas partes constituintes porque toda a vida do nosso Partido, toda a vida da classe operária e o seu combate voltam a unir o trabalho prático mais severo e racionalmente mais sustentado a um heroísmo e a perspectivas grandiosas” (Andrei Jdanov, “Discurso ao I Congresso dos Escritores Soviéticos”, in *Action poétique*, n.º 43, Honfleur, Ed. P. J. Oswald, 1970, p. 93).

⁴⁹ *Sol Nascente*, n.º 43-44, Março de 1940, p. 7.

Se passarmos da reflexão teórica e da recepção das obras estrangeiras para a análise da produção literária em que o neo-realismo deu os seus primeiros passos, verificamos que a revista publicou, para além dos textos já referidos de Afonso Ribeiro e de Mando Martins, um conjunto significativo de contos e de poemas originais com que concretizou a sua orientação programática.

Estes textos dão-nos a conhecer um esboço da identidade literária do movimento, que não se reduziu à perspectiva doutrinária, nem com esta se deve confundir, ao exceder, pela natureza do texto literário, a simplicidade dos enunciados gerais, e ao adquirir, pela sensibilidade, estilo, fixações temáticas das suas diferentes vozes, a sua efectiva definição. Ora, a relação entre o programa e as obras que supostamente o realizariam não é uma relação de ilustração ou demonstração, exceptuados os produtos mais sumários e menos interessantes, mas uma relação a todos os títulos problemática, pois cada obra é uma leitura díspar da experiência humana, interpretada e construída nos termos da sua própria enunciação.

Uma expressão simultaneamente curiosa e persistente das vicissitudes próprias da criação literária neo-realista, que se encontra no *Sol Nascente*, manifesta-se na discrepância temática e mesmo conceptual e imagética que afasta os textos poéticos das narrativas.

Nos poemas, com destaque para os de autoria de Joaquim Namorado, Mário Dionísio e Dias Lourenço, que foram publicados ao lado de outros de índole diversa, como os de João José Cochofel e Fernando Namora, encontra-se o imaginário revolucionário, com as suas referências ao vermelho⁵⁰, à fraternidade sem fronteiras⁵¹ e ao futuro⁵², num quadro cultural urbano e, por vezes, operário⁵³.

⁵⁰ "Vejo-te no mundo que não pára / como um grande lenço rubro desfraldado", escreveu Mário Dionísio, em "Poema da mulher nova" (*Sol Nascente*, n.º 13, 15.8.1937, p. 13).

⁵¹ Como o testemunha o "Cantar de amigo" de Joaquim Namorado, em que se pode ler: "Eu e tu, milhões!.../ Entre nós – perto ou longe! – entre nós rios e mares/ montanhas e cordilheiras.../ (...) Eu e tu/ elos da mesma cadeia/ grãos da mesma seara/ pedras da mesma muralha!/ Eu e tu, que não sei quem és,/ que não sabes quem sou: – Eu e tu: Amigo! Milhões!... (*Sol Nascente*, n.º 29, 15.5.1938, p. 15).

⁵² Inseparável da força proletária: "Um ritmo novo/ acordou a cidade adormecida.../ (...) Ritmo de máquinas,/ de alavancas e de braços/ – ritmo novo da manhã clara" (Joaquim Namorado, "Poema da manhã clara", *Sol Nascente*, n.º 34, 1.3.1939, p. 4).

⁵³ Como "Crepúsculo", de Dias Lourenço, em que se descreve a morte de um velho fogueiro que "tomba silencioso", após se ver incapaz de fazer subir o panteiro de uma caldeira (*Sol Nascente*, n.º 31, 15.8.1938, p. 15).

A narrativa, mais próxima da opção pelo realismo, predominou na literatura neo-realista e tomou os romancistas oitocentistas por referência paradigmática. Nela continuamos a encontrar, mesmo no período de maior afirmação doutrinária, uma literatura de temática rural, descritiva dos dramas da vida dos camponeses e que no seu universo, por regra, se encerra. É o que se verifica na prosa de, entre outros, Cansado Gonçalves, Rodrigues Faria e Joaquim Namorado⁵⁴.

O mesmo ocorreu nas duas obras publicadas pelas Edições "Sol Nascente", *Ilusão na Morte*, de Afonso Ribeiro, de 1938, e *Sinfonia da Guerra*, de António Ramos de Almeida, de 1939⁵⁵.

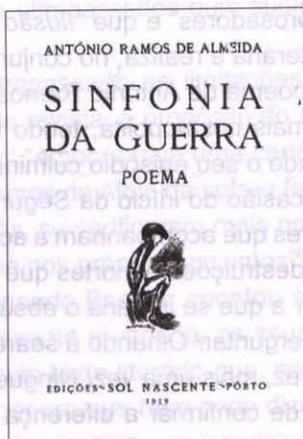
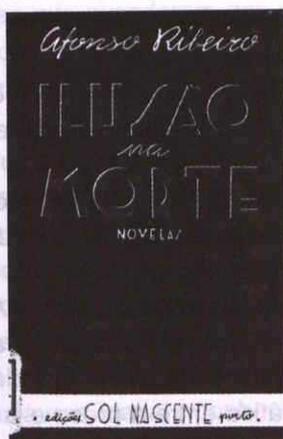
As sete novelas de Afonso Ribeiro, reunidas neste volume, apresentam-se alheias ao mundo urbano, de que evocam pouco mais do que alguns traços do cinismo que o caracterizaria.

Oscilam entre uma vertente de teor psicológico⁵⁶ – nas primeiras narrativas: três em torno de sentimentos amorosos, relativamente pueris, de jovens adultos, mais ou menos abastados, e uma outra centrada na alma de um órfão que descobre na religião uma tutela opressora – e uma vertente de teor rural – nas três últimas novelas, sistematicamente associado às temáticas sociais, em que se expõe a vida de miséria absoluta dos camponeses pobres.

⁵⁴ Firminiano Cansado Gonçalves (com o pseudónimo Mário Seabra Novais) relatou a descoberta do cadáver de um homem assassinado, perto de Pias ("Apareceu um homem morto", *Sol Nascente*, n.º 31, 15.8.1939, p. 5), e o episódio em que um garoto, tido por destemido e descarado, atira, na escola da aldeia, um tinteiro à cara do filho de um proprietário abastado ("O Ginja", *Sol Nascente*, n.º 38, 15.8.1939, p. 15); Rodrigues Faria descreveu a miséria de um camponês depois de ter passado a vida agarrado à enxada ("Cavar, cavar...", *Sol Nascente* n.º 33, 1.1.1939, pp. 8 e 9), bem como cenas do quotidiano numa aldeia junto ao Tejo ("Hora de espera", *Sol Nascente*, n.º 36, 1.5.1939, p. 5); Joaquim Namorado narrou a história de um vagabundo da lezíria, apresentado como bravo e livre, cruel e terno ("A mão de lobo", *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, pp. 8 e 9).

⁵⁵ Além destas duas obras – que foram as únicas que as Edições "Sol Nascente" publicaram –, anunciou-se, em 1939, a edição de um livro de novelas de Joaquim Namorado, com o título *A Mão de Lobo*, e de outro de poesia, já então intitulado *Aviso à Navegação*, bem como de um volume de ensaios de Rodrigo Soares com a designação geral de *O Materialismo e a Cultura*. Estes anúncios constam, no que respeita ao primeiro, na própria revista (n.º 40, 15.11.1939, p. 8) e, a propósito de todos, na contracapa de *Sinfonia da Guerra* de António Ramos de Almeida.

⁵⁶ O próprio autor o confessa, ao aludir à sua tentativa de "desmontar as peças do relógio complicado que é o nosso eu" (Afonso Ribeiro, *Ilusão na Morte*, Porto, Edições Sol Nascente, 1938, p. 164).



As duas obras publicadas pelas Edições Sol Nascente.

Nas primeiras novelas, a tensão desenvolve-se a propósito da oposição da inocência e dos bons sentimentos ao sarcasmo e à duplicidade; nas restantes, em torno do conflito entre a luta pela sobrevivência dos trabalhadores dos campos e a ganância desumana dos proprietários ricos.

O tom melodramático, polvilhado com algumas consignas ideológicas⁵⁷, dominou.

A obra mereceu um extenso artigo elogioso de João Pedro de Andrade, em que o crítico alentejano destacou ter Afonso Ribeiro casado “o ideal estético com o ideal humano”, de tal forma que “pelo colorido das descrições, pela naturalidade do diálogo e pela humanidade das figuras (...) nos convencemos da verdade do que lemos”. O autor conseguira, assim, “o fim que tinha em vista com a sua arte e com o seu conhecimento da humanidade que descreve”. Como conclusão, afirma-se que Afonso Ribeiro se colocou “de golpe, com este seu livro, na reduzida fileira dos

⁵⁷ Na novela “As duas telas”, o jovem que se “liberta” da religião sente que, “quando o Homem sacudir a canga, que há-de sacudir, sentirá a mesma desopressão – refrigério e bálsamo que eu sinto” (p. 167). Em “Será sempre assim?”, alude-se à posse da terra pelos seus trabalhadores e ao facto de a justiça estar sempre do lado dos que têm dinheiro, concluindo-se estar o “mundo muito mal feito”, pois uns teriam tudo e outros nada, trabalhando como servos, o que justifica a pergunta que encerra a novela – e que lhe deu título – “será sempre assim?” (op. cit., pp. 232 a 234).

nossos prosadores” e que “*Ilusão na Morte* atinge momentos de grande beleza literária e realiza, no conjunto, uma obra de arte”⁵⁸.

Já o poema de António Ramos de Almeida⁵⁹ apresenta um teor mais geral e mais cosmopolita, tendo na descrição do bombardeamento de uma cidade o seu episódio culminante.

Por ocasião do início da Segunda Grande Guerra, o poeta recapitula os horrores que acompanham a actividade bélica, evocando o rol de sofrimentos, destruições e mortes que lhe são próprios.

Horror a que se juntaria o absurdo: “Quando o silêncio voltar/ Alguém torna a perguntar/ Olhando a seara imensa:/ Como? Porquê? Para quê?/ E outra vez, mais uma vez/ Ninguém saberá responder”⁶⁰.

Além de confirmar a diferença de temática entre a prosa e a poesia insertas na revista, a *Sinfonia da Guerra* justifica uma referência que a destaque, porque acabou por ser vista como tendo o valor simbólico próprio das obras fundadoras.

Armando Bacelar referiu-o, na altura, nas páginas da revista: “darei que tudo indica que *Sinfonia da Guerra* será um primeiro passo firme no caminho de um aperfeiçoamento e que as obras (que os ‘críticos’ da juventude ironicamente reclamam) vão começando a aparecer”⁶¹.

Começou, aliás, por esclarecer que “*Sinfonia da Guerra* surge como a tradução, num primeiro equilíbrio, do começo de novas concepções

⁵⁸ João Pedro de Andrade, “Sobre o livro ‘Ilusão na morte’, de Afonso Ribeiro”, *Sol Nascente*, n.º 31, 15.8.1938, p. 16.

⁵⁹ Este poema – em parte transcrito na revista (António Ramos de Almeida, “Guerra no mar”, *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 5) – foi editado com prefácio de Fernando Pinto Loureiro e posfácio de Joaquim Namorado. No primeiro afirma-se que “o autor deste livro é um daqueles novos poetas que estrangularam o lirismo intimista e a retórica vazia, que sabem o que cantam e que conhecem a força admirável das palavras com que constroem os seus poemas” (p. 6). No segundo classifica-se a *Sinfonia da Guerra* como “um livro inédito na nova literatura moderna: um poeta teve a coragem de viver um drama de toda a gente”, passando nas suas páginas “a inquietação de todas as almas nas horas do primeiro dia de Setembro e nas horas que se seguiram”, fazendo-o num tom de “romantismo novo, humano e esclarecido, um novo heroísmo” (p. 32).

⁶⁰ *Op. cit.*, p. 29.

⁶¹ Muitos anos volvidos, Armando Bacelar reiterou o sentido destas opiniões, ao indicar a *Sinfonia da Guerra* como constituindo um marco, pois teria iniciado, com *Gaibéus*, de Alves Redol, e *Rosa dos Ventos*, de Manuel da Fonseca, igualmente editados em 1939, o movimento literário neo-realista (Armando Bacelar, “Memória de Alves Redol”, in Maria José Marinho e António Mota Redol, *Alves Redol, Testemunhos dos seus contemporâneos*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, p. 29).

artísticas que sucederam aos cânones ultrapassados dum subjectivismo fechado”.

Ramos de Almeida teria, pois, ultrapassado as limitações que lhe tinham sido apontadas pelos críticos da revista, a propósito do seu anterior volume de poesia, *Sinal de Alarme*: “embora haja uma certa coerência ideológica no seu primeiro livro, Ramos de Almeida sofreu fortemente influências estranhas que, quanto a nós, se verificaram mais na maneira de expor os assuntos, *na forma*, do que nos próprios assuntos”⁶².

As qualidades e os limites que Armando Bacelar apontou à *Sinfonia da Guerra* revelaram, de forma interessante e variada, os seus critérios de análise crítica quando aplicados a um texto literário que, segundo as suas palavras, daria a conhecer um “género que bem pode dizer-se inédito entre nós”⁶³.

Requeria-se uma linguagem acessível, que rompesse com as “elites fechadas em si próprias”, uma poesia que não fosse prosa panfletária, pois “90% dos leitores não consideram poesia essas produções”, um registo que abandonasse o lirismo e enveredasse pelos sentimentos colectivos, o aproveitamento do “potencial de expressão” da literatura anterior para “o superar, numa síntese”, em que a “tradição clássica nacional” e o vigor das imagens modernistas teriam o seu lugar.

No mesmo número de *Sol Nascente* e na página anterior, encontramos a crítica de *Gaibéus*, de Alves Redol, por Joaquim Namorado.

Desde logo, a narrativa sobre as migrações rurais para o Ribatejo foi qualificada como “belo começo da nossa literatura contemporânea”⁶⁴.

“*Gaibéus* – escreveu Namorado – é um romance social construído com verdade e segurança”.

Seria um “romance convincente”, “cheio de interesse” e um “documento humano de extraordinário valor”, em que a acção se realiza “de maneira a poder crer-se como real”, o que revelaria quer “um conhecimento profundo do tema, integração no ambiente, comunhão com o destino das suas personagens”, quer destreza no ofício, pois “os capítulos vêm bem desenhados, as personagens são convincentes, os diálogos vivos e naturais”, formando um todo que se desenrolaria “harmonicamente sem saltos bruscos, sem altos nem baixos”.

⁶² M. A., “*Sinal de Alarme*, poemas de António Ramos de Almeida”, *Sol Nascente*, n.º 27, 1.4.1938, p. 4.

⁶³ Carlos Relvas, “A propósito de ‘*Sinfonia da Guerra*’”, *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 13.

⁶⁴ Como consta em nota não assinada (*Sol Nascente*, n.º 45, 15.4.1940, p. 12).

Ainda que se considere, por tudo isto, que “esta sua primeira experiência resultou inteiramente” e se possa esperar muito mais, recomenda-se que Alves Redol repense o seu estilo, pois deveria “ganhar sobriedade, simplicidade, controlando o seu temperamento exuberante”⁶⁵.

As obras publicadas durante o ano de 1939, designadamente as referidas, teriam alcançado o patamar de qualidade literária por que o movimento neo-realista ansiava.

Constituiriam a síntese entre a vocação literária de alguns, a representação do intelectual como escritor e artista comprometido, a concepção ideológica de fundo marxista e o domínio técnico e estilístico.

A própria redacção do *Sol Nascente* se encarregou de o assinalar, ao interrogar-se sobre “que significa, de um modo geral, este ano de 1939, na história da cultura portuguesa?”⁶⁶.

Respondeu, recorrendo, mais uma vez, às figuras da queda e da ascensão.

O olhar sobre a produção cultural do ano ilustraria, em primeiro lugar, a decadência dos académicos, com “os seus discursos olímpicos, cheios de presunção e vazio”, dos jornalistas dos grandes jornais, com a sua falsa hiper-perspicácia, dos pensadores profissionais, que nada explicariam e tudo baralhariam.

Revelaria, em segundo lugar, como “facto capital da nossa vida literária em 1939”, o embaraço dos escritores modernistas que “encontraram pela frente um novo inconformismo, não apenas formal, mas substancial, e não apenas literário, mas *total*”, o qual lhes faria faltar o terreno debaixo dos pés.

Confirmaria, por fim, “o fortalecimento de uma actividade jovem, que se manifestou, este ano, pela primeira vez, em termos de dissipar todas as dúvidas que acerca das suas possibilidades pudessem existir”.

Embora a discriminação dos progressos não faça referência explícita às obras literárias publicadas, fica claro, no contexto do combate neo-realista, que a efectiva publicação de livros considerados de literatura social conferiria, só por si, ao ano de 1939, o significado de um momento de viragem, aquele em que se afirmava a literatura jovem e, por seu meio, a cultura em ascensão.

⁶⁵ Joaquim Namorado, “*Gaibéus*, romance de Alves Redol”, *Sol Nascente*, n.º 42, 15.1.1940, p. 12.

⁶⁶ “Panorama intelectual português”, *Sol Nascente*, n.º 41, 15.12.1939, p. 2.

A proibição

A análise das orientações editoriais que presidiram à revista e do teor geral dos artigos publicados levou a considerar as temáticas e as concepções que nos surgiram como sendo, ao longo do seu percurso, ideológica e culturalmente mais significativas.

Porém, se o intento de esboçar o sentido do evoluir da publicação e de caracterizar os principais tópicos explícitos dos corpos doutrinários que a atravessaram se reveste, eventualmente, do mérito de reconstituir a identidade histórica, empírica, política e cultural do quinzenário, acaba simultaneamente por remeter para a sombra algumas questões centrais.

Facilmente se encontrarão, na leitura de cada um dos seus quarenta e cinco números, problemáticas relevantes que ou não foram consideradas ou apenas o foram muito parceladamente.

Os conceitos de cultura encontram-se abordados em traços muito gerais, o mesmo acontecendo com a representação da ciência, designadamente no período em que a revista foi redigida em Coimbra. Não considerámos os artigos, aliás regulares, de temática pedagógica, em que se defende a Escola Nova e os métodos activos. Como também não atendemos aos textos em que o estatuto da mulher é apreciado, quase sempre por homens (como Etelvina Lopes de Almeida fez notar em carta dirigida a Carlos Barroso).

É de salientar que a discussão destas e de outras temáticas, quando articuladas com as diferentes concepções do mundo e da vida presentes na publicação, se revela indispensável para que se faça o retrato de corpo inteiro da revista, não constituindo aspectos menores do seu teor.

Entre as questões relevantes à luz da história das ideias que ficam por colocar encontram-se ainda as respeitantes a alguns aspectos do estatuto do intelectual, à compreensão do desenrolar histórico e à representação do futuro, ao conceito de razão e aos termos do seu triunfo, bem como à teoria política em geral. Estes domínios inscritos no quinzenário possibilitam distinguir o pensamento e a acção de anarquistas, republicanos e comunistas, ao revelarem os pilares que sustentam o cenário das suas convicções.

São leituras e problemáticas a desenvolver num outro momento.

Fica, para já, desenhado um esboço de reconstituição histórica, acompanhado por notas sobre os colaboradores da revista, bem como pela

reprodução de alguns documentos representativos ou relevantes no seu curto, mas intenso, trajecto.

Como evocação do muito que ficou omitido e antes de se apreciar os termos da proibição de *Sol Nascente*, é de aludir a dois artigos ainda não citados: aquele que Álvaro Cunhal intitulou “E serão dois numa só carne”¹ e o texto de Le Corbusier titulado “Esperança da civilização mecânica – A habitação”².

Cunhal evoca uma “nova e acariciante luz banhando a humanidade”, que se consubstanciaria na reunião das condições necessárias “para que o homem e a mulher se casem e se reproduzam por amor e só por amor”, uma vez resolvidos os problemas económicos, morais e sociais que o impediam. Estes problemas resolver-se-iam se fossem assegurados salário, higiene, renda de casa, independência económica das mulheres, “paralelismo de sexos”, educação para os filhos.

Le Corbusier, após anunciar que “um dia virá em que (...) tudo será harmonia, sorriso, serenidade”, estabelece que “a urbanização é a missão própria de uma sociedade”, que por seu intermédio obteria, num tempo próximo, “em cada casa o sol como uma plena muralha de vidro; diante da casa, espaços imensos: o céu; ao pé da casa, árvores, jardins, parques, jogos; e o solo, o solo inteiro de uma ‘cidade verde’, pertence de futuro aos peões”.

Como facilmente se verifica, ambos os artigos revelam o poder das imagens e das ideias que empolgavam espíritos muito diferentes, nestes casos a propósito de dois aspectos que ainda não havíamos considerado: uma nova ordem amorosa e uma nova disposição da cidade.

Porém, o despontar do novo dia tardava. Mais, o evoluir da história concreta e próxima contrastava com estas e outras certezas revolucionárias.

No plano internacional, os republicanos saíram derrotados na Guerra Civil de Espanha, a tropa italiana ocupara a Albânia e os exércitos nazis manobravam em marcha impetuosa até aos Pirenéus.

No plano nacional, o regime corporativo consolidara-se, reorganizava o aparelho de propaganda, ao mesmo tempo que promovia a sua consagração com as comemorações nacionalistas do chamado Duplo

¹ Álvaro Cunhal, “E serão dois numa só carne”, *Sol Nascente*, n.º 39, 15.10.1939, pp. 11 e 13.

² Le Corbusier, “A esperança da civilização mecânica – A habitação”, *Sol Nascente*, n.º 40, 15.11.1939, pp. 3 e 4.

SOL

marcante

Director:
Carlos F. Barroso

Editor e pro-
prietário: Diler-
mando Marinho.

Redacção e
Administração:
R. do Bom-
jardim, 433 —
Pôrto

Comp. e Impres-
nas Ofic. O Pri-
meiro de Janeiro

revista cultural de literatura e crítica



café

fresco do pintor

brasileiro PORTINARI

PUBLICA-SE HOJE: Café — fresco do pintor brasileiro Portinari ■ CRÔNICA MENSAL — de Albertino Gouveia ■ SÍRIA DE ONTEM e SÍRIA DE HOJE ■ REVISTA DAS IDEIAS: A ESTRUTURA DA MATÉRIA — (conclusão) por J. D. Bernal ■ ABC — ACÉRIA DO IDEALISMO — de Alves Moura ■ NA LINHA QUEBRADA DA NOSSA ÉPOCA... ■ DUAS CONCEPÇÕES DO DESPORTO — por Fernando Seabra ■ O DR. VIEIRA D'ALMEIDA FALOU... — de R. S. ■ LEIS DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO — por Gabriel Coutinho ■ FILÓSOFOS DE MEIA TIOELA — de Pedro Vilar ■ LIVROS DE ONTEM — LEITURAS DE HOJE — por Alvaro Marinho de Campos ■ CINEMA — de Manuel de Azevedo ■ AMOR DA REALIDADE: A-PROPOSITO DUM LIVRO — por Carlos Serra ■ CRÍTICA — por Carlos Reivas e Rui Monteiro ■ SOL DE AGOSTO — poemas de João José Cochofel ■ INVERNO — poesia de Manoel Aguiar Sol ■ PARA UMA LITERATURA INFANTIL REAL e HUMANA — por Lima Carvalho ■ DE SOL A SOL, etc. ■ Ilustrações de João Alberto e Somar.

A última edição.

Centenário de Portugal, oficialmente inauguradas em 4 de Junho de 1940 mas, de facto, antecedidas por obras e iniciativas convergentes.

Ainda que estes aspectos da evolução política fossem tidos como simples vicissitudes transitórias, revelando circunstanciais momentos de tempestade em que algumas incertezas encobrem a terra ambicionada, as suas repercussões na conjuntura política imediata favoreceram a repressão sobre os que se opunham ao regime.

Ora, o *Sol Nascente* era, apesar de sujeito a censura prévia, um periódico de patente orientação marxista, expressa em ténue velatura cifrada, pois o seu universo discursivo, conceptual e de referências era, como tivemos oportunidade de verificar, inequivocamente doutrinário.

Por incompetência ou por cálculo, próprio ou instruído, os censores³ exerceram uma acção que foi, durante algum tempo, razoavelmente permeável aos objectivos da redacção da revista, que, apesar de ver os artigos que enviava para a censura frequentemente mutilados e de se ver pressionada a não comentar a evolução política, não deixou de ir concretizando o seu desiderato de divulgação ideológica.

Um colaborador do número derradeiro de *Sol Nascente*, Lino Lima⁴, não deixou de exprimir nas suas memórias a admiração que sentiu por, no ano de 1939, através de revistas de âmbito nacional e de suplementos literários de mensários de província, se ter “verificado, durante meses, a situação insólita de quase se cobrir um país, onde domina um regime fascista, de escritos que divulgaram e ensinaram o marxismo!”⁵.

Em 1940, esta relativa permeabilidade foi substituída pela proibição pura e simples das revistas em que a “geração jovem” tinha conquistado posições e se vinha afirmando. Foi o caso de *O Diabo*, que publicou o seu

³ Em geral, os censores não primavam pela subtilidade. Armando Bacelar testemunhou-o: “Felizmente para nós a censura era ainda geralmente constituída por gente de letras grossas, vinda dos primitivos tempos da ditadura militar, com abundância de oficiais tarimbeiros, aos quais passavam despercebidas muitas implicações que não se situassem ao nível do vocabulário mais carismático da esquerda. Assim, uma palavra como ‘capitalismo’ podia acarretar o corte de uma série de páginas, todo um artigo, com os inerentes prejuízos e dificuldades. Mas o mesmo artigo já podia passar se essa palavra fosse substituída por outra, inventada como sinónimo, tal como ‘lucrativismo’, que o leitor, com a continuidade, se acostumaría a entender. O mesmo sucedia com o vocábulo ‘reaccionário’, substituído por ‘rectrocedivista’, etc., etc.” (“Manuel de Azevedo”, *Diário de Lisboa*, 19.7.1984, p. 2).

⁴ Assinando Lima de Carvalho.

⁵ José Ricardo, *Romanceiro do Povo Miúdo*, Lisboa, Edições “Avante!”, 1991, p. 82.

último número em 21 de Dezembro de 1940, de *Pensamento*, em que os articulistas marxistas ganhavam peso crescente, que se extinguiu em 15 de Dezembro de 1940, e, antes destas, de *Sol Nascente*, que publicou a sua derradeira edição em 15 de Abril de 1940.

Curiosamente, foi também no ano dos centenários que a *Presença*, dos exprobrados Régio e de Gaspar Simões, deixou de se publicar⁶.

Em 13 de Fevereiro desse ano, isto é, após a saída do *Sol Nascente* n.º 42, datado de 15 de Janeiro, foi comunicado, por ofício, a Carlos Barroso, que o Director dos Serviços de Censura tinha suspenso, sem explicitar qualquer justificação, a revista "até nova ordem".

Além de a orientação doutrinária da revista ser cada vez mais ostensiva e de o movimento em que se integrava se ir claramente consolidando, como as críticas de *Gaibéus* e *Sinfonia da Guerra* publicadas exactamente no n.º 42 assinalaram, encontra-se neste número uma peça, a "crónica mensal", de Fernando Pinto Loureiro, com que aliás a revista abre, cuja publicação seria intolerável entre censores avisados.

Trata-se de um comentário à situação política internacional, âmbito a que os serviços de censura manifestavam severa reserva, reclamando que a revista se ativesse aos limites das temáticas culturais, e, neste caso, com notória gravidade, pois nele se justificava a invasão da Finlândia pela URSS, além de questionar a sua expulsão subsequente da Sociedade das Nações.

Esta "crónica mensal" afrontava, assim, no domínio da política internacional, a que o regime era particularmente sensível, não só a posição oficial de condenação da invasão da Finlândia, como também os termos da concretização da expulsão da URSS da SDN, que Salazar perseguia havia vários anos.

Carlos Barroso reagiu à comunicação da suspensão, em carta de 16 de Fevereiro, solicitando esclarecimento acerca do modo de remediar qualquer "irregularidade involuntária" que tivesse sido cometida pela revista, bem como sobre as consequências da suspensão no tocante à publicação do n.º 43, que já se encontraria visado pela Comissão de Censura, paginado e pronto a ser impresso.

Pela mesma altura, um delegado da revista foi enviado aos Serviços de Censura à Imprensa, tendo sido informado das condições que o seu Director impunha para que a suspensão fosse levantada.

⁶ O seu último número, o n.º 2 da 2.ª série, foi publicado em Fevereiro de 1940.

Tentando dar-lhes satisfação, Carlos Barroso assume o compromisso, em carta de 27 de Fevereiro, de “controlar com o máximo rigor a orientação da revista dentro do plano enviado”, de “não permitir colaboração fora dos limites estabelecidos” pelo Director dos Serviços de Censura, bem como excluir qualquer colaborador cujas ideias estejam à margem das balizas traçadas.

Simultaneamente, envia um documento com a “Missão” e a “Exposição concreta dos assuntos a tratar”, em que define “não apenas as directrizes mas também os limites dentro dos quais se exerce toda a acção de *Sol Nascente*”.

É um texto de circunstância, que tem como aspecto mais saliente o compromisso de o director circunscrever o teor da revista a uma dimensão estritamente cultural.

Satisfeitas as exigências dos censores e levantada a suspensão, por despacho de 7 de Março, a revista publicou o seu único número duplo, no mês seguinte, vindo a editar o seu exemplar derradeiro em 15 de Abril desse ano.

Em ambas as edições, *Sol Nascente* manteve a secção “crónica mensal”, em que comentava, à luz dos argumentos da ofensiva diplomática da URSS que se seguiu ao Pacto Germano-Soviético – reproduzidos por Pinto Loureiro cinco meses antes do conhecido artigo de Cunhal “Nem Maginot, nem Siegfried”⁷ –, a evolução da situação política internacional, que deixara de ser compreendida como sendo um confronto que opunha o nazismo e o fascismo aos aliados para ser explicado como uma disputa entre potências imperialistas.

Na última edição, a revista retomou, na segunda página e ao alto, a questão finlandesa: “o tratado de paz assinado entre a U. R. S. S. e a Finlândia – escreveu Jofre Amaral Nogueira – teve extraordinárias repercussões em todo o mundo”⁸.

Os Serviços de Censura, que passaram a trocar informação a respeito do quinzenário com a PVDE⁹, não conseguindo fazer vergar a redacção, acabaram por proibir definitivamente a publicação da revista.

Faltavam poucos dias para Óscar Carmona, Salazar e o Cardeal Cerejeira inaugurarem solenemente a Exposição do Mundo Português.

⁷ Álvaro Cunhal, “Nem Maginot, nem Siegfried”, *O Diabo*, n.º 285, 9.3.1940, p. 1.

⁸ Albertino Gouveia, “Crónica mensal”, *Sol Nascente*, n.º 45, 15.4.1940, p. 2.

⁹ Veja-se ANTT, Arq. PIDE/DGS, Proc.1068/SR, NT 2341, fols. 287 a 295.

Nota

Não se limitando a indicar os colaboradores assinados por um mesmo nome, o presente índice procura definir o universo dos autores que escreveram no *Sol Nascente*.

Na medida em que se delimita a história de todos os textos que se vierem a associar com pseudônimos e que a margem de incerteza quanto à outras atribuições da autoria se encontra diminuída e um catálogo restrito de colaborações, sem que qualquer um deles se revista particularmente significativo para a compreensão da história da publicação, fica estabelecido o quadro geral dos redatores e dos colaboradores da revista.

É de salientar que o recurso ao uso de pseudônimos não se destinava exclusivamente à evitar a exposição do articulista junto das entidades censuradas e policiais ou, inversamente, a não despertar um reativo zeloso resultante do simples reconhecimento de que a colaboração tinha origem em puto que se pensava não ter relação com um núcleo oposicionista. Muitas igualmente, porém, aliado aos leitores, tinha a possível identificação da revista com um pequeno grupo de universitários, apontando a existência de uma praiana de vozes convergentes, até então desconhecidas, que amparavam, por vezes, uma surpreendente consistência discursiva. Possibilitava, ainda, apresentar uma colaboração feminina mais ampla.

Os apontamentos biográficos destinam-se a dar algumas indicações úteis por relevantes, a diferentes níveis, para a identificação sumária de quem colaborava, entre 1937 e 1940, na revista.

Já quanto aos redatores que desempenharam funções institucionais ou técnicas e mantiveram o feio da publicação, estão-se a sumário do papel de cada um desempenhado na redacção e na história da revista.

Tentando dar-lhes sustentação, Carlos Branco assume o compromisso, em carta de 27 de Fevereiro, de "considar com o máximo rigor a criação da revista dentro do plano enviado", de "não permitir colaboração fora dos limites estabelecidos" pelo Director dos Serviços de Censura, bem como exigir que qualquer colaborador cujas ideias estejam à margem das balizas traçadas.

Simultaneamente, envia um documento com a "Nossa" e a "Exposição concreta dos assuntos a tratar", em que define "não apenas as directrizes mas também os limites dentro dos quais se deve ir toda a noção de 'O Nascimento'".

É um texto de prognostico, que tem como aspecto mais saliente o compromisso de a revista circunscrever o teor de artigos e de direcções editoriais em conformidade.

Satisfacido com o resultado dos contactos e levantada a suspensão, por despacho de 7 de Março, a revista publica o seu primeiro número duplo, no mês seguinte, vindo a editar o seu exemplar final em 15 de Abril de 1944.

Em ambas as edições, *O Nascimento* incluía a secção "crónica mensal", em que comentava, à luz dos argumentos da ofensiva diplomática da URSS que se seguiu ao Pacto Germano-Soviético – reproduzido por Flávio Lourenço cinco meses antes no conhecido artigo da *Cinza* "Um Maglioli non Sliggiol"¹⁰ – a evolução da situação política internacional, que deveria de ser compreendida como sendo um confronto que opunha o nazismo e o fascismo aos aliados para ser explicada como uma disputa entre potências imperialistas.

Na última edição, a revista referiu, na segunda página e ao pé, a questão finlandesa: "o estado de paz assinado entre a U. R. S. S. e a Finlândia – escreveu João Amador Nogueira – teve um extraordinário repercussões em todo o mundo".

Os Serviços de Censura, que pareceram a trazer informação a respeito do quotidiano com a *PMDE*, não conseguiram fazer ver que a publicação aderiram ao proibido definitivamente a publicação de revista.

Faltavam poucos dias para Oscar Carneiro, Sáez e o Cardel Correia, inaugurarem solenemente a Exposição do Mundo Português.

¹⁰ *Aviz* Cinza, "Um Maglioli non Sliggiol", 10 Junho, n.º 285, p. 2 (1944), p. 1.

¹¹ *Aviz* Cinza, "Um Maglioli non Sliggiol", 10 Junho, n.º 285, p. 2 (1944), p. 2.

¹² *Arquivo NITE*, vol. 101/1005, PSE-1086-07, ff. 214r, l. 6v, 267 e 268.

Nota e respectiva colaboração

1. Não se limitando a indicar o conjunto das colaborações subscritas por um mesmo nome, o presente índice procura definir o universo dos autores que escreveram no *Sol Nascente*.

2. Na medida em que se determina a autoria de todos os textos relevantes assinados com pseudónimo e que a margem de incerteza quanto a outras atribuições de autorias se encontra circunscrita a um conjunto restrito de colaborações, sem que qualquer uma delas se revele particularmente significativa para a compreensão da história da publicação, fica estabelecido o quadro geral dos redactores e dos colaboradores da revista.

3. É de salientar que o recurso ao uso de pseudónimo não se destinava exclusivamente a evitar a exposição do articulista junto das entidades censórias e policiais ou, inversamente, a não despertar um redobrado zelo restritivo, resultante do simples reconhecimento de que a colaboração tinha origem em autor que se pretendia banir pelo silêncio ou em notório oposicionista. Visava, igualmente, produzir efeito junto dos leitores. Iludia a possível identificação da revista com um pequeno grupo de universitários, aparentando a existência de uma polifonia de vozes convergentes, até então desconhecidas, que manifestavam, por vezes, uma surpreendente consistência discursiva. Possibilitava, ainda, aparentar uma colaboração feminina mais ampla.

4. Os apontamentos biográficos destinam-se a dar algumas indicações tidas por relevantes, a diferentes títulos, para a identificação sumária de quem colaborava, entre 1937 e 1940, na revista.

5. Já quanto aos redactores que desempenharam funções directivas, institucionais ou fácticas, e marcaram o teor da publicação, esboça-se a súmula do papel que cada um desempenhou na orientação e na história da revista.

6. A exposição de pintura de Ivo Giordani, Ano II, n.º 29, p. 11.

7. Acórdão do juiz António Ribeiro, Ano I, n.º 31, p. 2.

8. *Uma plástica: Para onde caminha a pintura?* Ano III, n.º 34, p. 4.

9. Colaboração artística.

10. *O Sol*, Ano I, n.º 2, p. 1.

11. *Gravura*, Ano I, n.º 3, p. 3.

12. *Idílio*, Ano I, n.º 4, p. 1.

Não se limitando a indicar o conjunto das colaborações subscritas por um mesmo nome, a presente índice procura definir o universo das autoras que escreveram no *Sol Nascentes*.

Na medida em que se determinam a autoria de todos os textos relevantes assinados com pseudónimo e que a margem de incerteza quanto a outras atribuições de autoras se encontra circunscrita a um conjunto restrito de colaborações, sem que qualquer uma delas se revele particularmente significativa para a compreensão da história da publicação, fica estabelecido o quadro geral dos redactores e das colaboradoras da revista.

É de salientar que o recurso ao uso de pseudónimo não se destinava exclusivamente a evitar a exposição de articulistas junto das entidades censurais e policiais ou, inversamente, a não despertar um redobrado zelo restrictivo, resultante do simples reconhecimento de que a colaboração tinha origem em autor que se pretendia partir pelo silêncio ou em retórica oposicionista. Visava, igualmente, produzir efeito junto dos leitores a possível identificação da revista com um pequeno grupo de universitários, apresentando a existência de uma polifonia de vozes convergentes, até então desconhecidas, que manifestavam, por vezes, uma surpreendente consistência discursiva. Prostativava, ainda, apresentar uma colaboração terminia mais ampla.

Os apontamentos biográficos destinam-se a dar algumas indicações úteis por relevantes, a diferentes títulos, para a identificação sumária de quem colaborava, entre 1937 e 1940, na revista.

Já quanto aos redactores que desempenharam funções directivas, institucionais ou técnicas, e marcaram o teor da publicação, espoc-se a fórmula do papel que cada um desempenhou na orientação e na história da revista.

Autores e respectiva colaboração

A.

- “*Amostras sem valor...*”, de Américo de Castro. Ano I, n.º 7, p. 10.

A., A. R.

Ver António Ramos de Almeida.

A., J. P.

Ver João Pedro de Andrade.

A., M.

Ver Manuel de Azevedo.

Alberto [de Carvalho], João (1909-1982)

Artista plástico e crítico de arte de formação anarquista. Aluno de Belas-Artes na Universidade do Porto.

- *Miguel Unamuno Jugo*. Ano I, n.º 1, p. 6.
- *O escultor Pinto de Couto*. Ano I, n.º 2, p. 6.
- *O Brasil contemporâneo e os seus poetas, através de uma conferência do Dr. João de Barros*. Ano I, n.º 4, p. 3.
- *A propósito da exposição de pintura de Augusto Tavares*. Ano I, n.º 8, p. 12.
- *Beethoven e Debussy através de um concerto de Eurico Tomás de Lima*. Ano I, n.º 15, p. 5.
- *O pintor Dominguez Alvarez*. Ano I, n.º 22, p. 10.
- *Do valor artístico de Abel Salazar, na sua exposição de pintura, desenho e gravura*. Ano I, n.º 23, p. 10.
- *Acerca de certos escritos sobre arte*. Ano II, n.º 25, p. 2.
- *No salão Silva Porto*. Ano II, n.º 27, p. 5.
- *A exposição de pintura de Italo Giordani*. Ano II, n.º 29, p. 11.
- *Acerca do escritor Anton Tcheckoff*. Ano II, n.º 31, p. 8.
- *Artes plásticas: Para onde caminha a pintura?* Ano III, n.º 38, p. 4.

Colaboração artística:

- *O fado*. Ano I, n.º 2, p. 1.
- *Gravura*. Ano I, n.º 3, p. 8.
- *Idílio*. Ano I, n.º 4, p. 1.

Alborz, Ferrandiz

Jornalista galego.

- “*Huasipungo*” e “*Nas ruas*”, romances de Jorge Icasa. Ano III, n.º 36, p. 11.

Albuquerque, Maria

- *O que nos ensina uma mulher moderna*. Ano III, n.º 38, p. 7.

Alice

- *Do optimismo (A Hanid Estela)*. Ano I, n.º 10, p. 4.

Almeida, António Ramos de (1912-1961)

Poeta, ensaísta, activista cultural e político de orientação comunista.

Aluno na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

- “*Caminhos magnéticos*”, de António Madeira. Ano II, n.º 29, p. 5.
- *O romance brasileiro através dos seus principais intérpretes: Jorge Amado*. Ano II, n.º 31, p. 6.
- *O romance brasileiro através dos seus principais intérpretes (II): Amado Fontes e José Lins do Rego*. Ano II, n.º 32, p. 6.
- *Carta a Romain Rolland*. Ano III, n.º 34, p. 5.
- “*A vida é o dia de hoje*”, de Alberto Serpa. Ano III, n.º 35, p. 12.
- “*La victoire final de la democratie*”, de Thomas Mann, “*L’ equinoxe de septembre*”, de H. Montherland, “*Cronique de septembre*”, de Paul Nizan. Ano III, n.º 38, p. 11.
- “*António Nobre, percursor da poesia moderna*”, de João Gaspar Simões. Ano III, n.º 40, p. 15.
- *Guerra no mar*. Ano III, n.º 42, p. 5.

Almeida, Leopoldo de (1898-1975)

Escultor.

Colaboração artística:

- *Baixo-relevo*. Ano I, n.º 23, p. 1.

Alvarez, Dominguez (1906-1942)

Pintor.

Colaboração artística:

- *Burgo castelhano*. Ano I, n.º 6, p. 1.
- *Cabeça compostelana*. Ano I, n.º 15, p. 1.

Alves, Frederico

Intelectual comunista. Aluno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- *Sinfonia do aço*. Ano I, n.º 4, p. 13.
- *Literatura infantil – Eterno cavalo de batalha*. Ano I, n.º 24, p. 7.
- *3 caminhos: História para “meninos”*. Ano II, n.º 29, p. 8.

Andrade, João Pedro de (1902-1974)

Prosador, dramaturgo, ensaísta, crítico literário e tradutor.

- *O monstro*. Ano I, n.º 8, p. 13.
- *Sobre a influência do tempo na crítica literária*. Ano I, n.º 24, p. 6.
- *Por uma nova fixação de valores*. Ano II, n.º 26, p. 6.
- *Apropósitos*. Ano II, n.º 28, p. 11.
- *“Nome de guerra”, de Almada Negreiros*. Ano II, n.º 30, p. 12.
- *“Bússola doída”, de Aleixo Ribeiro*. Ano II, n.º 31, p. 12.
- *Sobre o livro “Ilusão na morte”, de Afonso Ribeiro*. Ano II, n.º 31, p. 16.
- *“Tangentes”, de Sant’Ana Dionísio*. Ano II, n.º 33, p. 12.
- *“As sete partidas do mundo”, de Fernando Namora*. Ano III, n.º 34, p. 13.
- *“Mónica”, de Aquilino Ribeiro*. Ano III, n.º 36, p. 10.

Anjo, [Augusto] César (Filho) (1915-1969)

Intelectual comunista. Aluno na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

- *Campismo: escola educação física para todos*. Ano III, n.º 37, p. 6.
- *A tuberculose é uma doença social*. Ano III, n.º 38, p. 13.

Aramburu, Júlio

Escritor, ensaísta e historiador argentino.

- *A educação da criança*. Ano I, n.º 8, p. 10.

Ares

Ver António José Soares.

Arquimedes

Ver Arquimedes da Silva Santos.

Arturo, Aurélio

Poeta colombiano.

- *Canto a los constructores de caminos*. Ano III, n.º 36, p. 14.

Augusto, Artur (n. 1912)

Poeta, ensaísta e crítico de arte cabo-verdiano.

- *Panorama artístico de Portugal: Introdução*. Ano I, n.º 4, p. 8.
- *Panorama artístico de Portugal: II – A Poesia*. Ano I, n.º 6, p. 11.

Azevedo, Manuel (1916-1984)

Intelectual comunista. Frequentou a Faculdade de Ciências no Porto e em Coimbra.

- *O cinema e o público*. Ano I, n.º 3, p. 6.
- *Volga-Volga... e Volga-Volga*. Ano I, n.º 8, p. 5.
- *“Condottiere”, um filme de Luís Trenker*. Ano I, n.º 19, p. 12.
- *“Sedução”, novela de José Marmelo e Silva*. Ano I, n.º 23, p. 12.
- *Algumas considerações sobre “Terra bendita”*. Ano I, n.º 24, p. 2.
- *“Instantes”, poemas de João José Cochofel*. Ano II, n.º 25, p. 5.
- *“Contos sombrios”, de Z. Lerbak*. Ano II, n.º 25, p. 5.
- *O último filme de Pabst; as pérolas da coroa; lobos do mar*. Ano II, n.º 25, p. 14.
- *“Indícios de ouro”, de Mário de Sá-Carneiro*. Ano II, n.º 26, p. 4.
- *“Teófilo Braga (apontamentos biográficos)”, de Ladislau Batalha*. Ano II, n.º 26, p. 4.
- *“Sinal de alarme”, poemas de António Ramos de Almeida*. Ano II, n.º 27, p. 4.
- *“Poemas de amor pagão”, de João Tendeiro*. Ano II, n.º 28, p. 5.
- *“A poesia de Superville”, de Adolfo Casais Monteiro*. Ano II, n.º 31, p. 13.
- *Panorama*. Ano II, n.º 33, p. 10.
- *Um filme francês*. Ano II, n.º 33, p. 10.
- *Dois filmes americanos*. Ano III, n.º 36, p. 7.
- *O novo ópio do povo; panorama*. Ano III, n.º 39, p. 10.
- *“Varanda dos rouxinóis”*. Ano III, n.º 42, p. 14.
- *Comentários*. Ano IV, n.º 43-44, p. 5.
- *Cinema: a produção francesa*. Ano IV, n.º 45, p. 10.

Colaboração artística:

- [sem título]. Ano I, n.º 1, p. 9.
- *Pirandello*. Ano I, n.º 1, p. 11.
- [sem título]. Ano I, n.º 2, p. 5.
- [sem título]. Ano I, n.º 2, p. 8.
- *Na faina*. Ano I, n.º 3, p. 1.
- [sem título]. Ano I, n.º 3, p. 16.

- *Mário e Aleixo*. Ano I, n.º 5, p. 8.
- [sem título], Ano I, n.º 7, p. 11.
- [sem título]. Ano I, n.º 8, p. 3.
- [sem título]. Ano I, n.º 14, p. 8.
- [sem título], Ano I, n.º 17, p. 13.
- *Auto-caricatura*, Ano I, n.º 22, p. 10.
- [sem título], Ano I, n.º 24, p. 15.
- [sem título], Ano III, n.º 35, p. 10.

Bacelar, Armando (1919-1998)

Activista cultural e político comunista. Aluno na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Com o pseudónimo Carlos Relvas:

- *“La tentation”, de F. C. Weiskopf*. Ano III, n.º 34, p. 12.
- *A técnica na evolução social*. Ano III, n.º 35, p. 3.
- *“Recordações do Minho arcaico”, de Abel Salazar*. Ano III, n.º 38, p. 10.
- *“J’ai honte de mendier”, de Sheila Cousins*. Ano III, n.º 41, p. 13.
- *A propósito de “Sinfonia da guerra”, poema de António Ramos de Almeida*. Ano III, n.º 42, p. 13.
- *“Janela aberta”, de Leonel Neves*. Ano IV, n.º 43-44, p. 6.
- *“Maresia”, de Raul Faria*. Ano IV, n.º 45, p. 12.

Barnés, Domingo (n. 1879)

Escritor catalão.

- *Temas educacionais*. Ano II, n.º 26, p. 13.

Barradas, Jorge (1894-1971)

Artista plástico.

Colaboração artística:

- *Travessa do arco*. Ano I, n.º 25, p. 1.

Barrenechea, Mariano António (n. 1884)

Ensaísta argentino.

- *Inteligência e carácter*. Ano I, n.º 20, p. 6.

Barroso, Carlos (1917-1994)

Director do *Sol Nascente*. Intelectual de orientação comunista. Aluno na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

- “As três pessoas”, poemas de Políbio Gomes dos Santos. Ano II, n.º 30, p. 12.
- “Homens e casos duma geração notável”, de A. Magalhães Basto. Ano II, n.º 27, p. 4.

Bastos, A. Freitas

Ver Bento de Jesus Caraça.

Bazalgette, Léon (1875-1928)

Crítico, ensaísta e tradutor francês.

- *Solidariedade dos escóis* – I. Ano II, n.º 27, p. 6.
- *Solidariedade dos escóis* – II. Ano II, n.º 28, p. 3.

Bernal, John Desmond (1901-1971)

Historiador da ciência e físico comunista. Professor na Universidade de Cambridge.

- *A estrutura da matéria*. Ano IV, n.º 43-44, p. 21.
- *A estrutura da matéria II (Conclusão)*. Ano IV, n.º 45, p. 3.

Bernéri, Camillo (1887-1937)

Professor de Filosofia italiano. Combatente libertário na Guerra Civil de Espanha.

- *Breve digressão através do racismo anti-semita*. Ano II, n.º 32, p. 8.
- *Breve digressão através do racismo anti-semita (Cont.)*. Ano II, n.º 33, p. 4.

Berni, Antonio (1905-1981)

Artista plástico argentino.

- *Depoimento*. Ano III, n.º 35, p. 7.

Bloch, Jean-Richard (1884-1947)

Escritor, ensaísta e militante comunista francês.

- *Novo encontro de Romain Rolland e a França*. Ano III, n.º 34, p. 8.
- *A técnica e a evolução da arte e da literatura*. (Trad. e adapt. de Rodrigo Soares). Ano III, n.º 35, p. 10.

Boll, Marcel (n. 1886)

Cientista e divulgador do positivismo lógico francês.

- *Uma crítica científica*. Ano I, n.º 3, p. 4.
- *Determinismo, contingência, fatalidade em Psicologia*. Ano I, n.º 12, p. 11.

Braga, Eduardo

- *"Cultura e bibliotecas"*, de Fernando Pinto Loureiro. Ano I, n.º 10, p. 15.
- *Os penduricalhos: Carta a um "nosso distinto colega"*. Ano I, n.º 12, p. 12.
- *Um escritor europeu*. Ano I, n.º 17, p. 13.

Braga, Paulo (1905-1960)

Escritor e jornalista.

- *No centenário de Bernardin de Saint-Pierre*. Ano II, n.º 26, p. 5.
- *Aspectos da literatura colonial portuguesa*. Ano II, n.º 28, p. 8.

Brandt, Carlos (1875-1964)

Escritor, ensaísta e biógrafo venezuelano.

- *Os três estilos musicais*. Ano II, n.º 25, p. 10.

Brasil, Jaime (1896-1966)

Escritor e jornalista libertário.

- *Negócios escuros*. Ano I, n.º 7, p. 9.
- *Alfredo Adler e a psicologia individual*. Ano I, n.º 11, p. 8.
- *Carta de Paris: Uma literatura de emancipação que é apenas "purga verbal" dos instintos de destruição e morte*. Ano I, n.º 24, p. 3.

Broglie, Louis (1892-1987)

Físico francês.

- [sem título]. Ano I, n.º 13, p. 10.

Bual, Francisco Pinto

- *Geografia económica*. Ano I, n.º 15, p. 14.

Burity, Brás

Ver Joaquim Nuno Borges Madureira.

C., A. de

Ver Amorim de Carvalho.

C., G.

Ver Estaline.

C., H.

- *Um aspecto esquecido da vida no Japão*. Ano III, n.º 41, p. 8.

Camarinha, Guilherme (n. 1913)

Artista plástico.

Colaboração artística:

- *Calvário*. Ano II, n.º 25, p. 1.

Campinas, António Vicente (1910-1998)

Poeta, activista cultural e político comunista.

- *Carta do campo*. Ano I, n.º 3, p. 5.

Campos, Álvaro Marinha de (1906-1965)

Escritor e publicista.

- *Livros de ontem, leituras de hoje*. Ano IV, n.º 45, p. 19.

Caraça, Bento de Jesus (1901-1948)

Activista cultural e político. Professor no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa.

Com o pseudónimo A. Freitas Bastos:

- *O único remédio*. Ano II, n.º 33, p. 9.

Nota – artigo transcrito, sem indicação da fonte, do jornal *Liberdade*, n.º 206-207, 28 de Maio de 1933.

[Francisco José] Cardoso Júnior (1884-1969)

Pedagogo. Professor da Escola Normal do Porto.

- *Pestalozzi*. Ano I, n.º 2, p. 8.

Carreira, António

- *Os mistérios de Baku*. Ano IV, n.º 43-44, p. 19.

Carvalho, Amorim de (1904-1976)

Escritor, ensaísta e crítico literário portuense.

- *Resposta ao sr. João Gaspar Simões pedindo a discussão honesta*. Ano II, n.º 30, p. 4.

- *Resposta ao sr. João Gaspar Simões: II – O sr. Gaspar Simões, o bom senso e a poesia.* Ano II, n.º 31, p. 10.

Carvalho, Casimiro

Colaboração artística:

- *Alegria de viver.* Ano I, n.º 8, p. 1.

Carvalho, Lima de

Ver Lino Lima.

Carvalho, Ruy Galvão (1903-1991)

Estudioso de temas literários e açorianos.

- *No XCVI aniversário do nascimento de Antero de Quental: meditação sobre a vida de Antero.* Ano II, n.º 28, p. 2.

Castro, Dias e

- *Sobre a cultura.* Ano III, n.º 36, p. 6.

Castro, Maria Hélia

Ver José Augusto da Silva Martins.

Castro, José António de (1914-2003)

Poeta e articulista.

Com o pseudónimo André Valmar:

- *Poema de um dia de Sol.* Ano I, n.º 1, p. 4.
- *As raparigas nas universidades portuguesas.* Ano III, n.º 42, p. 7.

Challaye, Félicien (1875-1967)

Filósofo, escritor e jornalista francês.

- *Papel da arte na vida individual.* Ano I, n.º 22, p. 8.

Chaves, Castelo-Branco (1902-1992)

Jornalista, ensaísta, crítico literário e tradutor.

- *Marginália.* Ano I, n.º 2, p. 3.
- *O amigo do povo.* Ano I, n.º 6, p. 3.
- *Marginália.* Ano I, n.º 9, p. 3.
- *Patriotismo.* Ano I, n.º 15, p. 15.
- *Tradição.* Ano I, n.º 16, p. 16.

- *Renúncia*. Ano I, n.º 16, p. 16.
- *A política e a moral*. Ano I, n.º 17, p. 16.

Chen, Jack

Artista e publicista chinês.

- *O cinema chinês na guerra*. Ano III, n.º 37, p. 5.

Cidade, Hernâni (1887-1975)

Ensaísta e historiador da literatura e da cultura. Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- *Gil Vicente*. Ano I, n.º 11, p. 4.

Cirne, Jaime

Pedagogo e professor na Escola Normal do Porto.

- *Transformismo*. Ano I, n.º 3, p. 5.
- *Os “maestros” da cor*. Ano I, n.º 14, p. 15.
- *O critério do progresso*. Ano I, n.º 16, p. 14.
- *A lenda de Buda*. Ano I, n.º 18, p. 15.
- *Estilo e forma*. Ano I, n.º 19, p. 5.
- *Os sonetos de Antero*. Ano I, n.º 21, p. 13.
- *A pintura das flores*. Ano II, n.º 28, p. 15.

Cochofel, João José (1919-1982)

Poeta, ensaísta, tradutor e activista cultural de orientação comunista.

- *Data*. Ano II, n.º 27, p. 15.
- *Sol de Agosto*. Ano IV, n.º 45, p. 14.

Costa, [Henrique] Alves (1910-1988)

Crítico de cinema e activista cultural.

- *Cinema, arte submetida*. Ano I, n.º 2, p. 12.
- *Algumas considerações sobre o filme “Maria Stuart”*. Ano I, n.º 4, p. 12.
- *Algumas considerações sobre Charlot a propósito do seu filme “Tempos Modernos”*. Ano I, n.º 5, p. 12.
- *Controvérsia: porque não é o cinema uma arte livre?*. Ano I, n.º 5, p. 13.
- *Apontamentos acerca de dois aspectos do cinema americano: “Romeu e Julieta” e o “Jardim de Allah”*. Ano I, n.º 6, p. 15.
- *Um filme excepcional: “A filha do bosque maldito”*. Ano I, n.º 11, p. 10.
- *Breves comentários*. Ano I, n.º 18, p. 13.

- “O herói moderno”, de G. W. Pabst, e “Horizonte perdido”, de Frank Capra. Ano I, n.º 19, p. 13.
- “Margarida Gautier”, a terceira versão cinematográfica d’ “A Dama das Camélias”. Ano I, n.º 20, p. 15.
- Um filme brasileiro (“Bonequinha de seda”). Ano I, n.º 20, p. 15.
- Apontamentos breves: “Só vivemos uma vez”, um filme de Fritz Lang. Ano I, n.º 21, p. 14.
- Apontamentos breves: “O rei dos optimistas”. Ano I, n.º 21, p. 14.
- O triunfo da fantasia – os desenhos animados. Ano I, n.º 22, p. 15.
- “A rosa do adro”: o terceiro filme de Chianca Garcia. Ano II, n.º 27, p. 14.
- Um filme pessimista: “A grande ilusão”. Ano II, n.º 28, p. 10.
- “A canção da terra”: o melhor filme português. Ano II, n.º 29, p. 14.
- Duas palavras sobre a projectada filmagem de “Os Lusíadas”. Ano III, n.º 31, p. 6.
- “A aldeia da roupa branca”. Ano III, n.º 34, p. 11.

Costa, Fernando Baptista

- Outra batalha perdida. Ano II, n.º 29, p. 13.

Costa, Luís da Silva

Activista cultural e político de orientação comunista. Estudante na Universidade de Coimbra.

- E a catedral não se ergueu... Ano III, n.º 34, p. 14.

Costa, Pereira da

- Por uma educação física activa. Ano III, n.º 36, p. 14.

- Desporto e educação física. Ano III, n.º 36, p. 15.

- Futebol em Portugal. Ano III, n.º 36, p. 15.

Coutinho, Gabriel

Ver Estaline.

Cunhal, Álvaro (1913-2005)

Dirigente comunista. Aluno na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

- Numa encruzilhada dos homens (A propósito das “Cartas intemporais”, de José Régio, publicadas na “Seara Nova” n.º 608 e 609). Ano III, n.º 37, p. 7.

- “E serão dois numa só carne”. Ano III, n.º 39, p. 11.

D. Quixote

- *Florir*. Ano I, n.º 5, p. 7.

Denis, Seabra (n. 1914)

Intelectual comunista. Estudante de Medicina.

- *Novos ritmos: esse minuto*. Ano I, n.º 7, p. 7.

Dias, António Marinho (1910-2001)

Activista cultural e político de orientação comunista. Estudante de Direito na Universidade de Coimbra e na Universidade de Lisboa.

- *Aquela moda recente*. Ano I, n.º 20, p. 4.

Diniz, Umberto

Ver Humberto Pereira Diniz Lopes.

Dionísio, Mário (1916-1993)

Poeta e articulista de orientação comunista. Aluno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- *Caminho*. Ano I, n.º 7, p. 11.
- *Complicação*. Ano I, n.º 12, p. 10.
- *Poema da mulher nova*. Ano I, n.º 13, p. 13.
- *Apontamento sobre a necessidade de ver claro*. Ano II, n.º 26, p. 7.

Duboin, Jacques (1878-1976)

Autor francês de obras de temática política e económica.

- *A era da abundância e a era da raridade – algumas máquinas das mais modernas*. Ano III, n.º 35, p. 4.

Engels, Friedrich (1820-1895)

Filósofo e revolucionário alemão.

Com a indicação Karl Friedrich:

- *Idealismo e materialismo*. Ano III, n.º 38, p. 3.

Estaline (Josef Vissarionovitch Djougachvili) (1879-1953)

Presidente do Soviete Supremo da URSS.

Com a indicação Gabriel Coutinho (ou G. C.):

- *ABC – Que é o método dialéctico?*. Ano III, n.º 40, p. 11.
- *Leis do desenvolvimento histórico*. Ano IV, n.º 45, p. 8.

Estela, Hanid

Ver Dinah Fontes Machado.

Estrada, Carlos Sousa

Estudante na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

- *O homem: importância do seu estudo sob os pontos de vista somático, fisiológico e psicológico*. Ano I, n.º 1, p. 13.
- *Presente! Snr. Dr. Casais Monteiro*. Ano I, n.º 5, p. 10.

F., A. F.

- *Desporto*. Ano III, n.º 42, p. 15.

F., M.

- *"Froebel e Montessori"*, de Manuel Soares. Ano I, n.º 20, p. 14.
- *"O problema do Extremo Oriente"*, de Vasco da Gama Fernandes. Ano I, n.º 20, p. 14.
- *"A.B.C. de João Maria"*, de Marques Rebelo e Santos Rosa. Ano II, n.º 28, p. 14.
- *Viagens à roda de África*, de Maria Archer. Ano II, n.º 28, p. 5.
- *Três livros sobre a guerra*. Ano II, n.º 30, p. 11.
- *Trabalho*. Ano III, n.º 40, p. 13.

Falco, João

Ver Irene Lisboa.

Faria, Manuel Inácio (1906-1974)

Activista cultural e político comunista. Professor primário.

- *A pedagogia na história*. Ano I, n.º 5, p. 14.
- *Martinho Lutero na pedagogia*. Ano I, n.º 10, p. 14.

Faria, [Mário] Rodrigues (n. 1921)

Contista. Activista cultural e político comunista. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- *Cavar, cavar...* Ano II, n.º 33, p. 8.
 - *Hora de espera*. Ano III, n.º 36, p. 5.
 - *Crónica*. Ano III, n.º 40, p. 12.
- Com o pseudónimo Faria de Xira:
- *Ao declinar da labuta*. Ano II, n.º 26, p. 8.

Feijó, Rui (n. 1921)

Poeta e articulista de orientação comunista. Aluno da Universidade de Coimbra.

Com o pseudónimo Rui Monteiro:

- *Erich Maria Remarque*. Ano III, n.º 40, p. 5.
- *A canção do beco de Dias da Costa*. Ano IV, n.º 45, p. 13.

Fernandes, Vasco da Gama (1908-1991)

Intelectual republicano.

- *A técnica dos erros judiciários e o caso Dreyfus I: Definição e técnica do erro judiciário*. Ano I, n.º 6, p. 8.
- *A técnica dos erros judiciários II: O caso Dreyfus*. Ano I, n.º 7, p. 6.
- *A técnica dos erros judiciários III: Do valor evolutivo da ciência penal*. Ano I, n.º 8, p. 14.

Ferreira, Armando Ventura (1920-1987)

Escritor e publicista.

- *Anormalidade*. Ano I, n.º 11, p. 14.
- *O parto da vida*. Ano II, n.º 27, p. 7.
- *Pesquisa*. Ano II, n.º 30, p. 13.

Ferreira, [José] Branco

Estudante da Universidade de Coimbra.

- *O enterro do Varêta*. Ano III, n.º 40, p. 6.

Ferreira, Coriolano

Director de *Altitude* (Coimbra, 1938).

- *Reflexões sobre a utilidade da arte*. Ano I, n.º 22, p. 3.

Figueiredo, Herculano

Colaboração artística:

- *Andrómeda*. Ano I, n.º 14, p. 1.

Filipe [de Almeida Carrapato], Júlio

Ensaísta e activista cultural e político. Aluno na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

- *Posição da juventude no mundo contemporâneo*. Ano III, n.º 41, p. 8.

Filipe, Manuel

Poeta, ensaísta e articulista de orientação comunista. Aluno na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- *Algumas notas para uma nova poética*. Ano I, n.º 10, p. 6.
- *Página fútil de um diário romântico*. Ano I, n.º 18, p. 7.
- *Deserto*. Ano I, n.º 21, p. 9.
- *Rumo*. Ano I, n.º 24, p. 5.
- *Breves considerações sobre temas pedagógicos*. Ano II, n.º 27, p. 3.

Fonseca, Manuel da (1911-1993)

Poeta, romancista, contista e cronista neo-realista.

- *Inverno*. Ano III, n.º 38, p. 14.

Fraga, Runo

- *Cantar de amor fecundo*. Ano I, n.º 14, p. 14.

- *Época da energia*. Ano I, n.º 16, p. 7.

- *Poema da alegria*. Ano I, n.º 18, p. 10.

- *Poetas*. Ano I, n.º 21, p. 10.

France, Anatole (1844-1924)

Escritor e intelectual francês.

- *Sobre Heraclito de Éfeso*. Ano II, n.º 27, p. 12.

Franco, Pedro B.

- *A mensagem do menino*. Ano I, n.º 6, p. 10.

Frazão, Mário

- *Da educação pela família*. Ano I, n.º 19, p. 10.

- *Agentes educativos*. Ano I, n.º 21, p. 4.

- *Da educação*. Ano I, n.º 23, p. 13.

- *Em volta da escola*. Ano III, n.º 41, p. 6.

- *Em volta da escola II*. Ano IV, n.º 43-44, p. 17.

Friedmann, Georges (1902-1977)

Filósofo marxista e sociólogo do trabalho francês.

- *Um grande livro de psicologia concreta*. Ano III, n.º 34, p. 3.

Friedrich, Karl

Ver Friedrich Engels e Karl Marx.

Gameiro, António

Poeta.

- *Cântico claro*. Ano I, n.º 9, p. 13.
- *Biografia*. Ano I, n.º 18, p. 5.
- *Por uma verdadeira literatura infantil*. Ano I, n.º 20, p. 11.
- *Dois artistas: duas atitudes humanas (Magalhães Filho e Frederico Georges)*. Ano II, n.º 26, p. 10.

García Lorca, Federico (1899-1936)

Poeta, dramaturgo e activista cultural andaluz.

- *Encrucisada; Caracola; Pueblo; Romance de la pena rugra*. Ano II, n.º 2, p. 7.
- *Romance gitano: La sangre derramada; La casada infiel; Sorpresa*. Ano III, n.º 38, p. 8.
- *Canción de Jinete*. Ano IV, n.º 43-44, p. 3.

Georges, Frederico (n. 1915)

Pintor.

- *Fresco*. Ano I, n.º 24, p. 1.
- *Cristão*. Ano II, n.º 26, p. 10.

Gesta, Júlio (1917-1971)

Activista cultural de orientação comunista. Aluno na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Ver Fernando Seabra.

- *Um filme humano: "Ruas de New York"*. Ano II, n.º 29, p. 14.

Gille, Paul (n. 1865)

Académico belga de orientação anarquista.

- *Fundamentos cosmológicos da dignidade pessoal*. Ano I, n.º 17, p. 4.

Gomes, Alfredo

- *No fim da jornada*. Ano I, n.º 2, p. 5.

Gomes, Alfredo Pereira (n. 1919)

Aluno na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

- *A ciência e o princípio da autoridade*. Ano I, n.º 9, p. 4.

Gomes, Dórdio (1890-1976)

Pintor.

- *Cavalos em manada*. Ano I, n.º 12, p. 1.
- *O homem do harmónio*. Ano I, n.º 17, p. 1.

Gomes, Ruy Luís (1905-1984)

Activista cultural e político. Professor na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

- *Introdução à teoria da relatividade restrita*. Ano II, n.º 32, p. 2.
- *Introdução à teoria da relatividade restrita (conclusão)*. Ano II, n.º 33, p. 2.

Gonçalves, Alexandre Jorge

Publicista e pedagogo.

- *Em defesa da criança*. Ano I, n.º 4, p. 15.

Gonçalves, Viriato

- *A unificação do mundo*. Ano I, n.º 2, p. 9.

Gonçalves, Firminiano Cansado (n. 1903)

Dirigente do Partido Comunista.

Com o pseudónimo Mário Seabra Novais:

- *Apareceu um homem morto*. Ano II, n.º 31, p. 5.
- *Febus Moniz: Último defensor duma nacionalidade*. Ano III, n.º 38, p. 6.
- *O ginja*. Ano III, n.º 38, p. 15.

Com o pseudónimo Pedro Aguiar Nogueira:

- *Técnicas de trabalho: um novo movimento*. Ano III, n.º 41, p. 3.

Gonzalez, Délio A.

Pedagogo cubano.

- *Valor funcional dos jogos*. Ano I, n.º 14, p. 4.

Gorki, Máximo (Aleksej Macsimovic Peskov) (1868-1936)

Escritor russo.

- *Pequena antologia*. Ano IV, n.º 43-44, p. 3.

Gouveia, Albertino

Ver Jofre Amaral Nogueira.

Grosz, Georg

Artista plástico alemão.

- [sem título]. Ano III, n.º 33, p. 1.

Guillén, Nicolás

Poeta cubano.

- *Chevere*; *Llegada*. Ano II, n.º 30, p. 16.

Guterman, Norbert (1900-1984)

Filósofo marxista de origem polaca.

- *A decadência da cultura*. Ano III, n.º 36, p. 3.

Inez, Artur (1898-1968)

Jornalista republicano.

- “*Não matarás*”. Ano I, n.º 21, p. 5.

Jaime

Colaboração artística:

- [sem título]. Ano I, n.º 2, p. 16.
- [sem título]. Ano I, n.º 4, p. 16.
- [sem título]. Ano I, n.º 5, p. 16.

Jeans, James (1877-1946)

Físico inglês.

- *Fim do universal*. Ano I, n.º 23, p. 6.

Justino, Artur

- *Arte de elites? Arte popular?*. Ano I, n.º 6, p. 12.

- *Passeio semi-real*. Ano I, n.º 9, p. 4.

- *O vivo e o pintado*. Ano I, n.º 11, p. 11.

- *A “osga”*. Ano I, n.º 14, p. 8.

- *Duas vertentes da mesma montanha*. Ano I, n.º 16, p. 12.

Kim (Tomás) (1919-1967)

Poeta e ensaísta.

- “Se ontem ainda é hoje”. Ano I, n.º 20, p. 10.
- *A mão*. Ano II, n.º 25, p. 8.

L., E. T.

- *Canto*. Ano I, n.º 11, p. 13.

L., J. S.

Ver José Soares Lopes.

L., L.

Ver Luís Laranjeira.

Laranjeira, Luís

Articulista libertário.

- *Isadora*. Ano I, n.º 2, p. 15.
- *Um grande problema: a elevação cultural de quem trabalha*. Ano I, n.º 4, p. 8.
- *O duro ofício de mãe*. Ano I, n.º 7, p. 8.
- *A moral e o livro*. Ano I, n.º 10, p. 5.
- *Veículos de má linguagem*. Ano I, n.º 16, p. 5.
- “*Arte de furtar*”, atribuída ao P. António Vieira. Ano I, n.º 18, p. 7.

Le Corbusier (Charles-Edouard Jeanneret) (1887-1965)

Arquitecto e urbanista de origem suíça.

- *Esperança da civilização mecânica: a habitação*. Ano III, n.º 40, p. 3.

Lefebvre, Henri (1901-1991)

Filósofo marxista francês.

- *Que é a dialéctica? – I*. Ano II, n.º 29, p. 4.
- *Que é a dialéctica? – II*. Ano II, n.º 30, p. 14.
- *Que é a dialéctica? – III*. Ano II, n.º 31, p. 4.
- *Que é a dialéctica? – IV*. Ano II, n.º 32, p. 11.
- *Que é a dialéctica? (Conclusão)*. Ano III, n.º 33, p. 11.
- *A decadência da cultura*. Ano III, n.º 36, p. 3.
- [sem título]. Ano III, n.º 36, p. 14.
- *A época e o destino de Nietzsche*. Ano III, n.º 39, p. 3.

Lima, Alberto [Pedrosa Pires]

Advogado e publicista português.

- *Tríptico: I – Humanidade das coisas; II – O verbo; III – “Viver...”*. Ano I, n.º 6, p. 10.
- *Intercâmbio Luso-Brasileiro – I: Considerações gerais*. Ano I, n.º 7, p. 12.
- *Intercâmbio Luso-Brasileiro – II: O livro e a cultura*. Ano I, n.º 8, p. 4.
- *Intercâmbio Luso-Brasileiro – III: O problema mercantil*. Ano I, n.º 10, p. 10.
- *Intercâmbio Luso-Brasileiro – IV: O animismo recíproco e a sua evolução*. Ano I, n.º 12, p. 14.
- *“A escrita pré-histórica do Brasil”, de Alfredo Brandão*. Ano I, n.º 19, p. 11.

Lima, Eurico Tomás de (n. 1908)

Pianista e crítico musical.

- *Notas musicais*. Ano I, n.º 5, p. 6.
- *Óscar da Silva, modernista*. Ano I, n.º 6, p. 13.
- *O compositor Ernesto Halffter*. Ano I, n.º 7, p. 15.
- *Porque não se organiza no Porto a “Hora de Arte” para os operários?*. Ano I, n.º 11, p. 15.
- *Berlioz*. Ano I, n.º 17, p. 12.
- *Recital de canto de Ofélia Diogo Costa*. Ano I, n.º 21, p. 5.
- *Notas musicais*. Ano I, n.º 23, p. 15.
- *Maurice Ravel – I*. Ano I, n.º 24, p. 15.
- *Maurice Ravel – II*. Ano I, n.º 25, p. 7.
- *Alexandre Rey Colaço, 1854-1928*. Ano II, n.º 33, p. 14.
- *O recital a dois pianos, por Varela Cid e Campos Coelho*. Ano III, n.º 34, p. 11.

Lima, Lino

Activista cultural e político comunista. Aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

- *Para uma literatura infantil real e humana*. Ano IV, n.º 45, p. 15.

Lima, Manuel

- *A rapariga das laranjas*. Ano II, n.º 28, p. 1.

Lima, Manuel Campos

Director de *O Diabo*. Intelectual comunista.

- *Simone Evrard: exemplo de uma mulher*. Ano III, n.º 41, p. 11.

Lisboa, Irene (1892-1958)

Escritora e pedagoga.

Com o pseudónimo João Falco:

- *De um diário velho*. Ano I, n.º 12, p. 7.
- *De um diário velho, preambular de outro*. Ano I, n.º 13, p. 2; ano I, n.º 15, p. 3; ano I, n.º 16, p. 4; ano I, n.º 18, p. 10; ano I, n.º 19, p. 14; ano I, n.º 21, p. 8; ano I, n.º 22, p. 12; ano I, n.º 24, p. 4; ano II, n.º 25, p. 12; ano II, n.º 26, p. 12; ano II, n.º 27, p. 12.
- *Teima*. Ano II, n.º 31, p. 11.

Lobel, Josef (n. 1882)

Médico bacteriologista.

- *Os doze sentidos*. Ano I, n.º 21, p. 12.

Lobo, [José Ferreira] Huertas (1914-1987)

Activista cultural e político comunista. Aluno da Universidade de Lisboa.

- *Evolução económica – Evolução social I*. Ano III, n.º 39, p. 6.

Colaboração artística:

- [sem título]. Ano III, n.º 41, p. 1.

Lopes, Humberto Pereira Diniz (n. 1918)

Intelectual comunista. Aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

- *O problema da cultura*. Ano II, n.º 27, p. 15.

Com o pseudónimo Umberto Diniz:

- *Nota sobre um certo cepticismo*. Ano IV, n.º 43-44, p. 12.

Lopes, Joaquim

Pintor e professor.

Colaboração artística:

- *Minha mãe*. Ano I, n.º 9, p. 1.
- *Um óleo*. Ano I, n.º 19, p. 1.

Lopes, José Soares (1912-1962)

Activista cultural e político de orientação anarquista.

- *Quando Buda morria*. Ano I, n.º 2, p. 4.
- *“As pobres Susanas”*. Ano I, n.º 4, p. 10.
- *A lição de Tolstoï*. Ano I, n.º 5, p. 3.
- *Obra de cultura*. Ano I, n.º 7, p. 3.

- “Categoria literária das cidades”, de Luís Teixeira. Ano I, n.º 7, p. 10.
- Trabalho de educação. Ano I, n.º 12, p. 3.
- Heroísmo e concepção estética da existência. Ano I, n.º 14, p. 3.
- Sobre novas gerações. Ano I, n.º 16, p. 3.
- Espontaneidade da vida... Ano I, n.º 18, p. 3.
- “Aleluia”, de Ivan Ribeiro. Ano II, n.º 26, p. 12.
- “Paris em 1934”, de Abel Salazar. Ano II, n.º 31, p. 12.

Loureiro, Fernando Pinto (1917-1982)

Activista cultural e político comunista. Aluno na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

- “Cultura e bibliotecas”: uma carta. Ano I, n.º 11, p. 5.
- Com o pseudónimo Eduardo Reis:
- “Nova ciência de punir”, de Vasco da Gama Fernandes. Ano III, n.º 40, p. 14.
 - “Progresso, história breve de uma ideia”, de Magalhães Vilhena. Ano III, n.º 39, p. 14.

Com as iniciais A. T.:

- A traição dos intelectuais. Ano III, n.º 36, p. 12.

Com o pseudónimo Rodrigo Soares:

- A arte moderna alemã. Ano II, n.º 32, p. 10.
- “Síntese da História Económica do Brasil”, de Afonso Arianos de Melo Franco. Ano III, n.º 36, p. 11.
- A cultura e a vida. Ano III, n.º 36, p. 14.
- “La révolution française et l’avenement de la bourgeoisie”, de Jean Pons. Ano III, n.º 37, p. 12.
- “Commune mesure”, de Renaud de Jouvenel. Ano III, n.º 37, p. 13.
- A cultura e a vida II. Ano III, n.º 37, p. 14.
- A cultura e a vida III. Ano III, n.º 38, p. 5.
- Crónica mensal. Ano III, n.º 39, p. 2; ano III, n.º 40, p. 7; ano III, n.º 41, p. 7; ano III, n.º 42, p. 2.
- “Iniciação”, cadernos de informação cultural. Ano IV, n.º 43-44, p. 6.
- O Dr. Vieira d’Almeida falou. Ano IV, n.º 45, p. 7.

Lourenço, António Dias (n. 1915)

Dirigente comunista.

- Crepúsculo. Ano II, n.º 31, p. 15.

Lygia

Ver Judite Vitória Gomes da Silva.

M. Emília

- *A mulher e o desporto*. Ano I, n.º 4, p. 6.
- *À margem do "Feminino-Sport"*. Ano I, n.º 6, p. 6.

Machado, Dinah Fontes

Poetisa.

Com o pseudónimo Hanid Estela:

- *Nós, os homens*. Ano I, n.º 6, p. 6.

Machado, J. A.

- *Flor de sonho*. Ano I, n.º 10, p. 15.

Madureira, Joaquim Nuno Borges (1874-1958)

Jornalista, escritor e crítico teatral.

Com o pseudónimo Brás Burity:

- *Dois fichas novas em arte: Fernando Galhano e Gardy Arriaga*. Ano I, n.º 3, p. 11.

Magalhães Filho

Artista plástico.

Colaboração artística:

- *A ponte*. Ano I, n.º 16, p. 1.
- *Carroussel*. Ano I, n.º 26, p. 11.

Maia [João], Arnaldo [da Fonseca] (1916-1987)

Jornalista e articulista de orientação comunista.

- *Pequena nota à margem da guerra*. Ano III, n.º 40, p. 4.

Malpique, [Manuel da] Cruz (1902-1992)

Historiador de cultura, pedagogo, conferencista e tradutor. Professor no Liceu Alexandre Herculano, no Porto.

- *Pingos de pensamento*. Ano I, n.º 6, p. 7.

Maria Áurea

- *Estudos de literatura: Camões*. Ano I, n.º 2, p. 14.
- *"Camões e Garrett", de Mário Gonçalves*. Ano I, n.º 7, p. 10.

Maria Aurora

- *A mulher intelectual portuguesa*. Ano II, n.º 25, p. 14.

Maria Raquel

- *A promessa*. Ano I, n.º 13, p. 8.

Marotte, F.

- *Uma grande época da física moderna: de Max Planck a Louis de Broglie*. Ano III, n.º 34, p. 6.

Marta, Fernando Sá (1918-1963)

Activista cultural e político de orientação comunista. Aluno de Direito na Universidade de Coimbra e na Universidade de Lisboa.

Com o pseudónimo Luís Vieira:

- *Acerca da nova mulher e da sua humanidade*. Ano II, n.º 33, p. 6.
- *A propósito das "Páginas de política" (2ª série), de Raul Proença*. Ano III, n.º 38, p. 2.
- *Para uma explicação concreta dos intelectuais pseudo-livres*. Ano III, n.º 42, p. 8.
- *Para uma explicação concreta dos intelectuais pseudo-livres*. Ano IV, n.º 43-44, p. 14.

Martins, [Virgílio] Armando (1914-1988)

Contista e ensaísta.

- *Literatura humana*. Ano I, n.º 4, p. 11.
- *Novo tipo de mulher de Júlio Dantas e a nova mulher*. Ano I, n.º 9, p. 12.
- *O homem, animal público*. Ano I, n.º 13, p. 12.
- *Literatura, música, cinema e delimitações jurídicas*. Ano I, n.º 14, p. 6.
- *O bafo da terra*. Ano I, n.º 15, p. 8.
- *Cultura e povo*. Ano I, n.º 17, p. 14.
- *Fome da vida*. Ano I, n.º 18, p. 4.
- *José Régio – Casais Monteiro, poetas*. Ano I, n.º 20, p. 13.
- *A mulher intelectual portuguesa nos livros, no amor e na vida*. Ano I, n.º 23, p. 6.
- *Resposta a José Régio, que é carta aos mais escritores portugueses*. Ano I, n.º 24, p. 14.
- *Uma mulher*. Ano II, n.º 27, p. 8.
- *Novela estúpida*. Ano II, n.º 32, p. 14.

Martins, José Augusto da Silva (1912-1958)

Activista cultural e político comunista. Professor liceal no Porto.

Com o pseudónimo Branca de Oliveira:

- *Sobre a liberdade na arte*. Ano I, n.º 22, p. 15.

Com os pseudónimos Branca de Oliveira e Maria Hélia de Castro:

- *Júlio Deniz e a realidade do campo*. Ano III, n.º 42, p. 6.

Com o pseudónimo Carlos Serra:

- *A nova técnica e o novo estilo de trabalho*. Ano III, n.º 35, p. 5.
- *Questões de todos os dias*. Ano III, n.º 40, p. 10; ano III, n.º 42, p. 11.
- *Amor da realidade: a propósito dum livro*. Ano IV, n.º 45, p. 11.

Com o pseudónimo Maria Hélia de Castro:

- *Cancioneiro de D. Afonso*, de Ribeiro Couto. Ano IV, n.º 43-44, p. 7.

Martins, Mando

Ver Armando Martins.

Maside, Carlos (1897-1958)

Pintor galego.

Colaboração artística:

- *Auto-retrato*. Ano I, n.º 18, p. 1.

Matias, António Marques (n. 1911)

Poeta e publicista. Professor liceal.

- *Rapsódia*. Ano I, n.º 4, p. 10.

Marx, Karl (1818-1883)

Filósofo e revolucionário alemão.

- *Idealismo e materialismo*. Ano III, n.º 38, p. 3.

Mendes, Agnelo

- *Para elucidação dos de mais de quarenta anos sobre a geração dos de menos de trinta*. Ano II, n.º 3, p. 5.

Merazzi, Maria S.

- *Valor do drama no ensino*. Ano I, n.º 16, p. 7.

Monteiro, Adolfo Casais (1908-1972)

Poeta, ensaísta, crítico e tradutor. Professor no Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto.

- *Simples comentário a um artigo do Sr. Dr. Abel Salazar*. Ano I, n.º 4, p. 4.
- *Continuando a comentar: A propósito duma carta do Snr. Dr. Abel Salazar*. Ano I, n.º 6, p. 4.
- *Uma carta*. Ano I, n.º 8, p. 11.
- *Procurando evitar equívocos: Carta ao Snr. Dr. Abel Salazar*. Ano I, n.º 10, p. 12.
- *Sobre o pintor Ventura Porfírio*. Ano I, n.º 12, p. 6.
- *O senhor Júlio Dantas traiu M.me X*. Ano I, n.º 14, p. 5.
- *“Maria Papoila”, de Leitão de Barros*. Ano I, n.º 17, p. 8.

Monteiro, Campos (1899-1961)

Publicista.

Colaboração artística:

- *Campos Monteiro*. Ano II, n.º 27, p. 1.

Monteiro, Rui

Ver Rui Feijó.

Moreira, José Afonso de Castro (1917-1993)

Activista cultural e político.

Com o pseudónimo Afonso Castro Senda:

- *Variações em 5 tempos*. Ano I, n.º 2, p. 10.

Morente, Manuel G. (1888-1942)

Filósofo espanhol.

- *Abnegação e utopismo na profissão docente*. Ano I, n.º 19, p. 13.

Morgan, Claude (1898-1980)

Jornalista e romancista comunista francês.

- *“Carolina e a partida para as ilhas”, de Félix de Chazournes* (trad. e adapt. de Rodrigo Soares). Ano III, n.º 39, p. 15.

Moura, Alves

Ver Egídio Namorado.

N., J.

Ver Joaquim Namorado.

Namora, Fernando (1919-1989)

Poeta e romancista.

- *Dia de limpeza*. Ano II, n.º 28, p. 7.
- *Canção de embalo para as virgens dos portos*. Ano II, n.º 30, p. 15.

Namorado, Egídio (1920-1977)

Activista cultural e político comunista. Aluno na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Com o pseudónimo Alves Moura:

- *A técnica: meio de libertação do homem*. Ano III, n.º 34, p. 15.
- *Influência da personalidade individual no movimento histórico*. Ano III, n.º 36, p. 4.
- *É a natureza dialéctica?*. Ano III, n.º 41, p. 4.
- *ABC – Acerca do idealismo*. Ano IV, n.º 45, p. 4.

Joaquim Namorado (1914-1986)

Intelectual comunista. Poeta, ensaísta, activista cultural e político.

- *Cantar de amigo*. Ano II, n.º 29, p. 15.
- *Poema da manhã clara*. Ano III, n.º 34, p. 4.
- *Romain Rolland*. Ano III, n.º 34, p. 8.
- *“Le pain et le vin”*. Ano III, n.º 35, p. 13.
- *O andaime*. Ano III, n.º 37, p. 11.
- *“Terra Bendita”, de Pearl S. Buck*. Ano III, n.º 37, p. 12.
- *Literatura infantil: o homem mau*. Ano III, n.º 37, p. 15.
- *Federico García Lorca*. Ano III, n.º 38, p. 8.
- *“A Mão do lobo”*. Ano III, n.º 40, p. 8.
- *“Glória, uma aldeia do Ribatejo”, de Alves Redol*. Ano III, n.º 41, p. 12.
- *Charneca*. Ano III, n.º 42, p. 5.
- *“Gaibéus”, de Alves Redol*. Ano III, n.º 42, p. 12.
- *Do neo-romantismo: o sentido heróico da vida na obra de Jorge Amado*. Ano IV, n.º 43-44, p. 22.

Navarro, Frederico

- *Gil Vicente, os símbolos e as contradições históricas*. Ano I, n.º 8, p. 15.

Neves, Octávio

- *Crónica mensal*. Ano IV, n.º 43-44, p. 4.

Nizan, Paul (1905-1940)

Escritor e filósofo comunista francês.

- *Ambição do romance moderno*. Ano III, n.º 42, p. 3.

Nobre

- *Da linguística*. Ano III, n.º 42, p. 3.

Nogueira, Jofre Amaral (1917-1972)

Activista cultural e político comunista. Aluno na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- *Carta ao Sr. António Sérgio*. Ano I, n.º 19, p. 7.
- *Comentário para compreender*. Ano I, n.º 21, p. 6.
- *O papel da nova geração*. Ano II, n.º 28, p. 6.
- *“La France, histoire d’un peuple”, de André Ribard*. Ano II, n.º 30, p. 3.

Com o pseudónimo Albertino Gouveia:

- *Pensamento humano*. Ano III, n.º 35, p. 8.
- *O económico na história*. Ano III, n.º 42, p. 4.
- *“Introdução ao estudo da filosofia”, de McTaggart*. Ano IV, n.º 43-44, p. 7.
- *Crónica mensal*. Ano IV, n.º 45, p. 2.

Nogueira, Pedro Aguiar

Ver Firminiano Cansado Gonçalves.

Novais, Mário Seabra

Ver Firminiano Cansado Gonçalves.

Oliveira, Branca de

Ver José Augusto da Silva Martins.

Oliveira, Jaime de

Colaboração artística:

- *Escritor Severo Portela*. Ano I, n.º 11, p. 7.

Oliveira, Mário de

- *Incerteza*. Ano II, n.º 26, p. 11.

Ozenfant, Amédée (1886-1966)

Pintor, teórico e crítico de arte francês.

- *Depoimento*, Ano III, n.º 35, p. 7.

P., C.

- “Relevos”, poemas de Fernando Namora. Ano II, n.º 25, p. 5.

Pessoa, João de Araújo

- *Espectáculo de beneficência*. Ano III, n.º 39, p. 12.

Pombo, Paulo

- *Pirandello*. Ano I, n.º 1, p. 11.
- *O concerto de Madalena e Helena Moreira de Sá e Costa*. Ano I, n.º 2, p. 11.

Porfirio, Ventura (1908-1988)

Pintor.

Colaboração artística:

- *Duas idades*. Ano I, n.º 11, p. 1.

Portela, Severo (1875-1945)

Jornalista e escritor de orientação republicana.

- *A surpreendente ética do xilo (ao professor Abel Salazar)*. Ano I, n.º 10, p. 7.
- *Palhaços*. Ano I, n.º 13, p. 14.
- *Edna Worthley Underwood*. Ano I, n.º 20, p. 14.

Portinari, Cândido (1903-1962)

Artista plástico brasileiro.

Colaboração artística:

- *Café*. Ano IV, n.º 45, p. 1.

Porto-Carrero, J. P. (1887-1936)

Psicanalista brasileiro.

- *Educação e psicanálise*. Ano I, n.º 11, p. 12.
- *Readaptação social do criminoso*. Ano I, n.º 24, p. 12.

Quental, Antero de (1842-1891)

Poeta e filósofo.

- *Disputa em família; Ignoto Deo; Ignotus*. Ano II, n.º 28, p. 13.

Quintal, Francisco

Activista cultural libertário.

- *Postais*. Ano I, n.º 22, p. 16.

R., A.

- “*Ai Lu Lu Lé*”, de Bastos Guerra. Ano I, n.º 11, p. 10.
- “*A rua do gato que pesca*”, de Yolanda Földes. Ano I, n.º 13, p. 11.
- “*Antônio Boto e o amor*”, ensaio de José Régio. Ano II, n.º 25, p. 5.
- “*Férias grandes*”, de Salema Vaz. Ano II, n.º 26, p. 4.
- “*Através da obra do sr. Antônio Boto (análise crítica)*”, de Amorim de Carvalho. Ano II, n.º 29, p. 5.

Ramos, António Ruivo (1918-1998)

Artista gráfico. Aluno da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Colaboração artística (assinada Somar):

- *Contra a corrente*. Ano III, n.º 36, p. 1.
- [sem título]. Ano III, n.º 36, p. 16.
- *China*. Ano III, n.º 37, p. 1.
- [sem título]. Ano III, n.º 37, p. 5.
- [sem título]. Ano III, n.º 37, p. 8.
- [sem título]. Ano III, n.º 37, p. 16.
- [sem título]. Ano III, n.º 38, p. 16.
- [sem título]. Ano III, n.º 39, p. 16.
- *Erich Maria Remarque*. Ano III, n.º 40, p. 1.
- [sem título]. Ano III, n.º 40, p. 6.
- [sem título]. Ano III, n.º 40, p. 12.
- [sem título]. Ano III, n.º 40, p. 16.
- [sem título]. Ano III, n.º 41, p. 15.
- [sem título]. Ano III, n.º 41, p. 16.
- [sem título]. Ano III, n.º 42, p. 1.
- [sem título]. Ano III, n.º 42, p. 15.
- [sem título]. Ano III, n.º 42, p. 16.
- *Máximo Gorki*, Ano IV, n.º 43-44, p. 1.
- [sem título]. Ano IV, 43-44, p. 24.
- [sem título]. Ano IV, n.º 45, p. 5.
- [sem título]. Ano IV, n.º 45, p. 16.

Rebelo, Marques

Escritor brasileiro.

- *Depoimento carioca*. Ano II, n.º 30, p. 7.
- *Depoimento carioca*. Ano II, n.º 32, p. 16.

Redol, Alves (1911-1969)

Romancista e dramaturgo de orientação comunista.

- *Amando Fontes: impressões da sua obra*. Ano II, n.º 29, p. 12.
- *Amando Fontes – II*. Ano II, n.º 30, p. 10.
- *O romance brasileiro e José Lins do Rego*. Ano III, n.º 34, p. 12.

Régio, José (1901-1969)

Poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo e crítico. Director da revista *Presença*.

- *Vida e morte*. Ano I, n.º 1, p. 4.
- *Uma página qualquer do romance em preparação “A Velha Casa”*. Ano I, n.º 3, p. 8.
- *Carta ao Senhor Mando Martins*. Ano I, n.º 21, p. 11.

Rego, Raul do (1913-2002)

Publicista de orientação republicana, maçónica e socialista.

- *“Para que o Brasil continue”, de Armando Salles Oliveira*. Ano I, n.º 21, p. 7.
- *“No Extremo Oriente – O Japão”, de Moreira Guimarães*. Ano I, n.º 23, p. 12.
- *“Bonitas e feias”, de Sebastião Fernandes, e “Jamachi”, de Adonaide Medeiros*. Ano II, n.º 27, p. 4.
- *“Kukulcan”, de Eduardo Tourinho*. Ano II, n.º 28, p. 5.

Reichenbach, Hans (1891-1953)

Matemático, físico e filósofo alemão.

- [sem título]. Ano I, n.º 17, p. 14.

Reis, Eduardo

Ver Fernando Pinto Loureiro.

Relvas, Carlos

Ver Armando Bacelar.

Rhéa

- *A escola*. Ano I, n.º 18, p. 8.
- *Convite à viagem*. Ano I, n.º 18, p. 8.

Ribeiro, Afonso (n. 1911)

Romancista de orientação comunista. Professor primário.

- *Dia de cava*. Ano I, n.º 1, p. 8.
- *Mário e Aleixo*. Ano I, n.º 5, p. 8.
- *Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade I*. Ano I, n.º 7, p. 8.
- *Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade II*. Ano I, n.º 9, p. 8.
- *Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade III*. Ano I, n.º 10, p. 3.
- *No solar de Penha Longa*. Ano I, n.º 12, p. 8.
- *Na taberna*. Ano I, n.º 16, p. 8.
- “Pureza” – romance de José Lins do Rego. Ano I, n.º 17, p. 7.
- *Cartas dum imaginário camponês a um verdadeiro senhor da cidade IV*. Ano I, n.º 18, p. 9.
- *As mais pobres das Suzanas...* Ano I, n.º 20, p. 8.
- *A propósito de “A criação do mundo (Os dois primeiros dias)”, de Miguel Torga*. Ano I, n.º 22, p. 9.
- *Manfredo, o ingénuo*. Ano I, n.º 24, p. 8.
- *Uma carta anónima, um livro e um homem*. Ano II, n.º 25, p. 9.
- *Breves considerações sobre o romance brasileiro contemporâneo*. Ano II, n.º 28, p. 12.
- *Resposta a um comentário*. Ano II, n.º 29, p. 9.
- *Ilusão na morte*. Ano II, n.º 30, p. 9.
- *Breves notas sobre 3 livros brasileiros*. Ano II, n.º 32, p. 4.
- “Eça de Queiroz e o séc. XIX”, de Viana Moog, Ano III, n.º 35, p. 12.
- *Mestre João Ruivinho*. Ano III, n.º 41, p. 10.

Rica, Marina

- *Isolamento*. Ano I, n.º 15, p. 6.

Nota: pseudónimo masculino.

Ricardo, Julião

- *Posse*. Ano II, n.º 32, p. 15.
- *Sinfonia*. Ano IV, n.º 43-44, p. 9.

Rodrigues, José Ernesto

- *ABC – Que é a escola única?*. Ano III, n.º 38, p. 4.

Rodrigues, Maria Amélia

- *Voltou-se o feitiço...* Ano III, n.º 35, p. 6.

Rousseau, Jean-Jacques (1712-1778)

Filósofo e pedagogo nascido em Genebra.

- [sem título]. Ano I, n.º 13, p. 5.

Roxo, Henrique

- *Estados atípicos de degeneração.* Ano I, n.º 19, p. 8.

Rue, Pierre de la

- *Introdução a um estudo da pintura moderna.* Ano I, n.º 1, p. 5.

- *A propósito de um filme colorido.* Ano I, n.º 2, p. 12.

Ryner, Han [pseudónimo de Henri Ner] (1861-1938)

Escritor libertário francês.

- *Crepúsculo de Bias.* Ano I, n.º 12, p. 15.
- *O crepúsculo de Leibnitz.* Ano I, n.º 23, p. 8.

S.

Artista plástico.

S., A.

Ver Abel Salazar.

S., A. de C.

- *Panorama literário.* Ano I, n.º 2, p. 7.

S., C.

Ver José Augusto da Silva Martins.

S., R.

Ver Fernando Pinto Loureiro.

Sacramento, Mário Emílio (1920-1969)

Ensaísta, crítico e teórico literário de orientação comunista.

- *Pigmalião.* Ano II, n.º 28, p. 9.

Salazar, Abel (1889-1946)

Intelectual de convicções republicanas e maçónicas. Professor universitário, divulgador dos saberes filosóficos e científicos, historiador de arte, pintor e cronista.

- *Confissão de fé*. Ano I, n.º 1, p. 7.
- *Revista das ideias*. Ano I, n.º 2, p. 13.
- *Kretschmer e os "Plotinozinhos"*. Ano I, n.º 3, p. 7.
- *Revista das ideias* – 2. Ano I, n.º 4, p. 7.
- *Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro*. Ano I, n.º 5, p. 4.
- *2.ª Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro*. Ano I, n.º 7, p. 4.
- *3.ª Carta ao Snr. Dr. Casais Monteiro I*. Ano I, n.º 8, p. 6; *II*. Ano I, n.º 9, p. 10.
- *A propósito da vulgarização do Círculo de Viena (Resposta a António Sérgio) I*. Ano I, n.º 10, p. 8.
- *Revista das ideias*. Ano I, n.º 11, p. 6.
- *A crise europeia: Esquisto de uma teoria bio-mecânica da história I*. Ano I, n.º 12, p. 4.
- *A crise europeia: Esquisto de uma teoria bio-mecânica da história II – Os biotipos na mecânica social*. Ano I, n.º 13, p. 6.
- *A crise europeia: Esquisto de uma teoria bio-mecânica da história, II – Os biotipos na mecânica social (Cont.)*. Ano I, n.º 14, p. 12.
- *Movimento científico português: A obra didáctica dos professores Celestino Costa e Roberto Chaves*. Ano I, n.º 14, p. 14.
- *"Arquivos das clínicas cirúrgicas", de Ângelo da Fonseca e Bissaia Barreto, tomo V*. Ano I, n.º 15, p. 6.
- *Movimento científico português: A obra matemática do Prof. Rui Luís Gomes*. Ano I, n.º 15, p. 6.
- *A crise europeia: Esquisto de uma teoria bio-mecânica da história II – Os biotipos na mecânica social (Cont.); III – Elementos e movimentos mecanoides*. Ano I, n.º 15, p. 12.
- *Esquisto de uma teoria bio-mecânica da história, IV – O conflito das classes biológicas*. Ano I, n.º 16, p. 10.
- *A crise europeia: esquisto de uma teoria bio-mecânica da história IV – O conflito das classes biológicas (Cont.)*. Ano I, n.º 17, p. 3.
- *A crise europeia (2): A idade da Europa*. Ano I, n.º 19, p. 6.
- *A crise europeia (3): A estrutura da Europa*, Ano I, n.º 20, p. 3.
- *"Movimento científico português: Mecânica relativista", por Gago Coutinho (in Seara Nova)*. Ano I, n.º 20, p. 5.

- *Ao Sr. António Sérgio*. Ano I, n.º 21, p. 4.
- *O "bluff" António Sérgio*. Ano I, n.º 22, p. 4.
- *Pela segunda vez, ao Sr. António Sérgio*. Ano I, n.º 23, p. 4.
- *A crise europeia (4): Período europeístico*. Ano I, n.º 24, p. 10.
- *A crise europeia (4): O período europeístico – II – Ainda algumas observações preliminares*. Ano II, n.º 25, p. 6.
- *A crise europeia: O período europeístico*. Ano II, n.º 26, p. 2.
- *A crise europeia: O período europeístico*. Ano II, n.º 27, p. 10.
- *Movimento científico português: O matemático e filósofo António Monteiro*. Ano I, n.º 27, p. 13.
- *A crise europeia: O período europeístico*. Ano II, n.º 28, p. 14.
- *A crise europeia: O período europeístico*. Ano II, n.º 29, p. 10.
- *Movimento científico português*. Ano II, n.º 29, p. 13.
- *A crise europeia: O período europeístico: o conflito do ideal com o real*. Ano II, n.º 30, p. 6.
- *A crise europeia: O período europeístico: a totalização da experiência e do conhecimento*. Ano II, n.º 31, p. 14.
- *A crise europeia: conclusões principais*. Ano II, n.º 32, p. 12.
- *A crise europeia (conclusão)*. Ano II, n.º 33, p. 3.
- *Dona crítica, seus vícios e limites*. Ano III, n.º 35, p. 14.
- *Artes plásticas: Para onde caminha a pintura?*. Ano III, n.º 36, p. 6.

Colaboração artística:

- *Lavadeiras*. Ano I, n.º 21, p. 1.
- [sem título]. Ano I, n.º 23, p. 10.
- *Cena na doca*. Ano II, n.º 29, p. 1.
- [sem título]. Ano II, n.º 31, p. 1.
- *No túnel da Alfândega*. Ano IV, n.º 43-44, p. 12.
- *Cena no cais*. Ano IV, n.º 43-44, p. 13.

Salema, Álvaro (1914-1991)

Ensaísta e publicista. Aluno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- *Página velha de um ensaio tímido*. Ano I, n.º 17, p. 8.
- *Cultura e técnica – I*. Ano I, n.º 19, p. 3.
- *Cultura e técnica – II*. Ano I, n.º 20, p. 3.
- *Cultura e técnica – III*. Ano I, n.º 21, p. 3.
- *Cultura e técnica – IV*. Ano I, n.º 22, p. 7.
- *Cultura e técnica – V*. Ano I, n.º 23, p. 3.

Santos, Jorge Gustavo (n. 1908)

Ensaísta e poeta.

Com o pseudónimo Luiz de Sanjusto:

- *A ressurreição dos deuses gregos*. Ano I, n.º 1, p. 3.
- “*Cristais partidos*”, de Fernando Augusto (Fernando Monteiro S. da Silva). Ano I, n.º 3, p. 10.
- *A esfinge*. Ano I, n.º 5, p. 11.
- *A natureza profanada*. Ano I, n.º 8, p. 15.

Sanjusto, Luiz de

Ver Jorge Gustavo Santos.

Santana, J.

- *Da arte e dos seus protectores em Portugal*. Ano II, n.º 2, p. 13.

Santos, Arquimedes da Silva (n. 1921)

Poeta, activista cultural e político.

- *Cantar de nova gesta*. Ano III, n.º 40, p. 6.

Santos, Fernando Piteira (1918-1992)

Activista cultural e político comunista. Aluno na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- *Cultura e juventude*. Ano III, n.º 36, p. 13.

Santos, [Abel] Vinha dos (m. 1940)

Publicista e poeta. Professor primário.

- *Perfeição*. Ano I, n.º 2, p. 5.
- *Regresso*. Ano I, n.º 12, p. 13.
- *Maresia*. Ano II, n.º 25, p. 4.
- *Renúncia*. Ano III, n.º 36, p. 14.

Seabra, F.

Ver Fernando Seabra.

Seabra, Fernando

- “*Darwin*”, de Marcel Prenant. Ano III, n.º 31, p. 3.
- *A arte chinesa antes da guerra*. Ano III, n.º 37, p. 4.

- *Documentários*. Ano III, n.º 41, p. 14.
- *Algumas vantagens do desporto*. Ano IV, n.º 43-44, p. 11.
- *Duas concepções do desporto*. Ano IV, n.º 45, p. 6.

Seijo Rubio, José

Colaboração artística:

- *El ciego de Santa Margarita*. Ano I, n.º 5, p. 1.

Senda, Afonso de Castro

Ver José Afonso de Castro Moreira.

Sérgio, António (1883-1969)

Ensaísta e publicista. Director-delegado da *Seara Nova*.

- *Dialoguete no tribunal da história*. Ano I, n.º 2, p. 7.
- *Fim de uma polémica: Explicação e reprovação de uma desmesura própria*. Ano I, n.º 12, p. 2.

Serpa, Alberto de (1906-1992)

Poeta, prosador, dramaturgo e crítico. Secretário de redacção da *Presença*.

- *Um dos "Instantes anónimos"*. Ano I, n.º 4, p. 5.

Serra, Carlos

Ver José Augusto da Silva Martins.

Sette, Mário (n. 1886)

- *Portugal de menino*. Ano I, n.º 15, p. 7.
- *Carnaval do tempo antigo (do livro Maxambombas e Maracatús)*. Ano I, n.º 22, p. 6.

Silva, Agostinho da (1906-1994)

Ensaísta, conferencista, activista cultural e tradutor.

- *Considerações sobre a perfeição*. Ano I, n.º 11, p. 3.
- *Considerações sobre o bem e o mal*. Ano I, n.º 18, p. 16.

Silva, Judite Vitória Gomes da

Poetisa e romancista.

Com o pseudónimo Lygia:

- *Finalidade*. Ano I, n.º 1, p. 10.
- *Metáfora*. Ano I, n.º 3, p. 5.
- *Pagã!*. Ano I, n.º 10, p. 13.
- *Antítese*. Ano I, n.º 11, p. 14.
- *Pobres...* Ano I, n.º 13, p. 11.
- *Volúpia...* Ano I, n.º 16, p. 15.
- *Elegia*. Ano I, n.º 22, p. 14.
- *Carta para longe*. Ano II, n.º 26, p. 5.
- *A chuva*. Ano II, n.º 33, p. 13.

Silva, Mendes da

Colaboração artística:

- *Cabeça*. Ano I, n.º 20, p. 1.

Silveira, Joel

Escritor brasileiro.

- *Penha*. Ano II, n.º 30, p. 9.

Simbach

Colaboração artística:

- *Ele pensa que é Napoleão...* Ano II, n.º 32, p. 1.

Simões, João Gaspar (1903-1987)

Escritor, ensaísta e crítico literário. Fundador da revista *Presença*.

- *Defesa da poesia moderna contemporânea*. Ano I, n.º 10, p. 11.

Simões, Nuno (1894-1975)

Advogado, economista e publicista republicano.

- *Mais um poeta brasileiro morto: Goulart de Andrade*. Ano I, n.º 3, p. 3.

Soares, António José (1915-2002)

Artista gráfico de orientação comunista. Aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Colaboração artística (com o pseudónimo Ares):

- *Romain Rolland*. Ano III, n.º 34, p. 1.
- [sem título]. Ano II, n.º 35, p. 5.
- [sem título]. Ano III, n.º 36, p. 5.

- [sem título]. Ano III, n.º 36, p. 7.
- [sem título]. Ano III, n.º 39, p. 1.
- *Crónica*. Ano III, n.º 40, p. 12.
- [sem título], Ano IV, n.º 43-44, p. 11.

Soares, Rodrigo

Ver Fernando Pinto Loureiro.

Sobral, Antero [Augusto]

Jurista e poeta.

- *4 Poemas: Capelas imperfeitas; Ando lá fora; Evadido; Recordação*. Ano II, n.º 33, p. 7.

Sol, Manuel Agra

- *Inverno...* Ano IV, n.º 45, p. 14.

Somar

Colaboração artística.

Ver António Ruivo Ramos.

Sousa, [José António] Correia de

Publicista libertário.

- *A tutela da influência: formação e afirmação de valores*. Ano I, n.º 9, p. 8.
- *O Dr. Nicolau Rubakine, apóstolo da instrução – I*. Ano I, n.º 14, p. 10.
- *O Dr. Nicolau Rubakine, apóstolo da instrução – II*. Ano I, n.º 15, p. 11.
- *Da missão natural do homem*. Ano I, n.º 16, p. 6.
- *Das leis da competência*. Ano I, n.º 17, p. 10.
- *Produção e consumo cultural I*. Ano I, n.º 18, p. 14.
- *Produção e consumo cultural II*. Ano I, n.º 19, p. 4.
- *Considerações ao acaso I*. Ano I, n.º 21, p. 15.
- *Considerações ao acaso II*. Ano I, n.º 23, p. 14.
- *Afirmção*. Ano II, n.º 25, p. 3.
- *Considerações ao acaso III*. Ano II, n.º 27, p. 11.

Ström, Nils of

Colaboração artística:

- *Ida para o trabalho (costume português)*. Ano II, n.º 30, p. 1.

Suor, João

- “Notas sobre Anastácio”, de Joracy Camargo. Ano III, n.º 34, p. 7.

T., A.

Ver Fernando Pinto Loureiro.

T., J.

- “Açucenas bravas”, de Vicente Campinas. Ano II, n.º 33, p. 13.

Tavares, António

- Jacques Duboin – *Lettres à tout le monde, sur la nature des réformes nécessaires*. Ano II, n.º 29, p. 6.

Tavares, Augusto

Pintor.

Colaboração artística:

- *Mulher da Beira Alta*. Ano I, n.º 7, p. 1.
- *A Madona da serra*. Ano II, n.º 26, p. 1.

Tchang-Hung

- *A nova cultura chinesa*. Ano III, n.º 37, p. 3.

Teixeira, Lúcio

Aparentemente, trata-se de pseudónimo circunstancial e jocoso.

- *Para elucidação dos de mais de quarenta anos sobre a geração dos de menos de trinta*. Ano II, n.º 30, p. 5.

Thibaud, J.

[sem título]. Ano II, n.º 28, p. 12.

Toledano, A. D.

- *O centro internacional de síntese*. Ano II, n.º 29, p. 3.

Torre, Carlo

Publicista em órgãos de imprensa franceses.

- “*Between two wars?*”. Ano III, n.º 39, p. 15.

Torres, Gonçalves

Colaboração artística:

- [sem título]. Ano I, n.º 13, p. 1.

V., L.

- “Cinzas da nossa alma”, de José dos Santos Cabral. Ano I, n.º 3, p. 10.
- “Traço d’ união”, de Mário Mota. Ano I, n.º 4, p. 10.
- “Homem, trabalho e salário”, de Rodrigues Júnior. Ano III, n.º 40, p. 14.

Valmar, André

Ver José António de Castro.

Vasconcelos, Aníbal

- *Comentário*. Ano I, n.º 9, p. 14.

Victor, Jorge

- *Os meus passeios*. Ano III, n.º 35, p. 11; Ano III, n.º 39, p. 5; Ano III, n.º 41, p. 5; Ano IV, n.º 43-44, p. 10.

Vieira, Luís

Ver Fernando Sá Marta.

Vieira, Sérgio Augusto (n. 1908)

Jornalista e escritor.

- *Fialho de Almeida*. Ano I, n.º 5, p. 15.
- *O meu pacto com o demónio*. Ano I, n.º 8, p. 8.
- *A crítica*. Ano I, n.º 19, p. 15.

Vilar, Pedro

- *A filosofia do ponto de vista*. Ano IV, n.º 43-44, p. 18.
- *Filósofos de meia-tigela*. Ano IV, n.º 45, p. 8.

Vital, António Lobão (1911-1978)

Activista cultural e político de orientação comunista. Aluno na Faculdade de Belas-Artes do Porto.

- *O “Magister Dixit”*. Ano I, n.º 3, p. 13.

Webster, C. K. (1886-1961)

Historiador inglês.

- *A China, o seu passado e o seu futuro*. Ano III, n.º 37, p. 8.

Weinberg, Kurt

Crítico de arte de origem alemã.

- *Recital de Isaura Garriga*. Ano I, n.º 2, p. 11.
- *Algumas reflexões não académicas sobre o espírito na arte contemporânea*. Ano I, n.º 3, p. 14.

Wladyslaw, Skoczylas

Artista plástico polaco.

Colaboração artística:

- [sem título]. Ano I, n.º 10, p. 1.

Xira, Faria de

Ver Rodrigues Faria.

Weber, C. K. (1885-1961)

Historiador inglês.

• *A China, o seu passado e o seu futuro*. Ano 11, n.º 37, p. 8.

Weinberg, Kurt

Crítico de arte de origem alemã.

• *Recife de Isaura Garcia*. Ano 1, n.º 2, p. 21.

• *Algumas reflexões sobre a evolução da arte contemporânea*. Ano 1, n.º 3, p. 14.

Wladyslaw Skoczylas

Artista plástico polaco.

Colaboração artística.

[sem título]. Ano 1, n.º 10, p. 17.

Xiro, Faria de

Vir. Rodrigues Pena.

sol nascente
P O R T O

Ex. mo. Senhor.

Ferreira de Castro.

Encarregado do *Sol Nascente* é uma
 jornal de gente nova, que quer contribuir
 quanto possível para o desenvolvimento
 cultural do nosso povo — tomo a liberdade
 de lhes pedir a vossa valiosa colabora-
 ção.

Pelo mesmo conceito, enviamos um
 exemplar, que melhor vos dará uma
 visão daquilo que pretendemos. A nossa
 obra é vasta e ampla, principalmente
 se os valores positivos da nossa terra
 nos derem apoio moral e intelectual.
 É neste caso, contamos o vosso nome.

Pela comissão directiva.

António Lobão Vital

Caro Azevedo:

Recebi uma carta do Barroso. Tu estás autorizado a responder-lhe. Explica a essa gente as nossas intenções pois parece que não entenderam.

Escrevo-te para trazer as listas para as matérias que encontrarem aí.
Deves também trazer tudo o que puder ser.

Manda-nos um bol nascido logo que esteja impresso.

Um abraço para o Barroso,
Espairos, Afonso Ribeiro, A.
Candido etc.

Caro ti um pontapé no coxo
de Joaquim

Meu caro Azevedo

Levei uma carta que chegou ontem e que não mandei logo por falta de uanna. Consegui adivinhar a ideia do seu texto que ficou aborrecida por V. ter ido embora sem avisar. Voltei a comer lá.

Resolvi passar aqui as férias, quanto mais não seja, pela dificuldade de me deslocar na situação económica em que me encontro. Foi: tentio vícios de expediente.

Tenho conversado com o P. Loureiro e Ad. Morado. Há pontos e importantes planos que se diz respeito à orientação do SOL. Esses pontos daí ainda se não convenceram de que a nossa arrogância não é mais do que o desejo de contar a direito, e estabelecer pontos sólidos de entendimento. Convinha, se fosse possível que alguém viesse cá nas férias. Popinha e Barroso por ser mais activo, mais compreensivo. O que há sobre a saída do jornal, etc? Espero que V. ~~deixará~~ não deixe de dar notícias como costume.

Quando estiver com a trisa não se esqueça das minhas cartas, ainda.
LCS

Carta dirigida a Manuel de Azevedo
(continua na página seguinte)

Diga ao Duoro q. agradeço o envio dos
jornais. fico agora com a coleção completa
porque já dei para aqueles que V. ofere-
ceu aos estudantes brasileiros.

Estiver que tenha estudado um
to. soube pelo Egídio p. V. trilha U-
vado para aí a seleta de alfe-
bra e grande vontade de estudar.
já é tempo de ter juizo. Estiver
no fim do ano.

— Maria —

INIP.

MANDE NA VOLTA DO CORDEIRO UM ENVELO-
PE DO SOL PARA EU ESCREVER A RA-
PARIGA DE LOURENCO NARQUES

Sup. ^{sup.} Sr. J. Soares Lopes:

Recebi a tua carta nesse a
hora de partir agradeço-a e par-
ticipo-lhe que me é impossível du-
rante bastante tempo voltar
a dar a minha contribuição
para o "Sol Nascente". Esta situação
da freguesia, devida a razões
de dever absolutamente este-
relhas por parte A. da Laguna - L. P. P.

A minha simpatia pela
vossa e vossa revista continuará
e a maneira de tratar vossa a-
presente a trabalho num acto:
apresento-vos dois colaboradores,
Mrs Maria Vera Guimarães e Ma-
ria ~~Alfaria~~ ^{Alfaria}, que vão assinar
~~o artigo~~ ^{o artigo} em cada
n.º
Mas é preciso, rapazes,

me atentéis em um facto importante.
Assim, o nascer de novas peculiaridades. É a juventude que está
correr para o primeiro plano. P.
Luz e A. Salazar já viveram, para
ajudar. Mas não é que ainda não
seu realismo. Interessa-me
fazer ouvir e pensar a nossa
voz, interpretando o nosso de-
ver na história.
Não se esqueçam de Vais com-
bray que se separaram a conside-
rar o meu artigo Unidade! im-
portante. A vossa posição de
homens, que tendes ~~as~~
necessidades e aspirações or-
demadas, assume a res-
ponsabilidade de se resolverem.
De Vais e Vais com certeza.



Carta de José Augusto de Silva Martins a José Soares Lopes
(continua nas páginas seguintes)



dos bellos vícios do elogio, máis
 sem pre a juventude e incorpore-
 vel.

O Sol Nascente tem fol-
 hado por vezes saupre não, e
 através dos erros precisa
acrescentar o veio limpi-

do... O meu artigo é jo-
nem e por isso só numa reviz-
 ta da juventude e publi-
 cá.

Inserem-no e
 tiram-se ^{dele} artigos por
 mais util.

Branca de Oliveira

1
Dezembro
34

Caro Azevedo

A cabo de Estan com o 4, melo
que telefonou, como costume fazer
em occasiões como esta, para o dilecto
mandar o telegrama. Depois calculou que
se trata de lêta que assim está.

Dize-me que de se ter ido o telegrama
para tua casa um arrião para
se pagar até sábado se me dize a
partida - que de se refere.

Da isto e por ti uma mala
deira costaladele visto que no
caso de até esse data ~~com~~

não se apresenta maneira de pagar
 17 388 em, - lida em para protos
 e é tu que representa as consequências
 deste facto. Sabes perfeitamente
 quais são aqui os nossos possibili-
 dades de pago e se há de ter
 lida se não resolvem, não sei
 o que sei, isto não parece dizer
 que não tentamos aqui qualquer
 coisa, em último caso, falou a
 mão do labor. É que não sei se
 sabes que não sendo pago a lida

os jogos te podem morrer com esse
sabrado que tem propriedade, e
isto, julgo, que não é das melhores
coisas que pode suceder a um
jogador mortal...

O que não peço é o tipo de
sa mania da terra, nem os
meus responsáveis dizendo sem de
nao. O que fica arrependido
fronto e esta situação não é
preferencia também.
De terço que mandei-te

avião se espichou
 e fomos pegar.
 Fui ao hoje
 buscar com pedras
 e não me falham
 em nada. So'
 sabe que é
 (avião) te trazer
 a de mais ad'
 apênis pelo
 17. Maio.
 Bona

A Geologia de que te tinha falado,
 grande dizer se recabete.

De com abraço ao Samuel
 e dig. Ma que não se dá um
 no da had. Ilhação para o
 comrade da' e para ti
 So amigo

Suby. Bona

C.S

Encerra e diga coisa.
 Lembrai-me agora que com tua
 casa, como lá recabete.

Lisboa, 14/2/40

Ex.mo Sr.

Director de "SOL NASCENTE"

Tomo a liberdade de enviar a V.Ex.^ª as breves considerações que me sugeriu o artigo do Sr. André Valmar, sob o título: "As raparigas nas Universidades Portuguesas", publicado em "SOL NASCENTE".

Sou assinante do vosso jornal e peço o favor de dar à minha carta o destino que aprouver a V.Ex.^ª

Com consideração sou

De V.Ex.^ª

At.ta Ven.ra e Mt.to Ogb.da

Etelvina Lopes de Almeida

Etelvina Lopes de Almeida

MONTE DE CAPARICA

Etelvina Lopes de Almeida reage a artigo de José António Castro, publicado no Sol Nascente, n.º 42, de 15 de Janeiro de 1940.

(Continua nas páginas seguintes)

Ex.mo Sr.

André Valmar:

É assunto por demais tratado em jornais, revistas, órgãos de cultura e crítica, etc., este problema: a Mulher. Quando os acontecimentos políticos não dão motivo para um artigo de fundo, vá de escrever sobre a Mulher. Uns, porque ela deve viver para o lar, para os filhos, para o marido, limitando a sua acção à bondade repartida pela família. "Alma de sacrifício", "Espírito de abnegação"—são expressões fáceis de encontrar em tal género de articulistas. Outros: que a mulher deve ingressar nos mesmos campos de acção masculinos; que a sua subtilidade e inteligência podem, melhor que o homem, resolver certos problemas; que, desempenhando embora a sua missão de esposa e mãe, pode ainda ingressar nas mesmas lutas de carácter social e político que apaixonam o homem.

Para nós, mulheres que lemos tais artigos que acompanhamos com entusiasmo tudo que se diz e escreve sobre tal assunto, é sempre uma consolação porque nos sabemos lembradas.

—O último número de "O DIABO" publicou um artigo sobre a mulher. E nós procuramos o último número de "O DIABO".

—"O SOL NASCENTE" tratou o problema de "AS RAPARIGAS NAS UNIVERSIDAD DES PORTUGUESAS".

Mas que disseram de novo? Que remediaram?

É sempre uma decepção. Feriu-se a mesma tecla. Piscou-se a mesma idea. Repetiram-se frases:

—É preciso que a mulher compreenda...

—É preciso que a mulher saiba...

—É preciso que a mulher veja...

No último número de "O SOL NASCENTE" li o artigo a que me referi há pouco. É preciso de facto, Sr. André Valmar, que a mulher enverede por caminhos mais desassombrados. Mas, (por quem é!) não nos indique os nossos rapazes de hoje como dignos guias para desbravar terreno. Quantos conhece V. capazes da missão que lhes destinou no seu artigo? Quantos deles conhecem os nomes de Madame Curie, Yolanda Földes, Helken Grace Carlisle, etc? Quantos teriam visto o film; "TEPRA BENDITA" sem saberem que ôle foi realizado sobre uma das obras de Pearl Buck?

Depois, os trabalhos de Jorge Amado, Tschekoff, Zola, etc (para usar nome citado) não falam de competições desportivas, não lhes dão emblemas que ostentem galhardamente na lapela... São coisas por demais sérias para serem discutidas à esquina do Chiado onde se pensa unicamente no galantel

que se vai dirigir à rapariga que passa. Quantos são os rapazes conscientes da hora que passa, do dia que virá, capazes de estimularem em nós o gosto pelas exposições de arte, pelos concertos musicais e pelas conferências de carácter educativo a que a maioria não assiste?

Como estabelecer esse equilíbrio de relações entre raparigas e rapazes, baseado na confiança mútua e amizade se eles se não mostram à altura dessa mesma amizade, dessa mesma confiança?

Como abordar problemas sérios com parceiros que só conversam flirmando?

Como firmar camaradagem se ao nosso pensamento são de "companhia" responde neles o de "conquista"?

Ele não nos encara como um cérebro igual ao seu, propenso à cultura que se desprende de livros, conversas, polémicas... Ele vê simplesmente o "outro sexo", o seu prazer, o seu gozo. Como podemos nós proceder como as raparigas dos países nórdicos, da América, da Inglaterra, se não temos a nosso lado companheiros que nos respeitem e considerem?

Creia, Sr. André Valmar, a rapariga portuguesa está a abrir os olhos por si. Já sai de casa procurando estudos, trabalho, meio de se bastar a si mesma. Oriou (não digo todas) a consciência duma independência económica que resolve certos problemas de ordem doméstica que a deprimiam e amesquinhavam.

Concordo em que será uma minoria a proceder de tal modo. Mas do lado masculino as excepções ainda são mais raras. É preciso que a mulher se liberte mas que o homem saiba compreender tal liberdade.

É preciso que a mulher fuja a caducos preconceitos mas que o homem saiba condicionar a sua acção dentro dos novos moldes da vida.

É preciso que ela seja amiga e camarada mas que ele a respeite e cesse o ataque que presentemente lhe faz.

É preciso soprar os castelos de cartas que literaturas recentes ergueram no cérebro das raparigas, é certo. Mas ouça V. uma conversa de rapazes desprevenidos e constate a inutilidade do assunto. Desde uma falsa interpretação do desporto, de que só lhes interessam os nomes vencedores, até à maneira de olhar uma mulher despindo-a, tudo é fútil e óct e desolador.

Eis, Sr. André Valmar, as considerações que o seu artigo me sugeriu.

Lisboa

Etelvânia Lopes de Almeida

INFORMAÇÃO [REDACTED] EM JUNHO DE1940:-INFORMAÇÃO-

Não podemos deixar de notar o desenvolvimento que está a ter a leitura do "SOL NASCENTE" e do "DIABO": Revistas creadas sem nenhuns fins politicos,mas exclusivamente culturais, fôram a pouco e pouco passando para as mãos da juventude que pensa marxistamente e transformados por ela em revistas com carácter mais politico que cultural. A remodelação começou primeiro pelo "SOL NASCENTE", que arastou tempos depois o semanário a Lisboa. Influenciada pelas leituras das Edições Sociais Internacionais francêsas e pelas revistas e livros da autoria de escritores marxistas da França, Inglaterra, Estados Unidos e Brazil, esta juventude assimilou facilmente a tarefa que se estava a desenvolver no estrangeiro e tratou de imita-la no nosso Pais. O P.C.P. quanto a mim, embora aparentemente pareça difficil de demonstrar, não exerceu qualquer influencia directa do E.C.P. todavia eu sei que a linha seguida por estas revistas foi mais por vontade dos intellectuais marxistas quererem formar uma revista só deles, que caracterizasse a sua personalidade e enchesse de vaidade quem nelas colaborasse. Ergueram-se em dirigentes das "massas" e julgam-se, pelos seus artigos, os porta-vozes dos trabalhadores portugueses. Pensam e acreditam em tornar mais tarde o "SOL NASCENTE" no orgão official do PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES, ou melhor, substituiram o "AVANTE". Não acredito que entre estes jornais e o PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES haja uma relação directa que nos leve a supôr a

*Relatório de informador da PVDE sobre a revista Sol Nascente
(continua nas páginas seguintes)*

a subordinação dos primeiros ao segundo. No PARTIDO COMUNISTA existiu sempre uma certa aversão aos intelectuais escrevinhadores, a ponto de todos os académicos ficarem, quando o quizessem, organizados sob o controle do P.C., mas fóra da organização do P.C.P. Suponho ter sido mesmo creada uma organização académica, afastada da organização propria, talvez uma imitação do Bloco Académico Anti-Fascista ou da Associação Académica Anti-Católica e Anti-Fascista - A.A.A. Pode, não afirmo o contrario haver entre os elementos do secretariado e alguns rapazes que colaboram nas revistas, amizades pessoais e troca de impressões ácerca do caracter politico das revistas, mas não deve existir subordinação, sobretudo, material. Conheço as dificuldades que o "SOL NASCENTE" tem atravessado e creio que, só de papel, está a dever mais de 4.000 escudos a quem o fornece. Os empreendimentos notados são, regra geral, de caracter particular. Não existe verdadeiramente uma organização que os force a colaborar sistematicamente nessas revistas. Uns arrastam os outros a escrever. Uns exigem aos outros colaboração para as revistas. Todos querem ter a consciencia de que devam escrever e de que não podem faltar com essa colaboração. Sei bem o que afirmo, porque não vai ha muito tempo ao Porto, e sem nenhum caracter politico, tentei reunir sob uma especie de comissão todos os intelectuais que se comprometessem a dar colaboração mensal. Pensava eu em fazer uma penetração em muitos jornais provincianos e crear neles páginas para "gente moça". Não consegui nada. Individualmente, fazem mais que em conjunto e a razão explica-se: - Nenhum quer ser mandado ou receber directivas de qualquer outro. Na sua totalidade são vaidosos, intriguistas e interesseiros. Só praticam actos que dêem muito nas vistas, mas como estes actos requerem sacrificios, preferem ficar quietos. Nenhum dos muitos que

conheço aqui no Porto, seria capaz de estar organizado no P. C.P. Dizem fazer mais colaborando nos jornais culturais que distribuir "balas de papel" -panfletos-. Ao menos, afirmam-no, creamos confiança e damos ao operário uma consciencia de classe. A maior parte supõe-se perseguida pela Policia, devido aos seus escritos, e vitimas da situação.

Os colaboradores do "SOL NASCENTE" aqui no Porto, que conheço pessoalmente, são: MANUEL AZEVEDO, revê as provas e tem o arranjo -composição - do jornal; o BARROSO, que alem de Director da revista, tem a seu cargo uma página cultural num jornal de Ilhavo; o JOÃO ALBERTO, o JOSE DE CASTRO, o GESTA e o AFONSO RIBEIRO.

Em COIMBRA, além do JOFRE, ha uma comissão composta entre outros que não conheço sequer de nome, pelo FERNANDO NAMORA, JOAQUIM NAMORADO e CACHOFEL.

Em Lisboa, o corpo redactorial de o "DIABO" está encarregado de tratar de todos os assuntos referentes a "SOL NASCENTE" e vice-versa.

Em VIZEU existia uma página cultural dirigida pelo LOBÃO VITAL e mulher. A censura proibiu-a, mas em paginas dispersas de "O TRABALHO" continua a publicar-se colaboração identica, compilada por ambos.

EM PONTE DE SOR e em VILA REAL DE SANTO ANTONIO existem páginas culturais com a colaboração da maior parte dos supracitados.

De todos os colaboradores, há um que merece referencia especial: - PITEIRA SANTOS, que habita na AMADORA, fez durante muito tempo parte do Bloco Académico como secretário. Era um elemento de ligação entre Lisboa, Coimbra e Porto e

encontrei-me com ele, aqui no PORTO por duas vezes, pela descrição que dele me fez o JOFRE, suponho não me enganar. Deve estar em contacto com qualquer elemento do central, visto alguns elementos do central, tem sido assim de ha anos para cá, viverem mais uma vida de intellectuais, com discussões nos cafés, do que propriamente uma vida revolucionária.

Iniciou-se há tempos a formação dum Nucleo Pedagógico denominado "ANTERO DO QUENTAL" sob a direção do AGOSTINHO DA SILVA e do ALVARO SALEMA. Abortado no seu inicio, por razões que desconheço, este melro propunha iniciar um vasto programa de cultura e educação, formando escolas em todos os centros e regiões do país e organizando palestras culturais sobre os mais variados assuntos. Nenhum caracter politico seria dado a este Nucleo. Contudo, e apesar de não ter havido possibilidades de o criar com as bases que os estudantes concediam, tem-se feito diversas palestras e saem mensalmente uns cadernos de divulgação.

No Porto pediu-se auxilio a alguns rapazes para apoiarem esta iniciativa, mas eles negaram-se porque não era de grande interesse fazer palestras sobre a aviação, o alfabeto, o linho, etc. Queriam trabalhar para fins imediatos e não perder tempo com aquelas ninharias. Fui um dos convidados para a formação duma comissão no Porto, orientada principalmente pelo ROGERIO AGOSTINHO DA SILVA, primo do AGOSTINHO DA SILVA, e aceitei. Mas até á data não se voltou a falar no assunto.

Em Viana, depois do desaparecimento do "LUME NOVO", o ALVARO SALEMA parecia querer tentar a formação dum grupo cultural que organisasse palestras e escolas. Desconheço, por enquanto, até que ponto ficou a sua iniciativa, mas suponho-a fracassada. O meio em Viana não se presta, porque os que têm possibilidades de desenvolver esse trabalho, se julgam ameaçados e perseguidos.

S.  R.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CENSURA

Ex.^{ma} Sr. Director do jornal "SOL NASCENTE"

Rua do Bomjardim 453

PORTO

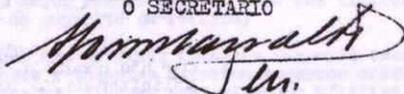
N.º 172

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1940

O Ex.^o Director encarrega-me de comunicar a V. Ex.^a que o jornal "SOL NASCENTE" fica suspenso até nova ordem.

A Bem da Nação

O SECRETARIO



Afonso de Carvalho
tenente

Oficio da Direcção dos Serviços de Censura
que ordena a suspensão da publicação de Sol Nascente.

SOL NASCENTE, revista,
Rua do Bonjardin, 433,
PORTO.

Exmo. Sr. Director dos Serviços de Censura à Imprensa,
LISBOA.

EXMO. SR.,

Quando recebemos o officio de V. Exa. mandando suspender esta revista "até nova ordem", ficamos na esperança de receber nos dias seguintes qualquer esclarecimento.

Como procedemos sempre em conformidade com a Lei de Imprensa e procuramos também satisfazer os regulamentos internos dos serviços de Censura que V. Exa. dignamente dirige, surpreendeu-nos o officio acima referido, nº. 174, de 13 do corrente.

Se qualquer irregularidade involuntária foi por nós cometida, os nossos precedentes encorajam-nos a solicitar de V. Exa. o obsequio de nos informar da maneira como a poderemos remediar.

Agradecemos ainda a fineza de nos esclarecer ainda sobre se a suspensão até nova ordem diz respeito ao número 43 da revista, cujo original já se encontra visado por essa Comissão, paginado e pronto a entrar na máquina.

De V. Exa. subscreve-se respeitosamente e

A BELLA DA NAÇÃO

Carlos F. Barroso,
Director de SOL NASCENTE.

Porto, 16 de Fevereiro de 1940.

Resposta do Director de Sol Nascente
ao officio do Director dos Serviços de Censura
que ordenara a suspensão da publicação da revista.

Pôrto, 27 de Fevereiro de 1940

Exmo. Sr. Director dos Serviços de Censura à Imprensa

L i s b o a

Exmo. Sr.

De acôrdo com as indicações dadas por V.Exa. ao delegado que envidámos junto de V.Exa., remeto juntamente o plano geral do que pretende a revista que dirijo desde a sua fundação.

Ainda atendendo às palavras de V.Exa., tomo o compromisso de:

1ª. Controlar com o máximo rigor a orientação da revista dentro do plano enviado, conforme o desejo de V.Exa.

2ª. Não permitir colaboração fóra dos limites estabelecidos por V.Exa. e que me foram comunicadas pelo referido delegado.

3ª. Excluir qualquer colaborador cujas ideias estejam fóra dos limites marcados por V.Exa. e portanto fóra do espirito da revista.

O atraso que a suspensão me originou está-nos causando enormes prejuizos materiais. Alguns rapazes estudantes auferiam pequenos ordenados que os auxiliavam na sua vida escolar, ficando numa situação aflitiva no caso de a suspensão ser mantida.

Rogo também a V.Exa. o favor de atender à situação em que se encontram os tipógrafos especialmente encarregados do serviço do "Sol Nascente" que estão sem trabalho e à minha própria situação como responsável perante alguns credores.

Finalmente solicito da justiça de V.Exa. o levantamento da suspensão, mesmo porque da publicação d'êste número — para o qual tínhamos feito todas as despesas — depende a possibilidade de efectarmos uma cobrança com a qual poderemos solver alguns compromissos inadivêis.

Creio que honesta e claramente expliquei a V.Exa. a situação de "Sol Nascente" e o que elle pretende.

Esperando a justiça de V.Exa., subscrevo-me respeitosamente

A Bem da Nação.

(a) Carlos F. Barroso
Director

Carta de Carlos Barroso ao Serviço de Censura,
comprometendo-se a respeitar as condições impostas.

S. R.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CENSURA

Ex.^{ma} Sr. Director do jornal "SOL NASCENTE"

PORTO

N.º 265

Lisboa, 7 de Março de 1940

Para conhecimento de V.Ex.^a, transcrevo a seguir o despacho do Ex.^o Director, exarado no officio dêsse jornal, de 27 de Fevereiro p.p.:

"Levanto a suspensão do jornal "SOL NASCENTE", cuja actividade não deverá em número algum sair dos limites propostos, sem sofisma. Ela deve ser caracterizada por clara interpretação das normas propostas com inteiro acatamento dos principios consignados na Constituição e constituem base indispensavel e indiscutivel da formação moral da Nação Portuguesa."

A Bem da Nação

O SECRETARIO

Afonso de Carvalho
Afonso de Carvalho
Capitão

Officio levantando a suspensão de publicação da revista.

Depoimento de Jorge Mendonça Torres*

O núcleo de Coimbra

O núcleo do *Sol Nascente* de Coimbra distinguia-se completamente do grupo do Porto. Era um grupo pequeno, constituído, fundamentalmente, pelo Joaquim Namorado, o Manuel de Azevedo, que era o elo de ligação com o Porto, o Jofre Amaral Nogueira, o Fernando Pinto Loureiro, o Fernando Arcanjo de Sá Marta, muito próximo do Pinto Loureiro, e o António José Soares.

Em Coimbra, praticamente não havia nada. Havia um ficheiro, que servia para se fazer a expedição do jornal.

A minha participação foi sobretudo na parte administrativa. Ajudava a levantar os pacotes de jornais, depois dobrávamo-los e etiquetávamo-los, com uma banda onde estavam as direcções. Havia poucos assinantes e a tiragem era pequena. Não faço ideia dos números, sei somente que os exemplares enchiam duas malas de viagem vulgares. Era eu e um outro que íamos ao correio, à noite, fazer a expedição. Lidava muito com a correspondência. Houve colaboradores que acompanhei durante algum tempo.

Existia um intercâmbio muito grande entre o *Sol Nascente* e *O Diabo*. Vim, várias vezes, com o Joaquim Namorado, contactar gente de *O Diabo*, em Lisboa. Nessa altura, convivi muito com o Mário Dionísio e o Manuel da Fonseca.

O *Sol Nascente* penetrava muito pouco no meio académico de Coimbra. Era um grupo pequeno e fechado. A única pessoa que tinha um convívio grande era o Joaquim Namorado, apesar do feitio que tinha. *O Diabo* tinha mais expansão. Era mais lido.

A expressão “neo-realismo” foi utilizada pela primeira vez, entre nós, por Joaquim Namorado, em consequência da leitura de um livro que eu tinha conseguido obter nessa altura, que se intitulava *Pour un réalisme socialiste*, de Louis Aragon. Eu compreí-o, li-o e emprestei-o ao Joaquim Namorado, que, aliás, ficou com ele. O Joaquim Namorado achou o livro extraordinário. Só a partir dessa altura é que se começou a falar em realismo socialista e em neo-realismo.

* Extractos de entrevista realizada em Lisboa, no dia 1 de Agosto de 2002.

Nós descobrimos que a única livraria que não tinha censura aos livros que entravam era a Coimbra Editora, que era dos lentes, incluindo Salazar. Os caixotes nem sequer eram abertos. Estava lá nessa altura empregado o Felisberto Lemos, que mandava vir tudo quanto nós quiséssemos. Entrou muita coisa. Nesse tempo do *Sol Nascente*, vinham as obras do Aragon e de todos aqueles que estavam proibidos e não circulavam em livraria nenhuma.

O quarto na Couraça de Lisboa

O meu quarto servia de sede. Nele se instalou o Manuel de Azevedo. Mais tarde, alugou-se um cubículo, sem luz natural e onde mal caberia uma cama, no cimo do primeiro lanço das escadas do mesmo prédio, pois, em certas alturas, como a da expedição, o movimento era demasiado.

Era um quarto muito especial, serviu sempre para tudo. Fizeram-se lá muitas reuniões. Foi sempre um abrigo. O Joaquim Namorado nunca batia à porta, metia o pé e entrava. O quarto não tinha chave.

Houve uma altura em que o António José Soares entrou no meu quarto e encontrou um sujeito magrinho, fardado de militar, com bivaque, que não era um dos habituais. Era, nem mais nem menos, o Álvaro Cunhal que estava nessa altura em Penamacor.

Numa determinada ocasião, o Fernando Pinto Loureiro procurou-me e perguntou-me se era possível armazenar no meu quarto alguns quilos de dinamite que se destinariam a fazer explodir um comboio enviado pelo governo português com apoio logístico para os nacionalistas espanhóis. Eu aceitei. O meu quarto servia para tudo o que fosse necessário.

O episódio da Exposição do Livro Italiano

O António José Soares entrou na Faculdade de Letras, por ocasião de uns ensaios de teatro, e fez essa coisa toda [sabotou a Exposição do Livro Italiano]. Deu logo um brado medonho. O Reitor esteve para se demitir, houve consequências internacionais, foi realmente uma bronca. A acção não foi planeada, surgiu naquele momento a possibilidade de se fazer. Uma das coisas que fizeram foi tirarem um grande livro de perga-

minho onde os visitantes ilustres assinavam, que já tinha a assinatura de chefes de Estado e de governantes de países em que a exposição tinha passado. Foi parar ao meu quarto. Protestei e acabaram por o enterrar.

Relacionaram logo isso com o *Sol Nascente*, de maneira que foram atrás das pessoas que lhe estavam ligadas. Seis ou sete dias depois, aparecerem no meu quarto, onde a revista funcionava, de madrugada, como era costume. Levaram todos os hóspedes da casa. Foi tudo preso e ainda estivemos uma temporada – uns quinze dias – na Penitenciária. Curiosamente, prenderam um irmão do António José Soares, que era nadador, por engano. Depois de os outros terem sido soltos, fiquei eu preso, conjuntamente com o Manuel de Azevedo e o Joaquim Namorado, todos ligados ao *Sol Nascente*. O dono da casa foi ouvido e ilibou logo os restantes. Nós éramos os maus porque ouvíamos a rádio espanhola.

As páginas literárias dos jornais de província

Havia um plano de difusão de ideias culturais e de outras pelo país inteiro. Como acontecia com o acompanhamento da Guerra Civil de Espanha, tinha-se um mapa em que se assinalavam com bandeirinhas os locais com páginas literárias. Era *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, *A Rabeca*, de Portalegre, era uma série de outros. A colaboração destinada ao *Sol Nascente* era distribuída pelas páginas literárias, se houvesse possibilidade. Havia páginas literárias do Minho ao Algarve. Esse era um trabalho exclusivo do Joaquim Namorado, de quem partiu, e muito bem, a ideia. Era Joaquim Namorado puro.

Depoimento de Armando Bacelar*

Em 1939 (fins) ou 1940 (princípios), a Censura ordenou por simples carta a cessação da edição de várias publicações de esquerda conotadas com os comunistas, entre as quais *O Diabo*, de Lisboa, *O Trabalho*, de Viseu, etc., mas não da *República* e da *Seara Nova*, de Lisboa, e o *Pensamento*, do Porto – mas este último viria a ser suspenso cerca de um ano depois, porque entretanto os mesmos colaboradores do *Sol Nascente*, *O Diabo*, etc., tomaram a sua direcção –, que prosseguiram a sua publicação.

As direcções de *O Diabo* e *Sol Nascente*, pelo menos a partir de certa altura, faziam reuniões de coordenação, ora em Lisboa ora em Coimbra, informais e sem periodicidade certa, em que intervinham Fernando Piteira Santos, Mário Dionísio, Manuel Campos Lima, Manuel da Fonseca, Fernando Pinto Loureiro, Joaquim Namorado, Jofre Amaral Nogueira, Fernando Sá Marta, José Ferreira Monte, Armando Bacelar e outros.

No *Sol Nascente* e publicações dessa época, os cortes da censura eram constantes e arbitrários. Havia certos termos e expressões que eram sistematicamente cortados, senão todo o escrito, de maneira que careciam duma adaptação prévia à ida à censura, onde o que era tabu não fosse usado, ou pelos próprios signatários ou pela redacção, quando autorizada. Por exemplo, para citar um caso, numa nota sobre Federico García Lorca, Joaquim Namorado escreveu que o lirismo de Santos Chocano agonizava “lambendo os pés da tirania”; mas, para evitar o corte que a palavra “tirania” acarretava, o José Martins, já no Porto, substituiu a palavra “tirania” por “espírito de classe”; e assim passou e saiu: “lambendo os pés do espírito de classe”. Em artigo de Abel Salazar falava-se de “materialismo dialéctico”, mas ele para evitar o corte certo escrevia “diamat” e passava, porque não entendiam. Para aludir ao reaccionarismo escrevia-se “retrocederismo”. Um texto de Marx e Engels sobre o seu sistema filosófico saiu como do filósofo Karl Friedrich, e passou, etc., etc.

Recorria-se frequentemente ao uso de pseudónimos para encobrir a identidade dos autores, a fim de terem maior liberdade para outras acti-

* Extractos de nota manuscrita, na posse do autor.

vidades perseguidas. Assim, Fernando Marta era Luís Vieira, Fernando Pinto Loureiro era Rodrigo Soares, o autor desta nota Carlos Relvas, o José Augusto da Silva Martins era Carlos Serra, Rui Feijó assinava Rui Monteiro, Luís Albuquerque dava por J. Sousa Mendes, etc., etc.

A revista	9
Os autores e a revista	21
Abel Salazar	21
Grupos artísticos: músicos	41
Poesias, poemas, reflexões e opiniões avulsas	53
A passagem por Coimbra	59
O combate doutrinal e os seus adversários	73
A diáspora	81
O neo-realismo	101
A proibição	123
Os autores	130
Documentos e documentos	175

Índice

A revista	9
Os autores e a revista	11
Abel Salazar	21
Outros articulistas relevantes	41
Poemas, prosas, reflexões e opiniões avulsas	53
A passagem para Coimbra	59
O combate doutrinário e os seus adversários	73
A diamática	91
O neo-realismo	101
A proibição	123
Os autores	129
Documentos e testemunhos	175

9	A revista
11	Os autores e a revista
21	Abel Salazar
41	Outros articulistas relevantes
63	Poemas, piques, reflexões e opiniões avulsas
68	A passagem para Coimbra
73	O combate doutrinal e os seus adversários
91	A dialéctica
101	O neo-realismo
123	A proibição
129	Os autores
175	Documentos e testemunhos

Outros títulos da colecção
CULTURA PORTUGUESA

- *Viagens do Olhar*
Fernando Gil/Helder Macedo
- *Sobre Camões, Gândavo e Outras Personagens*
Vasco Graça Moura
- *Bento de Jesus Craça – Militante integral do ser humano*
Alberto Vilaça
- *Aprendiz de Selvagem – O Brasil na vida e na obra
de Francisco Gomes de Amorim*
Costa Carvalho
- *Rousseau em Portugal – Da clandestinidade setecentista
à legalidade vintista*
Fernando Augusto Machado
- *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa
– Ribeiro Sanches*
Fernando Augusto Machado
- *Cartas de Maria Lamas*
Org. Eugénio Monteiro Ferreira
- *O Espírito do Diabo*
Luís Trindade
- *Bento de Jesus Caraça – Semeador de cultura e cidadania*
Alberto Pedroso
- *Portugal e a Cultura Europeia*
José Sebastião da Silva Dias
- *Padre Manuel Antunes (1918-1985)*
José Eduardo Franco/Hermínio Rico (org.)
- *Princípios de Antropologia em Bernardino Machado*
Joaquim Lima

Outros títulos da coleção
CULTURA PORTUGUESA

- Visões do Orlar
Fernando Gilhéisido Machado
- Sobre Camões, Gândavo e Outros Renascença
Vasco Graça Moura
- Bento de Jesus Carque - Milante integral do ser humano
Albino Vilça
- Aprendiz de Seivagem - O Brasil na vida e na obra
de Francisco Gomes de Azevedo
Costa Carvalho
- Rousseau em Portugal - De claudesimilares seculares
à legalidade vinícola
Fernando Augusto Machado
- Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa
- Ribeiro Santos
Fernando Augusto Machado
- Carta de Maria Luísa
Org. Eugénio Monteiro Faria
- O Espírito do Diabo
Luís Tundade
- Bento de Jesus Carque - Semeador da cultura e cidadania
Albino Faria
- Portugal e a Cultura Europeia
José Sebastião da Silva Dias
- Padre Manuel Antunes (1718-1788)
José Eduardo Franco-Hernández Rico (org.)
- Princípios de Antropologia em Fernando Machado
José Luís Lima

Esta obra resultou dum projecto de investigação sobre a história da revista *Sol Nascente* solicitado a Luís Crespo de Andrade, pela Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo e financiado, por proposta desta, pela Fundação Montepio Geral.

A Associação Promotora vinha contactando as pessoas ligadas ao Movimento Neo-Realista, e suas famílias, desde o início da sua actividade, em 1989, sentindo-se a necessidade de fixar a memória dum tempo importante na vida portuguesa, memória que, duma maneira geral, não está registada em documentos escritos.

Na sequência deste trabalho, Luís Crespo de Andrade realizou, a par da leitura dos trajectos do quinzenário, uma investigação quase policial, descobrindo pessoas há muito afastadas de qualquer actividade cultural que tinham muito que contar, gravando as entrevistas e identificando a grande maioria das personalidades que estavam por detrás dos pseudónimos que aparecem a assinar colaboração na revista.

Luís Crespo de Andrade teve o mérito de reconstituir de forma fiel o “clímax” que se vivia na época – segundo testemunham os sobreviventes que leram a obra – e de esboçar o perfil de muitos dos intervenientes.

Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira

O trajecto editorial do quinzenário *Sol Nascente* (1937-1940) representa a transição da cultura republicana e anarquista, dominante nos meios oposicionistas da década de 1930, para a orientação política e cultural marxista, que irrompe, nas suas páginas, de forma vigorosa.

Criado e dirigido por estudantes universitários portuenses que se opunham à ordem política vigente e se sentiam unidos pela esperança num mundo novo, *Sol Nascente* começou por ser uma revista de orientação explicitamente ecléctica. Reuniu, então, artigos de intelectuais consagrados – com destaque para Abel Salazar – e colaborações de autores jovens, sempre com grande variedade de opinião e de sensibilidade.

Quando, mais tarde, a redacção foi entregue a universitários conimbricenses, o quinzenário perdeu o tom diversificado e converteu-se em órgão teórico e doutrinário marxista e leninista. Nenhuma outra fonte – nem mesmo *O Diabo*, menos doutrinário e mais disperso – permite aceder, de forma tão completa e sistemática, ao pensamento da geração que se formou nos anos da Guerra Civil de Espanha e que passou a dominar a vida política e cultural oposicionista.

Sol Nascente merece, pois, como outras revistas de ideias que fizeram o pensamento português contemporâneo, que a sua história seja elaborada.

www.campo-letras.pt

ISBN: 978 - 989 - 625 - 219 - 9



9 789896 252199



Montepio

Valores que crescem contigo.



MUSEU
DO
NEO-REALISMO

Associação Promotora

Shi